

N° 01 - Enero | Janeiro | January | 2024

# PH magazine

PATRIMONIO HISTORICO IBEROAMERICANO



**DIRECTOR**

Flavio de Lemos Carsalade – Universidade Federal de Minas Gerais/ Brasil

**EDITORIAL ASSISTANTS | ASISTENTES DE EDICIÓN | ASSISTENTES DE EDIÇÃO**

Naia Alban – Universidade Federal da Bahia/ Brasil

LA SECRETARÍA TÉCNICA DE LA RED PHI CORRE A CARGO DE LA EMPRESA KALAM PROYECTOS Y REHABILITACIONES.ES

**EDITORIAL ADVISORY BOARD | COMITÉ EDITORIAL | CONSELHO EDITORIAL**

Adriana Collado – Universidad Nacional del Litoral/ Argentina

Luis Prado Ríos - Universidad Mayor de San Andrés/ Bolivia

Naia Alban – Universidade Federal da Bahia/ Brasil

**EDITED BY |**

**RED PHI INTERNACIONAL**

[HTTPS://PHI.AQ.UPM.ES/](https://phi.aq.upm.es/)

**C OF THIS EDITION | DE ESTA EDICIÓN | DESTA EDIÇÃO: RED PHI INTERNACIONAL**

**C OF THE TEXTS, THEIR AUTHORS | DE LOS TEXTOS, SUS AUTORES | DOS TEXTOS, SEUS AUTORES**

**C OF THE PHOTOGRAPHS, THE AUTHORS OF THE TEXTS, UNLESS OTHERWISE SPECIFIED | DE LAS FOTOGRAFÍAS,**

**LOS AUTORES DE LOS TEXTOS, SI NO SE ESPECIFICA LO CONTRARIO | DAS FOTOGRAFÍAS, OS AUTORES DOS TEXTOS, SALVO INDICAÇÃO EM CONTRÁRIO**

**ISSN: 2965-8764**

**E-ISSN: 2965-8764**

**Deposito Legal: TO 2965-8764**

**DOI 2965-8764**

**EDITION AND COORDINATION | EDICIÓN Y COORDINACIÓN | EDIÇÃO E COORDENAÇÃO**

Flavio de Lemos Carsalade – Universidade Federal de Minas Gerais/ Brasil

**DESIGN AND LAYOUT | DISEÑO Y MAQUETACIÓN | DESENHO E LAYOUT**

Warren Marilac

**COVER IMAGE | IMAGEN DE LA CUBIERTA | IMAGEM DE CAPA**

**UNAM - UNIVERSIDAD NACIONAL AUTÓNOMA DE MEXICO.**

Foto by Flavio Carsalade

Ana Beatriz Mascarenhas Pereira

**SCIENTIFIC COMMITTEE | COMITÉ CIENTÍFICO | CONSELHO CIENTÍFICO**

Ada Esther Portero - Cuba

Adriana Collado - Argentina

Alfonso Muñoz Cosme – España

Angélica Chica Segovia - Colombia

Benjamín Ibarra - Estados Unidos

Carlos Betancourt – Puerto Rico

Claudio Galeno - Chile

Fernando Vela Cossío - España

Flavio de Lemos Carsalade – Brasil

Francisco Uviña - USA

Frederick Cooper – Perú

Henry Vicente Garrido - Venezuela

Imandra Martínez - Puerto Rico

Inés del Pino - Ecuador

Joaquín Ibáñez Montoya – España

Jorge Figueira - Portugal

Lorenzo González Casas - Venezuela

Luis Prado – Bolivia

Marcos Mazari - México

Mario Ceballos - Guatemala

Naia Alban – Brasil

Pablo Fuentes – Chile

Paola Scala - Italia

Ramón Gutiérrez – Argentina

Roberta Amirante - Italia

Vivian Regla Mas Sarabia – Cuba

Walter Rossa - Portugal

William Rey - Uruguay

Xavier Cortés Rocha - México

Zazanada Salceda - Bolivia

*PHI magazine* is an annual publication featuring original academic articles, as well as essays, news and reviews, concerned about architectural heritage teaching and other subjects related with Architectural Heritage. Its contents are available for free download at the website <https://phi.aq.upm.es/>. This magazine can be shared, disseminated and redistributed in any medium or format, provided that a clear reference to the original source is included and the material is not used for commercial purposes and is not modified or transformed.

*PHI magazine* es una publicación anual en la que pueden encontrarse tanto artículos académicos originales, como ensayos, noticias y reseñas, relacionadas con la enseñanza de patrimonio cultural arquitectónico e patrimonio cultural arquitectónico em general. Sus contenidos están disponibles para su descarga gratuita en el sitio web <https://phi.aq.upm.es/>. Esta revista puede compartirse, difundirse y redistribuirse en cualquier medio y formato siempre que se cite claramente la fuente original, no se utilice el material con propósitos comerciales y no se altere o transforme la obra.

*PHI magazine* é uma publicação anual onde se pode encontrar, não só artigos académicos originais, como também outros artigos, notícias e resenhas, relacionadas com o ensino de património cultural arquitetónico e ao património cultural arquitetónico em geral. As suas publicações estão disponíveis na seguinte página web <https://phi.aq.upm.es/> para que possam ser descarregadas gratuitamente. Esta revista pode ser partilhada, difundida e redistribuída em qualquer meio e formato, desde que se mencione claramente a fonte original, não se utilize para fins comerciais e não se altere nem transforme a obra.

The publication of the magazine is organized each year by one of the PHI National Networks

La publicación de este magazine revista es organizada a cada año por una de las redes PHI nacionales

A publicação deste magazine é organizada a cada ano por uma das redes PHI nacionais.

# SUMÁRIO

Editorial	06
<i>Flavio Carsalade</i>	
Sobre la Red PHI   About PHI Network	10
<i>Fernando Vela Cossío</i>	
A Revista PHI   The PHI Journal	16
<i>Paulo Ormino de Azevedo</i>	

## Parte 1

### *Universidades e Patrimônio Mundial*

### *Universities and World Heritage*

A Universidade como “tradição” arquitetônica e urbanística ibérica e ibero-americana	21
<i>Rui Lobo</i>	
La Ciudad de Universitaria de la UNAM, identidad cultural de la educación en México -Retos y oportunidades para su conservación como patrimonio vivo	71
<i>Marcos Mazari Hiriart</i>	
<i>Leonardo Solórzano Sánchez</i>	
O campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília	132
<i>Andrey Rosenthal Schlee</i>	

Ideales hispanistas en la arquitectura universitaria argentina. El Rectorado de la Universidad Nacional del Litoral <i>Adriana Collado</i>	167
--	-----

## Parte 2

### *O ensino de patrimônio nas universidades Cultural heritage teaching at universities*

La Enseñanza de la conservación del patrimonio cultural en Europa <i>Joaquin Ibáñez Montoya</i>	205
La formación disciplinar del patrimonio arquitectónico. Un panorama latinoamericano en tres tempos <i>Dra. Patricia Méndez</i>	228
Fórum das Universidades <i>Leonardo Barci Castriota</i>	264

## Parte 3

### *Mostra de trabalhos acadêmicos da Red PHI Academic works at PHI Network*

Apresentação <i>Adriana Collado</i>	291
Mostra de trabalhos em português/espanhol e inglês	295

# EDITORIAL

## *Um marco de uma década*

A Rede PHI – Patrimônio Histórico Iberoamericano completa uma década de vida e segue forte e atuante, reunindo pesquisadores e professores de praticamente todos os cantos do mundo onde as línguas portuguesa e espanhola são faladas. Muito de sua força e longevidade resulta na união que se conseguiu estabelecer entre as universidades participantes do programa e sua estrutura em rede de redes. Os pesquisadores se reúnem anualmente para avaliar o estado da arte do patrimônio e seu ensino neste amplo território de fala luso hispânica, através de uma rica troca de informações e análises conjuntas. Seus estudantes apresentam sua produção na página *Web* da rede e mostram, na prática, como anda o ensino de patrimônio nos trabalhos de conclusão de curso de graduação de cada unidade universitária. Cada país estrutura sua rede interna e estabelece, a partir de suas realidades e propósitos específicos, seus planos de ação e respectivos encontros nacionais.

No entanto, para registrar e divulgar essa intensa produção científica, faltava um veículo que se desprendesse do sítio da *Web* e ganhasse uma permeabilidade maior no campo científico de sua atuação. É a esse objetivo que este primeiro número da revista PHI busca atender, inaugurando uma sequência de publicações anuais – em um primeiro momento – e semestrais, logo que a experiência editorial ganhe maturidade. A proposta da revista, em correspondência ao espírito de união e parceria que ilumina a Rede, é a de que cada país assuma anualmente a edição de um número, em sistema de rodízio, possibilitando com que a cooperação e a diversidade enriqueçam os produtos que se façam a partir de agora.

A organização da edição inicial coube ao Brasil, país que, neste momento, coordena o Comitê Científico da Rede PHI. O primeiro número é uma edição temática relacionando universidades e patrimônio, com artigos de especialistas sobre o tema, integrantes de nossa rede. Os autores foram selecionados por sua *expertise* ou pela situação patrimonial da universidade em foco. Dois eixos são explorados: o ensino de patrimônio nas universidades e as edificações das próprias universidades como patrimônio mundial, elas próprias, ou situadas em espaços territoriais mais amplos também classificados como patrimônio mundial pela UNESCO. Abre a edição um texto breve depoimento do prof. Paulo Ormindo de Azevedo (UFBa/ Brasil), ex-integrante do comitê Científico da rede PHI, que reflete sobre a importância da Revista PHI. Finalmente, complementa este primeiro número uma mostra de trabalhos de estudantes constantes em nossa página *Web*, mas que foram especialmente selecionados para configurar uma mostra.

Assim, no primeiro eixo “Universidades e Patrimônio Mundial”, apresentamos um texto introdutório do Prof. Rui Lobo, da Universidade de Coimbra, “A Universidade como “tradição” arquitetônica e urbanística ibérica e ibero-americana” que realiza um apanhado histórico das universidades ao longo do tempo, mostrando como elas foram se conformando a diferentes realidades e se

tornando espaços de referências nessas diferentes realidades. Na sequência, discutimos o problema da convivência entre preservação e a dinâmica da vida universitária através de dois casos. O primeiro se refere à Universidad Nacional Autónoma de México (Patrimônio Mundial na Cidade do México) através do artigo “La Ciudad de Universitaria de la UNAM, identidad cultural de la educación en México -Retos y oportunidades para su conservación como patrimonio vivo”, de autoria dos professores Marcos Mazari Hiriart e Leonardo Solórzano Sánchez. O segundo caso é o da Universidade de Brasília, universidade que integra o sítio patrimonial da cidade de mesmo nome, patrimônio da humanidade, através do artigo do diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional do Brasil, Prof. Andre Rosenthal Schlee, da referida instituição (“O campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília”). Como uma referência local, para completar o estudo em outra perspectiva, a prof. Adriana Collado faz um estudo de sua própria universidade através do artigo “Ideales hispanistas en la arquitectura universitaria argentina. El Rectorado de la Universidad Nacional del Litoral”.

O segundo eixo, que trata das questões de ensino do patrimônio, mostra a perspectiva europeia através do texto do Prof. Joaquín Ibañez Montoya, da Universidade Politécnica de Madrid, e da realidade ibero-americana pelas lentes da Profa. Patricia Méndez (CEDODAL/CONICET-UBA) “La formación disciplinar del patrimonio arquitectónico. Un panorama latinoamericano en tres tiempos”. Finalmente, o Prof. Leonardo Barci Castriota (UFMG e vice-presidente do ICOMOS internacional), mostra como a sua entidade internacional vem se associando ao mundo acadêmico através do programa Fórum das Universidades.

A parte final da revista apresenta trabalhos de estudantes de graduação especialmente selecionados por uma comissão formada pelas professoras Naia Alban (UFBa/ Brasil), Adriana Collado (UNL/ Argentina) e Prof. Luis Prado Rios (UMSA/ Bolívia) que pretendeu realizar uma mostra temporal e, o mais possível, ampla em termos de contribuições dos diversos países que compõem a Rede.

Trata-se, portanto de um esforço conjunto que acreditamos vai enriquecer sobremaneira as pesquisas sobre as universidades como patrimônio cultural e o ensino de patrimônio cultural em países que correspondem a uma grande porção territorial do planeta. Comemoremos, portanto, este momento, desejando uma vida ainda mais longa e qualificada à rede PHI.

*Prof. Flavio de Lemos Carsalade*

Presidente do Comitê Científico Internacional da Rede PHI

# EDITORIAL

## *A decade-long milestone*

The PHI Network – *Patrimônio Histórico Iberoamericano* (Iberoamerican Historical Heritage) completes a decade of life and remains strong and active, bringing together researchers and professors from virtually every corner of the world where Portuguese and Spanish languages are spoken. Much of its strength and longevity results from the unity that was established between the universities participating in the program and its network of networks structure. The researchers meet annually to assess the state of the art of heritage and its teaching in this vast Portuguese-Spanish speaking territory, through a rich exchange of information and joint analyses. Its students present their production on the webpage of the network and show, in practice, how the teaching of heritage is progressing in the final works of the undergraduate course of each university unit. Each country structures its internal network and establishes, based on its specific realities and purposes, its action plans and respective national meetings.

However, in order to record and disseminate this intense scientific production, a vehicle was needed that could be detached from the website and gain greater permeability in the scientific field of its activity. It is to this objective that this first issue of the PHI Journal seeks to meet, inaugurating a sequence of annual publications - at first – and biannual as soon as the editorial experience gains maturity. The Journal's proposal, in line with the spirit of union and partnership that illuminates the Network, is that each country annually takes on the edition of an issue, in a rotation system, enabling cooperation and diversity to enrich the products that are made from now on.

The organization of the initial edition was assigned to Brazil, the country that currently coordinates the Scientific Committee of the PHI Network. The first issue is a thematic edition relating universities and heritage, bringing articles written by specialists on the subject, members of our network. The authors were selected either for their expertise or the heritage situation of the university in focus. Two axes are explored: the teaching of heritage in universities and the universities' buildings themselves as world heritage, themselves, or located in wider territorial spaces also classified as world heritage by UNESCO. This first issue opens with a brief statement by prof. Paulo Ormino de Azevedo (UFBa/ Brazil), former member of the Scientific Committee of the PHI network, who reflects on the importance of the PHI Magazine. Finally, the issue is complemented by an exhibition of works done by students that are displayed on our website, but which were specially selected to set up an exhibition.

Thus, the first axis “Universities and World Heritage”, an introductory text by Prof. Rui Lobo is presented, about the University of Coimbra, “The University as an Iberian and Ibero-American architectural and urbanistic ‘tradition’” which brings a historical overview of universities over time,

showing how they were conforming to different realities and becoming spaces of new references. Next, the problem of coexistence between preservation and the dynamics of university life is discussed through two cases. The first refers to the Universidad Nacional Autónoma de México (a World Heritage Site in Mexico City) through the article “La Ciudad de Universitaria de la UNAM, cultural identity of education in Mexico - challenges and opportunities for its conservation as living heritage”, by Professors Marcos Mazari Hiriart and Leonardo Solórzano Sánchez. The second case is that of the University of Brasília, a university that integrates the heritage site of the city of the same name, a World Heritage Site, shown in the article written by the director of the National Institute of Historical and Artistic Heritage of Brazil, Professor Andre Rosenthal Schlee, from the previous mentioned institution (“The Darcy Ribeiro Campus of the University of Brasília”). As a local reference, to complete the study in another perspective, Professor Adriana Collado makes a study of her own university shown in the article “Hispanist ideals in Argentine university architecture: the Rectorate of the Universidad Nacional del Litoral”.

The second axis, which deals with heritage teaching issues, shows the European perspective through Professor Joaquín Ibañez Montoya, about the Polytechnic University of Madrid, and the Ibero-American reality through the lens of Professor Patricia Méndez (CEDODAL/CONICET-UBA) “Academic training in architecture heritage: a Latin American snapshot in three periods”. Finally, Professor Leonardo Barci Castriota (UFMG and vice-president of the ICOMOS International), shows how this international entity has been associating itself with the academic world through the Forum of Universities Program.

The last part of the Journal presents works by undergraduate students specially selected by a commission formed by professors Naia Alban (UFBa/Brazil), Adriana Collado (UNL/ Argentina) and Professor Luis Prado Rios (UMSA/Bolivia), who intended to create a temporal and, as far as possible, broad exhibition in terms of contributions from the different countries that make up the Network.

It is, therefore, a joint effort that we believe will greatly enrich research on universities as cultural heritage and the teaching of cultural heritage in countries that correspond to a large territorial portion of the planet. Let us therefore celebrate this moment, wishing the PHI Network an even longer and more qualified life.

*Prof. Flavio de Lemos Carsalade*

President of the International Scientific Committee of the PHI Network

# SOBRE LA RED PHI

*Fernando Vela Cossío<sup>1</sup>*

A finales del año 2022 se ha cumplido el quincuagésimo aniversario de la *Convención sobre la Protección del Patrimonio Mundial, Cultural y Natural*, suscrita en París el 23 de noviembre de 1972. Las cinco décadas que nos separan de la firma de aquel tratado internacional han permitido la inscripción de 1157 bienes—43 de los cuales tienen la condición de transfronterizos— en la denominada Lista del Patrimonio Mundial. Cerca de una quinta parte del total se encuentran en el ámbito iberoamericano, localizándose sesenta y seis elementos en España y Portugal, uno en Andorra, diez en Asia y África y ciento cincuenta y cinco en el continente americano y el Caribe.

Las dos primeras declaraciones correspondientes a bienes iberoamericanos tuvieron lugar en la segunda reunión del comité, celebrada en Washington entre el 5 y el 8 de septiembre de 1978, que incorporó a la lista las Islas Galápagos y la ciudad de Quito, en Ecuador. A éstas dos primeras habrían de seguir en los años siguientes otras tres: la de la Antigua Guatemala (d. 1979), la de las fortificaciones de la costa caribeña de Panamá, Portobelo y San Lorenzo el Real de El Chagre (d.1980) y la de la ciudad histórica de Ouro Preto en Brasil (d.1980). La Habana y el centro histórico de la ciudad de Olinda (Brasil) serían declaradas Patrimonio Mundial en 1982, produciéndose en los años siguientes algunas declaraciones importantísimas, como la de la ciudad del Cuzco, Perú (d. 1983) o la del Puerto, los fuertes y el conjunto monumental de Cartagena de Indias, Colombia (d. 1984). En Portugal las primeras inscripciones son del año 1983: el Convento de Cristo en Tomar, el Monasterio de Batalha, el conjunto del Monasterio de los Jerónimos y la Torre de Belem (Lisboa) y la ciudad de Angra do Heroísmo, en las Azores. Las primeras declaraciones de sitios españoles son del año siguiente, en el que se inscribieron La Alhambra, el Generalife y el Albaicín de Granada, la Catedral de Burgos, la Mezquita de Córdoba, el Monasterio y sitio de El Escorial y las obras de Antonio Gaudí en Barcelona. A estos cinco primeros elementos se han sumado, a lo largo de cuatro décadas, otros cuarenta y cuatro, el último en el año 2021, cuando se incorporó a la lista el Paseo del Prado y el Buen Retiro, en la ciudad de Madrid. La inscripción iberoamericana más reciente es del mismo año (2021). Se trata de la Iglesia de Atlántida (Uruguay), una obra de Eladio Dieste (1917-2000) levantada en 1960 que puede considerarse un ejemplo muy representativo de los notables logros formales y espaciales de la arquitectura moderna en América Latina durante la segunda mitad del siglo XX, tal como destaca la propia declaración.

En estas cinco décadas, las transformaciones que ha experimentado la comunidad iberoamericana han sido extraordinarias. En Latinoamérica y el Caribe la población ha pasado de trescientos a

---

<sup>1</sup> Arqueólogo. Catedrático de Historia de la Arquitectura y el Urbanismo. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad Politécnica de Madrid. Comité Ejecutivo de la Red PH

más de seiscientos cincuenta millones de habitantes entre 1972 y 2022, doblándose prácticamente durante el mismo periodo la renta per capita, que era de 4700 dólares americanos hace cincuenta años y alcanza hoy los 8800 dólares de media (US \$ a precios constantes de 2010; datos del Banco Mundial). El turismo se ha convertido en uno de los sectores económicos estratégicos para la región, alcanzando con anterioridad a la pandemia de COVID-19 el 26 % del PIB en los países del Caribe y el 10 % de media en América Latina (datos 2019). Resultaría obvio señalar que el Patrimonio Natural y Cultural iberoamericano ha contribuido de forma decisiva a este crecimiento y que se ha convertido en un motor de desarrollo de importancia estratégica, en el marco de una agenda global en la que está cada vez más presente la vulnerabilidad ante los desastres naturales, la importancia de la protección de la biodiversidad, el fomento de la economía circular o la atención prioritaria a las necesidades y a la participación de las comunidades portadoras.

La comunidad iberoamericana es plenamente consciente de que se enfrenta a retos extraordinariamente complejos para la conservación y la correcta gestión de este legado excepcional en las próximas décadas. Y para tenerlo presente, basta recordar que de los cincuenta y cinco elementos que se encuentran en la lista del patrimonio en peligro que elabora la UNESCO, siete son iberoamericanos, como el conjunto arqueológico de Chan-Chan (Perú), la ciudad de Potosí (Bolivia), la de Coro y su puerto (Venezuela) o las fortificaciones de San Lorenzo el Real del Chagre y Portobelo (Panamá), además de tres conjuntos del Patrimonio Natural en Honduras, México y Florida.

Por otra parte, en estos cincuenta años se han producido también importantes cambios en los conceptos y criterios que rigen la protección, la conservación y la intervención sobre el Patrimonio Cultural. La preservación de la autenticidad del edificio histórico que establecía la *Carta de Atenas* (1931), la correcta comprensión del contexto del que forma parte el monumento y su relación con el lugar que recogía la *Carta de Venecia* (1964) y la importancia del proyecto y de la investigación en el proceso de intervención, consagrados por la *Carta de Cracovia* (2000), constituyeron los principales paradigmas sobre los cuales se desarrolló el debate científico en nuestro ámbito. A estos, se ha sumado en los albores del siglo XXI la consideración de la función social del Patrimonio y su papel determinante en el diseño de la arquitectura social de nuestro tiempo.

En las últimas dos décadas, con la decisiva incorporación del Paisaje Cultural como categoría —con la consiguiente puesta en marcha de las políticas específicas para su protección, gestión y ordenación, en la línea de lo establecido por el *Convenio Europeo del Paisaje* (Florenia 2000)— y con el desarrollo del llamado Patrimonio Cultural Inmaterial (*Convención para la salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial*, París 2003), se han venido a abrir espacios de investigación, intervención y gestión decididamente transversales, que ponen de manifiesto la importancia acercarse desde una visión holística, plenamente integradora, al valioso legado que hemos recibido y del que disfrutamos.

Como se ha señalado oportunamente desde la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID), la preservación, la valoración y la gestión sostenible, participativa y socialmente equitativa del patrimonio cultural, uno de los recursos más importantes al servicio de la sociedad, debe ser considerado un derecho fundamental del ser humano. La salvaguarda de este derecho, en tanto que da forma a la propia identidad cultural de los pueblos, debe constituir un objetivo fundamental en nuestro tiempo. Pero, además, todos sabemos que el aprovechamiento del patrimonio como recurso generador de riqueza material es también un motor de las políticas de cooperación al desarrollo de los países más avanzados.

Ha sido precisamente este contexto general el que ha posibilitado la creación de la Red PHI (Patrimonio Histórico+Cultural Iberoamericano), una iniciativa que arranca en el año 2010 como resultado del acuerdo multilateral de ocho universidades iberoamericanas y europeas ante los desafíos de la sociedad moderna y con el objetivo de colaborar positivamente para el desarrollo de nuestras comunidades.

La Red PHI constituye una apuesta decidida por el empleo de las referencias y señales culturales iberoamericanas en un mundo en cambio permanente en el que los problemas no son únicamente de alcance material y en el que promover el desarrollo sostenible e integrado de las comunidades culturales de Europa, América, África o Asia que se expresan en español y portugués constituye un reto al que nos tenemos que enfrentar desde todas y cada una de nuestras capacidades. Pensamos que en esta empresa la dimensión patrimonial es una de las más importantes y, por ello, es en este ámbito del Patrimonio Cultural en el que nos hemos propuesto operar de forma coordinada y cooperativa a través de una extensa malla formada por más de sesenta universidades de diecisiete países que cuentan con Escuelas y Facultades de Arquitectura reconocidas internacionalmente y con centros e institutos de investigación muy prestigiosos en el ámbito científico-tecnológico que nos ocupa.

Sabemos que las universidades constituyen los agentes de mayor importancia para el desarrollo de acciones e iniciativas encaminadas a la formación, la investigación y la innovación en el ámbito del Patrimonio Cultural pero, además, en su condición de instituciones históricas, conservan, disfrutan y tutelan un valioso legado que se expresa a través de testimonios documentales, artísticos, arquitectónicos y urbanos de enorme interés. Como instituciones portadoras de numerosos bienes y elementos de naturaleza material e inmaterial, constituyen también espacios de verdadera oportunidad para reflexionar acerca de los grandes retos y desafíos a los que nos vamos a enfrentar en la investigación y la gestión del Patrimonio Cultural en el siglo XXI.

# ABOUT PHI NETWORK

*Fernando Vela Cossío<sup>1</sup>*

2022 was the fiftieth anniversary of the Convention concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage, signed in Paris on November 23, 1972, was celebrated. The five decades since the signing of that international treaty allowed for the inscription of 1,157 properties - 43 of which have transboundary status - on the so-called World Heritage List. Around one-fifth of the total is located in the Ibero-American area, with sixty-six elements in Spain and Portugal, one in Andorra, ten in Asia and Africa, and one hundred and fifty-five in the Americas and the Caribbean.

The first two inscriptions corresponding to Ibero-American properties occurred during the second committee meeting held in Washington between September 5th and 8th, 1978, which added the Galápagos Islands and the city of Quito, Ecuador, to the list. These first two were followed in the subsequent years by three others: Antigua Guatemala (in 1979), the fortifications on the Caribbean coast of Panama, Portobelo, and San Lorenzo el Real de El Chagre (in 1980), and the historic city of Ouro Preto in Brazil (in 1980). Havana and the historic center of the city of Olinda (Brazil) were declared World Heritage sites in 1982, leading to some very important inscriptions in the following years, such as the city of Cuzco, Peru (in 1983), or the port, fortresses, and monumental complex of Cartagena das Índias, Colombia (in 1984). In Portugal, the first inscriptions date back to 1983: the Convent of Christ in Tomar, the Monastery of Batalha, the complex of the Monastery of Jerónimos and the Tower of Belém (Lisbon), and the city of Angra do Heroísmo in the Azores. Over the course of four decades, forty-four more elements were added to these first five, with the last one being in 2021 when the Paseo del Prado and Buen Retiro in the city of Madrid were included in the list. The most recent Ibero-American registration is also from the same year (2021). It is the Church of Atlántida in Uruguay, designed by Eladio Dieste (1917-2000) and built in 1960, which can be considered a highly representative example of the remarkable formal and spatial achievements of modern architecture in Latin America during the second half of the 20th century, as the testimony itself highlights.

In these five decades, the transformations the Ibero-American community has undergone have been extraordinary. In Latin America and the Caribbean, the population increased from three hundred to more than six hundred and fifty million inhabitants between 1972 and 2022, practically doubling the per capita income in the same period. Fifty years ago, the per capita income was US\$ 4,700, and today it reaches an average of 8,800 dollars (in constant 2010 prices; World Bank data).

---

<sup>1</sup> Archaeologist. Professor of History of Architecture and Urbanism.  
School of Architecture of the Polytechnic University of Madrid. Executive Committee of the PHI Network

Tourism has become one of the strategic economic sectors for the region, accounting for 26% of gross domestic product (GDP) in Caribbean countries and 10% on average in Latin America before the COVID-19 pandemic (2019 data). It would be evident to point out that the Ibero-American Natural and Cultural Heritage has contributed decisively to this growth and has become a development engine of strategic importance, within the framework of a global agenda that emphasizes vulnerability to natural disasters, the importance of protecting biodiversity, promoting the circular economy, and prioritizing attention to the needs and participation of communities that own and produce cultural references.

The Ibero-American community is fully aware that it faces extraordinarily complex challenges for the conservation and proper management of this exceptional legacy in the coming decades. To keep this in mind, it is enough to recall that out of the fifty-five elements listed on UNESCO's endangered heritage list, seven are from Ibero-America, such as the archaeological site of Chan-Chan (Peru), the city of Potosí (Bolivia), the city of Coro and its port (Venezuela), or the fortifications of San Lorenzo el Real del Chagre and Portobelo (Panama), in addition to three sets of Natural Heritage in Honduras, Mexico, and Florida.

On the other hand, in these fifty years, significant changes have also been registered in the concepts and criteria that govern the protection, conservation, and intervention in Cultural Heritage. The preservation of the historical building's authenticity established by the Athens Charter (1931), the correct understanding of the context in which the monument is located and its relationship with the place contemplated in the Venice Charter (1964), and the importance of project and research in the intervention process, consecrated in the Krakow Charter (2000), have been the main paradigms on which the scientific debate in our area has developed. To these, we add the consideration of the social function of Heritage and its determining role in shaping the social architecture of our time in the dawn of the 21<sup>st</sup> century.

In the last two decades, with the decisive incorporation of Cultural Landscape as a category - and the consequent implementation of specific policies for its protection, management, and planning, aligned with what is established by the European Landscape Convention (Florence 2000) - and with the development of the so-called Intangible Cultural Heritage (Convention for the Safeguarding of Intangible Cultural Heritage, Paris 2003), spaces for research, intervention, and management have opened up, decisively cross-cutting, showing the importance of approaching from a holistic, fully inclusive vision, the valuable legacy we have received and enjoy.

As has been pointed out by the Spanish Agency for International Development Cooperation (AECID), the preservation, enhancement, and sustainable, participatory, and socially equitable management of cultural heritage, one of the most important resources at the service of society, must be considered a fundamental human right. Safeguarding this right, as it shapes the cultural identity of peoples, must be a fundamental objective of our time. Moreover, we all know that the use of heritage as a source of material wealth is also a driver of development cooperation policies in more advanced countries.

UNESCO has had the opportunity to emphasize the importance that the protection of Culture and Cultural and Natural Heritage has acquired within the scope of the 2030 Agenda. The so-called Sustainable Development Goals (SDGs), which have been defined around three main pillars - economic, social, and environmental - precisely identify Culture as one of the means and, at the same time, one of the objectives of sustainable development. Natural and Cultural Heritage (both tangible and intangible) and cultural and creative industries are cross-cutting sectors for sustainable development across the three mentioned pillars. Therefore, UNESCO, the only UN agency with a mandate in the cultural domain, has been proposing different ways to recognize, harness, and promote the role of culture in the international agenda for sustainable development.

It was precisely this overall context that enabled the creation of the PHI Network (Ibero-American Heritage + Culture), an initiative started in 2010 as a result of the multilateral agreement among eight Ibero-American and European universities focused on the challenges of modern society and with the objective of positively collaborating for the development of our communities.

The PHI Network constitutes a strong commitment to the use of Ibero-American cultural references and signs in a constantly changing world, where problems are not solely of a material scope, and where sustainable and integrated development of cultural communities in Europe, America, Africa, or Asia that express themselves in Spanish and Portuguese is promoted. This poses a challenge that we must face with all and each one of our abilities. We believe that within this organization, the heritage dimension is one of the most important, and therefore, it is in the area of Cultural Heritage that we have proposed to act in a coordinated and cooperative manner through an extensive network consisting of more than sixty universities from seventeen countries, which have internationally recognized Schools and Faculties of Architecture and centers and research institutes of great prestige in the scientific and technological field.

We know that universities are the most important agents for the development of actions and initiatives focused on education, research, and innovation in the field of Cultural Heritage. Moreover, as historical institutions, they preserve, enjoy, and protect a valuable legacy expressed through documentary, artistic, architectural, and urban testimonies of enormous interest. As institutions bearing numerous tangible and intangible assets, they also provide real opportunities for reflection on the great challenges that we will face in the research and management of Cultural Heritage in the 21st century.

# A REVISTA DO PHI

*Paulo Ormino de Azevedo<sup>1</sup>*

A criação de uma revista do PHI sempre foi uma reivindicação dos membros da rede. Finalmente ela está chegando. Revista que deve divulgar não só as decisões do PHI e melhores comunicações apresentadas em suas reuniões, como o pensamento de professores e alunos das universidades participantes voltados para a preservação de nosso patrimônio. Inicialmente editada de forma digital, em pouco tempo ela deverá ser híbrida, digital e impressa, pois só assim seu conteúdo se pereniza.

Nesta fase inicial é importante discutir o conceito e função da revista antes dela consolidar sua forma definitiva. Ela pode ser um veículo muito importante de difusão de pesquisas e cursos sobre preservação que estão sendo realizados nas universidades participantes, mas que atuam muito isoladamente. Difusão que pode ensejar a realização de convênios e o intercâmbio de professores e alunos em projetos específicos.

A Ibero-América apresenta um acervo patrimonial muito mais diversificado e ameaçado que o das chamadas “mães pátrias”, Espanha e Portugal. Diversidade que resulta da sua extensão continental, da sua composição étnica e cultural e de sua dinâmica social. Estendendo-se de 55° S na Patagônia a 32ª N no México e da cota zero a 6.961m sobre o mar, no Aconcágua, esse território apresenta paisagens muito distintas, desde glaciares na Argentina e Chile passando pelos Andes no Chile, Peru e Equador; salares na Bolívia e no Chile; o pantanal, o cerrado e a floresta amazônica no Brasil; vulcões ativos na América Central, coqueirais no Caribe e o Plateau Mexicano. Esses acidentes geográficos além de sua importância paisagística são os cenários de civilizações pré-colombianas e coloniais que demandam técnicas de prevenção e preservação especiais.

Território que preserva heranças arqueológicas incaicas, maias e astecas e uma cultura viva de seus descendentes. Só a Bolívia possui cerca de 30 idiomas ainda falados em seu território. No Brasil, além da herança cultural indígena temos uma enorme tradição africana, resultante do regime de escravatura implantado durante a colônia. Toda esta diversidade étnica se traduz em rituais religiosos, em festas populares, danças, cantos, culinárias e artesanatos que constituem o patrimônio imaterial de nossos países.

Fatores próprios do clima tropical como a praga das térmitas devora retábulos, tetos pintados e arquivos históricos, enquanto a umidade ascendente destrói rebocos, pinturas murais e painéis de azulejos. Mudanças ecológicas, como chuvas torrenciais e transbordamentos de rios, destroem ou danificam a arquitetura vernacular feita basicamente de barro cru e imensos sítios arqueológicos, como Chan Chan no Peru. Tremores de terra ocasionais são outras ameaças ao nosso patrimônio. Cusco e Arequipa no Peru foram destruídas e reconstruídas algumas vezes devido a esses acidentes.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, ex-membro do Comitê Científico Internacional da rede PHI/ Universidade Federal da Bahia, former member of the PHI International Scientific Committee

Precisamos desenvolver a pesquisa nesses campos divulgando os projetos que estão sendo realizados na rede das universidades associadas.

O patrimônio material e imaterial da América Ibérica sofre desafios sociais que a Europa já não conhece. Somos herdeiros de sistemas de exploração de mão de obra, como a escravidão no Brasil e a "mita" e a "encomienda" em países hispano-americanos, que mantêm imensos contingentes populacionais marginalizados nos nossos centros históricos e em favelas e vila misérias. Além disso, sofremos uma explosão demográfica, nas décadas de 60 e 70, associada ao êxodo rural, cujos efeitos ainda sentimos.

Esses dois fenômenos provocaram o inchaço descontrolado de nossas metrópoles que destruiu grande parte de nosso patrimônio edificado e desfiguraram os entornos dos nossos principais monumentos. A preservação desses conjuntos exige o desenvolvimento de políticas de inclusão social evitando a expulsão dessas comunidades que dão vida cultural aos centros históricos. Tais transformações sociais estão gerando, por outro lado, novos patrimônios, como a arquitetura de inspiração quéchua de El Alto em La Paz e o carnaval eletrificado da Bahia.

Outro ponto importante é a formação de especialistas e ativistas da preservação. Até agora a participação de alunos nos eventos do PHI tem sido pequena. Recordo aqui a experiência bem sucedida de intercâmbio de alunos iniciada pela Universidade de Pavia, Itália, há cerca de duas décadas. Concebida originalmente como uma expansão do projeto Erasmus para outros continentes, ela teve que ser reformulada diante das dificuldades econômicas da Comunidade Europeia.

Tratava-se basicamente da realização de ateliês com alunos de diferentes países para a elaboração de propostas para um pequeno trecho degradado do centro histórico na cidade onde se realiza o ateliê. A universidade local elabora previamente um dossiê com plantas, histórico, fotos e estudos sociais sobre o centro histórico. Os alunos, cerca de 20, são hospedados em casas de colegas locais que receberão o mesmo tratamento nas edições seguintes do projeto. Os estudantes têm apenas que conseguir suas passagens com os bônus de cartões de créditos da família. Para viabilizar a participação de alunos sem essa condição, é cobrada uma pequena taxa de inscrição dos alunos com viagens já asseguradas.

A Profa Esterzilda Berenstein de Azevedo realizou três desses ateliês na UFBA, na Bahia, com participação de alunos italianos, chilenos, colombianos e de outras universidades brasileiras. Essas são experiências muito ricas, não só na maneira diversificada de encarar um mesmo problema por diferentes formações, como permitir ao estudante conviver com uma família de outro país. A Revista PHI pode ter um papel muito importante na divulgação dessas experiências.

Como se pode ver, os problemas ibero-americanos de preservação são muito mais complexos e urgentes de serem resolvidos que os europeus, já devidamente equacionados com o restauro crítico desenvolvido em função da destruição de suas cidades durante a II Guerra.

Os preservacionistas europeus devem tirar o salto alto, com as intervenções de arquitetos de grife em monumentos excepcionais, e calçar botas ou mesmo tamancos para entrar nos centros históricos da América Ibérica. Nós precisamos desenvolver uma preservação pobre, parafraseando Lina Bardi, e esta revista pode ser uma plataforma muito importante para divulgar essas novas experiências. A Espanha e Portugal, com sua grande tradição arquitetônica e de preservação e com laboratórios mais bem equipados que os nossos, pode nos dar uma grande ajuda nesse momento.

Salve o patrimônio Ibero-americano !

# THE PHI JOURNAL

*Paulo Ormino de Azevedo<sup>1</sup>*

The creation of a PHI Magazine has always been a demand of the members of the network. Finally, it is becoming a reality. The magazine should not only disclose the decisions of the PHI Network and the best communications presented in its meetings, but also the thoughts of professors and students at the participating universities focused on the preservation of our cultural heritage. Initially edited digitally, in a short time it will be hybrid, digital and printed, as this is the only way its content will last forever.

In this initial phase, it is important to discuss the magazine's concept and role before it consolidates its definitive form. It can be a very important vehicle for disseminating research and programmes on preservation that are being carried out at the participating universities, but which operate in isolation. Diffusion that can give rise to agreements and the exchange of professors and students in specific projects.

The Ibero-America holds a cultural heritage that is much more diversified and threatened than the so-called "homeland mothers", Spain and Portugal. Diversity that results from its continental extension, its ethnic and cultural composition, and its social dynamics. Extending from 55° S in Patagonia to 32° N in Mexico and from zero to 6,961m over the sea, in Aconcagua, this territory presents very different landscapes, from glaciers in Argentina and Chile to the Andes in Chile, Peru and Ecuador; salt flats in Bolivia and Chile; the Pantanal, the Cerrado and the Amazon rainforest in Brazil; active volcanoes in Central America, coconut groves in the Caribbean and the Mexican Plateau. These landforms, in addition to their scenic importance, are the settings of pre-Columbian and colonial civilizations that demand special prevention and preservation techniques.

Territory that preserves Incan, Mayan and Aztec archaeological heritage and a living culture of their descendants. Only Bolivia has about 30 languages still spoken in its territory. In Brazil, in addition to the indigenous cultural heritage, we have an enormous African tradition, resulting from the slavery regime that existed during the colony. All this ethnic diversity translates into religious rituals, popular festivals, dances, songs, cuisine, and handicrafts that constitute the intangible heritage of our countries.

Factors typical of the tropical climate threaten our heritage such as the plague of termites gobble up altarpieces, painted ceilings, and historical archives, while rising humidity destroys plaster, murals, and tile panels. Ecological changes, such as torrential rains and river overflows, destroy or damage vernacular architecture made primarily of raw clay and huge archaeological sites, such as Chan Chan in Peru. Occasional earthquakes are another threat to our heritage. Cusco and Arequipa in Peru have been destroyed and rebuilt a few times due to these accidents. We need to develop research in these fields by publicizing the projects that are being carried out in the network of associated universities.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, ex-membro do Comitê Científico Internacional da rede PHI/ Universidade Federal da Bahia, former member of the PHI International Scientific Committee

The tangible and intangible Iberio-American heritage faces social challenges that Europe is no longer aware of. We are heirs of labour exploitation systems, such as slavery in Brazil and the “*mita*” and “*encomienda*” in Spanish-American countries, which keep huge population groups marginalized in our historic centers as well as in slums and poor towns. In addition, the demographic explosion, during the 60s and 70s, associated with the rural exodus, are effects still felt here..

These two phenomena caused the uncontrolled swelling of our metropolises that destroyed a large part of our built heritage and disfigured the surroundings of our main monuments. The preservation of these ensembles requires the development of social inclusion policies, avoiding the displacement of communities that provide cultural life to historic centres. Such social transformations are generating, on the other hand, new assets, such as the Quechua-inspired architecture of El Alto in La Paz and the “electrified carnival” in Bahia.

Another important point is the training of preservation specialists and activists. So far student participation in PHI events has been small. I recall here the successful experience of student exchange initiated by the University of Pavia, Italy, nearly two decades ago. Originally conceived as an expansion of the Erasmus project to other continents, it had to be reformulated in view of the economic difficulties of the European Community.

It was basically a matter of holding workshops with students from different countries for the preparation of proposals for a small, degraded section of the historic center in the city where the workshop takes place. The local university previously prepares a dossier including the site plans, historic survey, photographs, and social studies about the historic centre. The students, around 20, are accommodated in the homes of local classmates who will get the same welcome in subsequent editions of the project. Students just need to get their tickets with the family credit card bonuses. To enable the participation of students with no financial conditions, a small registration fee is charged for students with already booked trips.

Professor Esterzilda Berenstein de Azevedo held three of these workshops at UFBA, in Bahia, with the participation of Italian, Chilean, Colombian and other Brazilian university students. These are very rich experiences, not only in the diverse way of looking at the same problem from different backgrounds, but also allowing the student to live with a family from another country. PHI Magazine can play a very important role in disseminating these experiences.

As can be seen, the Ibero-American preservation problems are much more complex and urgent to be solved than the European ones, already duly equated with the critical restoration carried out due to the destruction of their cities during World War II.

European preservationists must come down off their high horses, avoiding famous architects’ interventions on exceptional monuments and adopt less pretentious approaches as well as actively engage with Ibero-American historic centres. We need to develop modest preservation with the participation of the local community, to paraphrase Lina Bardi who theorized modest architecture in Brazil. This magazine can be a very important platform to disseminate these new experiences. Spain and Portugal, with their great architectural and preservation tradition and with better equipped laboratories than ours, can give us great help at this time.

Save the Ibero-American heritage!

# *Parte 1*

*Universidades e Patrimônio Mundial*  
*Universities and World Heritage*

# A UNIVERSIDADE COMO “TRADIÇÃO” ARQUITETÓNICA E URBANÍSTICA IBÉRICA E IBERO- AMERICANA.

*Rui Lobo<sup>1</sup>*

## *Resumo*

As primeiras universidades do Novo Mundo não foram as da América anglo-saxónica, mas sim as criadas na hispano-América, como Santo Domingo (1538), Lima e Cidade do México (1551), devedoras de uma experiência universitária ibérica inovadora e anterior. Em tempos mais recentes, os amplos e numerosos campi universitários ibero-americanos do século XX (dois deles “Património Mundial” da UNESCO) deram corpo a uma nova dinâmica, própria da América Latina. Deste modo, talvez possamos dizer (em paralelo com a “tradição” norte-americana do Campus, proposta por Paul Venable Turner), que a Universidade é, desde há muito tempo, uma “tradição” arquitetónica e urbanística ibérica – e também ibero-americana.

Este artigo foi escrito originalmente, em língua castelhana, como texto da nossa comunicação à mesa 46 do III Congresso da Associação Ibero-americana de História Urbana, que decorreu em Madrid, entre 22 e 25 de Novembro de 2022, para publicação nas respetivas atas. Relativamente a esse texto, atualmente no prelo, algumas imagens foram alteradas e outras acrescentadas. Foram também alteradas as primeiras linhas do texto de modo a adequá-lo à presente publicação. Introduziram-se ainda outras alterações muito pontuais.

Palavras chave:

Universidade ibérica, Universidade ibero-americana, arquitetura universitária, cidade universitária, colégio.

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos Sociais / Departamento de Arquitetura - Universidade de Coimbra

## Introdução

No presente texto, e a propósito de uma reflexão solicitada pelos editores do primeiro número da nova revista da Rede Phi, sobre a importância do património arquitetónico universitário no contexto ibero-americano, procuraremos sistematizar, de forma breve, a ampla tradição arquitetónica e urbanística que esteve associada, desde o início, à universidade ibérica (num primeiro momento), e também à universidade ibero-americana – a partir de meados do século XVI, com a fundação das universidades de Santo Domingo (1538), Lima e Cidade do México (ambas em 1551), as primeiras universidades do Novo Mundo.<sup>2</sup>

Com efeito, pensamos que só se poderá compreender totalmente o fenómeno universitário ibérico e ibero-americano se percebermos a sua dimensão arquitetónica e urbanística, que foi quase sempre de vanguarda. Desde logo, podemos verificar que foram ibéricos ou ibéricas:

- uma primeira teorização compreensiva sobre as cidades e os locais onde se deveriam implantar os estudos (o título XXXI da segunda das Siete Partidas do Rei Alfonso X de Castela e Leão);
- uma das primeiras construções possivelmente levantada de raiz para sede universitária (o edifício do Estudo Geral de Coimbra, de 1308, infelizmente já desaparecido);
- o primeiro edifício de nova planta, de tipologia bem definida, levantado como “colégio” em todo o mundo (o Real Colégio de Espanha de Bolonha, de 1363-65);
- os “colégios-universidade”, ou seja, pequenas universidades concentradas num único edifício, simultaneamente colégio e sede da universidade (dos quais o primeiro foi o já desaparecido Colégio de San Antonio Portaceli de Sigüenza, de 1489);<sup>3</sup>
- o primeiro bairro ou setor universitário ex-novo edificado em todo o mundo (o bairro universitário de Alcalá de Henares, mandado edificar pelo Cardeal Cisneros a partir de 1499);
- as primeiras universidades do novo mundo e respetivos edifícios.

Na sequência da penúltima constatação, é interessante notar como a cidade de Alcalá de Henares, sede original da Universidade Complutense, pôde ser considerada, até 1836 (quando aquela universidade foi transferida para Madrid) e novamente, depois de 1981 (quando foi criada a *Universidad de Alcalá de Henares*), uma “cidade universitária”, no sentido tradicional do termo, onde a função universitária se confunde com a própria cidade, como acontece também com Bolonha, Pádua, Oxford, Cambridge, Salamanca e Coimbra, entre outras. Contudo, note-se como, na origem, o bairro universitário de Alcalá poderia ser entendido, aos olhos do século XVI,

<sup>2</sup> Sobre este tema, veja-se Águeda Rodríguez Cruz, *Historia de las Universidades hispanoamericanas. Periodo hispánico* (Bogotá: Patronato Colombiano de Artes y Ciencias, 1973), 2 vols. e Águeda Rodríguez Cruz, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica* (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005).

<sup>3</sup> Embora o Collegium Maius de Cracóvia, conformado a partir de 1400 e o St. Salvator's College de St. Andrews na Escócia, de 1450, se antecipem, em certa medida, ao aparecimento deste modelo em Espanha. Veja-se, sobre a primeira arquitetura universitária europeia Michael Kiene, “L'università nelle città europee: l'architettura universitária”, em *Le Università dell'Europa. Gli Uomini e i Luoghi*. Secolo XII-XVIII, coord. Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Milano: Silvana Editoriale, 1993), 21-49.

como uma “cidade universitária” no sentido da cidade universitária moderna do século XX, tal como definida por Roberto Fernández, com a função de “*garantir uma determinada ‘ordem urbano’ no conjunto de edifícios destinados a usos universitários*”, e que se preocupa com “*a localização do conjunto universitário dentro da cidade, as relações diversas – ou o isolamento – de este face àquela, a identidade o diferenciação do conjunto universitário no contexto urbano, a qualificação das vias de acesso, etc...*”.<sup>4</sup> Assim, o que hoje é uma cidade antiga com uma função universitária dominante (a par da mais recente condição de cidade dormitório de Madrid, que ainda conserva), foi antigamente uma cidade comercial e ganadeira à qual se “acoplou” um bairro universitário de vanguarda, cuja função acabaria por alastrar a toda a restante urbe, caracterizando-a.

Observaremos ainda como, das cinco universidades reconhecidas como Património Mundial pela UNESCO, quatro são ibéricas ou ibero-americanas (Alcalá de Henares, Central de Caracas, Nacional Autónoma de México e Coimbra), sendo que obviamente as realizações arquitetónicas e urbanísticas foram centrais para essa atribuição. A quinta universidade classificada (em rigor, a primeira, listada em 1987), é a de Charlottesville na Virginia, onde Thomas Jefferson ensaiou o verdadeiro protótipo do campus universitário norte-americano.

## 1. A Universidade na Península Ibérica

As primeiras universidades ibéricas foram fundadas pelos reis (ou no caso de Aragão, pelos municípios com o apoio régio) e não formadas espontaneamente, por associação de estudantes ou por associação de mestres e estudantes, como sucedeu com as mais antigas universidades europeias, casos de Bolonha, Pádua, Paris, Oxford ou Cambridge. Segundo Jacques Verger, esta situação pode eventualmente relacionar-se com o facto de os monarcas cristãos dos vários reinos ibéricos terem tomado para si a iniciativa de organizar as principais estruturas dos seus recém-criados reinos, no âmbito do avanço gradual da “Reconquista”.<sup>5</sup> Com efeito, D. Afonso VIII de Castela terá apoiado, c<sup>a</sup> de 1212, a criação de uma Universidade Castelhana em Palência, de curta duração, mas logo substituída pela de Valladolid (ainda antes do final do século). Já Afonso IX de Leão fundou ele próprio a Universidade de Salamanca em 1218-1219.

O seu neto, D. Afonso X “o Sábio”, de Castela e Leão (1221-1252-1284), escreveu na segunda das suas Sete Partidas um pequeno texto (título XXXI) onde procurou teorizar sobre o tipo de cidade onde poderiam ser instalados os estudos (tomando Salamanca como modelo) e sobre os locais ideais de implantação das escolas dentro do espaço urbano (não propriamente dentro do espaço urbano, mas em espaço simultaneamente dentro da cidade e “apartado” dela).<sup>6</sup> O monarca parece ter-se baseado em escritos mais antigos do Italiano Buoncompagno da Signa, nos quais este autor

---

<sup>4</sup> Roberto Fernández, “Nueva universidad – nueva ciudad. Notas sobre las transformaciones históricas de la universidad”, em *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía, 1293-1993*, coord. Carlos Clemente e Joaquín Ibáñez (Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995), 117-128 (citação pp. 123-124, tradução nossa).

<sup>5</sup> Jacques Verger, “Modelos”, em *Uma História da Universidade na Europa*, coord. Walter Rüegg (Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996), vol.I, 33-63 (citação p. 51).

<sup>6</sup> Afonso X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso* (c<sup>a</sup> 1265, ed. Gregorio López, Valladolid: Casa de Diego Fernández de Córdoba, 1555), Segunda Partida, título XXXI, fol.114-116.

criticava a presença no centro da cidade dos principais espaços letivos da universidade (pensando provavelmente em Bolonha), mostrando preferência por uma implantação destes espaços em local mais calmo (como seria talvez o então bucólico Quartier Latin da Universidade parisiense). O monarca ter-se-á baseado ainda em alguns excertos retirados do Código Civil de Justiniano. De qualquer modo, podemos definir o texto afonsino – um texto ibérico – como uma primeira teorização oficial sobre urbanismo universitário escrita no Ocidente.<sup>7</sup> Na sua ação prática, Afonso X refundou a Universidade de Salamanca (sem, no entanto, alterar a localização central, junto da catedral, dos principais espaços letivos) tendo ainda tentado fundar uma Universidade em Sevilha (em 1254), capital dos novos territórios da Andaluzia, academia que acabaria por não ter sucesso nesse seu primeiro tentado momento.

D. Dinis, Rei de Portugal, fundaria a universidade portuguesa em Lisboa em 1290, cedendo para o Estudo umas “casas novas” levantadas (não necessariamente para o efeito) no sítio da Pedreira, atual Chiado, fora das muralhas urbanas, em localização simultaneamente próxima e apartada da cidade (tal como defendia o seu avô Alfonso X). Quando decidiu transferir a universidade para Coimbra, em 1308, tê-la-á dotado de um edifício próprio, um palácio urbano com um pequeno claustro interior (de que restam alguns capitéis das colunas), situado às portas do Paço Real da Alcáçova – onde se situa a sede universitária atual.<sup>8</sup> Não é claro se esse edifício (entretanto desaparecido) já existia ou se foi construído de raiz para o efeito. Nesta segunda e provável hipótese, terá sido um dos primeiros edifícios a ser levantado para sede universitária, se não mesmo o primeiro. Também em Coimbra, o monarca mandou definir um bairro universitário, na zona da Almedina, de modo a favorecer o arrendamento de casas pelos estudantes e a manter controlados os preços.

No Levante da península, os *paers* municipais de Lleida conseguiram do Rei Jaume I o apoio necessário para fundarem a primeira universidade aragonesa, em 1300, para a qual foi também delimitado, desde logo, um bairro universitário.

Aparte o caso do palácio universitário conimbricense, as escolas foram sendo instaladas em estruturas pré-existentes, como sucedeu com as escolas salmantinas, que funcionaram em capelas ao redor do claustro catedralício, ou com o Estudo Geral de Valladolid, onde as aulas tinham lugar na principal igreja colegiada local (ou em espaços arrendados na proximidade imediata). Em Lleida, os *paers* adquiriram um antigo armazém para as aulas de cânones e de leis, às portas do Bairro da Suda ou alcáçova da cidade, adquirindo, no século XV, e na vizinhança imediata, novo edifício utilitário, uma fábrica de velas, cera e sabão (as *saboneries*), para as aulas de gramática e filosofia natural.<sup>9</sup>

Poucas décadas depois, seria um homem de igreja e militar espanhol, o Cardeal Egídio Albornoç, a fundar e mandar construir em Bolonha um colégio de nova planta, o famoso Colegio Real de Espanha ou *Collegio di Spagna*, como ainda hoje é conhecido na cidade, pois segue

<sup>7</sup> Veja-se, sobre este tema, Rui Lobo, “A Universidade na Cidade. Urbanismo e arquitectura universitários na Península Ibérica da Idade Média e da primeira Idade Moderna” (Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, 2010), 91-107.

<sup>8</sup> Veja-se António de Vasconcelos, “D. Denis, decorridos 18 anos sobre a fundação da Universidade, fixa em Coimbra a sede da mesma”, Revista da Universidade de Coimbra, vol.II (fevereiro de 1914), 604-636.

<sup>9</sup> Sobre o caso de Lleida, veja-se Lobo, “A Universidade na Cidade”, 189-205, onde se citam vários estudos do historiador ilerdense Josep Lladonosa i Pujol.

funcionando como colégio de estudantes espanhóis. Construído em dois anos, entre 1365 e 1367, este seria o primeiro “colégio” *ex-novo* construído em todo o mundo, um verdadeiro marco na história da arquitetura universitária ocidental.<sup>10</sup> Com efeito, o termo “colégio” não definia um tipo arquitetónico, designando antes uma agremiação ou comunidade de pessoas com a mesma ocupação específica, neste caso, de estudantes.

O Colégio de Espanha destinava-se a 24 estudantes originários dos vários reinos da Península ibérica que quisessem estudar na Universidade de Bolonha, famosa pelos seus estudos em Direito Civil e Canónico. É um edifício quadrangular, organizado em redor de um pátio de arcarias com dois pisos (fig.1), de cujo volume se destaca o corpo sobrelevado da capela, a eixo da entrada e do lado oposto à mesma. Aspeto fundamental eram os vinte e quatro quartos individuais para os 24 estudantes, repartidos pelas alas laterais, em ambos os pisos (fig.2).<sup>11</sup>



Fig.1

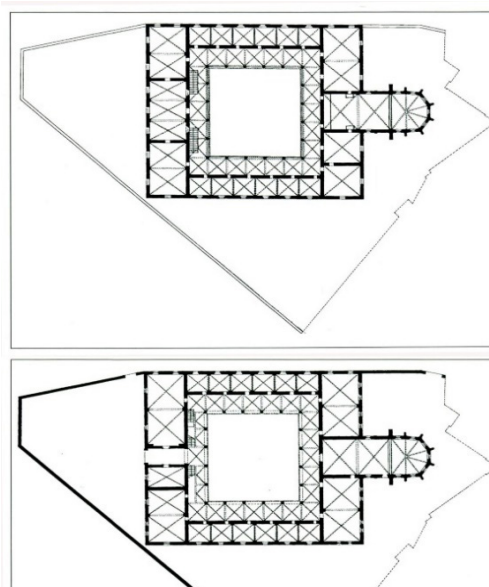


Fig.1 2

Este estabelecimento teria repercussões em Espanha, onde alguns colégios de nova planta seriam também edificados, como o de Domingo Pons (ou de Santa Maria), em Lleida (1385), ou o Colégio Velho de São Bartolomeu, em Salamanca (1417-1421). Este último sabe-se que repetia a fórmula do volume quadrangular com dois pisos disposto em redor de um pátio com galerias. Apenas a disposição da capela diferia, pois esta (com pé-direito total) localizava-se na ala da entrada à direita

<sup>10</sup> Veja-se Konrad Rückbrod, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp* (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977), 123-127. Houve, não obstante, colégios anteriores (Merton College de Oxford, Collège Saint Martial de Toulouse), que dispuseram de instalações próprias edificadas para a função colegial, mas que foram sendo levantadas de forma progressiva e, aparentemente, sem um modelo tipológico-arquitetónico coerente e global pré-definido. Veja-se outra vez Michael Kiene, “L’università nelle città europee.”

<sup>11</sup> Sobre o Colégio de Espanha, veja-se Ignacio González-Varas Ibáñez, *Dietro il muro del Collegio di Spagna* (Bolonha: Clueb, 1998).

do átrio,<sup>12</sup> uma fórmula que teria longa repercussão em Espanha, desde logo no importante e ainda existente Colégio Mayor de Santa Cruz de Valladolid (fig.3), inaugurado em 1492.<sup>13</sup>

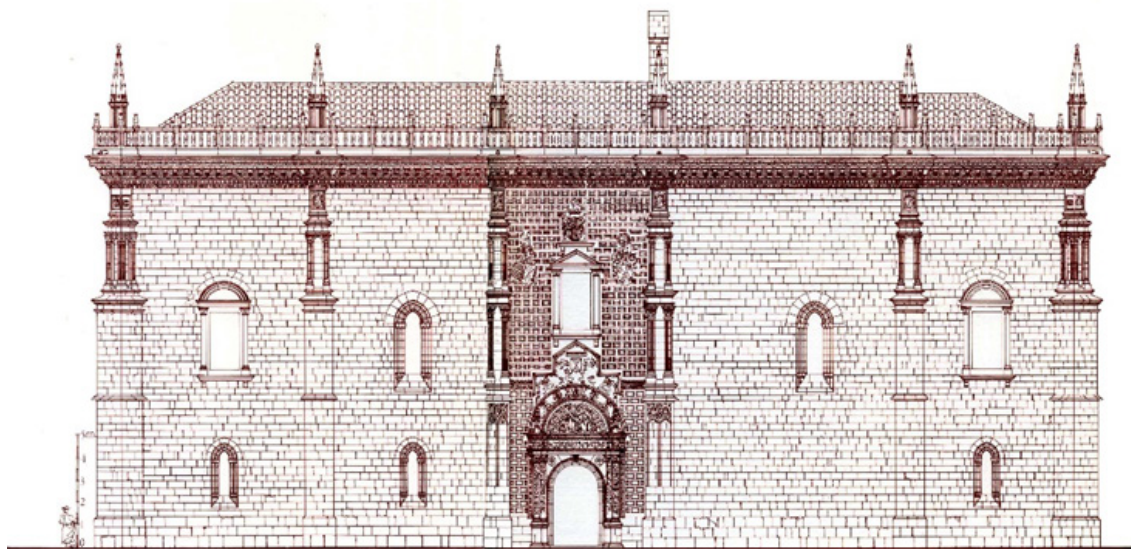


Fig.3

Como mencionou Hastings Rashdall, “o século XV é a era dos edifícios universitários”.<sup>14</sup> Isto verifica-se um pouco por toda a Europa, englobando-se neste universo tanto os colégios, edifícios com função sobretudo residencial, como os edifícios sede das escolas, que tinham sobretudo funções letivas (embora aí residisse também, normalmente, o bedel). Em Salamanca, antes mesmo da construção de um primeiro colégio de nova planta, já mencionado, o Antipapa Pedro de Luna, ou Bento XIII, exortara a universidade (nas “constituições” de 1411) a criar uma nova infraestrutura central, com pelo menos sete salas de aula, que pudesse funcionar como sede dos estudos.<sup>15</sup> Esse edifício terá ficado concluído numa primeira fase em 1433 sendo logo depois ampliado (1446-1454) de modo a completar-se o perímetro edificado em redor do pátio central quadrangular, dotado de colunas, arcadas e galerias (fig.4). Em 1479<sup>16</sup> as Escuelas Mayores dispunham, para além do átrio de entrada, salas de aulas e casa do bedel, de uma nova capela com uma primeira biblioteca sobreposta (fig.5, livraria pouco depois demolida para permitir aumentar a altura interna da capela, pelo que logo se construiu a magnífica biblioteca nova, por detrás da também nova e monumental fachada poente<sup>17</sup>).

<sup>12</sup> Veja-se María Nieves Rupérez Almajano, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya* (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003), 11-26.

<sup>13</sup> Rui Lobo, “El primitivo edificio del Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid y la consolidación del tipo colegial castellano”, *Revista Goya*, nº 352 (2015), 192-207.

<sup>14</sup> Hastings Rashdall, *The Universities of Europe in the Middle Ages* (1895, ed. F.M.Powicke e A.B. Emdem, Oxford: University Press, 1936), vol.3, 167.

<sup>15</sup> Pilar Valero García e Manuel Perez Martin, “Pedro de Luna y el Estudio salmantino”. *Studia Historica / Historia Moderna*, VIII (1990), 131-149.

<sup>16</sup> Veja-se Lobo, “A Universidade na Cidade”, 411-434.

<sup>17</sup> Veja-se Ana Castro Santamaría, *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento* (Salamanca, Caja Duero, 2002), 407-428.



Fig.4

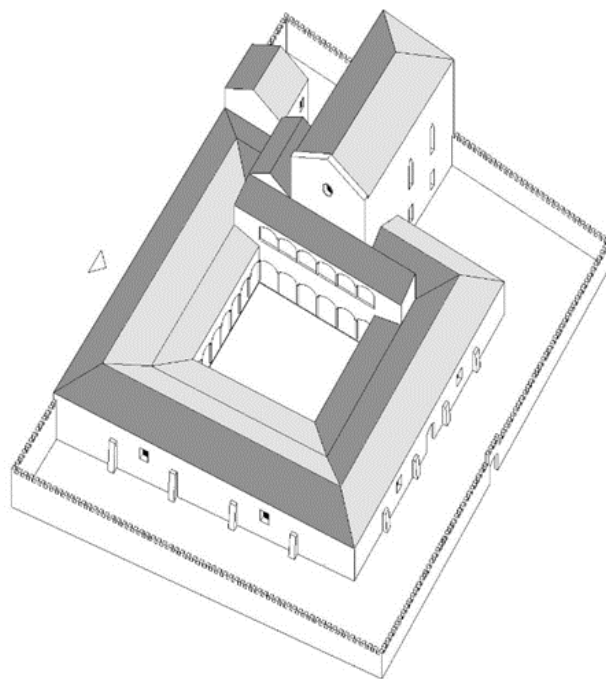


Fig.5

Outras universidades mandaram também fazer sedes próprias, casos de Valladolid<sup>18</sup> ou de Valência. Na Lisboa de D. Manuel, mudou-se a sede da universidade de umas casas junto ao castelo para um antigo paço mais abaixo, em Alfama, que havia pertencido ao Infante D. Henrique.<sup>19</sup>

Em 1476, o arcediogo Diego Lopez de Medina teve a ideia de fundar um estudo junto a um novo convento que então mandava levantar nos arredores de Sigüenza. No ano seguinte pensava já dotar o estudo de um edifício próprio, para o reitor e doze colegiais pobres, contendo salas de aula térreas e sala reitoral, quartos e capela no piso superior. Em 1489, o Papa reconhecia a instituição autorizando-a a conferir graus de licenciado, mestre e doutor. Estabelecia-se assim o primeiro Colégio-Universidade hispânico, uma universidade concentrada num único edifício – um colégio – que albergava as aulas e grande parte da função residencial associada.<sup>20</sup> Este modelo teria grande sucesso em Espanha, tanto em algumas cidades importantes até então desprovidas de estudos superiores, quer nas pequenas cidades de província, como mostram os colégios-universidade fundados nos dois séculos seguintes: St<sup>a</sup> Maria de Jesus de Sevilha, Santiago de Compostela, Granada, Oñate, Baeza, Osuna, Burgo de Osma, entre outros.

A tradição construtiva universitária ibérica teria um ponto alto com o estabelecimento *ex-novo* da Universidade de Alcalá, pelo Cardeal Francisco Jiménez de Cisneros, a partir de 1499. Centrada no Colégio-Universidade de San Ildefonso,<sup>21</sup> que era a entidade que regia a própria academia, a Universidade de Alcalá não se limitaria, porém, ao edifício central. Cisneros idealizou um verdadeiro bairro universitário levantado de raiz, a oriente da praça do mercado (figs. 6-7) e dentro de uma expansão recente do recinto amuralhado (simultaneamente dentro e apartado da cidade, como definira Alfonso X), irrigado por duas ruas principais pré-existentes, e que incluía colégios menores em redor do colégio central, casas para os professores e livreiros, uma sala de actos ou “paraninfo”, e espaço para a instalação de uma série de outros colégios, das ordens religiosas ou fundados por prelados, que se foram estabelecendo ao longo dos dois séculos seguintes:<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> Veja-se Maria José Redondo Cantera, *Una Casa para la Sabiduría* (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002); e José Ignacio Sánchez Rivera, *Aedificavit. Los edificios históricos de la Universidad de Valladolid* (Valladolid, Universidad de Valladolid, 2007).

<sup>19</sup> Veja-se Rui Lobo, “As quatro sedes do Estudo Geral de Lisboa (1290-1537)”, em *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, coord. Hermenegildo Fernandes (Lisboa: Universidade de Lisboa / FCG / Tinta da China, 2013), 267-304.

<sup>20</sup> Veja-se sobre este assunto Lobo, “A Universidade na Cidade”, 243-249 e 435-447.

<sup>21</sup> Veja-se, entre outras referências, Miguel Ángel Castillo Oreja, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares* (Madrid, Edascal, 1980).

<sup>22</sup> Lobo, “A Universidade na Cidade”, 257-317 e 580-585.

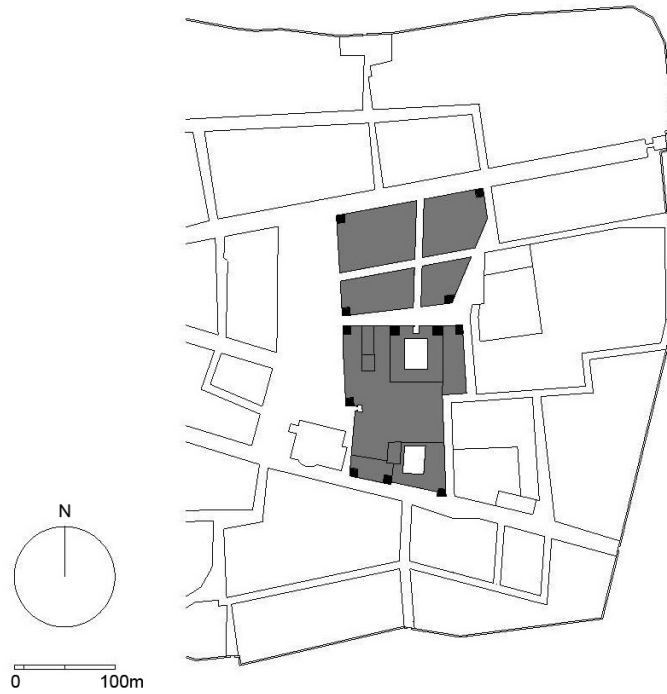


Fig.6



Fig.7

Não são conhecidos outros empreendimentos universitários semelhantes e anteriores que tenham tido algum grau de sucesso. Podem apenas referir-se as tentativas falhadas de estabelecimento de um bairro universitário em Kasimierz, nos arredores de Cracóvia, pelo rei Casimiro o Grande (c.1361), e em Viena pelo duque da Áustria, Rodolfo IV (em 1365, ano em que acabou por

falecer).<sup>23</sup> Deste modo, o bairro universitário de Cisneros, no seu núcleo inicial, pode considerar-se o primeiro bairro universitário construído de raiz, na Europa e em todo o mundo.

Em Portugal, poucos anos volvidos, em 1537, D. João III procuraria refundar a Universidade Portuguesa com a transferência da academia de Lisboa para Coimbra, iniciativa que contou com uma forte componente arquitetónica e infraestrutural. Com o apoio do Mosteiro de Santa Cruz, onde chegou a equacionar sediar a universidade, e do Prior frei Brás de Braga, concertou com este a abertura da Rua de Santa Sofia, à imagem da parisiense Rue de Sorbonne, destinada (em Coimbra) aos colégios universitários estabelecidos por prelados e pelas ordens religiosas (fig.8). Percebendo a potencial confusão entre duas entidades – o mosteiro e a universidade – o monarca acabaria por promover a construção de um bairro universitário na parte alta da cidade, à maneira de Alcalá, em torno de um terreno que cedeu para a construção de um novo edifício universitário central. O desenlace desta história é bem conhecido. Na Rua da Sofia ficariam os estudos menores, com a instituição paralela do primeiro Colégio das Artes, edifício nunca concluído. O terreno destinado à Universidade, na Alta, seria cedido aos Jesuítas, que nele construiriam (a partir de 1547) o seu megacomplexo colegial. A universidade seria provisoriamente instalada no Paço Real da cidade, até à aquisição definitiva deste imóvel em 1597.<sup>24</sup>



Fig.8

Foram também edificados na Península ibérica, a partir do início do século XVI, alguns dos primeiros edifícios próprios para as “escolas menores”, associadas às universidades, ou seja, para o ensino das Artes e das Humanidades, edifícios dotados de amplos pátios rodeados de arcarias e de salas de aulas. Falamos das Escolas Menores de Salamanca, cuja importante reconstrução termi-

<sup>23</sup> Ibidem, 80-83.

<sup>o</sup> Veja-se António Filipe Pimentel, *A Morada da Sabedoria* (Coimbra: Almedina, 2005).

nou em 1533, ou do já mencionado Colégio das Artes da Rua da Sofia, levantado a partir de 1548. Este último seria entregue aos jesuítas em 1555, que usariam o modelo do amplo pátio quadrado (previsto, mas não concluído, na Rua da Sofia) para a construção dos amplos pátios escolares do Colégio-Universidade de Évora e do segundo Colégio das Artes, edificado paralelamente ao Colégio de Jesus, na cidade alta de Coimbra

Os jesuítas dominariam a Faculdade de Artes das universidades ibéricas no par de séculos seguinte, e deixariam a marca desse domínio com a construção dos espetaculares complexos colegiais, levantados a partir de meados do século XVI e até inícios do século XVIII em Coimbra, Salamanca, Alcalá e outras cidades universitárias e não universitárias (como Lisboa e Madrid), e que teriam também repercussão notável na América Latina.

A partir de meados do XVIII, o forte desenvolvimento económico, social e científico dos estados do centro e norte da Europa, em particular da França, da Inglaterra e dos estados alemães, e norte-italianos, iria permitir a implementação de novas e importantes infraestruturas universitárias com forte impacto urbano, casos das amplas sedes universitárias ou sedes de faculdades, dotadas de amplas salas de aula, ou ainda de observatórios, laboratórios, jardins botânicos, entre outros. Neste período, os estados ibéricos esforçaram-se por acompanhar estas inovações, sendo que a passagem lenta e tardia do paradigma da universidade tomista para o da universidade napoleónica e depois politécnica (para usarmos a nomenclatura sistematizada por Roberto Fernández<sup>25</sup>) não permitiu às instituições universitárias ibéricas manter o mesmo protagonismo de inovação arquitetónica e tipológica, e também de impacto urbano, que haviam conseguido nos séculos anteriores. Podem referir-se, ainda assim, importantes intervenções iluministas ao nível das arquiteturas universitária e científica ibéricas, como a Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra (apenas lograda parcialmente quanto aos projetos arquitetónicos que foram pensados), ou o notável edifício do Real Colégio de Cirurgia de Barcelona, a sede neoclássica da Universidade de Toledo, ou ainda o Observatório Astronómico de Madrid, entre outras.

O declínio relativo dos reinos ibéricos face aos estados da Europa Central acentuou-se com o decorrer do século XIX, em particular após as invasões napoleónicas, as guerras civis constitucionais e liberais e a perda das colónias americanas, o que implicou uma falta de investimento adequado às instituições universitárias e científicas que conseguiram sobreviver, ou que surgiram, após este período conturbado. Podemos destacar neste século, entre outros, os edifícios da Academia Politécnica do Porto, da Universidade Central de Madrid, da Escola Politécnica de Lisboa, da reinstituída Universidade de Barcelona (fig.9), da Faculdade de Medicina e Ciências da Universidade de Saragoça ou a nova sede da Universidade de Valladolid, esta última já do início do século XX.

---

<sup>25</sup> Veja-se outra vez Fernández, “Nueva universidad – nueva ciudad”, 118 e 122.



Fig.9

No século XX, a arquitetura universitária não deixou de ter protagonismo em Espanha e Portugal, com conjuntos e intervenções impactantes, como a Cidade Universitária de Madrid (Modesto López Otero, 1928, baseada no modelo do campus norte-americano, fig.10),<sup>26</sup> a Cidade Universitária de Coimbra (José Ângelo Cottinelli Telmo, 1943, baseada no modelo da Universidade de Roma de Piacentini, imposto sobre o antigo bairro alto universitário que foi demolido, fig.11),<sup>27</sup> as megaestruturas das universidades laborais de Gijón (em estilo pesado e conservador) ou de Cheste, em Valência (um belíssimo campus brutalista moderno) ou ainda do notável esforço de criação de múltiplos campi, estabelecidos em ambos os países, imediatamente antes e logo depois dos processos paralelos de democratização, ocorridos em meados da década de 1970.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Veja-se Pilar Chías Navarro, *La Ciudad Universitaria de Madrid, génesis y realización* (Madrid: Editorial Complutense, 1986); e Pablo Campos Calvo-Sotelo, *El viaje de la Utopía* (Madrid: Editorial Complutense, 2002).

<sup>27</sup> Veja-se Nuno Rosmaninho, *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006).

<sup>28</sup> Veja-se, sobre este tema, Pablo Campos Calvo-Sotelo, *La Universidad en España: historia, urbanismo, arquitectura* (Madrid: Ministerio de Fomento, 2001); e Madalena da Cunha Matos, "As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal" (Tese de doutoramento, IST-Lisboa, 1999).

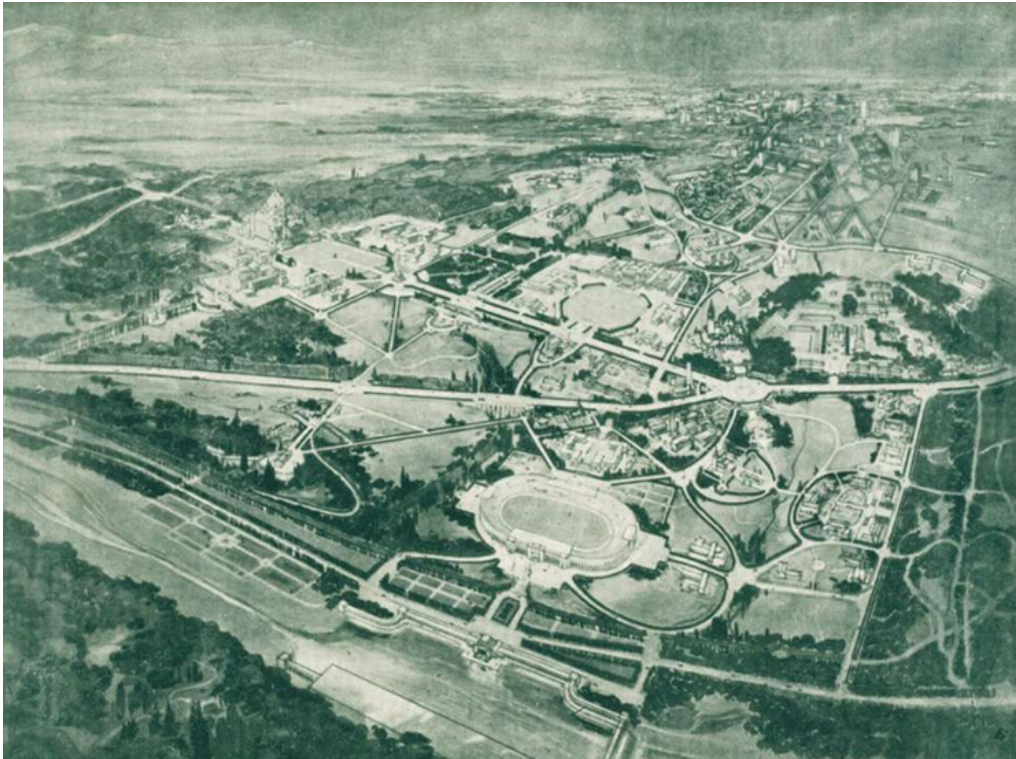


Fig.10



Fig.11

## 2. A Universidade na Ibero-américa

As primeiras universidades americanas foram as criadas na hispano-América. Com efeito, antes mesmo do estabelecimento das primeiras universidades americanas anglo-saxónicas (Harvard, em 1636 y el William and Mary College, em 1695), já existiam várias universidades hispânicas no Novo Mundo, como as de Santo Domingo (universidade dominicana, de 1538), Lima e México (universidades régias, ambas de 1551), e outras ainda que se fundaram seguidamente.<sup>29</sup>

A tradição construtiva universitária hispânica acabaria por influir no estabelecimento de edifícios próprios e autónomos para estas instituições, ainda que nem sempre no momento inicial – a Universidade de Santo Domingo funcionou em espaços associados ao convento dos dominicanos que lhe deu origem<sup>30</sup> e a Universidade de São Marcos de Lima, por exemplo, funcionou durante muitos anos na sala do capítulo do grande convento, também dominicano, a que estava associada, antes mesmo de ter direito a um edifício próprio adjacente ao convento.<sup>31</sup>

Mais interessante, do ponto de vista construtivo e da arquitetura, é o da Universidade do México, que em 1584 começou a levantar um edifício próprio, de razoáveis dimensões, no centro da grelha urbana da cidade colonial, na *manzana* imediatamente a sul do Palácio dos Vice-Reis (junto da praça do Zócalo, portanto) e que beneficiou também do facto de ter o resto do quarteirão vazio, o que permitia enfatizar a presença urbana da instituição dominando a praça resultante, a *Plaza del Volador* (figs. 12-13).<sup>32</sup> A universidade mexicana contou ainda com uma rede de colégios associados no bairro central da cidade, da qual acabou por se destacar o jesuíta de San Pedro e San Pablo, mais tarde integrado no novo *Colégio-Universidad* de Santo Ildefonso, obra de início do século XVIII e de enormes dimensões, verdadeira megaestrutura intraurbana que se estende por três amplos pátios com vários pisos sobrepostos.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> Veja-se novamente a nota 1.

<sup>30</sup> Veja-se Juan Francisco Sánchez, *La Universidad de Santo Domingo* (Ciudad Trujillo: Impresora Dominicana, 1955).

<sup>31</sup> Veja-se Carlos Daniel Valcárcel, *San Marcos, Universidad Decana de América* (Lima: UNMSM, 1968).

<sup>32</sup> Sobre o edifício da Universidade do México, veja-se, entre outras referências, Vicente T. Mendoza, *Vida y costumbres de la Universidad de México* (Ciudad de México: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951); e Alberto María Carreño, *La Real y Pontificia Universidad de México 1536-1865* (Ciudad de México: UNAM, 1961).

<sup>33</sup> José Rojas Garcidueñas, *El antiguo Colegio de San Ildefonso* (Ciudad de México: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951).



Fig.12



Fig.13

Tiveram também edifícios-sedes civis a Universidade de Santiago de la Paz de Santo Domingo (fundada em 1558 e sediada no Colégio de Gorjón, edifício que ainda subsiste), que procurou concorrer com a outra universidade local, dos dominicanos, a pequena Universidade de Huamanga/Ayacucho no Perú (criada em 1677), ou a Universidade de San Carlos na cidade velha da Guatemala (fundada em 1676) com um imóvel notável, edificado em 1758-63 (fig.14).<sup>34</sup> Isto num panorama geral onde as ordens religiosas – dominicanos agostinhos e sobretudo os jesuítas – acabaram sempre por desempenhar um papel central, em prejuízo da afirmação e reforço de uma arquitetura universitária própria, pois as instituições quase sempre se iam instalando em dependências internas de grandes casas religiosas, que pertenciam mais à arquitetura conventual que propriamente à arquitetura universitária. Neste quadro cabe destacar a *manzana* jesuítica de Córdoba na Argentina, também Património Mundial da UNESCO, cuja classificação (a par das missões jesuíticas no entorno rural da cidade) valorizou a infraestrutura religiosa, económica, educativa e cultural que este estabelecimento representa e a fusão das culturas europeia e indígena.<sup>35</sup> Esse património integra também os espaços da primeira universidade argentina, que funcionou num edifício próprio dotado de amplo pátio, ainda que enquadrado no complexo inaciano mais alargado.



Fig.14

A independência de grande parte dos territórios coloniais, a partir de inícios do século XIX, e a implementação do sistema napoleónico de especialização científica, viu surgir nas capitais e

<sup>34</sup> Veja-se Ricardo Castañeda Paganini, *Historia de la Real y Pontificia Universidad de San Carlos de Guatemala. Ciudad de Guatemala (La tipografía nacional, 1947)*.

<sup>35</sup> <https://whc.unesco.org/en/list/995/>

principais cidades dos novos países, um conjunto de sedes universitárias e sobretudo de faculdades (em particular de Direito e de Medicina, fig.15) e de escolas (como as politécnicas ou de engenharia), que replicavam o modelo do palácio universitário novecentista europeu, espalhadas na cidade, em redor dos núcleos urbanos originais (ou mesmo fora, como as escolas agrárias), e que acabariam por dar origem, num registo de infraestruturas dispersas pela cidade, às grandes universidades nacionais ou estaduais da América Latina, no século XIX e inícios do século XX – casos das universidades de Buenos Aires (1821), do Rio de Janeiro (1920), do México (1910 e 1929, como UNAM), ou ainda da de São Paulo (1934). Outras ainda foram dotadas de amplos “palácios” centrais, como em Santiago do Chile (“Casa Central”, 1872), Caracas (“Palácio de las Academias”, 1876, neogótico) ou Montevideo (“Casa Mayor”, 1911), ou mesmo de novos Campus, como o de Havana (1902), de gosto neoclássico (fig.16). Este processo de centralização organizativa foi acompanhado pelo surgimento de movimentos a favor da maior autonomia e democratização das universidades ibero-americanas, como o que resultou da Reforma Universitária de Córdoba (Argentina) de 1918, que pugnou pela abertura generalizada de novas universidades, de carácter público, em toda a América Latina.<sup>36</sup>



Fig.15

<sup>36</sup> Veja-se Ramón Gutiérrez (coord.), *El pensamiento americanista en tiempos de la Reforma Universitaria* (Buenos Aires, Cedodal, 2018).



Fig.16

Esse momento de reorganização e associação institucional, levou a que as autoridades procurassem soluções que integrassem as várias escolas e faculdades em conjuntos alargados, com melhor funcionalidade, e com o propósito de conferir às novas universidades um novo caráter e uma identidade. A médio prazo, o modelo a que se recorreu foi sobretudo o do *Campus* universitário norte americano (na sua origem mais devedor do desenho de grande composição, tipo “*City Beautiful*”, adornado de relvados e espaços verdes arborizados) já sob a sua versão mais atualizada de “cidade universitária moderna” (com uma distribuição mais serial e sistemática dos edifícios e pavilhões sobre grandes relvados contínuos). Eram deste tipo os projetos “corbusieranos” (da década de 1930) para as cidades universitárias de Buenos Aires<sup>37</sup> e Rio de Janeiro,<sup>38</sup> que não tiveram aplicação imediata, mas que seriam concretizados mais tarde (sobretudo no caso do Rio), segundo os mesmos princípios, e de acordo com novos projetos realizados por equipas locais (fig.17).<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Veja-se Adriana Collado e Sofía Rotman, “Arquitectura moderna y Universidad en Argentina. Ensayos proyectuales, 1938-1948”, em *Hábitat, espacios y objetos. Nuevas perspectivas de investigación en diseño*, coord. Guadalupe Salazar González (San Luís Potosí: Universidad Autónoma, 2019), 243-260.

<sup>38</sup> Klaus Chaves Alberto, “Três projetos para uma Universidade do Brasil” (Tese de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003).

<sup>39</sup> Para o caso do Rio de Janeiro veja-se Débora Posthinger, “Jorge Machado Moreira e o projeto da cidade universitária da Universidade do Brasil, 1949-1952” (Tese de Mestrado, UFRGS, 2012).



Fig.17

Novas “cidades universitárias” modernas foram as da Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá (levantada a partir de 1935), Universidade Central de Venezuela (UCV) em Caracas (1945-1954) e Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM, levantada em 1948-1956).<sup>40</sup> Resultaram da angariação de amplos terrenos na periferia imediata dos centros metropolitanos, sobressaindo os espaços verdes e os modernos complexos desportivos associados. Destacam-se, nas duas últimas (UCV e UNAM), o envolvimento de importantes equipas de arquitetos, engenheiros e paisagistas, e a integração das artes na elaboração dos edifícios e dos espaços, no que podemos considerar como obras de arte total. Em Caracas, obra dirigida pelo arquiteto Carlos Raul Villanueva,<sup>41</sup> sobressaíam o grande auditório central da Universidade (com as escultóricas peças de regulação acústica elaboradas por Alexander Calder) e os vanguardistas passadiços pedonais que cruzam os amplos espaços verdes, cobertos por estruturas de betão pré-esforçado (fig.18). Na UNAM, cujo plano geral foi desenhado pelos arquitetos Enrique del Moral e Mario Pani, com projeto coordenado por Carlos Lazo Barreiro, destaca-se a alta torre cega da biblioteca central (dos arquitetos Juan O’Gorman, Juan Martínez de Velasco e Gustavo Saavedra) revestida com enormes composições de mosaicos evocativas do passado pré-colombiano do México e que, ao mesmo tempo, dava sequência à recente “tradição” das grandes pinturas dos muralistas mexicanos (fig.19). Essa “união” das artes foi justamente um dos fatores tidos em conta pela UNESCO na classificação de ambas as cidades universitárias como Património Mundial da Humanidade, em 2000 (UCV) e 2007 (UNAM).<sup>42</sup>

<sup>40</sup> Hugo Segawa, “Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962”. *Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura*, n.7 (1999), 38-47.

<sup>41</sup> Sobre a obra de Villanueva, veja-se Juan Pérez Hernández, *Vida y Obra de Carlos Raúl Villanueva Astoul* (Caracas: UCV, 2017).

<sup>42</sup> Veja-se <https://whc.unesco.org/es/list/986> e <https://whc.unesco.org/es/list/1250>.



Fig.18



Fig.19

Outras universidades nacionais e federais foram também dotadas de novos e amplos *campi* modernos de que podemos talvez destacar o da Universidade Nacional de Córdoba, Argentina, o Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília, ou o da UFMG em Belo Horizonte, entre

outros. Em São Paulo ficou por concluir o *Corredor das Humanas*,<sup>43</sup> do qual apenas se construíram duas faculdades (das quatro originalmente previstas), entre as quais a formidável Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Vilanova Artigas (1961-69). Podemos, pois, afirmar que os numerosos (e, por vezes, magníficos) *campi* universitários ibero-americanos de meados do século XX desenvolvem uma nova dinâmica, já própria da América Latina.

A esta dinâmica podemos ainda juntar uma etapa final, que infelizmente, e em grande medida, não se cumpriu – a etapa megaestrutural. Esta teria tido certamente mais expressão caso se tivesse concretizado o extraordinário projeto para o Campus de San Javier da Universidade Nacional de Tucumán, dos arquitetos Jorge Vivanco, Horácio Caminos e Eduardo Sacriste, de finais da década de 1940 e cuja obra se interrompeu em 1952.<sup>44</sup> Destacam-se, neste projeto, o edifício do centro comunal (não realizado) e o bloco residencial de 480 metros de comprimento (fig.20), de que se levantou apenas a estrutura, em betão, de uma terça parte. Lógicas mega-estruturais seriam efetivamente aplicadas no edifício do Instituto Central das Ciências, em Brasília (de Óscar Niemeyer, 1963-71) ou estiveram novamente previstas, caso do projeto vencedor do concurso para o Campus San Joaquín da PUC (German Brandes, de 1963) em Santiago do Chile.<sup>45</sup>

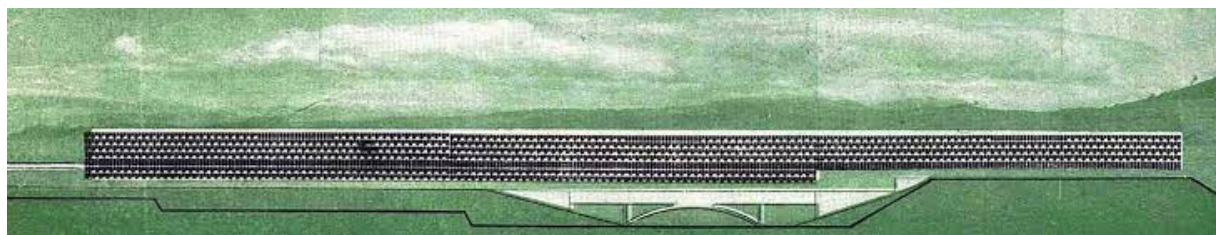


fig.20

## Epílogo

Paul Venable Turner referiu-se ao *Campus* universitário norte-americano como uma entidade espacial e funcional própria dos EUA, que dava resposta às necessidades, não só escolares, mas também residenciais, do dia-a-dia e do lazer de uma determinada comunidade universitária, cujos edifícios eram implantados no campo ou mesmo em território por desbravar.<sup>46</sup> Como escreveu Werner Hegemann em 1925 (e como observou Turner), um *Campus* é “um pedaço de terra que está coberto pelos edifícios de uma universidade americana”.<sup>47</sup>

<sup>43</sup> Alice Viggiani et al, *Corredor das Humanas. A poesia que poderia ter sido e não foi* (São Paulo: Grêmio da FAUUSP, 2009).

<sup>44</sup> Veja-se Susana Villavicencio, “La Ciudad Universitaria de Tucumán: contexto y circunstancias de una utopía”. In *Arquitecturas del Sur*, vol.37, nº55 (2019), 6-19.

<sup>45</sup> Veja-se a comunicação de Anna Braghini à mesa 46 do III Congreso de la Asociación Iberoamericana de Historia Urbana, Madrid, 23 de novembro de 2022: “El concepto de escala en el proyecto de ciudades universitarias en el Cono Sur entre 1947 y 1963: la Ciudad Universitaria de Tucumán y el proyecto del Campus San Joaquín, Pontificia Universidad Católica de Chile”.

<sup>46</sup> Paul Venable Turner, *Campus, an American planning tradition* (Cambridge-MA: MIT Press, 1990), 3-7.

<sup>47</sup> Werner Hegemann, *Amerikanische Architektur und Stadtbaukunst* (Berlim, E.Wasmuth A-G, 1925), 87 (apud Turner, *Campus*, 4).

No presente ensaio, procurámos resumir, em breves linhas, mais de sete séculos de uma atividade construtiva, arquitetónica e urbanística quase sempre original, que acompanhou continuamente a universidade ibérica, e depois também a universidade ibero-americana, como universidade pioneira do Novo Mundo. Essa tradição prossegue nos dias de hoje, de ambos os lados do Atlântico, ancorada simbolicamente nas quatro universidades ibero-americanas, reconhecidas pela UNESCO como património Mundial da Humanidade.

Venable Turner referiu-se ao *Campus*, no título do seu famoso livro, como “uma tradição arquitetónica americana”. Talvez paralelamente, e com propriedade, nos possamos referir, à “Universidade” como uma tradição arquitetónica e urbanística ibérica e ibero-americana, com lastro amplo e em permanente renovação.

## Bibliografia

ALBERTO, Klaus Chaves, “Três projetos para uma Universidade do Brasil”, Tese de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

ALFONSO X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso (c.1265)*. Valladolid: Casa de Diego Fernández de Córdoba (ed. Gregorio López), 1555.

BRAGHINI, Anna, “El concepto de escala en el proyecto de ciudades universitarias en el Cono Sur entre 1947 y 1963: la Ciudad Universitaria de Tucumán y el proyecto del Campus San Joaquín, Pontificia Universidad Católica de Chile”, comunicação à Mesa 46, III Congreso de la Asociación Iberoamericana de Historia Urbana, Madrid, 23.11.2022.

CAMPOS CALVO-SOTELO, Pablo, *La Universidad en España: historia, urbanismo, arquitectura*. Madrid: Ministerio de Fomento, 2001.

CAMPOS CALVO-SOTELO, Pablo, *El viaje de la Utopía*. Madrid: Editorial Complutense, 2002.

CARREÑO, Alberto María, *La Real y Pontificia Universidad de México 1536-1865*. Ciudad de México: UNAM, 1961.

CASTAÑEDA PAGANINI, Ricardo, *Historia de la Real y Pontificia Universidad de San Carlos de Guatemala*. Ciudad de Guatemala: La tipografía nacional, 1947.

CASTILLO OREJA, Miguel Ángel, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares*. Madrid, Edascal, 1980.

CASTRO SANTAMARÍA, Ana, *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento*. Salamanca, Caja Duero, 2002.

CZAJKOWSKI, Jorge, *Jorge Machado Moreira*. CAURJ: Rio de Janeiro, 1999.

COLLADO, Adriana e ROTMAN, Sofía, “Arquitectura moderna y Universidad en Argentina. Ensayos proyectuales, 1938-1948”, em *Hábitat, espacios y objetos. Nuevas perspectivas de investigación en diseño*, coord. Guadalupe Salazar González, 243-260. San Luis Potosí: Universidad Autónoma. 2019.

FERNÁNDEZ, Roberto, “Nueva universidad – nueva ciudad. Notas sobre las transformaciones históricas de la universidad”, em *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía, 1293-1993*, coord. Carlos Clemente, Joaquín Ibáñez, 117-128. Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995.

GONZÁLEZ-VARAS IBÁÑEZ, Ignacio, *Dietro il muro del Collegio di Spagna*. Bolonha: Clueb, 1998.

GUTIÉRREZ, Ramón (coord.), *El pensamiento americanista en tiempos de la Reforma Universitaria*. Buenos Aires, Cedodal, 2018.

HEGEMANN, Werner, *Amerikanische Architektur und Stadtbaukunst*. Berlin, E. Wasmuth A-G, 1925.

KIENE, Michael, “L’università nelle città europee: l’architettura universitaria”, em *Le Università dell’Europa. Gli Uomini e i Luoghi. Secolo XII-XVIII*, coord. Gian Paolo Brizzi e Jacques Verger, 21-49. Milano: Silvana Editoriale. 1993.

LOBO, Rui, “A Universidade na Cidade. Urbanismo e arquitectura universitários na Península Ibérica da Idade Média e da primeira Idade Moderna”, Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, 2010.

- LOBO, Rui, “As quatro sedes do Estudo Geral de Lisboa (1290-1537)”, em *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, coord. Hermenegildo Fernandes, 267-304. Lisboa: Universidade de Lisboa / FCG / Tinta da China, 2013.
- LOBO, Rui, “El primitivo edificio del Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid y la consolidación del tipo colegial castellano”, *Revista Goya*, nº 352 (2015), 192-207.
- LOBO, Rui, “Edificios Universitarios de España y Portugal en los siglos XV y XVI”, em *III Simposio Internacional de Arte y Arquitectura Universitaria Patrimonio Mundial – El Cardenal Cisneros, promotor de las artes. Su legado patrimonial*, dir. Javier Rivera Blanco, 155-190. Alcalá de Henares: Editorial Universidad de Alcalá, 2021.
- MATOS, Madalena da Cunha, “As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal”, *Tese de doutoramento*, IST-Lisboa, 1999.
- MENDOZA, Vicente T., *Vida y costumbres de la Universidad de México. Ciudad de México: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas*, 1951.
- PÉREZ HERNÁNDEZ, Juan, *Vida y Obra de Carlos Raúl Villanueva Astoul*. Caracas: UCV, 2017.
- PIMENTEL, António Filipe, *A Morada da Sabedoria. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Coimbra: Almedina, 2005.
- POSTHINGER, Débora, “Jorge Machado Moreira e o projeto da cidade universitária da Universidade do Brasil, 1949-1952” *Tese de Mestrado*, UFRGS, 2012.
- RASHDALL, Hastings, *The Universities of Europe in the Middle Ages (1895)*, ed. F.M.Powicke e A.B. Emdem, Oxford: University Press, 1936, 3 vols.
- REDONDO CANTERA, Maria José, *Una Casa para la Sabiduría. El edificio histórico de la Universidad de Valladolid*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002.
- RODRÍGUEZ CRUZ, Águeda, *Historia de las Universidades hispanoamericanas. Periodo hispánico*. Bogotá: Patronato Colombiano de Artes y Ciencias, 1973, 2 vols.
- RODRÍGUEZ CRUZ, Águeda, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005.
- ROJAS GARCIDUEÑAS, José, *El antiguo Colegio de San Ildefonso*. Ciudad de México: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951.
- ROSMANINHO, Nuno, *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006.
- ROSMANINHO, Nuno, “Cidade Universitária de Coimbra: património e exaltação”, em *Revista Portuguesa de História*, nº45 (2014), 629-646.
- RÜCKBROD, Konrad, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.
- RUPÉREZ ALMAJANO, María Nieves, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.
- SÁNCHEZ, Juan Francisco, *La Universidad de Santo Domingo*. Ciudad Trujillo: Impresora Dominicana, 1955.
- SÁNCHEZ RIVERA, José Ignacio, *Aedificavit. Los edificios históricos de la Universidad de Valladolid*. Valladolid, Universidad de Valladolid, 2007.
- SEGAWA, Hugo, “Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962”. *Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura*, n.7 (1999), 38-47.
- TURNER, Paul Venable, *Campus, an American planning tradition*. Cambridge-MA: MIT Press, 1990.
- VALCÁRCEL, Carlos Daniel, *San Marcos, Universidad Decana de América*. Lima: UNMSM, 1968.
- VALERO GARCÍA, Pilar e PÉREZ MARTIN, Manuel, “Pedro de Luna y el Estudio salmantino”. *Studia Historica / Historia Moderna*, VIII (1990), 131-149.
- VASCONCELOS, António de, “D. Denis, decorridos 18 anos sobre a fundação da Universidade, fixa em Coimbra a sede da mesma”. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol.II (fevereiro de 1914), 604-636.
- VERGER, Jacques, “Modelos”, em *Uma História da Universidade na Europa*, coord. Walter Rüegg, vol.I, 33-63. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

VIGGIANI, Alice & Amanda Carvalho, André Leal, Estevão Sabatier, Gabriela Deleu, Guilherme Pianca, Ilana Tschipschin, Iaura Nakel, Luisa Strauss, Maira Fernandes, Nídia Paiva, Taís Alves, *Corredor das Humanas. A poesia que poderia ter sido e não foi*. São Paulo: Grêmio da FAUUSP, 2009.

VILLAVICENCIO, Susana, "La Ciudad Universitaria de Tucumán: contexto y circunstancias de una utopía". In *Arquitecturas del Sur*, vol.37, nº55 (2019), 6-19.

<https://whc.unesco.org/en/list/995/>

<https://whc.unesco.org/es/list/986>

<https://whc.unesco.org/es/list/1250>.

## Lista de figuras

Fig.1: Colégio de Espanha, Bolonha (foto do autor, 2015).

Fig.2: Colégio de Espanha: plantas dos pisos alto e térreo (desenhos de R. Terra, publicados por A. Serra Desfilis, 1992).

Fig.3: Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid. Reconstituição da fachada original (imagem do autor, a partir de desenho de reconstituição original de L. Cervera Vera, 1982).

Fig.4: Evolução das Escuelas Mayores de Salamanca, em 1418, 1433 e 1479 (desenho do autor, 2010).

Fig.5: Reconstituição das Escuelas Mayores de Salamanca em 1496 (desenho do autor, 2021).

Fig.6: Reconstituição conjectural do bairro universitário de Alcalá de Henares em 1518 (desenho do autor, 2010).

Fig.7: Maqueta de reconstituição de Alcalá de Henares em meados do século XVI. Detalhe da *Plaza del Mercado* e do bairro universitário (Universidade de Alcalá de Henares, foto del autor).

Fig.8: Rua da Sofia, Coimbra, c<sup>a</sup> 1875 (foto arquivo Alexandre Ramires).

Fig.9: Edifício da Universidade de Barcelona, arquiteto Elies Rogent (década de 1870, foto Pinterest).

Fig.10: Perspetiva do projeto para Cidade Universitária de Madrid, arq. Modesto López Otero, 1928 (Universidade Complutense de Madrid).

Fig.11: Maqueta da Cidade Universitária de Coimbra, c.1951 (foto de Horácio Novais, NATCE - Núcleo do Arquivo Técnico das Construções Escolares, publicada em Rosmaninho, 2014).

Fig.12: Edifício antigo da Universidade do México representado na planta da Cidade do México de 1737, de Pedro de Arrieta (detalhe, Museo Nacional de Historia, Cidade do México).

Fig.13: Pátio do antigo edifício da Universidade do México (gravura de Pietro Gualdi, 1851).

Fig.14: Edifício da *Universidad de San Carlos* na antiga Cidade de Guatemala (foto de Mario Ceballos, 2017).

Fig.15: Antiga Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, atualmente Faculdade de Ciências Económicas (bilhete postal antigo).

Fig.16: Universidade de Havana (foto do *Ministerio de Obras Públicas*, 1941 / Pinterest).

Fig.17: Plano geral para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, Jorge Machado Moreira (publicado em Czajkowski, 1999).

Fig.18: Passadiço coberto no Campus da *Universidad Central de Venezuela*, Caracas (foto de Wikimedia Commons/Wilfredor, 2014).

Fig.19: Cidade Universitária da UNAM (foto de Wikimedia Commons/Eneas de Troya, 2011).

Fig.20: Projeto do edificio residencial no *Cerro San Javier*, Universidad de Tucumán, Argentina, arqs. Jorge Vivanco, Eduardo Sacriste e Horacio Caminos (publicado em Villavicencio, 2019).

## *Agradecimentos*

O autor deseja expressar o seu agradecimento a Adriana Collado, Mario Ceballos, Pablo Campos Calvo-Sotelo e a Nuno Rosmaninho.

# THE UNIVERSITY AS AN IBERIAN AND IBERO-AMERICAN ARCHITECTURAL AND URBANISTIC “TRADITION”<sup>\*</sup>

*Rui Lobo<sup>1</sup>*

## *Abstract*

The first universities in the New World were not those in British North America, but those created in Spanish America, such as Santo Domingo (1538), Lima and Mexico City (1551), debtors of an innovative and previous Iberian university experience. In more recent times, the large and numerous Ibero-American university campuses of the 20<sup>th</sup> century (two of them “World Heritage” by UNESCO) embodied a new and modern dynamism, typical of Latin America. In this way, we can say (in parallel with the North American “tradition” of the Campus, proposed by Paul Venable Turner) that the University has been, for a long time, an Iberian architectural and urbanistic “tradition” – and also an Ibero-American one.

**Key words:** Iberian University, Ibero-American University, university architecture, university city, college.

y written in Spanish, as the text of a communication to table 46 of the III Congress of the Ibero-American Association of Urban History, which took place in Madrid, from 22<sup>nd</sup> to 25<sup>th</sup>, November 2022, for publication in the respective proceedings. Regarding the present text, some images have been changed and others added. The first lines were also changed in order to be adapted to this publication. Other punctual changes were also introduced.

---

<sup>1</sup> Center for Social Studies / Department of Architecture - University of Coimbra

## Introduction

For this text, and with regard to a reflection requested by the editors of the first issue of the new PHI Network Journal, on the importance of university architectural heritage in the Ibero-American context, we will try to briefly systematize the broad architectural and urban tradition that was associated, from the beginning, with the Iberian and also with the Ibero-American university – the latter from the middle of the 16th century, with the foundation of the universities of Santo Domingo (1538), Lima and Mexico City (both in 1551), the first universities in the New World<sup>2</sup>.

Indeed, we think that the Iberian and Ibero-American university phenomenon can only be fully understood if we realize its architectural and urbanistic dimension, which was, almost always, *avant-garde*. In fact, and from the outset, we can verify the Iberian condition of:

- a first comprehensive theorization about the cities and places where the studies should be implemented (title XXXI of the second of the *Siete Partidas* of King Alfonso X of Castile and León);
- one of the first constructions probably built from scratch to serve as the university headquarters (the building of the Coimbra *studium generale*, from 1308, unfortunately today disappeared);
- the first new plan building, with a well-defined typology, erected as a “college” in the world (the College of Spain in Bologna, from 1363-65);
- the “college-universities”, that is, small universities concentrated in one single building that was both a college and the university headquarters (of which the first was the no longer extant College of San Antonio Portaceli, of Sigüenza, from 1489)<sup>3</sup>;
- the first *ex-novo* university district, or urban quarter, built in the world (the university district of Alcalá de Henares, commissioned by Cardinal Cisneros in 1499);
- the first universities in the new world and their buildings.

Following the penultimate observation, it is interesting to note how Alcalá de Henares, original headquarters of the Complutense University, could be considered, until 1836 (when that university was transferred to Madrid) and again, after 1981 (when the new University of Alcalá de Henares was created), a “university city”, in the traditional sense of the term, where the university function is confused with the city itself, as it also happens with Bologna, Pádua, Oxford, Cambridge, Salamanca and Coimbra, among others. However, it should be noted how, in its beginning, the

---

<sup>2</sup> On this subject, see Águeda Rodríguez Cruz, *Historia de las Universidades Hispanoamericanas. Hispanic period* (Bogotá: Patronato Colombiano de Artes y Ciencias, 1973), 2 vols. and Águeda Rodríguez Cruz, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica* (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005).

<sup>3</sup> Although the Collegium Maius in Cracow, established in 1400, and the St. Salvator's College of St. Andrews in Scotland, in 1450, to some extent anticipate the appearance of this model in Spain. See, on the first European university of architecture, Michael Kiene, “L'università nelle città europee: l'architettura universitária”, in *Le Università dell'Europa. Gli Uomini e i Luoghi. Secoli XII-XVIII*, coord. Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger (Milan: Silvana Editoriale, 1993), 21-49.

university district of Alcalá could be understood (to the eyes of the 16th century) in the same sense of the modern “university campus” of the 20th century, as defined by Roberto Fernández, with the function of “guaranteeing a certain ‘urban order’ in the group of buildings intended for university use”. In this way, it addresses “the location and different relations of the university complex within the city – or (...) its isolation – and also (...) the identity or the differentiation of the university complex inside the urban context, with the qualification of access roads, etc...”<sup>4</sup>. Thus, what today is an old medieval city with a dominant university function (along with the more recent condition of being a dormitory city of Madrid, which it still preserves), was formerly a commercial and cattle-raising city, to which an avant-garde university district was “attached”, the function of which would eventually extend to the rest of the city, characterizing it.

We also observe that, of the five universities recognized as World Heritage by UNESCO, four are Iberian or Ibero-American (Alcalá de Henares, Central de Caracas, Nacional Autónoma de México and Coimbra), and obviously the architectural and urban achievements were central to this assignment. The fifth ranked university (in fact, the first, listed in 1987) is Charlottesville, Virginia, where Thomas Jefferson rehearsed the true prototype of the American university campus.

## 1. *The University in the Iberian Peninsula*

The first Iberian universities were founded by the kings (or in the case of Aragon, by the municipalities, with royal support) and not spontaneously formed by an association of students, or by an association of masters and students, as happened with the oldest European universities like Bologna, Padua, Paris, Oxford or Cambridge. According to Jacques Verger, this situation may possibly be related to the fact that the Christian monarchs of the various Iberian kingdoms took the initiative to organize themselves the main structures of their newly created kingdoms, within the scope of the gradual advance of the “Reconquista”<sup>5</sup>. In fact, Afonso VIII of Castile would have supported, circa 1212, the creation of a Castilian studium in Palencia, of short duration, but soon replaced by another in Valladolid (even before the end of the century). Also Alfonso IX of León founded the University of Salamanca in 1218-1219.

His grandson, Alfonso X “the Wise”, of Castile and León (1221-1252-1284), wrote in the second of his *Siete Partidas*, a small text (title XXXI) in which he sought to theorize about the type of city where studies could be installed (taking Salamanca as a model) and on the ideal locations for implanting schools within the urban space (not exactly within the urban space, but in an area simultaneously within the city and “apart” from it)<sup>6</sup>. The monarch seems to have based himself on older writings by the Italian Buoncompagno da Signa, in which the author criticized the presence of the university’s main teaching spaces within the city center (probably thinking of Bologna),

---

<sup>4</sup> Roberto Fernández, “Nueva universidad – nueva ciudad. Notas sobre las transformaciones históricas de la universidad”, in *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía, 1293-1993*, coord. Carlos Clemente, Joaquín Ibáñez (Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995) 117-128 (quote p.123-124, free translation).

<sup>5</sup> Jacques Verger, “Modelos”, in *Uma História da Universidade na Europa*, ed. Walter Rüegg (Lisbon: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996) vol.I, p.33-63 (quote p.51).

<sup>6</sup> Alfonso X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso* (c.1265, ed. Gregorio López, Valladolid: Casa de Diego Fernández de Córdoba, 1555) Second Partida, title XXXI, 114-116.

showing a preference for establishing these spaces in a calmer location (as perhaps the then bucolic Latin Quarter where the Parisian University would have existed). The monarch would also have based himself on some excerpts taken from Justinian's Civil Code. In any case, we can define the Alfonsine text – an Iberian text – as the first official theorization on university urbanism written in the West<sup>7</sup>. In his practical accomplishments, Alfonso X re-founded the University of Salamanca (without, however, changing the central location, next to the cathedral, of the main teaching spaces) and even tried to found a University in Seville (in 1254), capital of his new territories of Andalusia, an academy that would end up not being successful in this first attempt.

Dinis, King of Portugal, would found the Portuguese university in Lisbon in 1290, providing the Study with some “new houses” built (not necessarily for this purpose) on the site of Pedreira, currently Chiado, outside the urban walls, simultaneously located close and far from the city (as defended by his grandfather Alfonso X). When he decided to transfer the university to Coimbra, in 1308, he provided it with its own building, an urban palace with a small interior arcaded patio (of which some column capitals still remain), located at the doors of the Royal Palace of Alcáçova – where the current university headquarters is located<sup>8</sup>. It is not clear if this small university palace (which no longer stands) already existed or if it was built from scratch for this purpose. In this second and probable hypothesis, it would have been one of the first buildings to be constructed as the university headquarters, if not the first. Also in Coimbra, the monarch ordered the definition of a university district, in the Almedina area, in order to favor the renting of houses for students and to keep prices under control. In the Levant of the peninsula, Lleida's city councilors gained from King James I the necessary support to found the first Aragonese university, in 1300, for which a university district was also delimited from the outset.

Apart from the case of the university palace in Coimbra, the schools were installed in pre-existing structures, as happened in Salamanca, which operated in a couple of chapels around the cathedral cloister, or in Valladolid, where classes took place in the main local collegiate church (or in rented spaces in the immediate vicinity). In Lleida, the city councilors acquired an old warehouse for canon and law classes, at the gates of the *Barrio de la Suda*, the local citadel, acquiring, in the 15th century, and in the immediate vicinity, a new utilitarian building, a candle, wax and soap factory (the *saboneries*), for the grammar and natural philosophy classes<sup>9</sup>.

A few decades later, it would be a man of the church and Spanish soldier, Cardinal Egídio Albornoz, to found and build a new college in Bologna, the famous *Colegio Real de España* or *Collegio di Spagna*, as it is still known in the city, because it continues to function as a college for Spanish students. Built in two years, between 1365 and 1367, this would be the first *ex-novo* “college” built in the world, a true milestone in the history of western university architecture<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> See on this topic, Rui Lobo, “A Universidade na Cidade. Urbanismo e arquitectura universitários na Península Ibérica da Idade Média e da primeira Idade Moderna” (Phd thesis, University of Coimbra, 2010), 91-107.

<sup>8</sup> For further information see António de Vasconcelos, “D. Denis, decorridos 18 anos sobre a fundação da Universidade, fixa em Coimbra a sede da mesma”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol.II (February, 1914), 604-636.

<sup>9</sup> About the case of Lleida, see Lobo, “A Universidade na Cidade”, 189-205, where several studies by the local historian Josep Lladonosa i Pujol are cited.

<sup>10</sup> See Konrad Rückbrod, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*. (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977), 123-127. There were, however, previous colleges (Merton College in Oxford or the Collège de Saint Martial in Toulouse) which had their own facilities built for the collegiate function, but which had been built progressively and, apparently, without a coherent and predefined global typological-architectural model. See again Kiene, “L'università nelle città europee..”

Indeed, the term “college” did not define an architectural type, rather designating an association or community of people with the same specific occupation, in this case, students.

Collegio di Spagna was intended for 24 students from the various kingdoms of the Iberian Peninsula who wanted to study at the University of Bologna, famous for its studies in Civil and Canon Law. It is a quadrangular building, organized around two-story arcaded patio (figure 1), from the volume of which stands out the elevated body of the chapel, on the opposite side of the entrance. A fundamental aspect were the twenty-four individual rooms for the students, distributed along the side wings, on both floors (figure 2)<sup>11</sup>.



Fig. 1

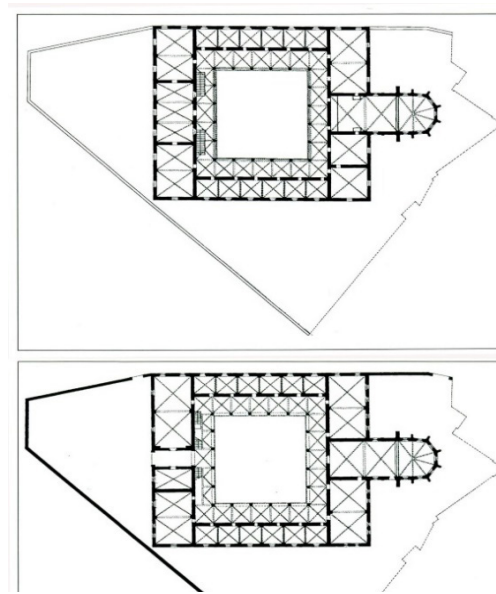


Fig 2.

This establishment would have repercussions in Spain, where some new-plan colleges would also be built, such as the College of Domingo Pons (or of Santa Maria), in Lleida (1385), or the Old College of *San Bartolomé*, in Salamanca (1417-1421). The latter is known to have repeated the formula of a quadrangular volume with two floors arranged around a courtyard with galleries. Only the layout of the chapel differed, as this full height space was located in the college front wing to the right of the atrium<sup>12</sup>, a formula that would have long repercussions in Spain, and which was consolidated in the important and still existing *Colegio Mayor de Santa Cruz* of Valladolid (figure 3), inaugurated in 1492<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> On the College of Spain, see Ignacio González-Varas Ibáñez, *Dietro il muro del Collegio di Spagna* (Bologna: Clueb, 1988).

<sup>12</sup> See María Nieves Rupérez Almajano, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*. (Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003), 11-26.

<sup>13</sup> Rui Lobo, “El primitivo edificio del Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid y la consolidación del tipo colegial castellano”, *Revista Goya*, nº 352 (2015), 192-207.

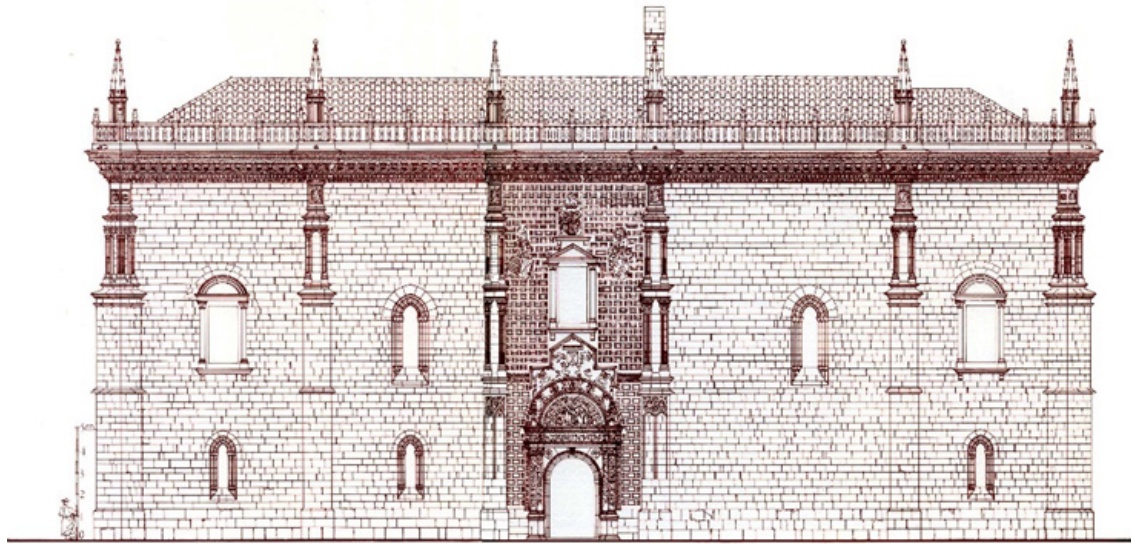


Fig. 3

As Hastings Rashdall mentioned, “the fifteenth century is the era of university buildings”<sup>14</sup>. This can be seen all over Europe, including both the case of colleges, buildings with a mainly residential function, and the headquarters buildings of the schools, which had mainly teaching functions (although the *bedel*, or *bidellus*, usually resided there as well). In Salamanca, even before the construction of the first college with a new plan, as already mentioned, Antipope Pedro de Luna, or Benedict XIII, urged the university (in the “constitutions” of 1411) to create a new central infrastructure, with at least seven classrooms, which could function as the headquarters of the studies<sup>15</sup>. This building was completed in a first phase in 1433 and soon afterwards expanded (1446-1454) in order to complete the built perimeter around the quadrangular central courtyard, equipped with columns, arcades and galleries (figure 4). In 1479<sup>16</sup> the *Escuelas Mayores* (as they started to be called) had, in addition to the entrance hall, classrooms and the *bedel*’s house, a new chapel with a first superimposed library (figure.5) – a library shortly afterwards demolished to allow for an increase in the chapel’s internal height, which led to the construction of the magnificent new library, behind the also new and monumental west façade<sup>17</sup>.

<sup>14</sup> Hastings Rashdall, *The Universities of Europe in the Middle Ages* (1895; ed. F.M.Powicke & A.B. Emdem, Oxford: University Press, 1936), vol.3, 167.

<sup>15</sup> Pilar Valero García and Manuel Perez Martin, “Pedro de Luna y el Estudio salmantino”, *Studia Historica / Historia Moderna*, VIII (1990), 131-149.

<sup>16</sup> See Lobo, “A Universidade na Cidade”, 411-434.

<sup>17</sup> See Ana Castro Santamaría, Juan de Álava. *Arquitecto del Renacimiento* (Salamanca, Caja Duero, 2002), 407-428.

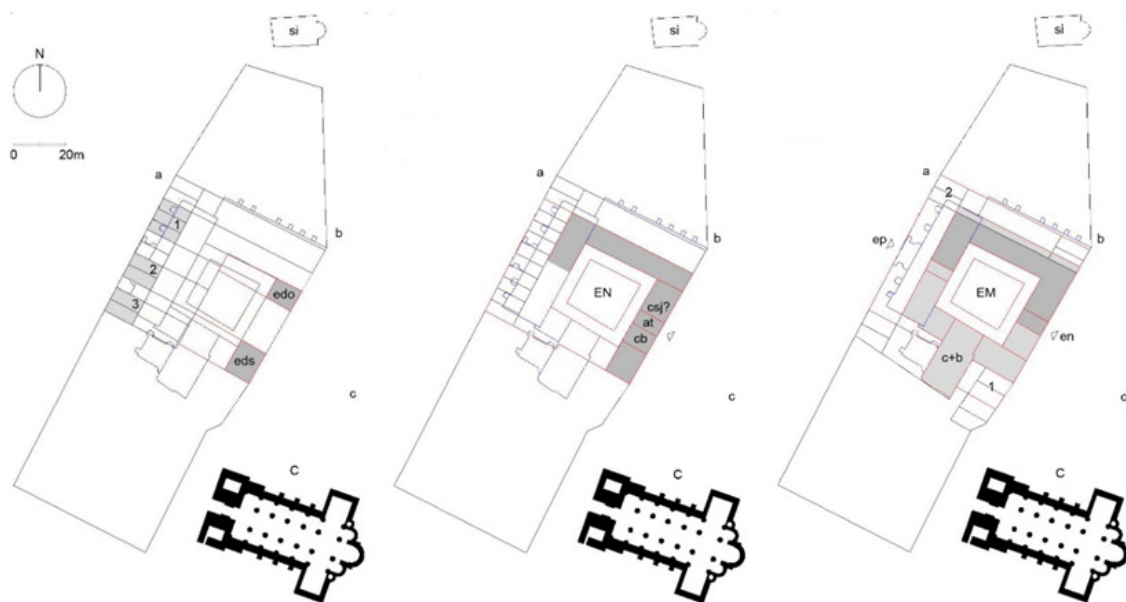


Fig.4

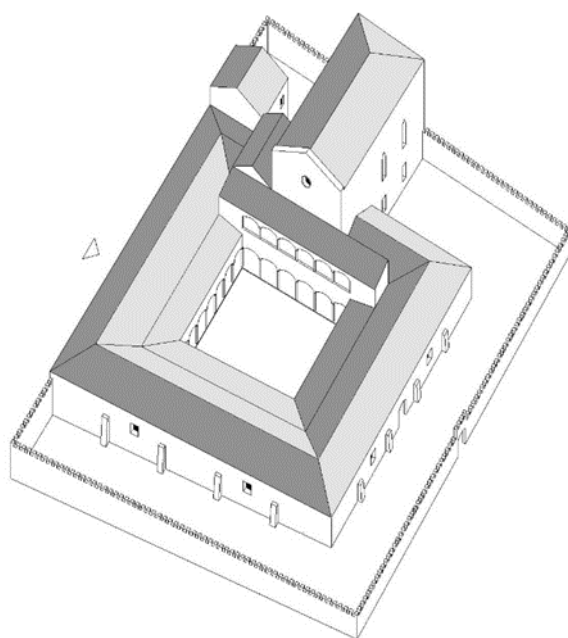


Fig. 5

Other universities also had their own headquarters built, such as Valladolid<sup>18</sup> or Valencia. In King Manuel's Lisbon, the headquarters of the university were transferred from some houses next

<sup>18</sup> See Maria José Redondo Cantera, *Una Casa para la Sabiduría* (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002); and José Ignacio Sánchez Rivera, *Aedificavit. Los edificios históricos de la Universidad de Valladolid* (Valladolid: Universidad de Valladolid, 2007).

to the castle to an old palace further down in the same Alfama quarter, which had belonged to Prince Henry the Navigator<sup>19</sup>.

In 1476, Archdeacon Diego Lopez de Medina had the idea of founding a college next to a new convent that he then ordered to be built on the outskirts of Sigüenza. The following year, he thought of providing the college with a building of its own, for the rector and twelve poor students, also containing classrooms on the ground floor and the rector's chambers, student's rooms and chapel on the upper floor. In 1489, the Pope recognized the institution, authorizing it to grant licentiate, master and doctoral degrees. Thus, the first Hispanic College-University was established, a university concentrated in a single building – a college – which housed all the classrooms and a large part of the associated residential function<sup>20</sup>. This model would be of great success in Spain, both in some important cities hitherto unprovided of higher education, and in small provincial towns, as shown by the university-colleges founded in the following two centuries: Santa Maria de Jesus of Seville, Santiago de Compostela, Granada, Oñate, Baeza, Osuna, Burgo de Osma, among others.

The Iberian university building tradition would have a high point with the ex-novo establishment of the University of Alcalá, conducted by Cardinal Francisco Jiménez de Cisneros, from 1499. Centered on the College-University of San Ildefonso<sup>21</sup>, which was the entity that governed the academy itself, the University of Alcalá would not, however, be limited to the central building. Cisneros envisioned a veritable university district raised from scratch, east of the market square (figures. 6-7) and within a recent expansion of the walled enclosure (simultaneously within and apart from the city, as defined by Alfonso X), irrigated by two pre-existing main streets, and which would include smaller colleges around the central college building, houses for teachers, printers and booksellers, a ceremonies room, or "*paraninfo*", and space for the installation of a series of other colleges, belonging to religious orders or founded by prelates, which were established over the following two centuries<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> See Rui Lobo, "As quatro sedes do Estudo Geral de Lisboa (1290-1537)". In *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, coord. Hermenegildo Fernandes, (Lisbon: Universidade de Lisboa / FCG / Tinta da China, 2013), 267-304.

<sup>20</sup> For further information, see Lobo, "A Universidade na Cidade", 243-249 and 435-447.

<sup>21</sup> See, among other references, Miguel Ángel Castillo Oreja, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares* (Madrid, Edascal, 1980).

<sup>22</sup> Lobo, "A Universidade na Cidade", 257-317 and 580-585.

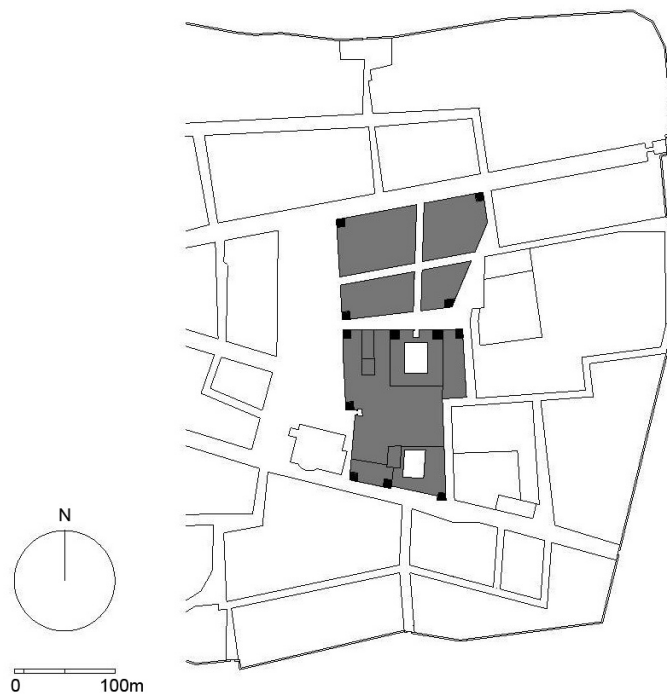


Fig. 6



Fig. 7

No other previous and similar university ventures are known to have had the same degree of success. All that can be mentioned are the failed attempts to establish a university district in Kasimierz, on the outskirts of Kraków, by King Casimir the Great (c.1361), and also in Vienna,

by the Duke of Austria, Rudolf IV (in 1365, the year in which he ended up dying)<sup>23</sup>. In this way, Cardinal Cisnero's university district, in its initial nucleus, can be considered the first university district built from scratch, both in Europe and in the world.

In Portugal, a few years later, in 1537, King John III would seek to re-found the Portuguese University transferring the academy from Lisbon to Coimbra, an initiative that had a strong architectural and infrastructural component. With the support of the Monastery of Santa Cruz, where he even considered hosting the university, and of Prior Brás de Braga, he articulated with the latter the opening of the Rua de Santa Sophia, or the Street of Holly Knowledge, in the image of the Parisian Rue de Sorbonne, intended (in Coimbra) for the university colleges established both by prelates and by the religious orders (figure.8). Realizing the potential confusion between two entities – the monastery and the university – the monarch would end up promoting the construction of a university district in the upper part of the city, in the same way as Alcalá, around a plot of land that he ceded for the construction of a new central university building. The outcome of this story is well known. On Rua de Santa Sophia would be located the minor studies or schools, with the parallel establishment of the first Colégio das Artes, a building which was never completed. The land plot destined for the University, in the upper city, or Alta, would be ceded to the Jesuits, who would build (from 1547) their collegiate mega-complex on the spot. The university would be provisionally installed in the city's Royal Palace, until the definitive acquisition of this property in 1597<sup>24</sup>.

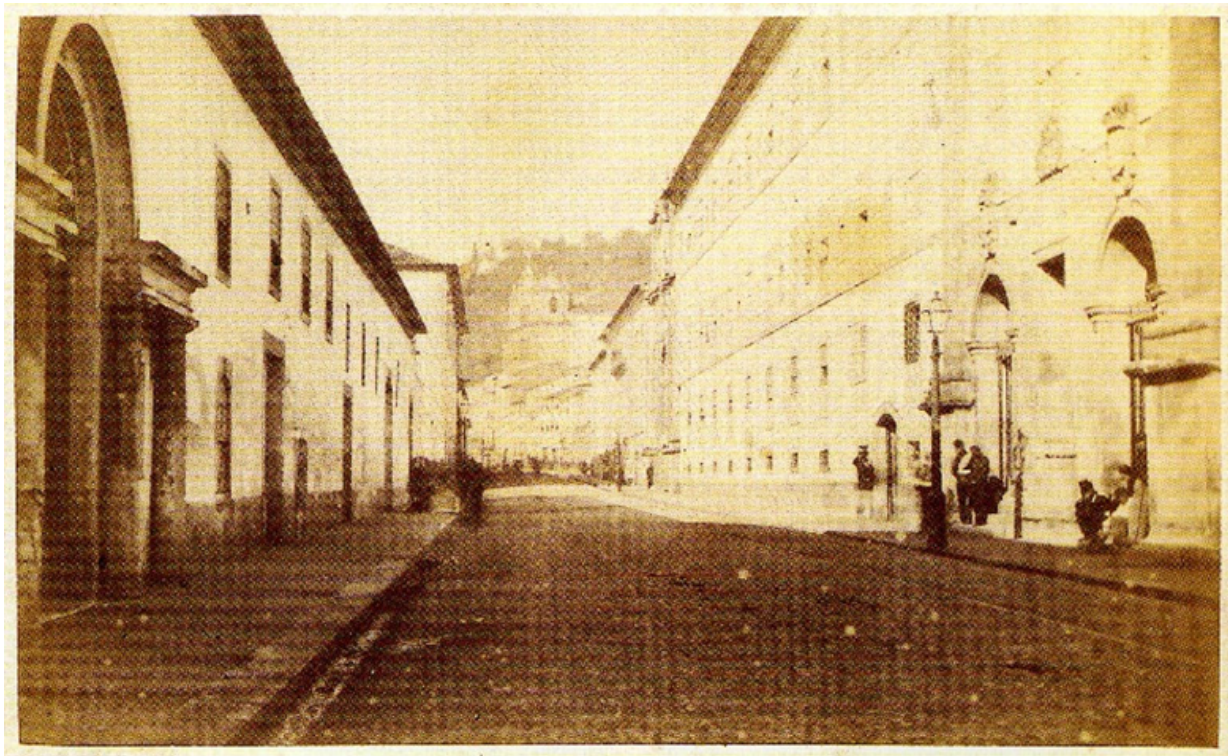


Fig. 8

In the Iberian Peninsula, from the beginning of the 16<sup>th</sup> century, some of the first buildings for the “minor schools” associated with universities were also built, that is, for the teaching of the Arts and

<sup>23</sup> Lobo, “A Universidade na Cidade”, 80-83.

<sup>24</sup> See António Filipe Pimentel, *A Morada da Sabedoria* (Coimbra: Almedina, 2005).

Humanities, buildings equipped with large patios surrounded by arcaded galleries and classrooms. We are talking about the Escuelas Menores of Salamanca, with its reconstruction ending in 1533, or the already mentioned Colégio das Artes on Rua de Santa Sophia, started building in 1548. The latter would be handed over to the Jesuits in 1555, who would use the model of the planned and never completed large square patio for the construction of the large school courtyards of the College-University of Évora and of the second College of Arts, built parallel to the College of Jesus, in the upper town of Coimbra.

The Jesuits would dominate the Faculty of Arts of the Iberian universities for the next couple of centuries and would leave the mark of this domain with the construction of their spectacular collegiate complexes, built from the mid-16th century until the beginning of the 18th century in Coimbra, Salamanca, Alcalá and other university and non-university cities (such as Lisbon and Madrid), and which would also have a notable repercussion in Latin America.

From the middle of the 18th century, the strong economic, social and scientific development of the central and northern European states, in particular France, England and the German and northern Italian states, would allow the implementation of new and important infrastructures, such as large university and faculty buildings, equipped with ample classrooms, or even observatories, laboratories, botanical gardens, among others. During this period, the Iberian states made an effort to accompany these innovations, given that the slow and belated passage from the paradigm of the Thomist university to that of the Napoleonic and later polytechnic university (to use the nomenclature systematized by Roberto Fernández<sup>25</sup>) did not allow Iberian university institutions to maintain the same architectural and typological innovation role, and also of urban impact, that they had achieved in previous centuries. Even so, important Enlightenment interventions at the level of Iberian university and scientific architecture can be mentioned, such as the Pombaline Reform of the University of Coimbra (only partially achieved in terms of the architectural designs that were proposed), or the remarkable building of the Real Colégio de Cirurgia of Barcelona, the neoclassical building of the University of Toledo, or the Astronomical Observatory of Madrid, among others.

The relative decline of the Iberian kingdoms vis-à-vis the states of Central Europe was accentuated over the course of the 19th century, in particular after the Napoleonic invasions, the constitutional and liberal civil wars and the loss of the American colonies, which implied a lack of adequate investment towards the university and scientific institutions that managed to survive, or that emerged, after this troubled period. In this century, we can highlight, among others, the buildings of the Polytechnic Academy of Oporto, the Central University of Madrid, the Polytechnic School of Lisbon, the reinstated University of Barcelona (figure 9), the Faculty of Medicine and Sciences of the University of Zaragoza or the new building of the University of Valladolid, the latter from the beginning of the 20th century.

---

<sup>25</sup> See again Fernández, “Nueva universidad – nueva ciudad”, 118 and 122.



Fig. 9

In the 20<sup>th</sup> century, university architecture continued to play a leading role in Spain and Portugal, with impressive sets and interventions, such as the University City of Madrid (Modesto López Otero, 1928, based on the model of the North American campus, figure 10)<sup>26</sup>, the University City of Coimbra (José Ângelo Cottinelli Telmo, 1943, based on the model of the University of Rome by Piacentini, imposed on the old upper university district, which was demolished, figure 11)<sup>27</sup>, the megastructures of the labor universities of Gijón (in a heavy conservative “style”) or at Cheste, in Valencia (a beautiful modern brutalist campus) or even the remarkable effort to create multiple campuses, established in both countries, immediately before and shortly after the parallel processes of democratization, which occurred in the mid-1970s<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> See CHÍAS NAVARRO, Pilar, *La Ciudad Universitaria de Madrid, génesis y realización*. Madrid, Editorial Complutense, 1986); and Pablo Campos Calvo-Sotelo (2002), *El viaje de la Utopía* (Madrid: Editorial Complutense, 2002).

<sup>27</sup> See Nuno Rosmaninho, *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006).

<sup>28</sup> See on this subject Pablo Campos Calvo-Sotelo, *La Universidade en España: historia, urbanismo, arquitectura* (Madrid: Ministerio de Fomento, 2001); and Madalena da Cunha Matos, “As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal” (PhD thesis, IST Lisbon, 1999).

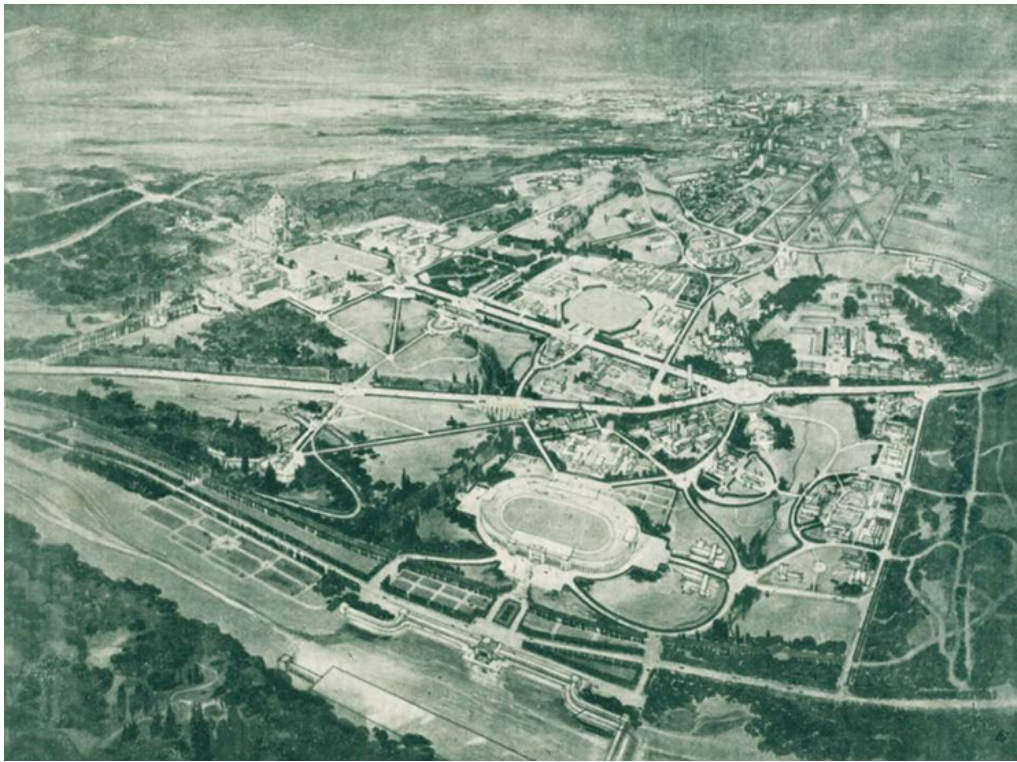


Fig. 10.



Fig. 11



## 2. The University in Ibero-America

The first universities in the American continent were those created in Hispano-America. Indeed, even before the establishment of the first Anglo-Saxon American universities (Harvard, in 1636 and William and Mary College, in 1695), there were already several Hispanic universities in the New World, such as those of Santo Domingo (Dominican university, from 1538), Lima and Mexico (royal universities, both from 1551), and still others that were founded subsequently<sup>29</sup>.

The Hispanic university architectural tradition would eventually influence the establishment of autonomous and proper buildings for these institutions, although not always in the initial moment – the University of Santo Domingo operated in spaces associated with the Dominican convent that had created it<sup>30</sup> and the University of San Marcos of Lima, for example, operated for many years in the Chapter Hall of the large convent, also Dominican, to which it was associated, before being attributed its own building adjacent to the convent<sup>31</sup>.

More interesting, from a constructive and architectural point of view, is that of the University of Mexico, which in 1584 began to erect its own building, of reasonable dimensions, in the center of the urban grid of the colonial city, in the block immediately south of the Palace of the Viceroys (therefore next to the Plaza del Zócalo) and which also benefited from the fact that the rest of the block was empty, allowing to emphasize the urban presence of the institution dominating the resulting square, the Plaza del Volador (figures 12-13)<sup>32</sup>. The Mexican university also had a network of associated colleges in the central district of the city, of which the Jesuit San Pedro and San Pablo College stood out, later integrated into the new *Colégio-Universidad de Santo Ildefonso*, an enormous building of the beginning of the 18<sup>th</sup> century, a true intra-urban megastructure that extends over three large courtyards with several overlapping floors<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> See again footnote 1.

<sup>30</sup> See Juan Francisco Sanchez, *La Universidad de Santo Domingo* (Ciudad Trujillo: Impresora Dominicana, 1955).

<sup>31</sup> See Carlos Daniel Valcárcel, *San Marcos, Universidad Decana de América* (Lima: UNMSM, 1968).

<sup>32</sup> About the Building of *Universidad de México*, see, among Other references, Vicente T. Mendoza, *Vida y costumbres de la Universidad de Mexico* (Mexico City: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951); and Alberto María Carreño, *La Real y Pontificia Universidad de Mexico 1536-1865* (Mexico City: UNAM, 1961).

<sup>33</sup> José Rojas Garcidueñas, *El antiguo Colegio de San Ildefonso* (Mexico City: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951).



Fig. 12



Fig. 13

There were also civil headquarters buildings at the University of Santiago de la Paz of Santo Domingo (founded in 1558 and hosted in the College of Gorjón, a building that still exists), which sought to compete with the other local university, belonging to the Dominicans, the small University of Huamanga /Ayacucho in Peru (founded in 1677), or the University of San Carlos in the old town of Guatemala (founded in 1676) with a remarkable edifice, built in 1758-63 (figure 14)<sup>34</sup>. This general panorama took place in a context where the religious orders – Augustinian, Dominicans and above all the Jesuits – always ended up playing a central role, to the detriment of the affirmation and reinforcement of their own university architecture, since the institutions were almost always installed in the internal dependencies of large religious complexes, which belonged more to convent architecture than to university architecture. In this context, it is worth highlighting the Jesuit Block of Córdoba in Argentina, also a UNESCO World Heritage Site, whose classification (along with the Jesuit missions in the rural surroundings of the city) valued the religious, economic, educational and cultural infrastructure that this establishment represents and also the fusion of European and indigenous cultures<sup>35</sup>. This heritage also includes the spaces of the first Argentine university, which operated in its own building with a large courtyard, although framed in the larger Ignatian complex.



Fig. 14

The independence of most of the previous colonial territories, from the beginning of the 19<sup>th</sup> century, and the implementation of the Napoleonic system of scientific specialization, saw the emergence – in the capital and main cities of the new countries – of a set of university headquarters,

<sup>34</sup> See Ricardo Castañeda Paganini, *Historia de la Real y Pontificia Universidad de San Carlos de Guatemala (Guatemala City: La tipografía nacional, 1947)*.

<sup>35</sup> <https://whc.unesco.org/en/list/995/>

of new faculty buildings (in particular of Law and Medicine, figure 15) and of schools buildings (such as polytechnic and engineering schools), which replicated the model of the nineteenth-century European university palace, scattered around the original urban centers (or even outside, like the agricultural schools), and which would eventually give rise, in a register of infrastructures dispersed throughout the city, to the great national or state universities of Latin America, in the 19th century and beginning of the 20th century – like the Universities of Buenos Aires (1821), Rio de Janeiro (1920), Mexico (1910 and 1929, as UNAM), or São Paulo (1934). Still others were endowed with large central “palaces”, as in Santiago de Chile (“Casa Central”, 1872), Caracas (“Palácio de las Academias”, 1876, neo-gothic) or Montevideo (“Casa Mayor”, 1911), or even new campuses, such as the one in Havana (1902), in an imposing neoclassical style (figure 16). This process of organizational centralization was accompanied by the emergence of movements in favor of greater autonomy and democratization of Ibero-American universities, such as the one that resulted from the University Reform of Córdoba (Argentina) in 1918, which fought for the generalized opening of new public universities throughout Latin America<sup>36</sup>.



Figure 15

---

<sup>36</sup> See Ramón Gutiérrez (coord.), *El pensamiento americanista en tiempos de la Reforma Universitaria* (Buenos Aires, Cedodal, 2018).



Fig. 16

This moment of institutional reorganization and association led the authorities to look for solutions that integrated the various schools and faculties into larger sets, with better functionality, and with the aim of giving the new universities a new character and identity. In the medium term, the model that was used was mainly that of the North American university campus (in its origin, most indebted to the design of large compositions aligned with the “City Beautiful” movement, adorned with lawns and green areas) already in its most updated version of a “modern university city” (with a more serial distribution of buildings and pavilions upon large continuous lawns). Of this type were the “Corbusieran” projects (from the 1930’s) for the university cities of Buenos Aires<sup>37</sup> and Rio de Janeiro<sup>38</sup>, which did not have immediate application, but which would be implemented later on (especially in the case of Rio), according to the same principles, and according to new projects carried out by local teams (figure 17)<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> See Adriana Collado and Sofia Rotman, “Arquitectura moderna y Universidad en Argentina. Ensayos proyectuales, 1938-1948”, in *Hábitat, espacios y objetos. Nuevas perspectivas de investigación en diseño*, coord. Guadalupe Salazar González (San Luís Potosí: Universidad Autónoma, 2019), 243-260.

<sup>38</sup> Klaus Chaves Alberto, “Três projetos para uma Universidade do Brasil” (MSc. thesis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003).

<sup>39</sup> For Rio de Janeiro’s case, see Débora Posthinger (2012), “Jorge Machado Moreira e o projeto da cidade universitária da Universidade do Brasil, 1949-1952” (MSc.thesis, UFRGS, 2012).



Fig. 17

New modern “university towns” were those of the National University of Colombia in Bogotá (raised from 1935), Universidad Central de Venezuela (UCV) in Caracas (1945-1954) and the National Autonomous University of Mexico (UNAM, raised in 1948 -1956)<sup>40</sup>. These resulted from the acquisition of large plots of land on the immediate periphery of the metropolitan centers, highlighting the green spaces and the new associated modern sports complexes. It is worth stressing, in the last two (UCV and UNAM), the involvement of important teams of architects, engineers and landscapers, and the integration of the arts in the elaboration of buildings and spaces, in what we should consider as “total works of art”. In Caracas, a design directed by architect Carlos Raul Villanueva<sup>41</sup>, the University’s large central auditorium stands out, with the sculptural pieces of acoustic regulation designed by Alexander Calder, and also the avant-garde pedestrian walkways that cross the wide green spaces, covered by pre-stressed concrete structures (figure 18). At UNAM, the general plan of which was designed by architects Enrique del Moral and Mario Pani, and coordinated by Carlos Lazo Barreiro, the high blind tower of the central library (by architects Juan O’Gorman, Juan Martínez de Velasco and Gustavo Saavedra) was emphasized, covered with enormous mosaic compositions evocative of Mexico’s pre-Columbian past and which, at the same time, continued the recent “tradition” of large paintings by the Mexican muralists (figure 19). This “union” of the arts was precisely one of the factors taken into account by UNESCO in classifying both university cities as World Heritage Sites in 2000 (UCV) and 2007 (UNAM)<sup>42</sup>.

<sup>40</sup> Hugo Segawa, “Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962”. *Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura*, n.7 (1999), 38-47.

<sup>41</sup> About Villanueva’s work, see Juan Pérez Hernández, *Vida y Obra de Carlos Raúl Villanueva Astoul (Caracas: UCV, 2017)*.

<sup>42</sup> See <https://whc.unesco.org/es/list/986> and <https://whc.unesco.org/es/list/1250>



Fig. 18

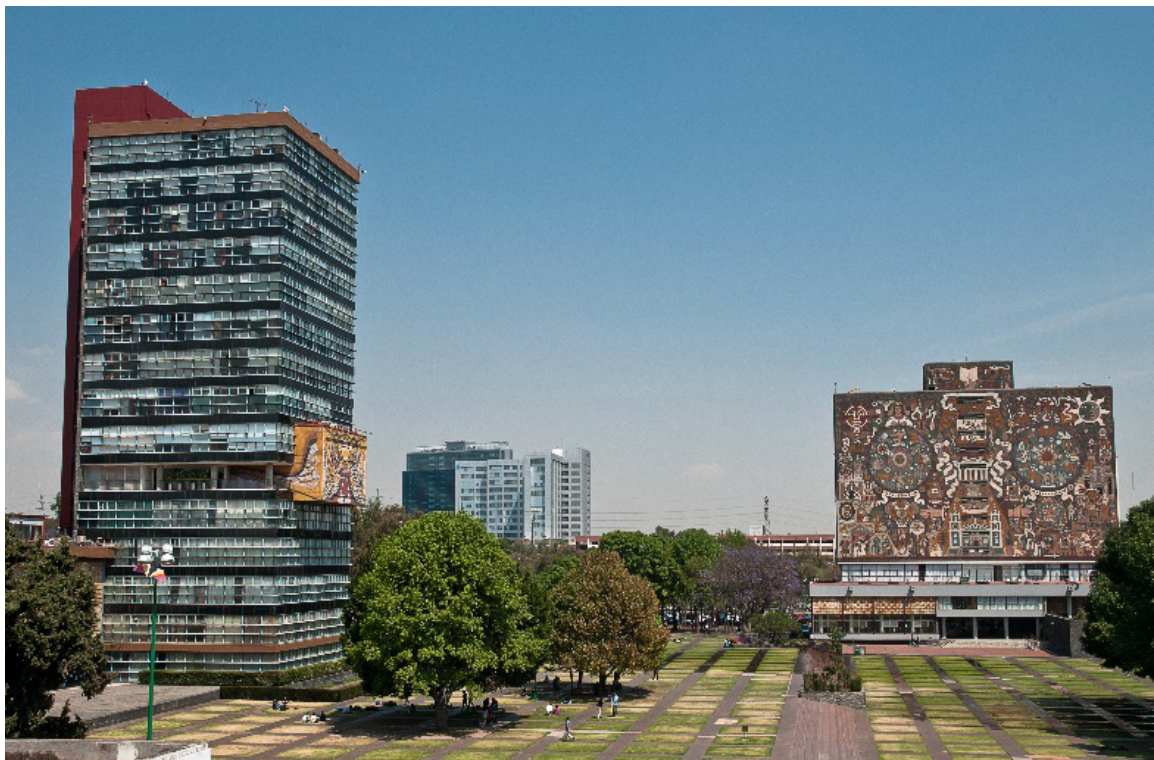


Fig. 19

Other national and federal universities were also endowed with new and large modern campuses, of which we can perhaps highlight the National University of Córdoba, Argentina, the Darcy Ribeiro Campus of the University of Brasília, or the UFMG in Belo Horizonte, among others. In São Paulo, the Human Sciences Corridor<sup>43</sup> was yet to be completed, of which only two colleges were built (out of the four originally planned), including the formidable Faculty of Architecture and Urbanism of Vilanova Artigas (1961-69). We can therefore say that the numerous (and sometimes magnificent) Ibero-American university campuses of the mid-twentieth century develop a new dynamic, already characteristic of Latin America.

To this dynamic we could perhaps add a final stage, which unfortunately, and to a large extent, was not fulfilled – the megastructural phase. This would certainly have had more expression if the extraordinary project for the San Javier Campus of the National University of Tucumán, in Argentina, by architects Jorge Vivanco, Horácio Caminos and Eduardo Sacriste, of the late 1940's, had been carried out – it was interrupted in 1952<sup>44</sup>. Of note in this project are the building for the communal center (not built) and the 480-metre-long residential block (figure 20), of which only a third part of the concrete structure was erected. Mega-structural logics would be effectively applied in the building of the Instituto Central das Ciências, in Brasília (by Óscar Niemeyer, 1963-71) or were once again foreseen, as in the case of the winning project for the PUC Campus San Joaquín (German Brandes, 1963) in Santiago of Chile<sup>45</sup>.

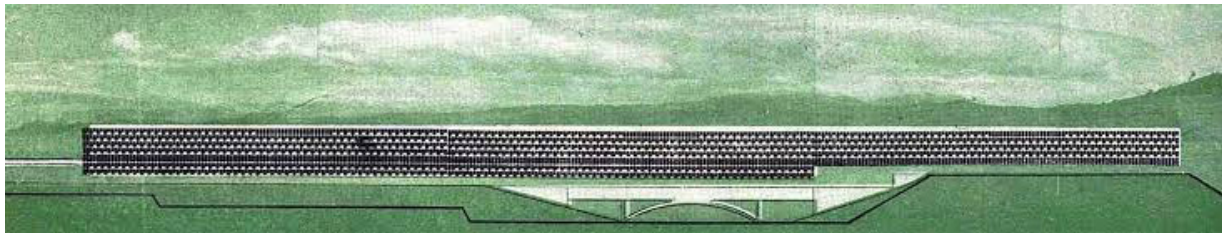


Fig. 20

## Epilogue

Paul Venable Turner referred to the North American University Campus as a spatial and functional entity typical of the USA, which responded to the needs, not only academic, but also residential, of leisure and of everyday life of a certain university community, whose buildings were implanted in the countryside or even in unexplored territory<sup>46</sup>. As Werner Hegemann wrote in

<sup>43</sup> Alice Viggiani et al, *Corredor das Humanas. A poesia que poderia ter sido e não foi.* (São Paulo: Grêmio da FAUUSP, 2009).

<sup>44</sup> See Susana Villavicencio, “La Ciudad Universitaria de Tucumán: contexto y circunstancias de una utopía”, *Arquitecturas del Sur*, vol.37, nº55 (2019), 6-19.

<sup>45</sup> See the communication by Anna Braghini to table 46 of the III Congress of the Ibero-American Association of Urban History, Madrid, 23rd November, 2022: “El concepto de escala en el proyecto de ciudades universitarias en el Cono Sur entre 1947 y 1963: la Ciudad Universitaria de Tucumán y el proyecto del Campus San Joaquín, Pontificia Universidad Católica de Chile”.

<sup>46</sup> Paul Venable Turner, *Campus, an American planning tradition* (Cambridge-MA: MIT Press, 1990), 3-7.

1925 (and as Turner noted), a campus is “a piece of land that is covered with the buildings of an American university.”<sup>47</sup>

In this essay, we have tried to summarize, in a few lines, more than seven centuries of an almost always original architectural, building and urban planning activity, which continuously accompanied the Iberian university, and later also the Ibero-American university as a pioneering university in the New World. That tradition continues today, on both sides of the Atlantic, symbolically anchored in the four Ibero-American universities recognized by UNESCO as World Heritage Sites.

Venable Turner referred to the “Campus”, in the title of his famous book, as “an American planning tradition”. Perhaps in the same sense, and with propriety, we could refer to the “University” as “an Iberian and Ibero-American architectural and urban tradition”, with ample background and in permanent renewal.

## References

- ALBERTO, Klaus Chaves, “Três projetos para uma Universidade do Brasil”. MSc. thesis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.
- ALFONSO X, *Las Siete Partidas del sabio Rey don Alfonso (c.1265)*, Valladolid: Casa de Diego Fernández de Córdoba (ed. Gregorio López), 1555.
- BRAGHINI, Anna, “El concepto de escala en el proyecto de ciudades universitarias en el Cono Sur entre 1947 y 1963: la Ciudad Universitaria de Tucumán y el proyecto del Campus San Joaquín, Pontificia Universidad Católica de Chile”, communication by Anna Braghini to table 46 of the III Congress of the Ibero-American Association of Urban History, Madrid, 23<sup>rd</sup> November, 2022
- CAMPOS CALVO-SOTELO, Pablo, *La Universidad en España: historia, urbanismo, arquitectura*. Madrid: Ministerio de Fomento, 2001.
- CAMPOS CALVO-SOTELO, Pablo, *El viaje de la Utopía*. Madrid: Editorial Complutense, 2002.
- CARREÑO, Alberto María, *La Real y Pontificia Universidad de Mexico, 1536-1865*. Mexico City: UNAM, 1961.
- CASTAÑEDA PAGANINI, Ricardo, *Historia de la Real y Pontificia Universidad de San Carlos de Guatemala*. Guatemala City: La tipografía nacional, 1947.
- CASTILLO OREJA, Miguel Ángel, *Colegio Mayor de San Ildefonso de Alcalá de Henares*. Madrid: Edascal, 1980.
- CASTRO SANTAMARÍA, Ana, *Juan de Álava. Arquitecto del Renacimiento*. Salamanca: Caja Duero, 2002.
- CHÍAS NAVARRO, Pilar, *La Ciudad Universitaria de Madrid, génesis y realización*. Madrid, Editorial Complutense, 1986.
- COLLADO, Adriana and ROTMAN, Sofía, “Arquitectura moderna y Universidad en Argentina. Ensayos proyectuales, 1938-1948”. In *Hábitat, espacios y objetos. Nuevas perspectivas de investigación en diseño*, coord. by Guadalupe Salazar, 243-260. San Luis Potosí: Universidad Autónoma, 2019.
- CZAJKOWSKI, Jorge, *Jorge Machado Moreira*. CAURJ: Rio de Janeiro, 1999.
- FERNÁNDEZ, Roberto, “Nueva universidad – nueva ciudad. Notas sobre las transformaciones históricas de la universidad”. In *La Ciudad del Saber. Ciudad, Universidad y Utopía, 1293-1993*, coord. by Carlos Clemente, Joaquín Ibáñez, 117-128. Madrid: Colegio Oficial de Arquitectos de Madrid, 1995.
- GONZÁLEZ-VARAS IBÁÑEZ, Ignacio, *Dietro il muro del Collegio di Spagna*. Bologna: Clueb, 1998.
- GUTIÉRREZ, Ramón (coord.), *El pensamiento americanista en tiempos de la Reforma Universitaria*. Buenos Aires, Cedodal, 2018.
- HEGEMANN, Werner, *Amerikanische Architektur und Stadtbaukunst*. Berlin, E.Wasmuth A-G, 1925.
- KIENE, Michael, “L’università nelle città europee: l’architettura universitária”. In *Le Università dell’Europa. Gli Uomini e i Luoghi. Secolo XII-XVIII*, coord. by Gian Paolo Brizzi, Jacques Verger, 21-49. Milano: Silvana Editoriale, 1993.
- <sup>47</sup> Werner Hegemann, *Amerikanische Architektur und Stadtbaukunst*. (Berlin, E.Wasmuth A-G, 1925), 87 (apud Turner, *Campus*, 4).

- LOBO, Rui, "A Universidade na Cidade. Urbanismo e arquitectura universitários na Península Ibérica da Idade Média e da primeira Idade Moderna". PhD thesis, University of Coimbra, 2010.
- LOBO, Rui, "As quatro sedes do Estudo Geral de Lisboa (1290-1537)". In *A Universidade Medieval em Lisboa. Séculos XIII-XVI*, coord. by Hermenegildo Fernandes, 267-304. Lisbon: Universidade de Lisboa / FCG / Tinta da China, 2013.
- LOBO, Rui, "El primitivo edificio del Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid y la consolidación del tipo colegial castellano". *Revista Goya*, nº 352, 2015: 192-207.
- LOBO, Rui, "Edificios Universitarios de España y Portugal en los siglos XV y XVI", in *III Simposio Internacional de Arte y Arquitectura Universitaria Patrimonio Mundial. El Cardenal Cisneros, promotor de las artes. Su legado patrimonial*, dir. by Javier Rivera Blanco 155-190. Alcalá de Henares: Editorial Universidad de Alcalá, 2021.
- MATOS, Madalena da Cunha, "As cidades e os campi: contributo para o estudo dos territórios universitários em Portugal". PhD thesis, IST - Lisbon, 1999.
- MENDOZA, Vicente T., *Vida y costumbres de la Universidad de México*. Mexico City: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951.
- PÉREZ HERNÁNDEZ, Juan, *Vida y Obra de Carlos Raúl Villanueva Astoul*. Caracas: UCV, 2017.
- PIMENTEL, António Filipe, *A Morada da Sabedoria. O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Coimbra: Almedina, 2005.
- POSTHINGER, Débora, "Jorge Machado Moreira e o projeto da cidade universitária da Universidade do Brasil, 1949-1952". MSc. thesis, UFRGS, 2012.
- RASHDALL, Hastings, *The Universities of Europe in the Middle Ages (1895)*. Oxford: University Press, ed. F.M.Powicke & A.B. Emdem, 1936, 3 vols.
- REDONDO CANTERA, Maria José, *Una Casa para la Sabiduría. El edificio histórico de la Universidad de Valladolid*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002.
- RODRÍGUEZ CRUZ, Águeda, *Historia de las Universidades hispanoamericanas. Periodo hispánico*. Bogotá: Patronato Colombiano de Artes y Ciencias, 1973, 2 vols.
- RODRÍGUEZ CRUZ, Águeda, *La Universidad de Salamanca en Hispanoamérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2005.
- ROJAS GARCIDUEÑAS, José, *El antiguo Colegio de San Ildefonso*. Mexico City: UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1951.
- ROSMANINHO, Nuno, *O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006.
- ROSMANINHO, Nuno, "Cidade Universitária de Coimbra: património e exaltação", *Revista Portuguesa de História*, nº45 (2014), 629-646.
- RÜCKBROD, Konrad, *Universität und Kollegium. Baugeschichte und Bautyp*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.
- RUPÉREZ ALMAJANO, María Nieves, *El Colegio Mayor de San Bartolomé o de Anaya*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.
- SÁNCHEZ, Juan Francisco, *La Universidad de Santo Domingo. Ciudad Trujillo: Impresora Dominicana*, 1955.
- SÁNCHEZ RIVERA, José Ignacio, *Aedificavit. Los edificios históricos de la Universidad de Valladolid*. Valladolid, Universidad de Valladolid, 2007.
- SEGAWA, Hugo, "Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962". *Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura*, n.7 (1999), 38-47.
- TURNER, Paul Venable, *Campus, an American planning tradition*. Cambridge-MA: MIT Press, 1990.
- VALCÁRCEL, Carlos Daniel, *San Marcos, Universidad Decana de América*. Lima: UNMSM, 1968.
- VALERO GARCÍA, Pilar and PÉREZ MARTIN, Manuel, "Pedro de Luna y el Estudio salmantino", *Studia Historica / Historia Moderna*, VIII (1990), 131-149.
- VASCONCELOS, António de, "D. Denis, decorridos 18 anos sobre a fundação da Universidade, fixa em Coimbra a sede da mesma". *Revista da Universidade de Coimbra*, vol.II (February 1914), 604-636.
- VERGER, Jacques, "Modelos", in *Uma História da Universidade na Europa*, coord. by Walter Rüegg, vol.I, 33-63. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

VIGGIANI, Alice & Amanda Carvalho, André Leal, Estevão Sabatier, Gabriela Deleu, Guilherme Pianca, Ilana Tschipschin, Iaura Nakel, Luisa Strauss, Maira Fernandes, Nídia Paiva, Taís Alves, *Corredor das Humanas. A poesia que poderia ter sido e não foi*. São Paulo: Grêmio da FAUUSP, 2009.

VILLAVICENCIO, Susana, "La Ciudad Universitaria de Tucumán: contexto y circunstancias de una utopía", *Arquitecturas del Sur*, vol.37, nº55 (2019), 6-19.

<https://whc.unesco.org/en/list/995/>

<https://whc.unesco.org/es/list/986>

[https://whc.unesco.org/es/list/1250.](https://whc.unesco.org/es/list/1250)

## List of figures

Figure 1: *Collegio di Spagna*, Bologna (personal image, 2015).

Figure 2: *Collegio di Spagna*: ground and upper floor plans (drawings by R. Terra, published by A. Serra Desfilis, 1992).

Figure 3: *Colegio Mayor de Santa Cruz de Valladolid*. Reconstitution of the original façade (author's image, based on the original reconstruction drawing by L. Cervera Vera, 1982).

Figure 4: Conjectural evolution of the *Escuelas Mayores of Salamanca*, in 1418, 1433 and 1479 (author's drawing, 2010).

Figure 5: Reconstitution of the *Escuelas Mayores of Salamanca* em 1496 (author's drawing, 2021).

Figure 6: Conjectural reconstruction of the university district of *Alcalá de Henares* in 1518 (author's drawing, 2010).

Figure 7: Model of the reconstruction of *Alcalá de Henares* in the mid-16th century. Detail of the *Plaza del Mercado* and the university district (*University of Alcalá de Henares*, personal image).

Figure 8: *Rua de Santa Sofia*, *Coimbra*, circa 1875 (Alexandre Ramires' photo archive).

Figure 9: Building of the *University of Barcelona*, architect *Elies Rogent* (1870s, photo: Pinterest).

Figure 10: Project perspective for the *University City of Madrid*, architect *Modesto López Otero*, 1928 (*Complutense University of Madrid*).

Figure 11: Model of the *University City of Coimbra*, circa 1951 (photo by *Horácio Novais*, NACTCE – Núcleo do Arquivo Técnico das Construções Escolares, published in *Rosmaninho*, 2014).

Figure 12: Old building of the *University of Mexico* depicted in *Pedro de Arrieta's* 1737 plan of *Mexico City* (detail, *Museo Nacional de Historia*, *Mexico City*).

Figure 13: Courtyard of the old building of the *University of Mexico* (engraving by *Pietro Gualdi*, 1851).

Figure 14: Building of the *Universidad de San Carlos* in *Old Guatemala City* (photo by *Mario Ceballos*, 2017).

Figure 15: Former Faculty of Medicine of the University of Buenos Aires, currently Faculty of Economic Sciences (old postcard).

Figure 16: University of Havana (photo by the Ministry of Public Works, 1941 / Pinterest).

Figure 17: General Plan for the University City of the University of Brazil, Rio de Janeiro, Jorge Machado Moreira (published in Czajkowski, 1999).

Figure 18: Covered walkway on the Campus of Universidad Central de Venezuela, Caracas (photo by Wikimedia Commons/Wilfredor, 2014).

Figure 19: UNAM University City (photo by Wikimedia Commons/Eneas de Troya, 2011).

Figure 20: Residential building project on Cerro San Javier, University of Tucumán, Argentina, architects Jorge Vivanco, Eduardo Sacriste and Horacio Caminos (published in Villavicencio, 2019).

### Thanks

The author wishes to express his gratitude to Adriana Collado, Mario Ceballos, Pablo Campos Calvo-Sotelo and Nuno Rosmaninho.

# LA CIUDAD DE UNIVERSITARIA DE LA UNAM, IDENTIDAD CULTURAL DE LA EDUCACIÓN EN MÉXICO

## *Retos y oportunidades para su conservación como patrimonio vivo*

*Marcos Mazari Hiriart<sup>1</sup>  
Leonardo Solórzano Sánchez<sup>2</sup>*

### *Resumen*

La Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México es uno de los dos campus universitarios del Movimiento Moderno del siglo XX inscritos en la Lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO. El presente texto reflexiona sobre la importancia de este patrimonio vivo que, a siete décadas de su inauguración, mantiene su vocación original, atendiendo las funciones sustantivas de la Universidad: la docencia, la investigación y la difusión de la cultura. Asimismo, se analizan los mecanismos para su conservación y se plantean algunos ejemplos a los que se ha tenido que enfrentar la Universidad para mantener vigente el campus central como bien patrimonial tangible e intangible para ésta y futuras generaciones.

**Palabras clave:** identidad cultural, Ciudad Universitaria de México, Patrimonio Mundial vivo siglo XX, conservación, UNAM

---

<sup>1</sup> Facultad de Arquitectura, UNAM - [marcos.mazari@fa.unam.mx](mailto:marcos.mazari@fa.unam.mx)

<sup>2</sup> Facultad de Arquitectura, UNAM - [leonardo.solorzano.s@gmail.com](mailto:leonardo.solorzano.s@gmail.com)



Fig. 1. Vista de la Rectoría y la Biblioteca Central desde el espejo de agua, campus central de la Ciudad Universitaria de México. Fuente: Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM / fotografía: Rafael Carlos Guerrero, 2019.

El confinamiento como medida sanitaria es un suceso que la humanidad nunca pensó experimentar en el siglo XXI. Debido al impacto en la salud y al número de muertes que trajo consigo la pandemia mundial por Covid-19, todos nos vimos afectados sin distinción de nacionalidad, edad, género o lugar de residencia, entre otros aspectos. Esto nos obligó a llevar a cabo una importante reflexión sobre nuestro entorno inmediato ante la evidencia de la fragilidad mundial, que pone de manifiesto la sistémica y compleja realidad planetaria.

Como todas las personas, quienes hemos tenido la fortuna de realizar nuestras actividades cotidianas en un espacio como la Ciudad Universitaria (CU) de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) nos habituamos a nuestro entorno. En muchas ocasiones, particularmente como director de la Facultad de Arquitectura, tuve la oportunidad de mostrar el campus a visitantes, académicos y referentes profesionales de la arquitectura y fui testigo de su asombro al cruzar la facultad como umbral hacia la explanada central, con los emblemáticos edificios de la Rectoría y la Biblioteca Central como remate visual, imagen que identifica la educación y la cultura en México.

Una de las experiencias más significativas ha sido regresar al campus después de casi dos años de confinamiento y encontrar que la explanada central –conocida por todos como Las Islas– se convirtió, ante el abandono, en un campo silvestre, con pastos de más de 60 centímetros de altura; un bello paisaje natural y, a la vez, preocupante por la fragilidad del patrimonio, memoria y herencia para generaciones futuras.



Fig. 2. Las Islas del campus central de la Ciudad Universitaria de México después de la pandemia, en la que se observa el pasto crecido después de meses sin mantenimiento. Fotografía: Marcos Mazari Hiriart, 2021.

Posteriormente, como profesor participé en la bienvenida a los estudiantes de la Facultad de Arquitectura que iniciaron sus clases en la Universidad en línea y, con prácticamente dos años de cursos a distancia, iniciaban en actividades presenciales. Puedo asegurar que ningún visitante o estudiante de generaciones anteriores ha mostrado tal asombro ante la experiencia de descubrir la excepcionalidad del campus central, de sus edificios y murales articulados por el espacio abierto de escala y proporción monumental, que nos vincula atemporalmente con centros ceremoniales prehispánicos bajo un lenguaje formal que, más que moderno, es y será siempre considerado contemporáneo.

Al recibir la invitación a participar por México en este volumen que celebra los 10 años de la Red PHI (Patrimonio Histórico + Cultural Iberoamericano), nos abre la oportunidad de reflexionar sobre la CU como Patrimonio Mundial y cuestionarnos sobre el constructo social que identifica al campus central y lo pone en valor como patrimonio del siglo XX.

Así, la primera parte de este texto sitúa a la CU en el contexto histórico que posibilitó su conceptualización y ejecución, un México posrevolucionario en busca de una identidad nacional, en un país con grandes retos y oportunidades.

La construcción del campus universitario en el Pedregal de San Ángel detonó el crecimiento urbano al suroeste de la capital, mancha urbana que hoy envuelve a la Ciudad Universitaria; ciudad que se habita y abandona diariamente,<sup>3</sup> impactando en la movilidad, los cambios de uso en su perímetro y la demanda de energía, entre otros temas; al mismo tiempo, como pulmón, área verde,

<sup>3</sup> De acuerdo con la Agenda Estadística de la UNAM 2007, año en que el campus central de Ciudad Universitaria fue inscrito en la Lista del Patrimonio Mundial de la UNESCO, la población de CU era de 142,096 personas (incluye la población escolar de licenciatura y posgrado en los sistemas escolarizados y abiertos). Para 2016, la población total de CU había ascendido a 211,976, de los cuales sólo poco más de 88 mil se encuentran en la Zona Núcleo, es decir, el conjunto original de la Ciudad Universitaria. Véase: Agenda Estadística UNAM 2016.

centro cultural y espacio público de quienes la habitan y visitan para la recreación, el solaz y el esparcimiento, es fundamental para un mejor y mayor entendimiento de la sociedad que día a día se apropia de este espacio urbano-arquitectónico, lo que abona a su construcción como patrimonio inmaterial.

El impacto que desde su inauguración tuvo la CU –más allá del objeto arquitectónico en un tiempo y un espacio–, se expande exponencialmente en sus lecturas y relecturas a través de revistas, libros y películas. Sin duda, estos inciden directa o indirectamente en la creación de los imaginarios sobre el campus y en la formación del constructo social, que genera la apropiación de carácter de símbolo de la CU.

La segunda parte documenta el trabajo de planeación que da seguimiento permanente a la Declaratoria como Patrimonio Mundial, que articula las acciones realizadas en el campus central para su conservación en el marco de los requerimientos de adecuación y actualización de los edificios que conforman este perímetro, para la apropiada realización de las actividades sustantivas, de las necesidades de actualización tecnológica permanente, de los cambios de uso interno de los espacios y de las obras de mantenimiento y conservación en edificaciones, murales, plazas y jardines.

Asimismo, se presentan algunos de los retos que supone la conservación del campus en lo arquitectónico y en sus edificaciones que sufren los embates del tiempo y que requieren de una atención particular desde el campo de lo estructural, que se suma a los efectos inesperados producidos por su ubicación en una zona sísmica.

Finalmente, en la tercera parte, se presenta la importancia de la conservación de la imagen del campus y los instrumentos de protección, resultado de la Declaratoria de la UNESCO. Para ello se aborda la importancia de las áreas de amortiguamiento y de la importancia de la apropiación de la comunidad universitaria y de la sociedad en general.

“México se ha edificado piedra sobre piedra...

Ésta es una de ellas”.

Carlos Lazo<sup>4</sup>

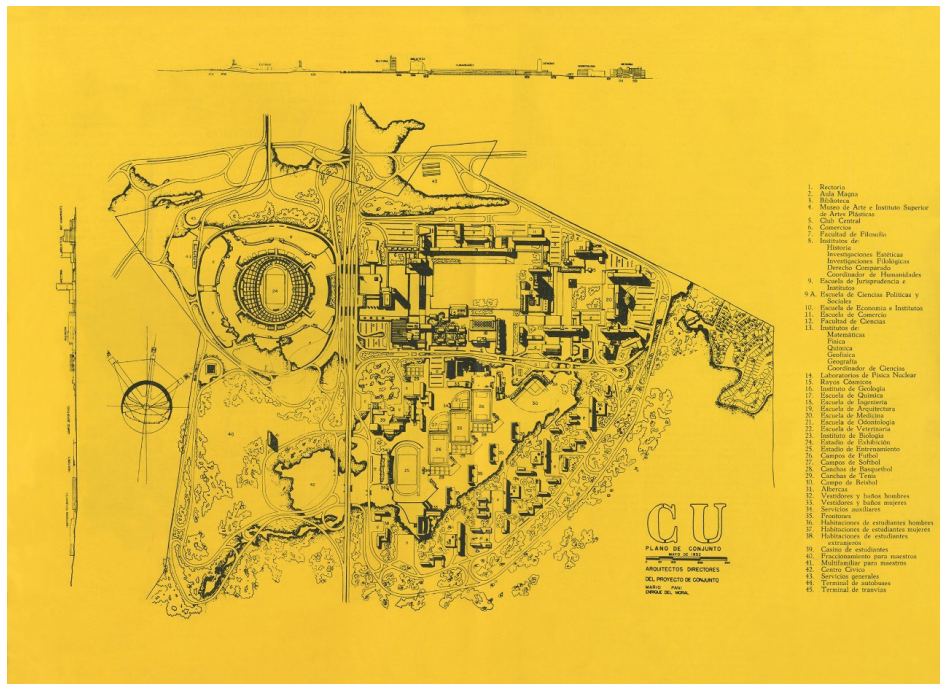


Fig. 3. Plano de conjunto de la Ciudad Universitaria de México, proyecto final. Fuente: revista *Arquitectura México* núm. 39, septiembre de 1952.

Como consecuencia de la consolidación de las ideas posrevolucionarias y de la estabilidad política, económica y social del país, hace siete décadas se concretó el magno proyecto de la Ciudad Universitaria de México, erigida entre 1950 y 1954, como nueva sede de la Universidad Nacional, hasta entonces ubicada en emblemáticos edificios históricos que albergaban a las escuelas de la Universidad sin articulación entre sí, ubicados en un perímetro del centro histórico de la capital del país, conocido entonces como barrio universitario.<sup>5</sup>

Esta gran obra, conceptualizada aplicando los criterios del Movimiento Moderno, proyectada y construida por arquitectos, ingenieros, estudiantes de la Universidad y otros profesionales mexicanos, conjuntó la voluntad política de autoridades universitarias y del gobierno federal con la estabilidad económica nacional e internacional, que convirtió a la CU, desde su origen, en un espacio sin precedentes tanto por su escala como por su carácter de símbolo,<sup>6</sup> en el marco

<sup>4</sup> Carlos Lazo, *Pensamiento y destino de la Ciudad Universitaria de México*, México: UNAM, 1952, p. 9.

<sup>5</sup> Véase: Alicia Ziccardi, *El barrio universitario: espacio y acción estudiantil (1910-1929)*, México: Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial UNAM, 2014; y Carlos Martínez Assad y Alicia Ziccardi (coords.), *El Barrio Universitario en el proceso de institucionalización de la Universidad Nacional Autónoma de México*, México: Coordinación de Humanidades, Facultad de Arquitectura, Instituto de Investigaciones Sociales, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad UNAM, 2018.

<sup>6</sup> Véase: Joaquín Lozano Trejo, “La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953”, en: Raúl Domínguez-Martínez (coord.), *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad*. La UNAM

de un nacionalismo consolidado tras el movimiento revolucionario. Como nos recuerda Carlos Monsiváis:

El nacionalismo como técnica de autoabastecimiento y de confianza en los materiales de la nación. “Orgullo de los autores de la obra” [...] fue el hecho de que tanto la tecnología como el diseño y la construcción de los recintos [de la Ciudad Universitaria] quedó en manos de profesionales mexicanos, y que el planteamiento de programas y proyectos fue resultado de una colaboración multidisciplinaria entre especialistas egresados en su mayoría de la propia universidad.<sup>7</sup>



Fig. 4. Vista aérea de la Ciudad Universitaria de México hacia el poniente, en la que se aprecia la zona rocosa de El Pedregal de San Ángel, 17 de enero de 1952. Fuente: Archivo Ing. Marcos Mazari Menzer. Compañía Mexicana de Aerofoto. S.A. copia 8511.

Erigida al sur de la Ciudad de México, sobre un terreno rocoso conocido como el Pedregal de San Ángel –considerado hasta entonces inhabitable–, la CU es, sin duda, el conjunto urbano-arquitectónico educativo más notable del siglo XX llevado a cabo en México en un tiempo récord, lo cual proporcionó otra cualidad de excepcionalidad en el ámbito nacional y el asombro internacional. El 5 de junio de 1950 se colocó la primera piedra en lo que sería el edificio de la Torre de Ciencias<sup>8</sup>

entre 1945 y 1972, México: UNAM, 2013, pp. 43-186.

<sup>7</sup> Carlos Monsiváis, “Introducción”, en: Sabrina Baños Boo (editora), *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C.*, México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo “A” de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011, p. 24.

<sup>8</sup> Dos meses después se inició la construcción de los edificios de Filosofía y Letras, Derecho, Economía y el estadio. Véase:

y, poco más de dos años después, el 20 de noviembre de 1952 fue inaugurada simbólicamente en un acto oficial denominado “Día de la Declaratoria”;<sup>9</sup> no obstante, las actividades en este nuevo recinto universitario comenzaron en 1954, momento en el que las aulas e instalaciones estuvieron listas para ser ocupadas por estudiantes, profesores y trabajadores.<sup>10</sup>

Su diseño y construcción se basó en un plan maestro de conjunto que se fue adaptando a los programas arquitectónicos de las diferentes facultades, escuelas, centros e institutos de investigación y áreas de servicios. Bajo la dirección de los arquitectos Mario Pani y Enrique del Moral, la CU fue ampliamente comentada, reseñada y fotografiada por diversos medios –nacionales e internacionales– de su época, dada su magnitud y soluciones particulares pues, si bien existían muestras importantes de arquitectura y urbanismo modernos en varias ciudades de la república mexicana, ninguna planteaba la creación de un conjunto urbano-arquitectónico educativo como el que se materializó en ella. En efecto, la forma en que este espacio propiciaba la relación de las personas con el espacio abierto, la ciudad, la arquitectura y el arte fue algo completamente nuevo para la época. Sólo una institución como la Universidad –que reflejaba como ninguna otra la transformación del país en torno a la educación y la investigación– pudo comprometerse a llevar a cabo una empresa de esta envergadura.

Previo al Día de la Declaratoria, el 21 de octubre de 1952 se inauguró el VIII Congreso Panamericano de Arquitectos<sup>11</sup> en la Ciudad de México. A él acudieron destacados profesionistas y teóricos internacionales de la arquitectura, quienes tuvieron oportunidad de conocer los avances en la construcción de la CU. Al respecto, Walter Gropius comentó:

En mi opinión este congreso ofrece el doble carácter de asimilación en enseñanza y avances definitivos en el temario general, primero y luego la bella realidad de encontrarse con México, país joven en constante renovación, con verdadera sed de construcción. ¡Esta Ciudad Universitaria es un asombro! ¡Está haciéndose todo con estilo particular y espíritu universal!<sup>12</sup>

Este comentario es paradigmático, en tanto que muestra la clara intención del proyecto universitario para dar soluciones formales particulares vinculadas a los postulados funcionalistas del Movimiento Moderno, que hoy reconocemos como valor universal. Estas virtudes fueron también abordadas por Richard Neutra quien, en la sesión plenaria del último día del Congreso, cuyo tema fue acerca de las ciudades universitarias, comentó:

---

Joaquín Lozano Trejo, “La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953”, p. 173

<sup>9</sup> “Próximo a terminar su periodo presidencial, el 31 de noviembre de 1952, el gobierno de Miguel Alemán organizó una ceremonia el día 20 de noviembre, aniversario de la Revolución mexicana, para entregar simbólicamente la Ciudad Universitaria, la cual se encontraba en ese momento en un avance de 80 por ciento”. Joaquín Lozano Trejo, “La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953”, p. 173.

<sup>10</sup> Emilio González González, “La concepción y construcción de la Ciudad Universitaria”, en: Raúl Domínguez-Martínez (coord.), Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972, México: UNAM, 2013, p. 202.

<sup>11</sup> Llevado a cabo del 20 al 25 de octubre de 1952. Tuvo como tema “La planeación y la arquitectura en los problemas sociales de América”.

<sup>12</sup> W. Gropius citado en: Carlos Flores Marini, “El debut de la Ciudad Universitaria”, en: Sabrina Baños Boo (editora), El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C., México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo “A” de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011, p. 31.

Sin duda alguna la Ciudad Universitaria es –y lo considero así– el más amplio y claro exponente de la dirección que parece haber tomado ya el movimiento arquitectónico mexicano. Me impresionó no tan sólo por el volumen que representa, sino también por la rapidez de su realización y su organización. Obra de trascendencia que la cultura puede tener en los destinos del país. En ella el sentido de lo universal y el acento de lo mexicano se están conciliando a través de una expresión arquitectónica que considero de alto valor y de sumo interés.<sup>13</sup>

En el marco de este Congreso, también destacaron los comentarios realizados por el arquitecto venezolano Carlos Raúl Villanueva, autor de la Ciudad Universitaria de Caracas de 1944,<sup>14</sup> pues en ellos resaltaba uno de los mayores valores de este nuevo campus: el espíritu de lo universitario, es decir, más allá de la infraestructura física está el sentido social y moral de los futuros profesionistas:

La aportación más seria que se puede hacer a la vida de las instituciones universitarias es, no solamente dotarlas de los edificios y los elementos físicos para su desarrollo, sino particularmente darles el aire espiritual y facilitar las condiciones sociales para su superación. Es esta la empresa que viene a resolver la nueva Ciudad Universitaria. No es un mero traslado de alumnos e instrumental; es una modificación casi sustancial de lo universitario lo que se ambiciona.<sup>15</sup>

Y efectivamente, esta gran obra de infraestructura educativa y cultural proyectó el ideal universitario por medio de un campus cuya escala evoca el espacio abierto prehispánico, contenido por sus edificaciones con un lenguaje formal diseñadas con los más avanzados procedimientos constructivos y materiales, que lo mismo combinaban tradición con innovación; un lugar donde los saberes científico, humanístico y artístico conviven para ofrecer las posibilidades de construir historias por parte de sus habitantes, valor intangible de nuestra universidad.

Como se mencionó, el imaginario de la CU se gestó desde su concepción misma. Más allá de las notas que fueron difundidas en la prensa nacional del momento,<sup>16</sup> en relación con las diversas acciones que antecedieron la construcción de esta monumental empresa, varias revistas especializadas hicieron eco de la relevancia y trascendencia de la CU. Una de ellas fue *Arquitectura México*, editada por el propio Mario Pani. Esta fue quizás la publicación periódica que más integró contenido en sus páginas en torno a este proyecto. De acuerdo con Lourdes Díaz:

En 1947 se registró el primer artículo dedicado a los concursos de CU; en 1950, otro sobre los avances de las obras. En 1951, dos números de las revistas incluyeron artículos sobre la Universidad. La edición 39 (septiembre de 1952) se trató de una monografía dedicada a la terminación e inauguración oficial de la Ciudad Universitaria; sus cerca de 180 páginas –casi un libro– contienen la descripción más completa de

---

<sup>13</sup> Richard Neutra citado en: Carlos Flores Marini, “El debut de la Ciudad Universitaria”, p. 32.

<sup>14</sup> Declarada Patrimonio Mundial por la UNESCO en 2000. Véase: UNESCO, “Ciudad universitaria de Caracas”, <https://whc.unesco.org/es/list/986#top> [consulta: 15 de agosto de 2022].

<sup>15</sup> C. R. Villanueva citado en: Carlos Flores Marini, “El debut de la Ciudad Universitaria”, p. 31.

<sup>16</sup> Para una detallada descripción del papel que jugaron los periódicos de la época, véase: Elisa Drago Quaglia, “La construcción de un imaginario. Los periódicos de México”, en: Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editores), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*, México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 215-227.

los edificios ejecutados y los que todavía estaban en proyecto, por lo que se ha convertido en una fuente invaluable de información y referente obligado para los historiadores de la arquitectura.<sup>17</sup>

Por su parte, la revista *Arquitectura y lo Demás* –importante publicación conocida por ser crítica de las obras gubernamentales– dedicó un solo artículo en 1948 a esta emblemática obra pública; no obstante, es relevante en tanto que representó el segundo artículo sobre esta magna obra difundido en una revista especializada y por tratar el tema del concurso. Por otro lado, *Espacios* dedicó cuatro números no consecutivos –entre 1951 y 1952– a la nueva sede de la Universidad Nacional; el último correspondió a un ejemplar doble<sup>18</sup> en el que se habló casi exclusivamente de la inauguración de la CU.

En el caso de las revistas internacionales, dos fueron las que dieron mayor difusión a las obras del naciente campus universitario: la francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui*, que publicó tres artículos, y la estadounidense *Architectural Forum*, que incluyó uno y un boletín sobre CU,<sup>19</sup> el cual reprodujo una traducción al inglés del artículo de Carlos Lazo, gerente general del proyecto universitario, publicado previamente –en español– en la ya mencionada revista *Espacios*.

Existe también una amplia obra bibliográfica en torno a la Ciudad Universitaria, realizada en diferentes épocas y que abona, desde diversas perspectivas, a las múltiples posibilidades de lectura y relectura del campus. Entre ellas sobresalen los libros publicados por la propia Universidad, como *La construcción de la Ciudad Universitaria del Pedregal*, volumen editado en 1979 como parte de la colección del cincuentenario de la autonomía de la UNAM. También, destacan las publicaciones: *La Ciudad Universitaria de 1954: un recorrido a cuarenta años de su inauguración*, de Juan Benito Artigas;<sup>20</sup> los libros en conmemoración de los 50 años de la CU: *La arquitectura de la Ciudad Universitaria*, bajo la coordinación editorial de José Rogelio Álvarez Noriega,<sup>21</sup> y *Ciudad Universitaria. Cincuenta años. 1952-2002*, coordinado por Felipe Leal,<sup>22</sup> Malena Mijares y Francisco Noriega,<sup>23</sup> esta última publicación caracterizada por mostrar, a través de su espléndida fotografía, la riqueza de sus espacios abiertos, su arquitectura y sus murales. Por otro lado, *Campus Central de Ciudad Universitaria. Patrimonio Cultural de la Humanidad. Guía para el visitante*<sup>24</sup> buscó contribuir al conocimiento de los edificios que conforman el campus central, recientemente declarado al momento de su publicación, como Patrimonio Mundial por la UNESCO; y *Habitar CU. 60 años*,<sup>25</sup> libro que compila, por medio de una amplia variedad de investigaciones, los valores

---

<sup>17</sup> Lourdes Díaz, “Hacia la construcción del mito. Las revistas de arquitectura”, en: Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editores), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 229-230.

<sup>18</sup> Correspondiente al 11/12, publicado en 1952, mismo año en que se editaron los números 9 y 10, que también incluyeron contenidos en relación con la emergente Ciudad Universitaria. El número 7, de 1951, fue el primero en abordar el tema del nuevo campus.

<sup>19</sup> Lourdes Díaz, “Hacia la construcción del mito. Las revistas de arquitectura”, p. 230.

<sup>20</sup> Juan B. Artigas H., *La Ciudad Universitaria de 1954: un recorrido a cuarenta años de su inauguración*, México: UNAM, 1994.

<sup>21</sup> José Rogelio Álvarez Noriega (coord.), *La arquitectura de la Ciudad Universitaria*, México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2002.

<sup>22</sup> Director de la Facultad de Arquitectura en aquellos años, su crédito aparece como coordinador general del proyecto editorial.

<sup>23</sup> Aparecen como coordinadores editoriales del libro.

<sup>24</sup> Enrique X. de Anda Alanís, *Campus Central de Ciudad Universitaria. Patrimonio Cultural de la Humanidad. Guía para el visitante*, México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2011. La edición cuenta con textos en español, inglés y francés.

<sup>25</sup> Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editores), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*, México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014. También fue publicado en inglés, bajo el título: *Living CU. 60 Years*.

tangibles e intangibles, desde una visión multidisciplinar de quienes habitan la Ciudad Universitaria, y sus diferentes lecturas y significados del campus.<sup>26</sup> De fecha más recientes, se encuentra *Campus Central CU. Lecturas de un patrimonio vivo*, editado en 2019.

Por otra parte, el cine contribuyó a la creación del imaginario de la CU por medio de películas que tuvieron como escenario el novedoso campus. Como afirma Georgina Cebey Montes de Oca:

El campus universitario, como telón de fondo del cine mexicano de la década de los cincuenta, da cuenta de todas [las] transformaciones [del país] con la claridad y elocuencia que puede darnos el cine. La idea de un espacio educativo como el que se realizó en México para la Universidad Nacional influyó en el modo en que este fue utilizado, imaginado y representado en diversas fuentes y con variedad de operatividades pues el campus de la Ciudad Universitaria ha demostrado una permanencia en diferentes ámbitos: lo público, lo artístico, lo político, lo intangible, etcétera.<sup>27</sup>

Entre las cintas que destacan en los primeros años de la CU se encuentran: *Padre nuestro* (1953) de Emilio Gómez Muriel, *El río y la muerte* (1954) de Luis Buñuel, *Teresa* (1960) de Alfredo B. Crevenna, *Viva la juventud* (1955) de Fernando Cortés y *Pasos a la juventud* (1957) de Gilberto Martínez Solares.

En general, los valores que encarna la Ciudad Universitaria, reflejados en diversos medios desde su construcción, dan cuenta de su carácter de símbolo, ya sean docentes, estudiantes, personal administrativo o visitantes quienes, al recorrer el campus de la CU, reconocen su valor patrimonial.

## II

De las 733 hectáreas que conforman actualmente la CU, 176.5 corresponden al campus central, es decir, el área construida en los cincuenta, enmarcada al norte por avenida Universidad, al sur por la hoy reserva ecológica del Pedregal, al poniente por la zona limítrofe con los Jardines del Pedregal, y al oriente por el barrio de Santo Domingo. El proyecto se dividió en cuatro zonas: escolar, habitacional y zona deportiva, estadio, y servicios generales.

---

<sup>26</sup> De igual importancia para la historiografía de la CU han sido otros libros publicados por la propia Universidad sobre temas más específicos en torno al campus central, como: Mercedes Linares (comp.), *Murales*, México, D.F.: Dirección General de Intercambio Académico y Cultural, Dirección General de Publicaciones UNAM, 1967; Celia Martín Marín (editora), *Biblioteca Central: libros, muros y murales. 50 aniversario*, México: Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación UNAM, 2006; Celia Martín Marín (editora), *Representación histórica de la cultura: mural de Juan O’Gorman en la Biblioteca Central*, México: Dirección General de Bibliotecas UNAM, 2008; y Lourdes Cruz González Franco (coord.), *El Estadio Olímpico Universitario. Lecturas entrecruzadas*, México: UNAM, 2011; entre otros.

<sup>27</sup> Georgina Cebey Montes de Oca, “Modernidad pétrea. Visualizaciones de la Ciudad Universitaria en el cine mexicano”, en: Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editores), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*, México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, p. 199.

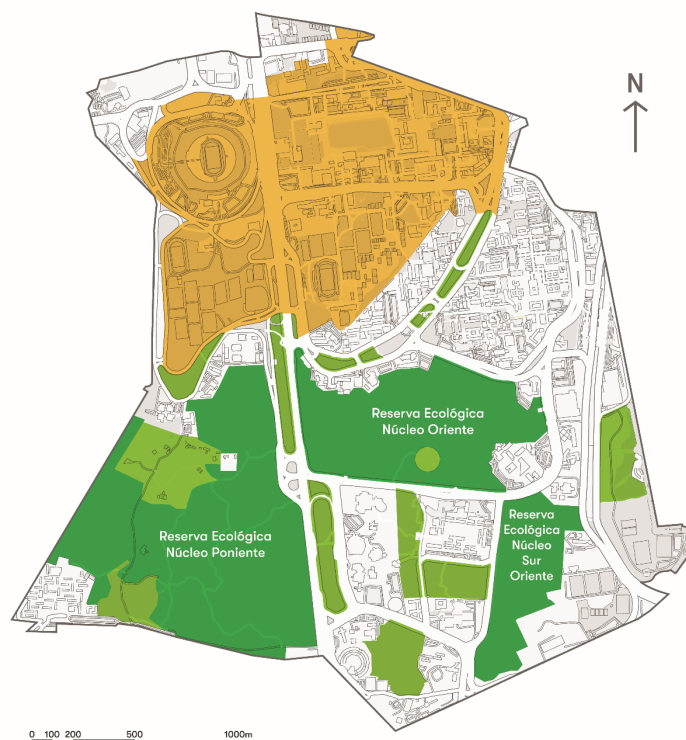


Fig. 5. Plano actual de la Ciudad Universitaria de México en la que se indica la Zona Núcleo de valor patrimonial (amarillo) y la Reserva Ecológica de El Pedregal (verde). Elaboración: Pablo Caballero con base en el *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019.*

La gran calidad arquitectónica y urbana, su carácter de símbolo y proyección universal, sintetizadas a través de su arquitectura, la integración plástica en sus murales, articulados por sus emblemáticos espacios abiertos y traza urbana, permitió en 2004 la gestión ante la Comisión Nacional de Zonas y Monumentos Artísticos del entonces Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA)<sup>28</sup> su declaración como Monumento Artístico, en el marco de la Ley Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas, emitida en 1972.<sup>29</sup> Así, el 18 de julio de 2005, el campus central de la UNAM quedó protegido por dicha ley y su reglamento correspondiente. Entre la argumentación que se dio para otorgarle esta categoría se encuentra que:

[...] esta obra cumbre de calidad e innovación de la arquitectura mexicana, con gran despliegue y asimilación de avances técnicos, fue edificada tomando en cuenta las nuevas necesidades de esa Casa de Estudios [UNAM], lo que permitió una profunda integración plástica, a cuya convocatoria respondieron arquitectos, ingenieros y artistas plásticos en cantidad y calidad sin precedentes, para dar como resultado la adaptación de la obra al medio de un modelo urbanístico funcional.<sup>30</sup>

Cabe mencionar que la declaratoria como Monumento Artístico nacional requiere de un complejo proceso, el cual culmina con la firma del documento por parte del presidente de México, ya que ésta obliga al Estado mexicano a responsabilizarse, en este caso, a la protección y conservación de los importantes y trascendentes valores que encarna la CU.

<sup>28</sup> Hoy Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura (INBAL).

<sup>29</sup> Disponible en: [https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131\\_160218.pdf](https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131_160218.pdf)

<sup>30</sup> “Decreto por el que se declara Monumento Artístico el conjunto arquitectónico conocido como Ciudad Universitaria”, *Diario Oficial de la Federación*, lunes 18 de julio de 2005.

En diciembre de 2005, una vez que la CU fue declarada Monumento Artístico nacional, se conformó un expediente técnico para la inscripción del campus central de la UNAM en la Lista de Patrimonio Mundial de la UNESCO, celebrada en París.

Durante la 31ª Asamblea del Comité del Patrimonio Mundial, llevada a cabo en junio y julio de 2007 en Christchurch, Nueva Zelanda, el campus central fue incluido en la mencionada lista. Los criterios que sirvieron de base para su inclusión fueron:

(i) representar una obra maestra del genio creador humano;

(ii) atestiguar un intercambio de valores humanos considerable, durante un periodo concreto o en un área cultural del mundo determinada, en los ámbitos de la arquitectura o la tecnología, las artes monumentales, la planificación urbana o la creación de paisajes;

[...]

(iv) ser un ejemplo eminentemente representativo de un tipo de construcción o de conjunto arquitectónico o tecnológico, o de paisaje que ilustre uno o varios periodos significativos de la historia humana; [...]<sup>31</sup>

Con este decreto, el Estado mexicano y la UNAM asumieron el compromiso de cumplir con cada uno de los requerimientos suscritos ante la UNESCO para proteger, conservar y mantener el valor universal excepcional del campus central de la UNAM.

Como parte de los compromisos de esta Declaratoria, se establece la realización de un Plan de Gestión para el manejo y el cuidado de los valores patrimoniales del recinto universitario.<sup>32</sup> Éste fue elaborado por un equipo interdisciplinar de expertos en gestión de inmuebles patrimoniales, bajo la dirección de la Secretaría Técnica del Comité de Análisis para las Intervenciones Urbanas, Arquitectónicas y de las Ingenierías en el Campus Ciudad Universitaria y los *Campi* de la UNAM.<sup>33</sup> El trabajo contó por primera vez con la participación de la comunidad universitaria mediante una serie de instrumentos participativos y de consulta, y fue completado con la investigación documental y con el monitoreo arquitectónico realizado periódicamente en los diferentes espacios construidos del recinto universitario.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> Capítulo II.D, párrafo 77 de las Directrices Prácticas para la aplicación de la Convención del Patrimonio Mundial. Disponible en: <https://whc.unesco.org/archive/opguide08-es.pdf> Como dato curioso, en el expediente original se justificaba la inclusión bajo los criterios ii, iv y vi, este último en relación con “estar directa o tangiblemente asociado a acontecimientos o tradiciones vivas, a ideas, creencias o trabajos artísticos o literarios de importancia universal”; no obstante, como parte del proceso de análisis, la UNESCO y el Consejo Internacional de Monumentos y Sitios (ICOMOS) concluyeron que el expediente presentado no fundamentaba en su totalidad la solicitud del criterio vi; sin embargo, como consecuencia del mismo análisis, se substituyó por el criterio i.

<sup>32</sup> Elaborado en 2017. En 2019 se llevó a cabo una edición de seguimiento.

<sup>33</sup> Constituido en 2016.

<sup>34</sup> El trabajo multidisciplinar para la elaboración del documento fue publicado en español e inglés bajo el título: Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México / Management Plan for the Central Campus of the University City. Universidad Nacional Autónoma de México, México: UNAM, 2017. Dos años después, en 2019, se publicó una edición de seguimiento. Cabe mencionar que, desde lo académico, también existen estudios que abordan el tema de la conservación patrimonial de CU. En ese sentido destacan los estudios realizados en torno al patrimonio que representa el espacio abierto, como: Marcos Mazari Hiriart, Consideraciones para la conservación y restauración de los espacios abiertos del Campus Central de Ciudad Universitaria, UNAM, tesis para obtener el grado de maestro en Arquitectura, México, UNAM, 2016; y el artículo de investigación: Diana Ramiro Esteban y Andrea Berenice Rodríguez Figueroa, “La conservación patrimonial de un espacio verde: la explanada de Las Islas en el campus central de Ciudad Universitaria de la UNAM”, Academia XXII vol. 12 núm. 24, diciembre de 2021, pp. 159-175.

Cabe destacar que la inscripción en la Lista de Patrimonio Mundial quedó acompañada por la Declaración de Valor Universal Excepcional, que reconoce y explica los valores patrimoniales que identifican al campus central de manera unívoca:

El Campus Central de la Ciudad Universitaria de la UNAM da testigo de la modernización del México post-revolucionario [sic] en el marco de los ideales y valores universales relacionados con el acceso a la educación, la mejora en la calidad de vida, la educación integral intelectual y física y la integración entre el urbanismo, la arquitectura y las Bellas Artes. Se trata de un trabajo colectivo, donde más de sesenta arquitectos, ingenieros y artistas trabajaron juntos para crear los espacios e instalaciones patos para contribuir al progreso de la humanidad a través de la educación.

El urbanismo y la arquitectura del Campus Central de la Ciudad Universitaria de la UNAM constituyen un excelente ejemplo de la aplicación de los principios del [Movimiento Moderno] del siglo XX fusionados con las características derivadas de la tradición prehispánica mexicana. El conjunto se convirtió en uno de los iconos más importantes del urbanismo y la arquitectura moderna en América Latina, reconocida a nivel universal.<sup>35</sup>

Como se mencionó, parte del Plan de Gestión contó con la participación de la propia comunidad universitaria, la cual, entre otras cosas, contribuyó a la elaboración de la “Evaluación de fortalezas, oportunidades, debilidades y amenazas (FODA)” del campus universitario. Así, mediante un instrumento diseñado para tal fin (talleres y entrevistas), se identificaron “los valores y atributos del campus Central de la CU, reflejando en ellos la apropiación ejercida sobre el mismo, así como las problemáticas que enfrenta y las posibles soluciones que garantices su conservación”.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Declaración de Valor Universal Excepcional, 2007, citado en: Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México / Management Plan for the Central Campus of the University City. Universidad Nacional Autónoma de México, México: UNAM, 2017.

<sup>36</sup> Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México, p. 44.

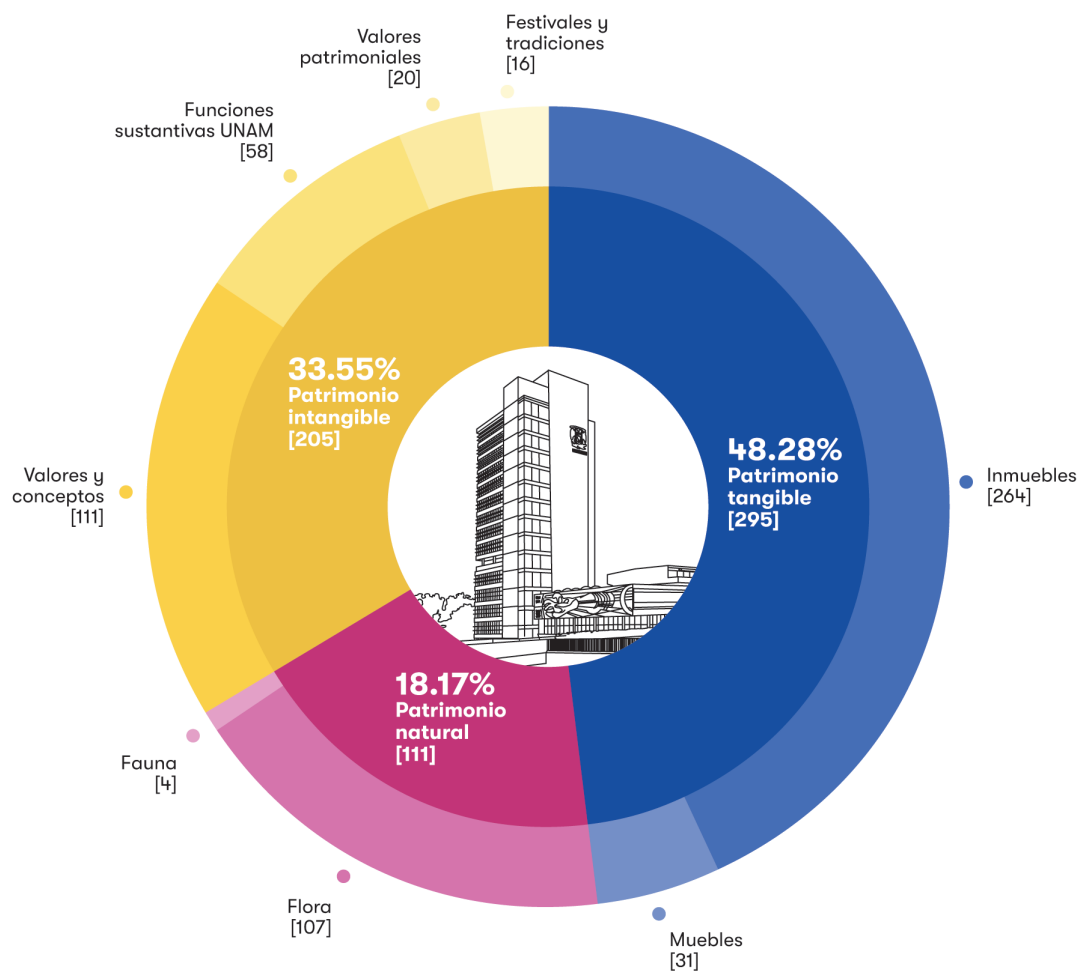


Fig. 6. Resultados de la clasificación de los atributos identificados del patrimonio tangible, intangible y natural del campus central de la CU, de acuerdo con los talleres y en encuesta realizados entre febrero y marzo de 2017 para tal fin. En total, participaron 188 personas, de quienes se obtuvieron 611 respuestas que relacionaban en tres categorías de patrimonio (material, inmaterial y natural), ocho aspectos distintivos. Elaboración gráfica: Pablo Caballero con base en el *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México* (2017).

Cabe destacar que, como resultado de lo anterior, el patrimonio tangible del campus central fue el que obtuvo mayor reconocimiento, principalmente la arquitectura y los murales dentro del perímetro original; también fueron identificados los valores intangibles, en especial las dinámicas de los usuarios, y naturales, particularmente los relacionados a los espacios abiertos y la flora que en ellos existe.<sup>37</sup> Este ejercicio corrobora la importancia que tiene el campus central para las personas que diariamente lo habitan, el cual va más allá de la arquitectura y el urbanismo e incluye el paisaje y las dinámicas sociales que en él se desarrollan.

<sup>37</sup> Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México, p. 46.

### III

La conservación del patrimonio supone un enorme esfuerzo por parte de todas las autoridades involucradas. En este caso, la Universidad es el órgano que salvaguarda el valor material y simbólico de este espacio. Sin embargo, la protección del sitio muchas veces se complejiza debido a diversos factores relacionados con fenómenos naturales, el envejecimiento de sus estructuras y, en otros casos, agentes ajenos a la Universidad. A continuación, presentamos tres casos a los que la UNAM se ha tenido que enfrentar, logrando superar los retos.

#### *Primer caso. Colapso de una cubierta por ruptura de un perno*

El patrimonio construido está sujeto a determinantes de carácter técnico por la vida útil de sus materiales y la experimentación en sus sistemas constructivos; particularmente, en la CU, éstas están relacionadas con estructuras de concreto armado y, en casos excepcionales, con elementos estructurales de acero. Este es el caso de la cubierta que enfatiza e identifica el acceso a la Facultad de Arquitectura desde la explanada central del campus universitario. En 2013, parte de la cubierta colapsó por la ruptura causada por la corrosión de un perno de acero, no observable a simple vista, articulación entre la estructura de concreto y la estructura metálica de la cubierta, lo cual generó la caída de la tercera parte de la cubierta por efecto dominó de los diferentes entrejes y de la flexión de las columnas de acero.

El peritaje determinó que se requería la demolición de toda la cubierta, ya que el procedimiento constructivo integral que utilizaba columnas y traveses en secciones de IPR en forma de IPR de alma abierta. Originalmente, se colocaron láminas corrugadas entre los patines inferiores de los IPR y, sobre estas, se coló la cubierta de concreto armado en secciones, lo cual ocasionó a su caída el efecto mencionado y no el desplome total del paso a cubierto.

Para su restauración, se determinó la importancia de la continuidad estructural de la cubierta; para conservar la imagen original se llevó a cabo una modificación estructural que proporciona mayor seguridad, descartando el inadecuado uso de los IPR de alma abierta.

El procedimiento constructivo empleado en 1954 en la CU –experimental para la época– es ampliamente utilizado en la construcción en México, actualmente conocido como losacero. No obstante, se diferencia de la anterior experiencia por la continuidad de sus armados, así como de la cimbra de lámina galvanizado, utilizada por su rapidez y eficiencia constructiva.



Fig. 7a



Fig. 7b





Fig. 7c



Fig. 7d

Imágenes 7a,7b,7c,7d, Imágenes de la cubierta colapsada y reconstruida del acceso a la Facultad de Arquitectura desde la explanada central del campus universitario. Fotografías: Leonardo Solórzano (9a, 9b y 9c), 2013, y Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM / Rafael Carlos Guerrero (9d), 2022.

## *Segundo caso. Consecuencias del sismo del 19 de septiembre de 2017*

Por el emplazamiento de la CU en una zona sísmica, el terremoto del 19 de septiembre de 2017, de magnitud 7.1 en la escala de Richter, provocó una serie de daños que alarmaron a la comunidad universitaria, particularmente a los jóvenes que no habían experimentado el sismo de 1985.

Un suceso como el anterior nos obliga a reconocer que el paso del tiempo, en algunos casos, limita nuestra percepción en la modificación del diseño arquitectónico y estructural, como el caso de las juntas constructivas de los edificios de las facultades de Medicina y Odontología que fueron cubiertas con pavimentos continuos en remodelaciones consecutivas. El movimiento telúrico generó el desprendimiento y desplome de recubrimientos de pisos que, al caer entre los niveles de los edificios, rompieron plafones. Este hecho provocó el pánico entre los universitarios, que pensaron en un posible colapso de los edificios; sin embargo, una vez revisadas las estructuras, se constató que no presentaban afectaciones.

En este caso, el error fue no respetar las juntas constructivas del proyecto original, las cuales requieren de tapajuntas flexibles que permitan el movimiento libre de las estructuras en casos de un sismo.

Entre otros ejemplos, en la Facultad de Arquitectura el movimiento telúrico generó el daño estructural en los pasos a cubierto que conectan a los Talleres, otro experimento constructivo de los cincuenta, caracterizado por la ligereza de las cubiertas de concreto y la esbeltez de sus columnas de concreto armado encofradas en tubos de ferrocemento. Dichos pasos a cubierto requirieron su apuntalamiento desde 2017.

Como en un caso de estudio en las aulas, su restauración abrió la polémica entre reestructurar o demoler totalmente y reconstruir, modificando ligeramente las secciones estructurales. La primera propuesta, ejecutada por el Laboratorio de Estructuras de la Facultad de Arquitectura,<sup>38</sup> presenta un minucioso proyecto de restauración –prácticamente una acupuntura estructural–, que conserva integralmente la estructura original. La segunda, desarrollada por el Instituto de Ingeniería de la UNAM, determina que la demolición total es la única forma de proporcionar la seguridad estructural, no sólo ante un sismo sino considerando otros usos extraordinarios, como la concentración de estudiantes sobre las cubiertas, lo cual se ha presentado en el pasado en movimientos estudiantiles de gran magnitud. Es importante mencionar que, para proporcionar la seguridad estructural, se requieren ampliar ligeramente las secciones estructurales. Aunque ambos procedimientos presentan costos similares, otro factor que ha incidido en su restauración total es la obtención de recursos, razón por la cual los pasos a cubierto se encuentran apuntalados actualmente.

Algunos miembros de la comunidad consideran que, en lugar de identificar los pasos a cubierto como un elemento arquitectónico del Movimiento Moderno, éstos se han convertido en una obra posmoderna con el uso de puntales inclinados que han sido identificados como remembranza del

---

<sup>38</sup> Coordinado por el Dr. Agustín Hernández Hernández.

arco maya, ejemplo de cómo el constructo social da significación a los elementos arquitectónico con los que convive cotidianamente.



Fig. 8a



Fig. 8b



Imagen 8c



Fig 8d

Imágenes 8a, 8b, 8c, 8d. Vista de los pasos a cubierto de los Talleres de Arquitectura apuntalados tras el sismo de 2017. Fuente: Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM / fotografía: Rafael Carlos Guerrero, 2022.

## Tercer caso. Afectaciones originadas en zona de amortiguamiento

Los conjuntos monumentales declarados Patrimonio Mundial ubicados en ciudades, por su escala y emplazamiento, se ven frecuentemente afectados por presiones del desarrollo urbano que pueden incidir, directa o indirectamente, sobre su uso e imagen y, en particular, sobre su conservación. Por lo anterior, la UNESCO ha generado políticas y estrategias para atender estos casos, como el *Memorándum de Viena sobre el Patrimonio Mundial y la Arquitectura Contemporánea. Gestión del Paisaje Histórico Urbano*,<sup>39</sup> de mayo de 2005, el cual dio lugar a la *Declaratoria sobre la conservación de los paisajes históricos urbanos*, aprobada por la Asamblea General de la ONU en octubre de ese mismo año. En ella, se establece que:

El principal desafío de la arquitectura contemporánea en el paisaje urbano histórico consiste en responder a una dinámica de desarrollo a fin de facilitar las reformas socioeconómicas y el crecimiento, respetando al mismo tiempo el paisaje urbano heredado y su configuración. Las ciudades históricas vivas, en particular las ciudades del Patrimonio Mundial, requieren una política de urbanismo y gestión en la que la conservación sea un punto de partida esencial. En este proceso, no deberán ponerse en peligro la autenticidad ni la integridad de las ciudades históricas, que están determinadas por distintos factores.<sup>40</sup>

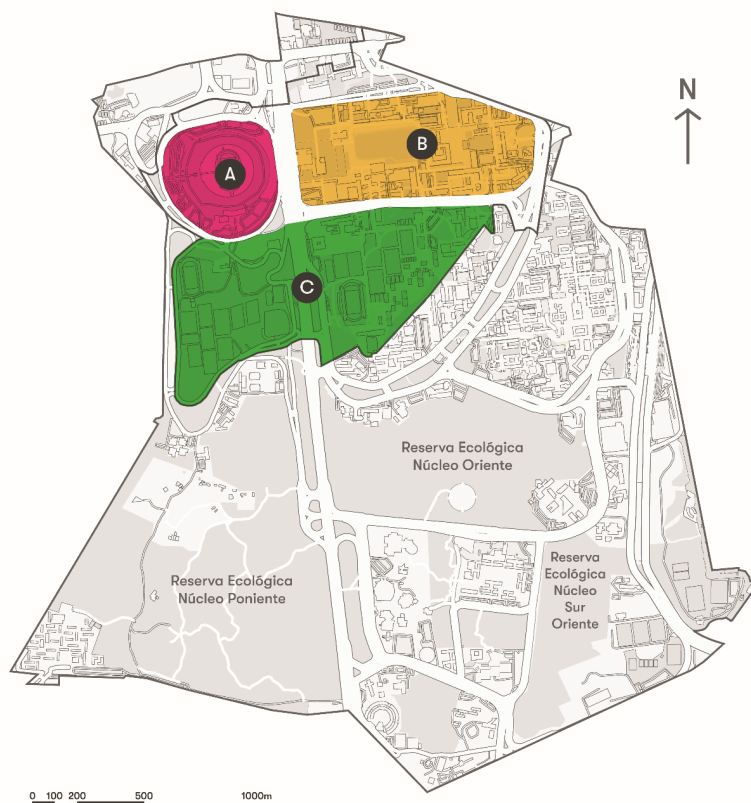


Fig. 9. Plano de la Ciudad Universitaria de México donde se indica la Zona Núcleo de valor patrimonial: en amarillo, zona escolar; en rojo, estadio olímpico; en verde, zona deportiva. Elaboración: Pablo Caballero con base en el *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019*.

<sup>39</sup> Véase: <https://conservacion.inah.gob.mx/normativa/wp-content/uploads/Documento34.pdf>

<sup>40</sup> [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000141303\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000141303_spa)

A fin de garantizar la protección eficaz del sitio, la Declaratoria de Patrimonio Mundial del campus universitario estableció áreas de amortiguamiento<sup>41</sup> para la protección de la Zona Núcleo, que corresponde a 176.5 hectáreas que integran la zona escolar construida originalmente, el Estadio Olímpico y los campos deportivos, mientras que la zona de amortiguamiento abarca un total 1,101.5 hectáreas, dividida en cuatro áreas, que incluyen terrenos dentro y fuera de la Universidad:

Zona 1: 544.33 ha, que abarca el resto de Ciudad Universitaria [es decir, todo aquello anexo a los terrenos originalmente construidos] y las 237.33 ha de la Reserva Ecológica.

Zona 2: 505.17 ha (aproximadamente), que comprende predios de las colonias de Jardines del Pedregal, Chimalistac, Copilco el Bajo y Copilco Universidad.

Zona 3: 52 ha (aproximadamente), que comprende predios de la colonia Copilco el Alto.<sup>42</sup>

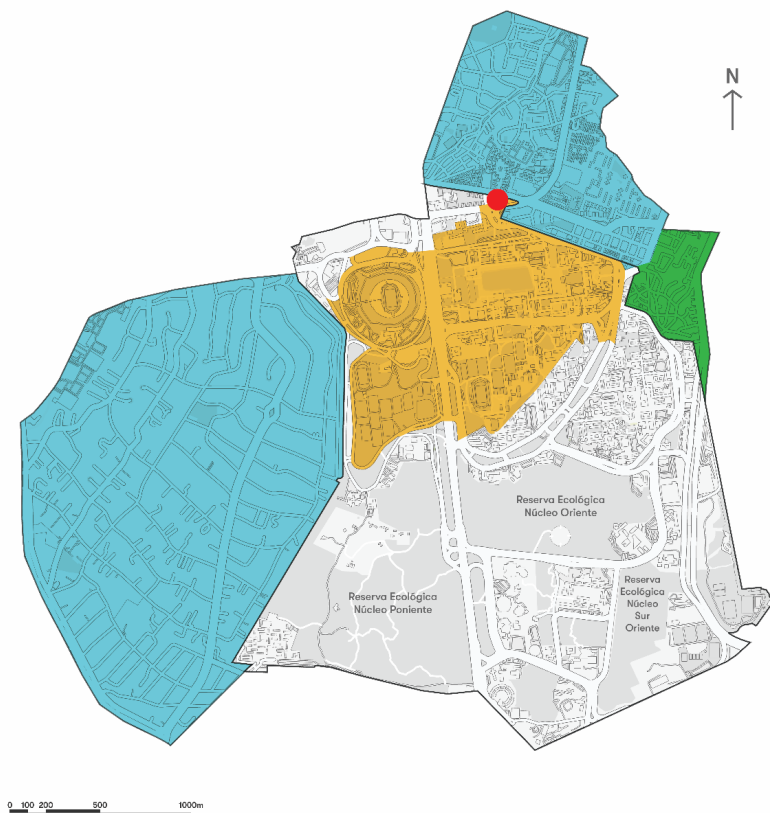


Fig. 10. Plano de la Ciudad Universitaria y sus alrededores donde se indican las zonas de amortiguamiento: Zona 1 en gris; Zona 2 en azul; Zona 3 en verde. El círculo rojo indica el terreno donde se construiría el desarrollo inmobiliario. Elaboración: Pablo Caballero con base en el *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019.*

Si bien es cierto que, dentro de la zona urbana, las áreas de amortiguamiento están sujetas a las normas, leyes y reglamentos que condicionan el desarrollo urbano en determinada área de

<sup>41</sup> Se refiere a las fronteras que delimitan un bien declarado Patrimonio Mundial. De acuerdo con el párrafo 99 las Directrices Prácticas de Aplicación de la Convención sobre la protección del Patrimonio Mundial, Cultura y Natural, 2015: “La definición de los límites constituye un requisito indispensable para la protección eficaz de los bienes propuestos. Los límites se establecerán con el fin de asegurar la plena expresión del valor universal excepcional y la integridad y/o autenticidad del bien”.

<sup>42</sup> Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019, México: UNAM 2019, p. 35.

la ciudad, así como a los procesos de obtención de licencias y manifestaciones de obra para la construcción de nuevos edificios, de acuerdo con el *Memorandum de Viena*:

La arquitectura de calidad en las áreas históricas tendrá que prestar la debida consideración a las escalas preexistentes, particularmente en lo relativo a los volúmenes y alturas de los edificios. En los nuevos desarrollos es importante minimizar los impactos directos en los elementos históricos importantes, tales como las estructuras significativas o los yacimientos arqueológicos.<sup>43</sup>

En 2018, se inició la construcción de un desarrollo inmobiliario de gran tamaño en avenida Copilco 75, en un predio correspondiente a la Zona 2 de amortiguamiento del campus central de la UNAM. Una vez iniciadas las obras en el terreno, gracias a la información mostrada en grandes mantas expuestas en los tres frentes de calle, se generó una voz de alarma por parte de la comunidad universitaria, que rápidamente se difundió en diversos medios y redes sociales.<sup>44</sup> La polémica surgió por la profundidad de la excavación y la altura proyectada de los edificios por parte del desarrollador inmobiliario identificado por realizar proyectos de gran escala.

La UNAM, como institución en usufructo de sus instalaciones –tomando en consideración que la CU es propiedad del Estado mexicano–, inició una investigación sobre el proyecto inmobiliario, el cual contaba con los estudios de impacto urbano y ambiental, así como todas las licencias que autorizaban su construcción, tanto de la Ciudad de México como de la alcaldía de Coyoacán; sin embargo, no contaba con la autorización del INBAL requerida en una zona de amortiguamiento de un sitio declarado Patrimonio Mundial.<sup>45</sup>

La comunidad universitaria y la sociedad en general se manifestaron en contra de este proyecto. Ejemplo de ello fue la gran marcha convocada el 25 de mayo de 2018 en la Biblioteca Central de la UNAM; la petición llevada a cabo en la plataforma change.org para “impedir que CU pierda la declaratoria de patrimonio de la humanidad por unos condominios”;<sup>46</sup> y, desde una perspectiva académica, la organización por parte de la Universidad del foro<sup>47</sup> “Ciudad Universitaria y el desarrollo urbano en sus alrededores. Desafíos y oportunidades”,<sup>48</sup> en el que, además de este problema, se discutió<sup>49</sup> la escala del proyecto inmobiliario y sus diversos efectos en aspectos como

<sup>43</sup> <https://conservacion.inah.gob.mx/normativa/wp-content/uploads/Documento34.pdf>

<sup>44</sup> Véase, por ejemplo: Esperanza Barajas, “En defensa del patrimonio de la UNAM”, *El Herald de México*, 6 de marzo de 2013, disponible en: <https://heraldodemexico.com.mx/opinion/2018/3/6/en-defensa-del-patrimonio-de-la-unam-34402.html>; Judith Amador Tello y Armando Ponce, “La batalla de la UNAM contra las torres de Be Grand”, *Proceso*, 6 de marzo de 2018, disponible en: <https://www.proceso.com.mx/reportajes/2018/3/6/la-batalla-de-la-unam-contra-las-torres-de-be-grand-201086.html>; Diana Lastiri, “Esperan datos de peritaje sobre torres frente a CU”, *El Universal*, 6 de marzo de 2018, disponible en: <https://www.eluniversal.com.mx/nacion/seguridad/esperan-datos-de-peritajes-sobre-torres-frente-cu>; y Arturo Sánchez Jiménez, “Busca CU conservar el estatus de Patrimonio de la Humanidad de la Unesco”, *La Jornada*, 25 de marzo de 2018, p. 26, disponible en: <https://www.jornada.com.mx/2018/03/25/sociedad/026n3soc>; entre otros.

<sup>45</sup> Cabe señalar que, al darse a conocer la escala del proyecto (aproximadamente 600 departamentos distribuidos en dos torres de alrededor de 70 metros de altura), las asociaciones de vecinos se manifestaron inmediatamente en contra de él, argumentando problemas de tráfico, agua, inseguridad, etcétera, los cuales no aplican dentro de los lineamientos de zonas de amortiguamiento de la UNESCO, por ser competencia de las autoridades estatales y/o locales en cada lugar del mundo.

<sup>46</sup> Firmada por 154,830 personas: <https://www.change.org/p/gobcdmx-unam-mx-impedir-que-cu-pierda-la-declaratoria-de-patrimonio-de-la-humanidad-por-unos-condominios>

<sup>47</sup> Por medio de la Facultad de Arquitectura, el Instituto de Investigaciones Jurídicas, el Instituto de Ecología, la Reserva Ecológica del Pedregal de San Ángel y el Seminario Universitario de Sociedad, Medio Ambiente e Instituciones.

<sup>48</sup> Llevado a cabo el 15 de febrero de 2018, en el entonces teatro Carlos Lazo –hoy Estefanía Chávez Barragán– de la Facultad de Arquitectura.

<sup>49</sup> Mesa 1. Jurídico y Normatividad; Mesa 2. Desarrollo urbano sustentable y medio ambiente; Mesa 3. Sociedad civil; Mesa 4. C.U. Patrimonio de la Humanidad.

la carga de servicios urbanos, los derechos sociales de los habitantes de la zona (incluidos los de la Ciudad Universitaria), así como el impacto en el medio ambiente y el paisaje colaterales a su declaración como Patrimonio Mundial. Entre las conclusiones de la Mesa 4, cabe destacar el cuarto punto:

El patrimonio de Ciudad Universitaria nos enseña formas lógicas, racionales y éticas de relacionar paisaje, arquitectura y ciudad, a diferencia de los nuevos mega-desarrollos, que ignoran y desprecian esas formas de hacer ciudad [...] <sup>50</sup>

Cabe mencionar que, en caso de haberse llevado a cabo la construcción del inmueble, la inscripción del campus central en la Lista de Patrimonio Mundial de la UNESCO pudo ponerse en riesgo. Como referencia, el organismo internacional retiró la declaratoria a Dresde, Alemania, por la construcción de un puente; y, en 2017 el centro histórico de Viena fue inscrito en la Lista de Patrimonio Mundial en Peligro por la construcción de unas torres de gran altura. México estuvo cerca de estar en esta misma lista hace unos años por el claro deterioro paisajístico y ambiental de Xochimilco, aunque la implementación de políticas y campañas lograron salvaguardar el sitio para no perder su estatus como patrimonio.

Para evitar cualquier controversia fuera de la afectación visual, la rectoría de la UNAM formó un equipo de trabajo integrado por los titulares de la Oficina de la Abogacía General, la Facultad de Arquitectura y el Instituto de Geografía, bajo la coordinación de la primera. Se decidió enviar un comunicado oficial a la UNESCO y se determinó proceder de forma jurídica, interponiendo un juicio de amparo ante la Suprema Corte de la Nación. <sup>51</sup>

La carpeta elaborada para tal fin documentó toda la fundamentación sobre la protección que obliga al cabal cumplimiento de la Convención del Patrimonio Mundial y los acuerdos internacionales ratificados por el Estado mexicano. También, se incluyó un estudio digital realizado por el Instituto de Geografía, <sup>52</sup> el cual mostraba, desde diferentes perspectivas del campus a nivel de ojos de un peatón, las vistas hacia la Biblioteca Central y el impacto visual que generaría el proyecto inmobiliario. Dicho estudio fue importante, pues proporcionó certeza y seguridad del impacto visual real de la obra. <sup>53</sup> Asimismo, como fundamento arquitectónico se destacó la relevancia del carácter de símbolo de la Biblioteca Central pues, más allá de ser una obra emblemática del Movimiento Moderno mexicano, es la imagen más representativa de la educación y la cultura en México.

---

<sup>50</sup> <https://susmai.unam.mx/ciudad-universitaria-y-el-desarrollo-urbano-en-sus-alrededores-desafios-y-oportunidades/>

<sup>51</sup> Juicio de Amparo 91/2018.

<sup>52</sup> Realizado con base en una metodología conocida como nubes de puntos.

<sup>53</sup> Cabe señalar que, en muchos desplegados y carteles publicitarios exageraron la afectación visual al generar gráficos en el que el edificio de vivienda se ubicaba justo a unos metros detrás de la Biblioteca Central y no en la zona donde realmente se construía.

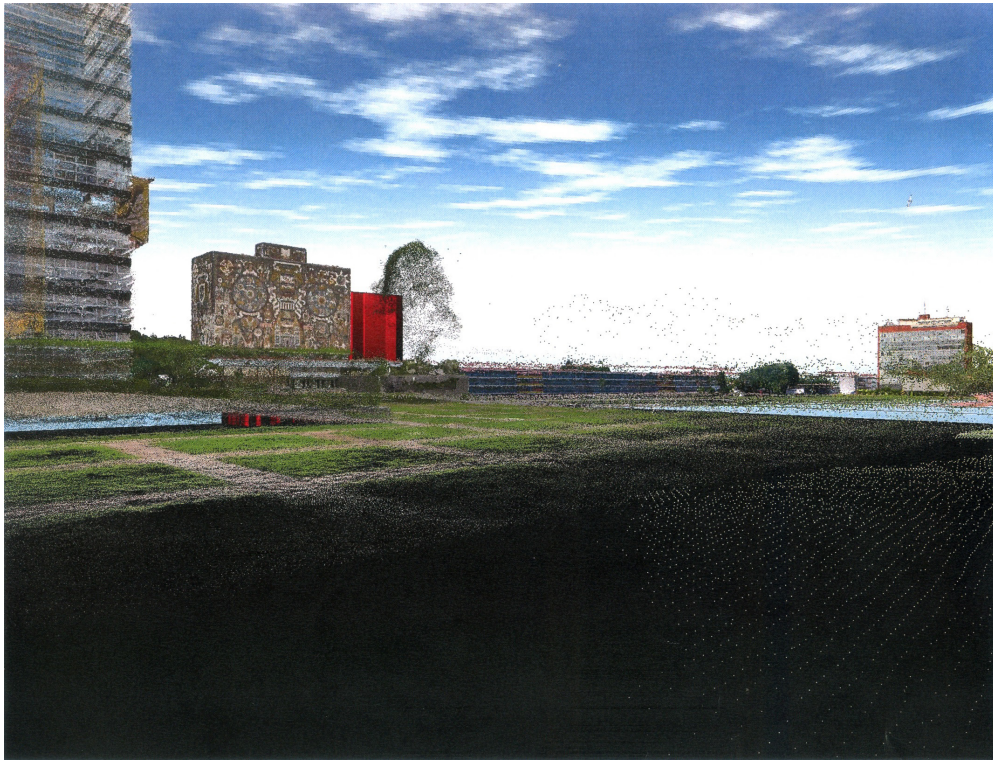


Fig. 11a



Fig. 11b

Imágenes 11a y 11b. Estudio digital realizado con base en la metodología de Nube de Puntos, en la que se muestra la afectación visual del desarrollo inmobiliario que se pretendía construir en avenida Copilco 75, en las inmediaciones de la Ciudad Universitaria. Fuente: Instituto de Geografía de la UNAM.

El juicio se desarrolló entre 2018 y 2022. Como parte del proceso, los magistrados de la Suprema Corte de Justicia de la Nación consultaron, bajo la figura de *amicus curiae*,<sup>54</sup> a quienes consideraron adecuados. En mayo de 2022, por unanimidad la Segunda Sala del máximo tribunal del país falló a favor de la UNAM. Entre los argumentos mencionados en la resolución final, que obligó al desarrollador inmobiliario a detener definitivamente la obra, se señaló que:

[...] dicha restricción encuentra sustento en lo dispuesto por el artículo 27, párrafo tercero, de la Constitución Federal que permite imponer a la propiedad privada las modalidades que dicte el interés público, en el caso, la protección de un bien declarado patrimonio mundial de la humanidad, en virtud de que las zonas de amortiguamiento, como aquella en la que se ubica el predio de las terceras interesadas, son un mecanismo de protección que garantizan la salvaguarda a largo plazo del bien declarado Patrimonio Mundial, al constituir una zona de protección indispensable para lograr una defensa eficaz de los bienes propuestos y tienen por objeto asegurar la plena expresión del valor universal excepcional y la integridad y/o autenticidad del bien.<sup>55</sup>

Es importante indicar que, si bien el largo proceso diluyó el interés mediático por parte de la comunidad universitaria y la sociedad en general, gracias al seguimiento institucional del caso, se logró salvaguardar la imagen e integridad del campus central para futuras generaciones.

## Consideraciones finales

Como obra magna del Movimiento Moderno mexicano, máximo referente de la cultura y la educación en México y herencia viva que conserva su vocación material e inmaterial, el campus central de la UNAM materializa las expectativas y los alcances de un país con grandes retos y oportunidades de los años cincuenta, pero también las aspiraciones presentes y los anhelos futuros de la sociedad mexicana. Su historia nos demuestra por qué fue incluida en la Lista de Patrimonio Mundial de la UNESCO en 2007: articulación entre materialidad –manifestada en sus edificaciones, murales y espacios abiertos– y simbolismo –expresado en sus evocaciones, vinculando el pasado prehispánico con el presente posrevolucionario atemporal–, que entretejen el paisaje urbano cotidianamente con todas las personas que la visitan, transitan y habitan.

Ser patrimonio mundial implica un gran compromiso cuyos retos en ocasiones son difíciles de visualizar. No obstante, en cumplimiento de la responsabilidad que este nombramiento conlleva, pero sobre todo con la clara convicción de mantener viva la proyección de la Universidad, que fortalece la máxima casa de estudios del país para las presentes y las futuras generaciones, la UNAM ha elaborado planes de manejo y gestión, como instrumento dinámico en constante actualización, para establecer un adecuado orden a través de estrategias y acciones hacia una planeación a corto, mediano y largo plazo, a fin de atender las presiones y dinámicas sociales, culturales y ambientales.

---

<sup>54</sup> En latín, significa “amigos de la corte” y corresponde a las presentaciones realizadas por terceros ajenos a un litigio, quienes ofrecen voluntariamente su opinión, alegatos, demanda o exhorto jurídico vinculante frente a algún punto de derecho u otro aspecto relacionado, para colaborar con el tribunal en la resolución de la materia objeto del proceso.

<sup>55</sup> Amparo en revisión 581/2020, párrafo 317. Disponible en: [https://www.scjn.gob.mx/sites/default/files/listas/documento\\_dos/2022-04/581-2.pdf](https://www.scjn.gob.mx/sites/default/files/listas/documento_dos/2022-04/581-2.pdf)

Como bien tangible e intangible declarado Patrimonio Mundial, la Ciudad Universitaria de la UNAM requiere de un seguimiento y un cuidado permanentes para su conservación, que implica un óptimo y actualizado marco jurídico, un adecuado entendimiento de su historia y un correcto conocimiento de los aspectos arquitectónico y estructural, pero también social y, hoy más que nunca, ambiental.

La conservación del patrimonio construido en una zona sísmica requiere implementar protocolos para elaborar diagnósticos, estudios y análisis estructurales de las edificaciones de la Universidad, las cuales han desarrollado a lo largo del tiempo pérdida de resistencia y capacidad de carga de los elementos estructurales debido a los sismos y sus réplicas. Dicho protocolo debe incluir la revisión de daños estructurales, en acabados, del cambio de uso de los espacios y rutas de evacuación, de instalaciones, así como la medición de deformaciones, de resistencia del concreto y de inclinación de los inmuebles.

Principalmente, en la Zona Núcleo del campus central es necesario implementar un método y establecer las recomendaciones del Centro de Patrimonio Mundial de la UNESCO relativas al manejo de riesgos por desastres, adecuándolo, desde luego, a nuestro contexto mediante un proceso colaborativo, considerando no sólo los aspectos de peligro sísmico sino mucho de los otros factores de riesgo exógenos a los que está expuesto diariamente el patrimonio universitario.<sup>56</sup>

Podemos asegurar que, además de sus reconocidos principios urbano-arquitectónico-paisajísticos, la Ciudad Universitaria de la UNAM es patrimonio vivo desde sus orígenes hasta hoy en día. Su significado radica en ser uno de los centros académicos, culturales y de investigación más importantes en Latinoamérica, productor de conocimientos y generador de ciudadanía, aspectos que son resultado de la dinámica de apropiación por parte de más de 70 generaciones de estudiantes, quienes se han formado en sus aulas, laboratorios y talleres, así como por parte de académicos, investigadores y trabajadores que la habitamos día con día.

Como todo patrimonio vivo, la Ciudad Universitaria de la UNAM mantiene vigente su uso, que caracteriza su valor de apreciación y da testimonio de la continuidad de su destino en atención a la docencia, investigación y difusión de la cultura, labores sustantivas de la Universidad. Como institución, la UNAM se construye y fortalece día a día como referente de la cultura y la educación en México, y la Ciudad Universitaria como su imagen tangible, a través del cual se identifica el valor intangible –los universitarios–, que nos permite asegurar que ésta es la Universidad de la Nación.

## Referencias

AMADOR Tello, Judith; PONCE, Armando. "La batalla de la UNAM contra las torres de Be Grand". *Proceso*, 6 de marzo de 2018. <https://www.proceso.com.mx/reportajes/2018/3/6/la-batalla-de-la-unam-contra-las-torres-de-be-grand-201806.html>

ÁLVAREZ Noriega, José Rogelio (coord.) *La arquitectura de la Ciudad Universitaria*. México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2002.

ARTIGAS H., Juan B. *La Ciudad Universitaria de 1954: un recorrido a cuarenta años de su inauguración*. México: UNAM, 1994.

ASSAD, Carlos Martínez; ZICCARDI, Alicia (coords.) *El Barrio Universitario en el proceso de institucionalización de la Universi-*

<sup>56</sup> Véase: UNAM, Septiembre de 2017, México: Dirección General de Obras y Conservación UNAM, 2019.

- dad Nacional Autónoma de México. México: Coordinación de Humanidades, Facultad de Arquitectura, Instituto de Investigaciones Sociales, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad UNAM, 2018.
- BARAJAS, Esperanza. "En defensa del patrimonio de la UNAM". *El Heraldo de México*, 6 de marzo de 2013. <https://heraldodemexico.com.mx/opinion/2018/3/6/en-defensa-del-patrimonio-de-la-unam-34402.html>
- CEBEY Montes de Oca, Georgina. "Modernidad pétreo. Visualizaciones de la Ciudad Universitaria en el cine mexicano". En: LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 273-289.
- CRUZ González Franco, Lourdes (coord.) *El Estadio Olímpico Universitario. Lecturas entrecruzadas*. México: UNAM, 2011.
- DE ANDA Alanís, Enrique X. *Campus Central de Ciudad Universitaria. Patrimonio Cultural de la Humanidad. Guía para el visitante*. México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2011.
- DECRETO por el que se declara Monumento Artístico el conjunto arquitectónico conocido como Ciudad Universitaria. *Diario Oficial de la Federación*, lunes 18 de julio de 2005.
- DÍAZ, Lourdes. "Hacia la construcción del mito. Las revistas de arquitectura". En: LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 229-230.
- DRAGO Quaglia, Elisa. "La construcción de un imaginario. Los periódicos de México". En: LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 215-227
- EXCÉLSIOR. México, martes 6 de junio de 1953.
- FLORES Marini, Carlos. "El debut de la Ciudad Universitaria". En: BAÑOS Boo, Sabrina (editora). *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C.* México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo "A" de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011.
- GONZÁLEZ González Emilio. "La concepción y construcción de la Ciudad Universitaria". En: DOMÍNGUEZ-MARTÍNEZ, Raúl (coord.) *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972*. México: UNAM, 2013.
- LAZO, Carlos. *Pensamiento y destino de la Ciudad Universitaria de México*. México: UNAM, 1952.
- LASTIRI, Diana. "Esperan datos de peritaje sobre torres frente a CU". *El Universal*, 6 de marzo de 2018. <https://www.eluniversal.com.mx/nacion/seguridad/esperan-datos-de-peritajes-sobre-torres-frente-cu>
- LEY Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas. *Diario Oficial de la Federación*, 6 de mayo de 1972. [https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131\\_160218.pdf](https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131_160218.pdf)
- LINARES, Mercedes (comp.) *Murales*. México, D.F.: Dirección General de Intercambio Académico y Cultural, Dirección General de Publicaciones UNAM, 1967.
- LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014.
- LOZANO Trejo, Joaquín. "La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953". En: DOMÍNGUEZ-MARTÍNEZ, Raúl (coord.) *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972*. México: UNAM, 2013, pp. 43-186.
- MARTÍN Marín, Celia (editora). *Biblioteca Central: libros, muros y murales. 50 aniversario*. México: Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación UNAM, 2006.
- \_\_\_\_\_. (editora). *Representación histórica de la cultura: mural de Juan O'Gorman en la Biblioteca Central*. México: Dirección General de Bibliotecas UNAM, 2008.
- MAZARI Hiriart, Marcos. *Consideraciones para la conservación y restauración de los espacios abiertos del Campus Central de Ciudad Universitaria*, UNAM. México: tesis para obtener el grado de maestro en Arquitectura, UNAM, 2016.

MONSIVÁIS, Carlos. "Introducción". En: *BAÑOS Boo*, Sabrina (editora). *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4° Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano*, A. C. México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo "A" de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011.

RAMIRO Esteban, Diana; RODRÍGUEZ Figueroa, Andrea Berenice. "La conservación patrimonial de un espacio verde: la explanada de Las Islas en el campus central de Ciudad Universitaria de la UNAM". *Academia XXII* vol. 12 núm. 24, diciembre de 2021, pp. 159-175.

SÁNCHEZ Jiménez, Arturo. "Busca CU conservar el estatus de Patrimonio de la Humanidad de la Unesco". *La Jornada*, 25 de marzo de 2018. <https://www.jornada.com.mx/2018/03/25/sociedad/026n3soc>

UNAM. *Agenda Estadística UNAM 2016*. México: UNAM, 2016.

\_\_\_\_\_. *Campus Central CU. Lecturas de un patrimonio vivo*. México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2019.

\_\_\_\_\_. "Ciudad Universitaria y el Desarrollo Urbano en sus alrededores. Desafíos y oportunidades". *Seminario Universitario de Sociedad, Medio Ambiente e Instituciones*.

\_\_\_\_\_. *Ciudad Universitaria. Cincuenta años. 1952-2002*. México: Facultad de Arquitectura, Difusión Cultural UNAM, 2002.

\_\_\_\_\_. *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México / Management Plan for the Central Campus of the University City*. Universidad Nacional Autónoma de México. México: UNAM, 2017.

\_\_\_\_\_. *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019*. México: UNAM, 2019.

\_\_\_\_\_. *Plan Maestro de la Ciudad Universitaria*. México: UNAM, 2018.

\_\_\_\_\_. *Septiembre de 2017*. México: Dirección General de Obras y Conservación UNAM, 2019.

<https://susmai.unam.mx/ciudad-universitaria-y-el-desarrollo-urbano-en-sus-alrededores-desafios-y-oportunidades/>

UNESCO. "Ciudad universitaria de Caracas". <https://whc.unesco.org/es/list/986#top>

\_\_\_\_\_. "Directrices Prácticas para la aplicación de la Convención del Patrimonio Mundial". <https://whc.unesco.org/archive/opguide08-es.pdf>

\_\_\_\_\_. "Memorándum de Viena sobre el Patrimonio Mundial y la Arquitectura Contemporánea. Gestión del Paisaje Histórico Urbano". <https://conservacion.inah.gob.mx/normativa/wp-content/uploads/Documento34.pdf>

ZICCARDI, Alicia. *El barrio universitario: espacio y acción estudiantil (1910-1929)*. México: Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial UNAM, 2014.

# CIUDAD UNIVERSITARIA OF UNAM, CULTURAL IDENTITY OF EDUCATION IN MEXICO

## *Challenges and Opportunities for its Conservation as Living Heritage*

*Marcos Mazari Hiriart<sup>1</sup>  
Leonardo Solórzano Sánchez<sup>2</sup>*

### *Abstract*

*Ciudad Universitaria* of the *Universidad Nacional Autónoma de México* is one of the two university campuses from the 20<sup>th</sup> Century Modern Movement in architecture inscribed on the UNESCO World Heritage List. The present text reflects on the importance of this living heritage that maintains its original function: teaching, research, and the dissemination of culture, even after seven decades of its inauguration. This text also analyzes the mechanisms for its preservation and exemplifies how the University has dealt with maintaining the central campus as a tangible and intangible cultural good for present and future generations.

**Key words:** Cultural identity, Ciudad Universitaria of UNAM, living 20th Century World Heritage, conservation, UNAM.

---

<sup>1</sup> Facultad de Arquitectura, UNAM - [marcos.mazari@fa.unam.mx](mailto:marcos.mazari@fa.unam.mx)

<sup>2</sup> Facultad de Arquitectura, UNAM - [leonardo.solorzano.s@gmail.com](mailto:leonardo.solorzano.s@gmail.com)



Fig. 1. General view of the *Torre de Rectoría* and the *Biblioteca Central* from the water mirror located in the central campus. Source: Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM / fotografía: Rafael Carlos Guerrero, 2019.

Confinement in response to a sanitary emergency is an event that humanity never expected in the 21<sup>st</sup> Century. Due to the impact on health and the high number of deaths that the Covid-19 pandemic caused at a global scale, everyone was affected regardless of nationality, age, gender, or place of residence, among other aspects. This situation made us reflect on our immediate environment while at the same time it evidenced the fragility of our world, revealing the systemic and complex planetary reality.

Like everyone else who has had the fortune to develop their everyday activities in a space like *Ciudad Universitaria* (CU) of the *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM) we have become habituated to our surroundings. In many occasions, especially as the Dean of the *Facultad de Arquitectura*<sup>3</sup>, I had the opportunity to walk the campus alongside visitors, academics, and referential practicing architects, witnessing their amazement as they went through the *Facultad de Arquitectura* as a threshold towards the central esplanade, with its emblematic buildings: the *Torre de Rectoría* and the *Biblioteca Central* as focal points. This image condenses the identity of education and culture in Mexico.

One of the most significant experiences upon returning to the campus after almost two years of confinement, was to find the central esplanade -known popularly as *las islas*- turned, due to lack of maintenance, into a field blooming with wild grasses of over 60 centimeters high; a beautiful

---

<sup>3</sup> The names of the different Schools, Buildings, and Institutions have been kept in Spanish to maintain direct reference. For translation, see the reference list at the end of this paper.

natural landscape, while a worrying situation that demonstrated the fragility of this Heritage Site, along it's clear will as a place of memory and heritage for future generations.

Upon returning to the University from confinement, I took part in the welcoming activities that the *Facultad de Arquitectura* organizes each year for new students. This time was different, for this new generation had begun their studies online, and after almost two years of this modality, returned to face-to-face activities. I can almost ensure that no visitor or student from previous generations has demonstrated such an astonishment upon encountering the central campus, its buildings and murals articulated by an open space of such a monumental scale and proportion that binds us through time with pre-Hispanic ceremonial and urban centers, under a formal language that, even more than Modern, is, and will continue to be considered contemporary.

After receiving the invitation to participate in this volume that celebrates ten years of the *Red PHI (Patrimonio Histórico + Cultural Iberoamericano)*, the opportunity arose to reflect on CU as a World Heritage Site, as well as the possibility to question the social construct that identifies the central campus and frames it as 20<sup>th</sup> Century cultural heritage.

The first section of this text contextualizes CU in the historical moment that made possible its conceptualization and execution, a post-revolutionary Mexico that pursued the definition of a national identity in a country with great challenges and opportunities.

The construction of the University's campus on the *Pedregal de San Ángel*, located southwest of Mexico City, detonated urban growth in this area. Today the City has grown completely around CU, a city on its own that is inhabited and abandoned every day<sup>4</sup>, Causing great impact on mobility, the change of uses on its periphery, and energetic demand, among other issues. At the same time, as a lung to the City, a green area, cultural center, and a public space for those who inhabit or visit it for leisure, recreation, and relaxation, it is a fundamental component for a better understanding of the society that appropriates this unique urban-architectonic space on a daily basis, which adds to its consolidation as an intangible cultural good.

The impact that CU had since its inauguration -beyond an architectonic complex in a determined space and time-, expand exponentially in its readings and re-readings in magazines, books, and films. Without a doubt, these had an effect, whether directly or indirectly, on the creation of imaginaries of the campus and on the formation of a social construct that generates a symbolic character, and thus appropriation of CU.

The second part of this text is devoted to the documentation of the Management Plans that follow-up the Declaration of World Heritage permanently, articulating the actions that take place on the central campus for its conservation within the frameworks and requirements of adaptability and refurbishment of the buildings that conform this perimeter for the proper performance of substantive activities, as well as the need for permanent technological actualization, changes in the internal use of spaces, and maintenance and conservation works on buildings, mural, plazas, and gardens.

---

<sup>4</sup> According to UNAM's *Agenda Estadística* from 2007, the same year that the central campus of Ciudad Universitaria was inscribed on UNESCO World Heritage List, CU's population was 142,096 inhabitants (including undergraduate and graduate population both on the-full time and open modalities). In 2016, CU's population had ascended to 211,976 people, of which over 88,000 are located on the central campus, that is, the original CU. See: *Agenda Estadística UNAM 2016*.

Along this documentation, some of the challenges inherent to the conservation of the campus regarding the architectonic are presented, considering mainly those related to the passing of time, and those that require especial attention in the field of structures, in addition to the unexpected effects produced by CU's location on a seismic area.

Finally, the third part is concerned with the importance of the conservation of the campus's image and the protection instruments established after the UNESCO declaration. For this purpose, the importance of buffer areas and the appropriation of the campus by the internal community of the University and society in general are addressed.

## I

“Mexico has been built stone over stone...

This is one of them”

Carlos Lazo<sup>5</sup>

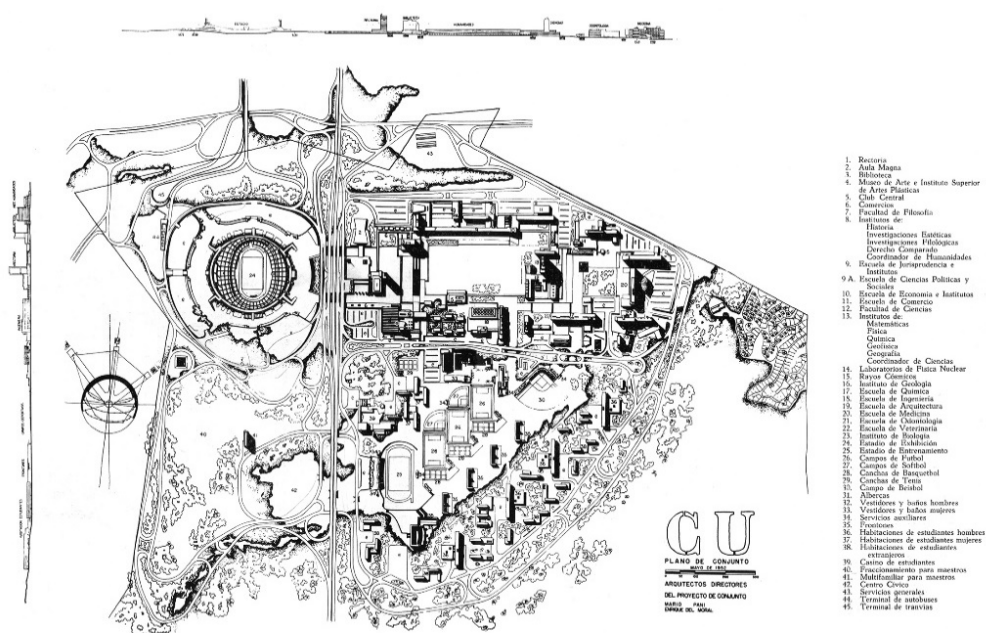


Fig. 2. General Master Plan of Ciudad Universitaria de México, final versión. Source: Revista Arquitectura México núm. 39, septiembre 1952.

As a consequence of the consolidation of post-revolutionary ideas, that represented political, economic, and social stability in Mexico, seven decades ago *Ciudad Universitaria's* grand project came to fruition. CU was built between 1950 and 1954 as the new headquarters of the *Universidad Nacional* that, until that moment was located in several, unarticulated historic buildings in Mexico City's city center in an area known as the *barrio universitario*.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Carlos Lazo, *Pensamiento y destino de la Ciudad Universitaria de México*, México: UNAM, 1952, p. 9.

<sup>6</sup> See: Alicia Ziccardi, *El barrio universitario: espacio y acción estudiantil (1910-1929)*, México: Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial UNAM,

This grand architectural work conceptualized taking into consideration the criteria of the Modern Movement; designed and built by Mexican architects, engineers, university students, and other professionals, it met the political will of the University's authorities as well as those of the federal government; this, together with the national and international economic stability, turned CU, from its origin, into a space without precedent both because of its scale and its symbolic character within the framework of nationalism<sup>7</sup> consolidated after the Mexican revolution, as Carlos Monsiváis recalls:

Nationalism as a technique of self-sufficiency and trust in the nation's resources. "Pride of the authors of the work" [...] the fact that the technology, as well as design and construction of the compound [of Ciudad Universitaria] was put in hands of Mexican professional, and the fact that most of the planning, management, and projects resulted from a multidisciplinary collaboration amongst specialist, most of whom were *alumni* from the University itself.<sup>8</sup>



Fig. 3. Aerial view of Ciudad Universitaria from east to west. Beyond the central campus, the rocky area of the *Pedregal de San Ángel* can be seen. January 17<sup>th</sup>, 1952. Source: Eng. Marcos Mazari Menzer Archive. Compañía Mexicana de Aerofoto. S.A. copia 8511.

2014; and Carlos Martínez Assad y Alicia Ziccardi (coords.), *El Barrio Universitario en el proceso de institucionalización de la Universidad Nacional Autónoma de México*, México: Coordinación de Humanidades, Facultad de Arquitectura, Instituto de Investigaciones Sociales, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad UNAM, 2018.

<sup>7</sup> See: Joaquín Lozano Trejo, "La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953", in: Raúl Domínguez-Martínez (coord.), *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972*, México: UNAM, 2013, pp. 43-186.

<sup>8</sup> Carlos Monsiváis, "Introducción", in: Sabrina Baños Boo (editor), *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C., México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo "A" de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011, p. 24.*

Built south from Mexico City, on a petrified lava field known as *Pedregal de San Ángel* -considered uninhabitable until then-, CU is, no doubt, the single most noteworthy urban-architectonic educational compound, developed in Mexico in the 20<sup>th</sup> Century; its construction was completed in record time, which added to its exceptional character at a national and international level. On June 5<sup>th</sup>, 1950, the cornerstone of what would become the *Torre de Ciencias*<sup>9</sup> was laid and, merely after two years, on November 20<sup>th</sup>, 1952, the building was inaugurated symbolically on an official act that would come to be known as “Declaratory Day”<sup>10</sup>; however, activities did not begin until 1954, once the classrooms and other facilities were ready to go into use by students, teachers, and workers<sup>11</sup>.

*Ciudad Universitaria*’s design and construction was based on a general master plan that evolved constantly to meet the demands of the specific architectonic programs of the different faculties, schools, research institutes and centers, and service areas. Directed by Mario Pani and Enrique de Moral, CU was widely commented, reviewed, and photographed by diverse national and international media of its time due to its magnitude and particular solutions for, even though there existed important Modern urban and architectonic examples in various cities throughout Mexico, none of them matched the urban-architectonic approach that was materialized in it; the way in which this space favored people’s relation to open spaces, the city, architecture, and art was something completely new for its time. Only an institution such as the *Universidad Nacional* -that represented like no other the transformation of education and research at a national level- could commit to carrying out a venture of such magnitude.

Previous to the Declaratory Day, on October 20<sup>th</sup>, 1952, the *VIII Panamerican Congress of Architects*<sup>12</sup> was inaugurated in Mexico City. The congress was filled with renowned professionals and theoreticians, who had the opportunity to learn about the construction of CU. Walter Gropius commented on this topic:

In my opinion, this congress offers a double character: first, an assimilation of teachings and a definitive advancement on the general agenda, and then the beautiful reality of encountering Mexico, a young nation in constant renewal, with true thirst for construction. This Ciudad Universitaria is an astonishment! It is all being done in a particular style and a universal spirit!<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> The construction of the Facultad de Filosofía y Letras, Facultad de Derecho, Facultad de Economía, and the Estadio Olímpico Universitario began two months later. See: Joaquín Lozano Trejo, “La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953”, p. 173.

<sup>10</sup> “Near the end of his presidential term -on November 31st, 1952- the government led by Miguel Alemán organized a ceremony on November 20th, date that marks the Mexican revolution’s anniversary, to symbolically hand-over [to the University’s authorities] Ciudad Universitaria, which at the time was on an 80% progress”. Joaquín Lozano Trejo, “La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953”, p. 173.

<sup>11</sup> Emilio González González, “La concepción y construcción de la Ciudad Universitaria”, in: Raúl Domínguez-Martínez (coord.), *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972*, México: UNAM, 2013, p. 202.

<sup>12</sup> The congress took place from October 20th- October 25th, 1952. The congress’ topic was “Planning and architecture in the social problems of America”.

<sup>13</sup> Walter Gropius cited in: Carlos Flores Marini, “El debut de la Ciudad Universitaria”, in: Sabrina Baños Boo (editor), *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C., México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo “A” de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011, p. 31.*

This comment is paradigmatic, in as much as it demonstrates the clarity with which the University's project to approach specific formal solutions related to the functionalist propositions of the Modern Movement that we can now recognize as universal values. This virtues were addressed by Richard Neutra in the last plenary session of the congress, regarding the topic of university cities:

Without a doubt, Ciudad Universitaria is -and I consider it as such- the broadest and clearest example of the path that the Mexican architectural movement has taken already. It impressed me, not only because of the great volume that it represents, but also because of the speed of its construction, and its organization. Transcendental work that culture can hold in the country's destiny. In it, the sense of the universal and the accent of the Mexican meet in an architectural expression that I consider of high value and great interest.<sup>14</sup>

Amongst other comments made during the congress, those of the Venezuelan architect Carlos Raúl Villanueva, author of the *Ciudad Universitaria de Caracas* in 1944,<sup>15</sup> stand out, for in them he highlighted one of the most important values of this new campus: the university spirit, that is, beyond the actual infrastructure the social and moral sense of belonging of the University's community:

The most serious contribution that can be made to the life of university institutions is, not only equipment in the form of buildings and physical elements for its proper development, but especially to confer a sense of spirituality and to facilitate the social conditions for overcoming. This is the task that the new Ciudad Universitaria is here to resolve. It is not merely a transfer of students and equipment from one place to another; it aspires to a substantial modification of the sense of the university.<sup>16</sup>

In point of fact, further more than the great cultural an educational infrastructure that CU represented at a national level, this endeavor projected Mexico internationally, binding past and present by means of scale and landscapes that evoke pre-Hispanic cities through formal language, in contrast to constructions that were designed and built with the most advanced materials and procedures available, while combining at the same time tradition and innovation; a place where scientific, humanist, and artistic thought coexist in order to allow its inhabitants to develop history and stories, that constitute the intangible value of our university.

As it has already been mentioned, CU's imaginary was constructed from its inception. Apart from the notes that were released and spread by the national press of that time<sup>17</sup> in relation to diverse actions that preceded the actual construction of this monumental enterprise, many specialized magazines echoed the importance and transcendence of CU. One of these magazines was *Arquitectura México*, edited by Mario Pani himself; this was, perhaps, the single periodical that integrated the most content about this project. According to Lourdes Díaz:

In 1947, the first article dedicated to CU's competitions was registered; in 1950, another one appeared dedicated to the development of the construction. In 1951, two issues of the magazine included articles about the University. Issue 39 (September, 1952) was a monograph dedicated to the construction's conclusion and

---

<sup>14</sup> Richard Neutra cited in: Carlos Flores Marini, "El debut de la Ciudad Universitaria", p. 32

<sup>15</sup> Declared UNESCO World Heritage Site in 200. See: <https://whc.unesco.org/en/list/986/>

<sup>16</sup> Carlos Raúl Villanueva cited in: Carlos Flores Marini, "El debut de la Ciudad Universitaria", p. 31.

<sup>17</sup> For a detailed account of the importance of the newspapers at the time of CU's construction, see: Elisa Drago Quaglia, "La construcción de un imaginario. Los periódicos de México", en: Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editors), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*, México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 215-227.

official inauguration of Ciudad Universitaria; in its 180 pages -almost a book- it contains the most complete description of the constructed buildings and those that still were on design stages, for this, it has become an invaluable source of information and an obliged referent for architecture historians.<sup>18</sup>



Fig. 4. Cover of *Arquitectura México* 39 (September 1952), dedicated to the conclusion and inauguration of *Ciudad Universitaria*.

Furthermore, *Arquitectura y lo demás*, an important periodical known for its critical position on government (i.e., public) works, dedicated a single article in 1948 to this emblematic project; however, it is relevant in as much as it was the second article on CU published in a specialized magazine and because it dealt with the topic of the competitions. On the other hand, *Espacios* dedicated four non-consecutive issues, between 1951 and 1952 to the new campus of the National University; the last one was a double issue<sup>19</sup> in which CU's inauguration was the almost exclusive topic.

Regarding international periodicals, there were especially two magazines that showed interest in the new university campus: The French *L'Architecture d'Aujourd'hui* published three articles, and the American *Architectural Forum* included one and a special bulletin focused on CU,<sup>20</sup> which

<sup>18</sup> Lourdes Díaz, "Hacia la construcción del mito. Las revistas de arquitectura", en: Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editors), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 229-230.

<sup>19</sup> Corresponding to issues 11 and 12, published in 1952, the same year issues 9 and 10, which contained information regarding the development of CU, were edited. Issue 7, from 1951, was the first to address the topic of the new campus.

<sup>20</sup> Lourdes Díaz, "Hacia la construcción del mito. Las revistas de arquitectura", p. 230.

included a translation of an article by Carlos Lazo, the general project manager, that was previously published in the aforementioned magazine *Espacios*.

Apart from periodical publications, there also exist a great number of books that focus on Ciudad Universitaria published over time since its construction; they add on to the possible readings and re-readings of the campus from multiple viewpoints. Amongst them many books published by the University itself stand out, such is the case of *La construcción de la Ciudad Universitaria del Pedregal*, a volume edited in 1979 as part of the 50<sup>th</sup> anniversary of the autonomy of the National University, UNAM. More recent publications include: *La Ciudad Universitaria de 1954: un recorrido a cuarenta años de su inauguración*, by Juan Benito Artugas;<sup>21</sup> as well as the books published on the occasion of CU's 50<sup>th</sup> anniversary: *La arquitectura de la Ciudad Universitaria*, coordinated by José Rogelio Álvarez Noriega,<sup>22</sup> and *Ciudad Universitaria. Cincuenta años. 1952-2002*, coordinated by Felipe Leal<sup>23</sup>, Malena Mijares, and Francisco Noriega;<sup>24</sup> this book's splendid photography focuses on showing CU's rich outdoor spaces, architecture, and murals. After the declaration of the campus as a UNESCO World Heritage Site the book *Campus Central de Ciudad Universitaria. Patrimonio Cultural de la Humanidad. Guía para el visitante*<sup>25</sup> was published to contribute to the understanding of the central campus to a wider audience; most recently, *Habitar CU. 60 años*<sup>26</sup> was published to celebrate CU's 60<sup>th</sup> anniversary. This book compiles the tangible and intangible values through a wide variety of articles that offer a multidisciplinary viewpoint of those who inhabit Ciudad Universitaria, as well as their different approaches and readings of the campus.<sup>27</sup>



Fig. 5. Some of the books published by UNAM regarding Ciudad Universitaria. Source: The authors.

Cinema was also an important contributor to the creation of the imaginary that surrounds CU, especially by staging movies on the novelty campus. Georgina Cebey Montes de Oca asserts:

The University's campus as a backdrop for Mexican cinema in the decade of the 1950's, accounts for all the transformations [of the country] with the clarity and eloquence that only movies can provide. The idea of an educational space such as the one that was conceived for the new campus of the Universidad Nacional had an influence on the way it was used, imagined, and represented in various sources and with a variety of operations, this is because CU has demonstrated a permanence in different scopes: the public, the artistic, the political, the intangible, etc.<sup>28</sup>

Amongst the movies that were filmed with CU as their set are: Emilio Gómez Miruel's *Padre nuestro* (1953), *El río y la muerte* (1954) by Luis Buñuel, *Teresa* (1960) by Alfredo B. Crevenna, *Viva la juventud* (1955) by Fernando Cortés, and Gilberto Martínez Solares' *Pasos a la juventud* (1957).

Generally speaking, the values that Ciudad Universitaria embodies, reflected, as we have seen, in diverse media since its construction, account for its symbolic character; faculty members, students, administrative personnel, as well as visitors that transit CU recognize its heritage value alike.

## II

From the 733 hectares that currently make up CU, 176.5 correspond to the central campus, that is, the area built originally in the 1950's. This area is defined on the north side by *Avenida Universidad*, on the south side by the *Reserva Ecológica del Pedregal de San Ángel*, on the west it borders with *Jardines del Pedregal* residential area, and on the east with the *Barrio de Santo Domingo*. The original project was divided into four zones: school zone, housing and sports zone, stadium, and general services.

In 2004 the *Comisión Nacional de Zonas y Monumentos Artísticos* of the then *Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA)*<sup>29</sup> declared *Ciudad Universitaria* as an "Artistic Monument" within the frameworks of the *Ley Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas*, issued in 1972,<sup>30</sup> for its outstanding architectonic and urban quality, its symbolic character and universality synthesized through its buildings, plastic integration in its murals, articulated by its emblematic open spaces, and urban layout. As of July 18<sup>th</sup>, 2005, the Central University City Campus of UNAM became protected under this law and its corresponding regulations. Part of the argument in order to obtain said protection and the category of "Artistic Monument" was:

[...] this masterpiece of Mexican architecture, in its quality and innovation, with such a deployment and assimilation of technical advancement, was conceived and constructed considering the new needs of said university [UNAM], which allowed for a profound plastic integration, to whose call responded architects,

---

<sup>28</sup> Georgina Cebey Montes de Oca, "Modernidad pétreo. Visualizaciones de la Ciudad Universitaria en el cine mexicano", in: Salvador Lizárraga Sánchez y Cristina López Uribe (editors), *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, p. 199.

<sup>29</sup> Now called *Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura (INBAL)*.

<sup>30</sup> *Ley Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas*. Open access: [https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131\\_160218.pdf](https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131_160218.pdf)

engineers, and artists alike in unprecedented quantities and quality, resulting in a proper adaptation of the buildings to the site within a functional urban model.<sup>31</sup>

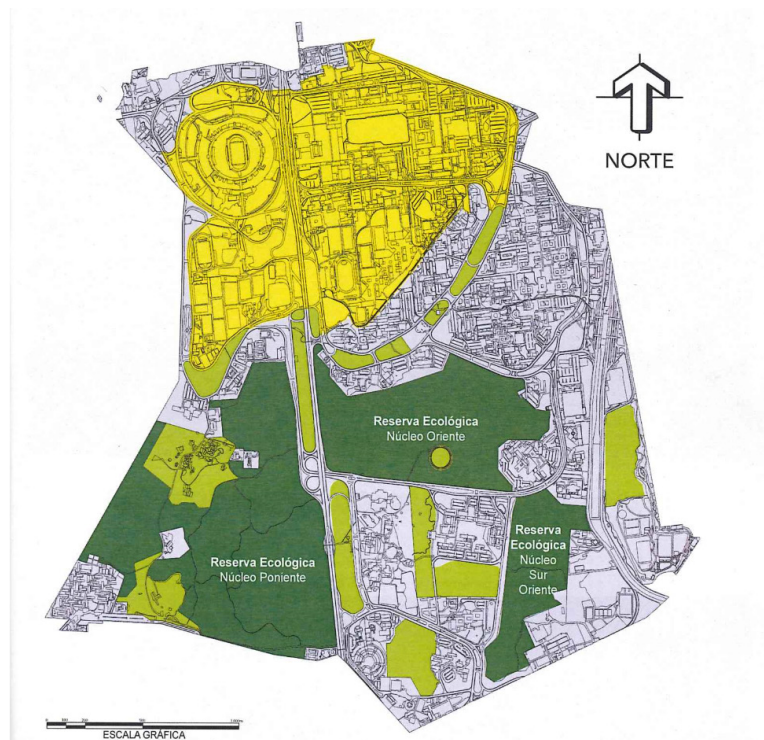


Fig. 6. General master plan of *Ciudad Universitaria*. The yellow area highlights the Central University City Campus, and the green areas represent the *Reserva Ecológica del Pedregal de San Ángel*. Source: *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019.*

It is important to mention that the declaration of a National Artistic Monument requires a complex bureaucratic process which concludes with the Mexican President’s signing of the declaration, for this obliges the Mexican State to take responsibility of the protection and conservation of the important and transcendental values, in this case that CU represents.

On December 2005, once CU was declared National Artistic Monument, a technical file was put together to inscribe the Central University City Campus of UNAM to the UNESCO World Heritage List.

During the 31<sup>st</sup> World Heritage Committee Assembly, held on June and July, 2007 in Christchurch, New Zealand, the central campus was included on the aforementioned list. The criteria that served as a basis for its inclusion were:

- (i) Represents a masterpiece of the human creative genius;
- (ii) Witnesses a considerable exchange of human values, in a concrete period of time or in a determined cultural area of the world, regarding architecture, technology, monumental arts, urban planning, or landscape;
- [...]
- (iv) An eminently representative example of a specific type of construction, or architectural, or technological complex, or landscape that illustrates one or various significant periods of human history; [...]<sup>32</sup>

<sup>31</sup> “Decreto por el que se declara Monumento Artístico el conjunto arquitectónico conocido como Ciudad Universitaria”, *Diario Oficial de la Federación*, lunes 18 de julio de 2005.

<sup>32</sup> Chapter II.D, paragraph 77 of the Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention. Open

Upon signing this decree, the Mexican State and UNAM assumed the commitment to abide each one of the requirements subscribed before UNESCO in order to protect, preserve, and maintain the outstanding universal value of the Central University City Campus of UNAM.

As part of this commitments, it is established that a Management Plan is to be realized in order to maintain and ensure the heritage values of the University's campus are preserved.<sup>33</sup> This plan was developed by an interdisciplinary team of experts on heritage site management, under the supervision of the *Secretaría Técnica del Comité de Análisis para las Intervenciones Urbanas, Arquitectónicas y de las ingenierías en el Campus Ciudad Universitaria y los campi de la UNAM*.<sup>34</sup> For the first time, the collaborative work included the university community through a series of participatory and consulting instruments, as well as an active revision through archival research and a periodical monitoring of the various buildings within the central campus.<sup>35</sup>



Fig. 7. *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019*, y del *Plan Maestro de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México, 2018*.

Access: <https://whc.unesco.org/en/guidelines>. The original file justified the inclusion under criteria ii, iv, and vi; this last one refers to “Being directly or tangibly associated to events or living traditions, ideas, beliefs, or universally relevant artistic or literary works”; however, as part of the analysis conducted by UNESCO and ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) it was concluded that the file presented did not totally sustain criteria vi, but as a consequence of the same analysis, it was substituted by criteria i.

<sup>33</sup> Drafted in 2007. In 2019 a follow up edition was developed.

<sup>34</sup> Established in 2016, this office is responsible of analyzing and ensuring the quality of urban, architectonic, and engineering interventions on the central campus and other campi.

<sup>35</sup> This multidisciplinary document was published in Spanish and English under the title: *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México / Management Plan for the Central Campus of the University City. Universidad Nacional Autónoma de México, México: UNAM, 2017*. After two years, in 2019, a follow up edition was published. It is important to note that there are several academic studies that take on the topic of heritage conservation on CU, focusing on the importance of open spaces as an important part of this site. Regarding this topic, see: Marcos Mazari Hiriart, *Consideraciones para la conservación y restauración de los espacios abiertos del Campus Central de Ciudad Universitaria*, UNAM, tesis para obtener el grado de maestro en Arquitectura, México, UNAM, 2016; and Diana Ramiro Esteban y Andrea Berenice Rodríguez Figueroa, “La conservación patrimonial de un espacio verde: la explanada de Las Islas en el campus central de Ciudad Universitaria de la UNAM”, *Academia XXII* vol. 12 núm. 24, diciembre de 2021, pp. 159-175.

It is important to note that the World Heritage Listing was accompanied by a Declaration of Outstanding Universal Value that recognizes and explains the heritage values identified in the central campus univocally:

The Central University City Campus of UNAM bears testimony to the modernization of post-revolutionary Mexico in the framework of universal ideals and values related to access to education, improvement of quality of life, integral intellectual and physical education and integration between urbanism, architecture and fine arts. It is a collective work, where more than sixty architects, engineers and artists worked together to create the spaces and facilities apt to contribute to the progress of humankind through education.

The urbanism and architecture of the Central University City Campus of UNAM constitute an outstanding example of the application of the principles of 20<sup>th</sup> Century modernism merged with features stemming from pre-Hispanic Mexican tradition. The ensemble became one of the most significant icons of modern urbanism and architecture in Latin America, recognized at universal level.<sup>36</sup>

As it has been mentioned, part of the Management Plan was developed along with the participation of the university community, which among other contributions, helped develop the “Strengths, Weaknesses, Opportunities, and Threats (SWOT) analysis” of the central campus. This way, through participatory instruments designed specifically for this purpose (workshops, interviews, etc.), 188 users (of which 95 were opinion leaders) identified the “values and attributes of the central campus of CU, mirroring the appropriation practiced on it, as well as the problems that it faces, and possible solutions that guarantee its preservation”.<sup>37</sup> As a result of this, the tangible heritage of the central campus was recognized the most, especially the architecture and the murals within the original perimeter; immaterial and natural values were also identified, particularly user dynamics, and the relation with open spaces and flora that exists on campus.<sup>38</sup> This exercise corroborates the importance that the central campus has for those who inhabit it on a daily basis, and demonstrates that the value of the central campus goes beyond architecture and urbanism and includes landscape and the social dynamics that develop in it.

---

<sup>36</sup> UNESCO Statement of Outstanding Universal Value cited in: *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México / Management Plan for the Central Campus of the University City. Universidad Nacional Autónoma de México, México: UNAM, 2017.*

<sup>37</sup> *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México, p. 44.*

<sup>38</sup> *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México, p. 46.*

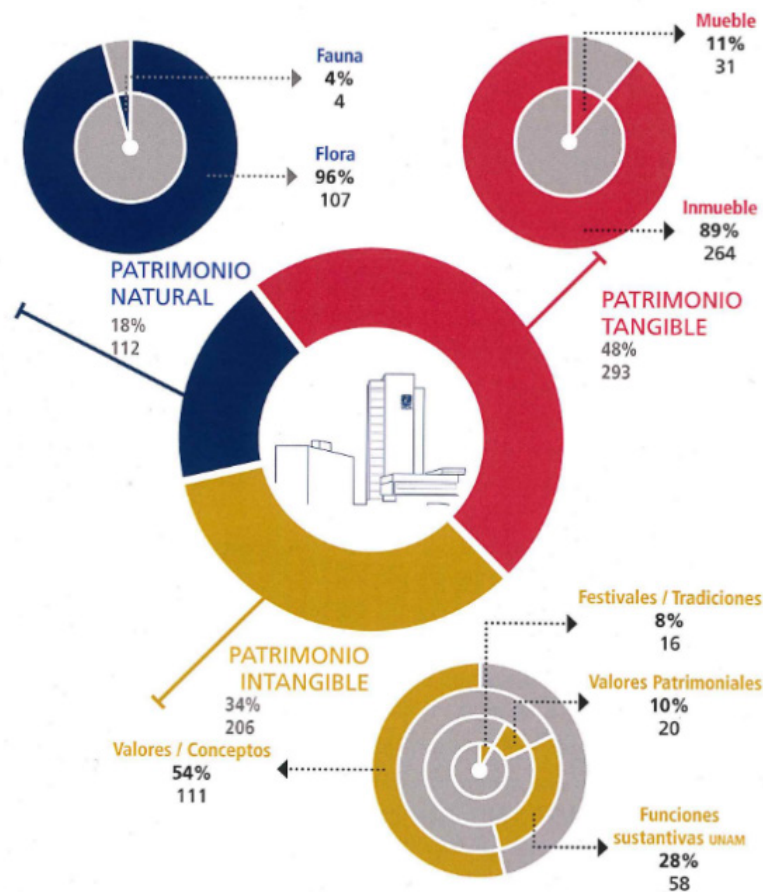


Fig. 8. Graph representing the recognized attributes in CU according to a poll realized between February and March, 2017 divided in tangible, intangible, and natural heritage. Source: *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México (2017)*.

### III

The conservation of heritage implies an enormous effort from all the authorities involved. In this case, the University is the institution that safeguards the material and symbolic value of this spaces. However, its protection is many times breached and made more complex due to diverse factors that include, but are not limited to natural phenomena, the passing of time that affects the structures or, in other cases, external situations that harm the University's integrity. In the following section, three specific cases to which the University has had to deal with in the past are presented.

## *Case One. Collapse of a Covered Walkway Due to the Fracture of a Steel Fastener*

Heritage buildings are subject to technical damage and wear due to the aging of their materials and, specifically in the case of Ciudad Universitaria, because of the experimentation on their structural systems, which are mainly reinforced concrete, and in exceptional cases involve steel structural elements. Such is the case of the covered walkway that emphasizes and identifies the main access to the School of Architecture from the main esplanade of the central campus. In 2013, a section of this structure collapsed because of non-visible damage due to corrosion on a steel fastener that articulated the concrete slab with the adjoining steel structure. The collapse of a single steel fastener caused one third of the whole structure to collapse because of a domino effect, causing great damage because of the torsion generated on the steel columns.

The specialists' analysis determined that the whole structure be demolished after the caused damage because the original constructive system was based on columns and beams formed by IHS profiles in the form of open web IPRs. In the original project, corrugated steel sheets were placed in between the lower IPR flanges on top of which a concrete slab could be poured in sections divided by the crossing steel beams, avoiding continuity of the steel reinforcement in the concrete slabs, which caused the aforementioned effect upon collapse, and not the complete failure of the structure.

For its restoration, the continuity of the steel reinforcements of the slabs was taken into consideration, and, in order to maintain the original image, a minor structural modification took place to ensure structural safety, ruling out the inadequate use of open web IPR sections.

The constructive procedure used in 1954 in CU -experimental at the time- is widely used today in Mexico under the name *losacero*, or steel decking, which consists on the same principle: corrugated steel sheets with a reinforced concrete slab poured on top. This slab system differs from the original structural system used in CU in two aspects: first, the continuity of the steel reinforcements is ensured; and second, it uses galvanized steel to avoid corrosion, while at the same time allows for a quick, efficient construction.



Fig. 9a



Fig. 9b



Fig. 9b



Fig. 9d

Figs. 9a, 9b, 9c, and 9d. Exterior covered walkway in front of the *Facultad de Arquitectura* after its collapse and reconstruction seen from the central esplanade. Photographs: Leonardo Solórzano (9a, 9b y 9c), 2013, and *Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM* / Rafael Carlos Guerrero (9d), 2022.

## Case Two. Damage After the Earthquake on September 19, 2017

Ciudad Universitaria is located on a highly seismic area. Because of this location, the 7.1 degrees on the Richter scale earthquake that hit Mexico on September 19, 2017 caused a series of damages on the structures that shocked the university community, especially the younger population that did not experience the 1985 earthquake.

An event such as this earthquake makes us recognize the way in which the passing of time, in some cases, limits our perception of the alterations on architectural, as well as structural features, such is the case of the construction joints on the buildings of the *Facultad de Medicina* and *Facultad de Odontología* that were covered with continuous pavements on several occasions over the years. The telluric movement caused the over-layered finishes to break and peel off the main structures, causing pieces to fall between levels through the construction joints, which in turn resulted in the damaging the ceilings on the lower levels. This caused panic amongst students and faculty alike, for it made them consider a complete collapse of the buildings as a possibility; afterwards, all the structures were inspected, and it was confirmed that no major damage was caused.

In this case, the mistake was to cover-up the construction joints originally considered for the buildings, which require flexible coverings that allow for the free movement of the structures in case of earthquakes.

The same earthquake took toll on the *Facultad de Arquitectura*, where the exterior covered walkways that connect the workshops were damaged; this walkways represent another construction experiment from the 1950's, characterized by the lightness of the reinforced concrete slabs and the slenderness of the reinforced concrete columns poured inside ferro-cement tubes. After the 2017 earthquake this structures had to be reinforced with steel brackets.

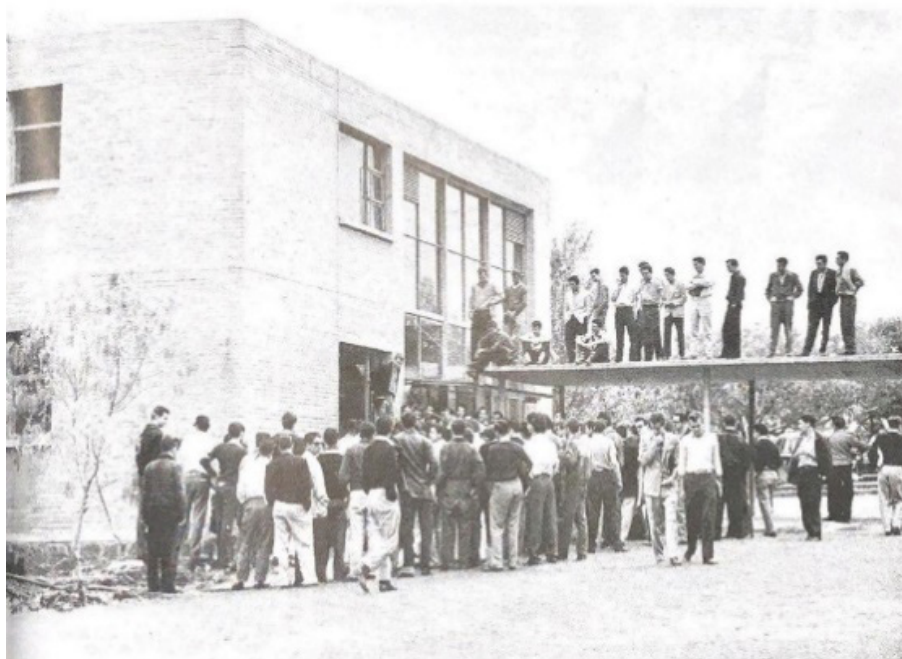


Fig. 10a



Figs. 10b

Figs. 10a and 10b. Student protests in the *Facultad de Arquitectura* (10a-left) and the central campus (10b-right). Sources: *Revista ASINEA* núm. 22, may 2003 (left), and *france24.com* (right), September 10th, 2018.

As if it were a study case in a class, their reinforcement caused controversy right away between two possibilities: on the one hand, restructure, and on the other, demolish completely and reconstruct modifying the structural sections slightly. The first proposal was studied and developed in the Structures Lab of the School of Architecture<sup>39</sup> and consisted on a minute restoration project -almost a structural acupuncture- that preserves the original structure integrally and reinforces it delicately. The second proposal was developed by the Institute of Engineering of the University, and it determined that the complete demolition of the structure is the only way to ensure structural safety, not only in the case of another earthquake, but also in out of the ordinary cases such as a concentration of students on top of the structure, which has happened before on massive student protests. It is noteworthy that, in order to ensure structural safety, the structural sections (i.e., the columns and the slab) would be modified slightly. Even though both proposals represent similar costs, another factor that has affected the restoration is the availability of economic resources. As of today, the structure remains reinforced with temporary steel brackets.

---

<sup>39</sup> Under the coordination of Arch. PhD. Agustín Hernández Hernández

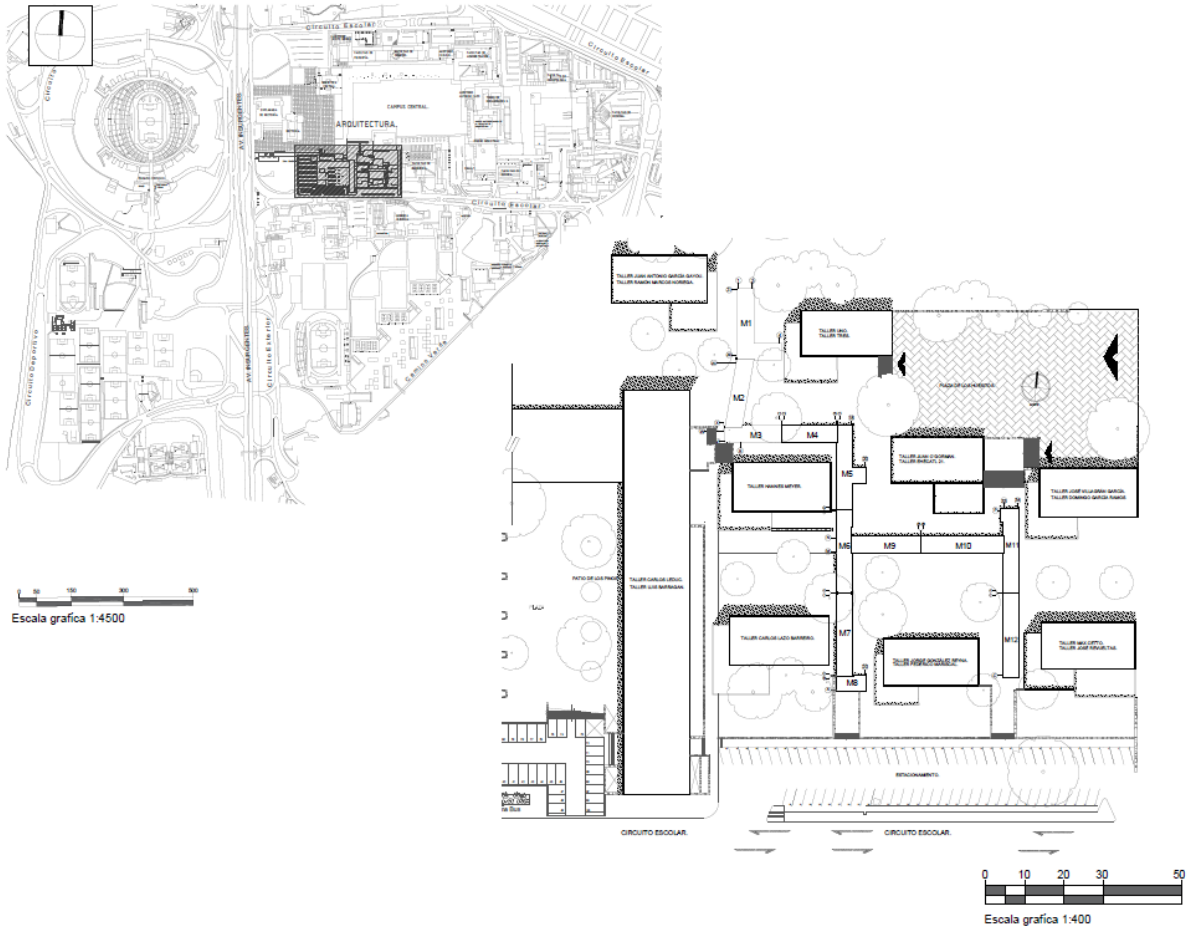


Fig. 11. Master Plan of the central campus. The *Facultad de Arquitectura* is highlighted (Upper left). Plan of the *Facultad de Arquitectura* workshops that was affected by the 2017 earthquake. Source: Laboratorio de Estructuras de la Facultad de Arquitectura, coord.: Dr. Agustín Hernández Hernández.

Some members of the community consider that, instead of identifying the covered walkway as an element of the Modern Movement, it has become a postmodern work because of the use of tilted steel reinforcements that have been identified as a remembrance of the Mayan arch. This is yet another example of how the community constructs meaning on architectonic elements with which it coexists on a daily basis.



Figs. 12a



Figs. 12b



Figs. 12c



Figs. 12d

Figs. 12a, 12b, 12c, and 12d. Views of the exterior covered walkways in the workshop area of the *Facultad de Arquitectura* with the reinforcement brackets. Source: Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM / fotografía: Rafael Carlos Guerrero, 2022.

## Case Three. Alterations Originated on the Buffer Zone

Monumental complexes that have been declared as World Heritage Sites located in urban environments, as a result of their scale and location, are frequently at risk of being altered due to urban growth that can impact directly or indirectly their use, their image, and specially their preservation. In response to this situation, UNESCO has established strategies and policies to respond to such perturbations. Such is the case of the *Vienna Memorandum on “World Heritage and Contemporary Architecture- Managing the Historic Urban Landscape”*,<sup>40</sup> approved on May, 2005, which in turn resulted in the *Declaration on the Conservation of Historical Urban Landscapes* by the General Assembly of the United Nations. The following is established in this document:

The central challenge of contemporary architecture in the historic urban landscape is to respond to development dynamics in order to facilitate socio-economic changes and growth on the one hand, while simultaneously respecting the inherited townscape and its landscape setting on the other. Living historic cities, especially World Heritage cities, require a policy of city planning and management that takes conservation as key point of departure. In this process, the historic city’s authenticity and integrity, which are determined by various factors, must not be compromised.<sup>41</sup>

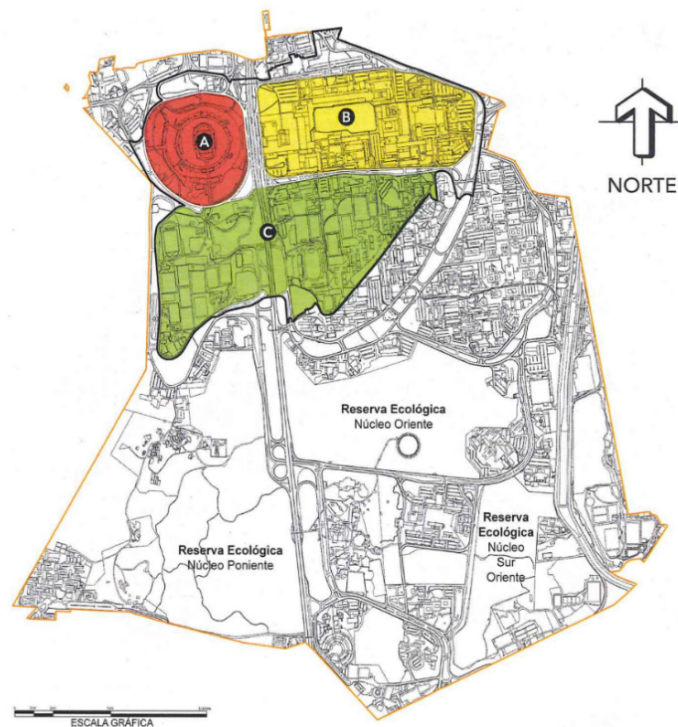


Fig. 13. General Master Plan of *Ciudad Universitaria*. The black line outlines the heritage site core zone. Highlighted in yellow is the school zone; in red, the Olympic Stadium; and in green, the sports fields. Source: *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria*, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019.

<sup>40</sup> See: <https://whc.unesco.org/en/documents/5965>

<sup>41</sup> See: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000141303>

In order to ensure a prompt protection of the site, the World Heritage Declaration of the Central University City Campus of UNAM established buffer areas.<sup>42</sup> This way, the protected area -designated “Core Zone”- corresponds to the 176.5 hectares conformed by the original construction area: the school zone, the Olympic Stadium, and the sports fields, whilst the buffer zone encompasses 1,101.5 hectares, divided into that include areas within the University’s limits and beyond:

Zone 1: 544.33 hectares. This area includes all of the University’s grounds [that is, all the areas annexed to the original construction] and the 237.33 hectares corresponding to the *Reserva Ecológica del Pedregal de San Ángel*.

Zone 2: 505.17 hectares (approximately). This area includes properties in the surrounding neighborhoods of *Jardines del Pedregal*, *Chimalistac*, *Copilco el Bajo*, and *Copilco Universidad*.

Zone 3: 52 hectares (approximately). Properties in the neighborhood of *Copilco el Alto*.<sup>43</sup>

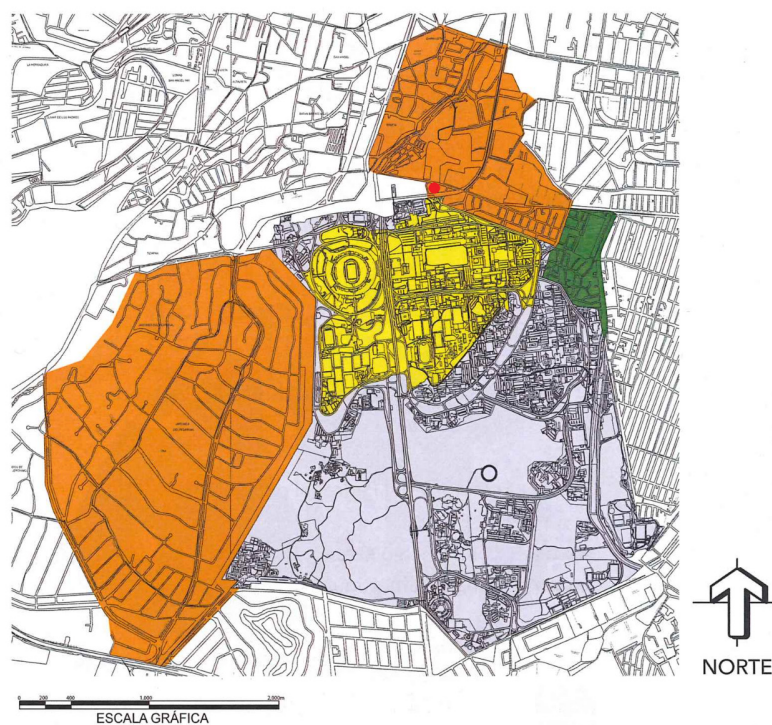


Fig. 14. Ciudad Universitaria and its surroundings. Highlighted in yellow is the central campus; in grey, zone 1; in orange, zone 2; and in green, zone 3. The red circle indicates where the real-estate development was planned. Source: *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria, Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019*.

The buffer zones outside of the University’s grounds are subject to State and Local regulations and laws that determine urban growth and are also concerned with issuing construction permits. Even if this is the case, the *Vienna Memorandum* establishes that:

<sup>42</sup> According to The Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention: “The delineation of boundaries is an essential requirement in the establishment of effective protection of nominated properties. Boundaries should be drawn to incorporate all the attributes that convey the Outstanding Universal Value and to ensure the integrity and/or authenticity of the property.”

<sup>43</sup> *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019, México: UNAM 2019, p. 35.*

Architecture of quality in historic areas should give proper consideration to the given scales, particularly with reference to building volumes and heights. It is important for new development to minimize direct impact on important historic elements, such as significant structures or archaeological deposits.<sup>44</sup>

In 2018, a large scale real-estate development broke ground on *Avenida Copilco 75*, in a plot that is within Zone 2 of the buffer area of the Central University City Campus of UNAM. Once the construction works had begun, and thanks to the publicity displayed outside of the building site on three different streets, a quick response from the University's community arose, quickly turning to media and social media in order to reach a wider audience.<sup>45</sup> The controversy arose because of the depth of the excavation on site, and the projected height of the design; it is significant to point out that the developer is well known for large scale projects.

UNAM, as a Federal Institution -considering that CU is property of the Mexican State- began research on the proposed real-estate development; the investigation concluded that the project had all the necessary urban-environmental impact studies and permits necessary for construction regarding Mexico City and the Local authorities of *Coyoacán*; however, it did not have the necessary permits required by *INBAL* in order to build on a buffer zone of a declared World Heritage Site.<sup>46</sup>

The university community and general public manifested against this project. This position was publically demonstrated on May 25<sup>th</sup>, 2018 on an assembly that took place on the esplanade outside of the Central Library in response to a petition that read "prevent CU from losing the World Heritage Site listing because of an apartment building" on the platform *change.org*.<sup>47</sup> From an academic standpoint a forum<sup>48</sup> called "*Ciudad Universitaria y el desarrollo urbano en sus alrededores. Desafíos y oportunidades*"<sup>49</sup> took place, in which this issue was addressed by a multidisciplinary group of experts divided into four groups<sup>50</sup>, considering not only the scale of the real-estate development, but the ways in which it would disturb the urban area around it, the social rights of the surrounding inhabitants -including those of CU- the environment, and the landscape -considered essential parts of CU in its declaration as World Heritage Site-. Amongst other conclusions from the forum, Group four considered that:

---

<sup>44</sup> See: <https://whc.unesco.org/en/documents/5965>

<sup>45</sup> Some examples include: Esperanza Barajas, "En defensa del patrimonio de la UNAM", *El Heraldo de México*, 6 de marzo de 2013, Open Source: <https://heraldodemexico.com.mx/opinion/2018/3/6/en-defensa-del-patrimonio-de-la-unam-34402.html>; Judith Amador Tello y Armando Ponce, "La batalla de la UNAM contra las torres de Be Grand", *Proceso*, 6 de marzo de 2018, Open Source: <https://www.proceso.com.mx/reportajes/2018/3/6/la-batalla-de-la-unam-contra-las-torres-de-be-grand-201086.html>; Diana Lastiri, "Esperan datos de peritaje sobre torres frente a CU", *El Universal*, 6 de marzo de 2018, Open Source: <https://www.eluniversal.com.mx/nacion/seguridad/esperan-datos-de-peritajes-sobre-torres-frente-cu>; y Arturo Sánchez Jiménez, "Busca CU conservar el estatus de Patrimonio de la Humanidad de la Unesco", *La Jornada*, 25 de marzo de 2018, p. 26, Open Source: <https://www.jornada.com.mx/2018/03/25/sociedad/026n3soc>; amongst many others.

<sup>46</sup> It is noteworthy that once the scale of the project (approximately 600 apartments distributed in two towers of about 70m tall), the neighbors' associations quickly manifested against the construction, arguing that said project would cause traffic issues, water shortage, insecurity, etc. this issues are not considered on UNESCO's guidelines, for they establish that it is the Local and State authorities area of competence.

<sup>47</sup> Signed by 154,830 people on: <https://www.change.org/p/gobcdmx-unam-mx-impedir-que-cu-pierda-la-declaratoria-de-patrimonio-de-la-humanidad-por-unos-condominios>

<sup>48</sup> Organized by the School of Architecture, the Institute for Law Research, the Institute of Ecology, the Ecological Reserve of the Pedregal de San Angel, and the University's Seminar on Society, Environment, and Institutions.

<sup>49</sup> The forum took place on February 15, 2018 on the Carlos Lazo Theater -now Estefanía Chavez Barragán Theater- of School of Architecture.

<sup>50</sup> Group 1: Normativity and Juridical Frameworks; Group 2: Sustainable Urban Development and Environment; Group 3: Civil Society; Group 4: CU World Heritage.

Ciudad Universitaria's Heritage teaches us logical, rational, and ethical ways of relating landscape, architecture, and the city, unlike the new mega-developments that ignore and reject these ways of city making [...]<sup>51</sup>

It is important to note that the construction of the proposed real-estate development would put at risk Ciudad Universitaria's status as a World Heritage Site. As a point of reference, Dresden, in Germany lost its listing due to the construction of a new bridge in the city; and, in 2017 Vienna's historical city center was inscribed on the List of World Heritage in Danger in response to a project that considered two skyscrapers. Mexico was in near danger of making this list on the grounds of the indisputable deterioration of the ecosystem in Xochimilco; fortunately, the needed policy was set in place in order to preserve this ecosystem and maintain its status as World Heritage Site.

In order to avoid any controversy that affected the University's image, the University's presidency formed a workgroup integrated by the heads of the *Oficina de la Abogacía General*, the *Facultad de Arquitectura*, and the *Instituto de Geografía*, under the coordination of the first. An official statement was sent to UNESCO and it was determined to persecute legal action, filing an appeal before the *Suprema Corte de Justicia de la Nación*.<sup>52</sup>

The file constituted to meet such ends contained all the necessary information regarding the agreements subscribed by all the parties involved, which consider the full compliance with the World Heritage Convention and the international agreements ratified by the Mexican State in accordance to National and Local laws. A digital study<sup>53</sup> undertaken by the *Instituto de Geografía* that showed different perspectives of the campus at eye level, in which the projected tower's impact could be seen, was also included in the file. This study was highly relevant because it provided certainty of the impact that the new construction would have.<sup>54</sup> From the standpoint of architecture, the importance of the image of the *Biblioteca Central* was emphasized, not only as an emblematic building of Modern architecture in Mexico, but also as the most representative image of education and culture in this country.

---

<sup>51</sup> See: <https://sumsai.unam.mx/ciudad-universitaria-y-el-desarrollo-urbano-en-sus-alrededores-desafios-y-oportunidades/>

<sup>52</sup> Juicio de Amparo 91/2018.

<sup>53</sup> This study was realized using the technique known as point cloud.

<sup>54</sup> Many protest signs exaggerated the perturbation that the new building would have on CU's image by placing the renderings of the new building right behind the Central Library as opposed to its real location.

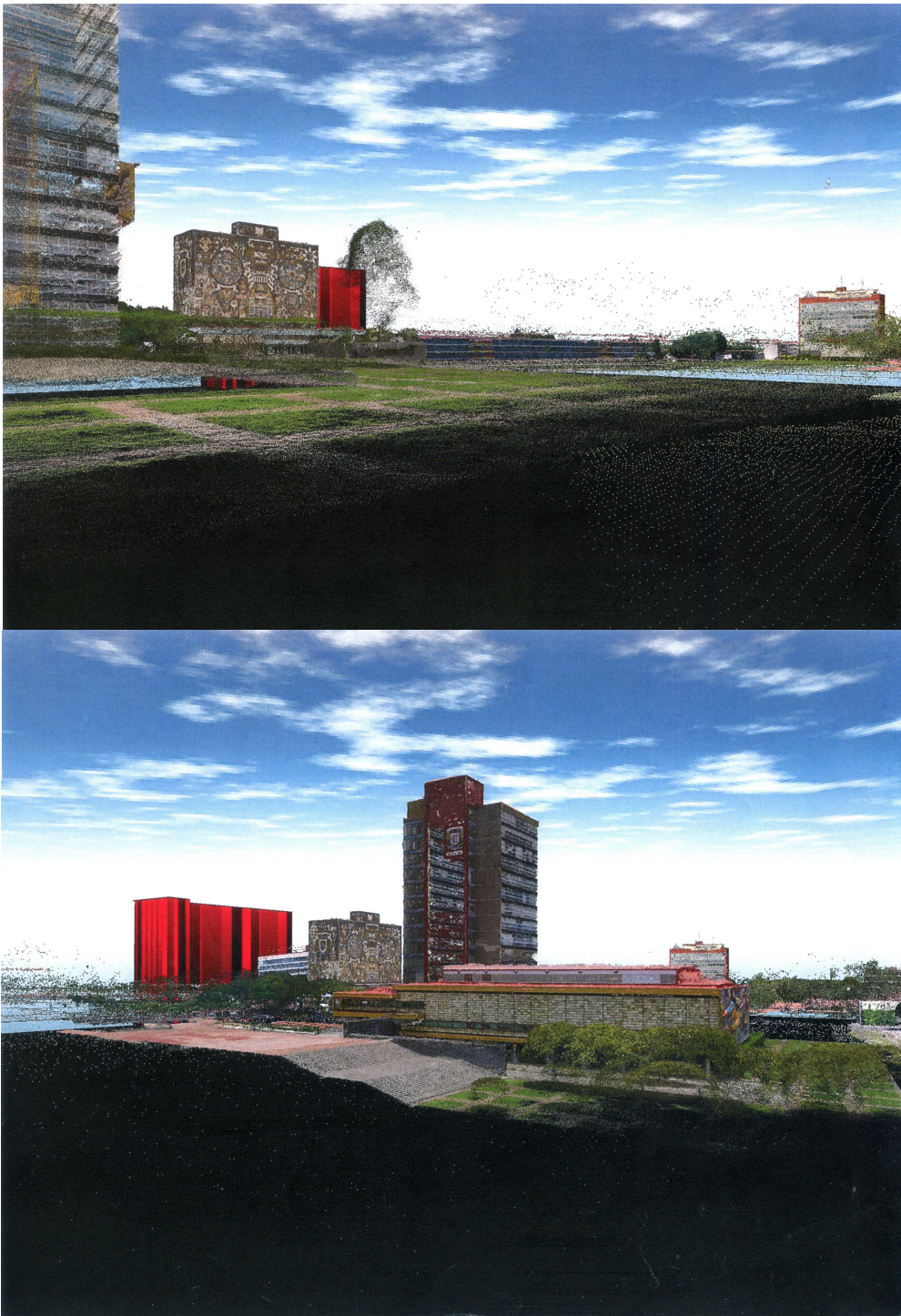


Fig. 15. Digital studies realized using the technique of point cloud in which the real-estate development can be seen in red, showing the way it would affect the general image of the central campus. Source: *Instituto de Geografía*, UNAM.

The appeal judgment took place from 2018 to 2022. As part of the process, judges from the Supreme Court consulted, under the *amicus curiae*<sup>55</sup> figure those who were considered relevant. In May 2022, the Court ruled in favor of UNAM unanimously. Amongst the arguments mentioned in the final resolution, which obliged the real-estate developer to suspend the construction works definitively, it was pointed out that:

<sup>55</sup> Latin for “friends of the court”, it is a legal figure in which the Court can consult third party agents that offer their opinion voluntarily.

[...] said restriction is sustained by the established in the third paragraph of the 27<sup>th</sup> article in the Federal Constitution that allows the State to impose on private property the modes dictated by the public interest, in the case of protection of a declared World Heritage Site, in virtue that the buffer zones, such as the one concerning the plot of the interested party, are a protection mechanism that guaranties the protection that ensures the safeguard in a long term of the declared Heritage Site, constructing a protection zone is essential to achieve an effective defense of the proposed properties that are intended to ensure the full expression of the outstanding expression of universal values and the integrity and/or the property's authenticity.<sup>56</sup>

After a long process, the community's interest, as well as that of the civil society diminished, but thanks to the institutional involvement on the case, the image and integrity of the central campus was safeguarded for future generations.

## *Final Considerations*



Fig. 16. Iconic image of the *Biblioteca Central* that identifies education and culture at a national and international level. Source: Coordinación de Producción Audiovisual, Facultad de Arquitectura, UNAM / fotografía: Rafael Carlos Guerrero, 2019.

<sup>56</sup> Appeal 581/2020, paragraph 317. Open Access: [https://www.scjn.gob.mx/sites/default/files/listas/documento\\_dos/2022-04/581-2.pdf](https://www.scjn.gob.mx/sites/default/files/listas/documento_dos/2022-04/581-2.pdf)

As the *Opus Magna* of the Mexican Modern Movement in architecture, the highest reference of education and culture in Mexico, and a living heritage site that maintains its original material and immaterial calling, the Central University City Campus of UNAM embodies the desires and the scope of a country with great challenges and opportunities from the 1950's, while at the same time it holds the present aspirations, and future longings of Mexican society. Its history demonstrates why it was included on the UNESCO World Heritage List in 2007: articulation through its materiality -manifest in its buildings, murals, and open spaces- and its symbolism -expressed in its evocations of the past and its urban landscape that intertwine with every person that visits, walks through, or inhabits it on a daily basis.

Being inscribed on the World Heritage List implies a great commitment that has challenges that many times go unnoticed. However, in compliance with the responsibilities that this listing entails, but above all with the clear conviction for maintaining the maximum house of studies of the country alive for present and future generations, UNAM has developed Management Plans as a dynamic instrument in constant updating in order to establish an adequate order through strategies and actions that result in short, medium, and long term planning that respond to the social, cultural, and environmental pressures and dynamics.

As a declared tangible and intangible World Heritage Site, the Central University City Campus of UNAM requires a constant follow-up and permanent maintenance for its preservation, which implies an optimal and actualized juridical framework, an adequate understanding of its history, and a proper knowledge of its architectonic and structural aspects, but also, today more than ever, an ecological understanding.

Due to its location on a seismic area, it is necessary to implement protocols to diagnose and make structural analysis of the capacity of the different buildings throughout the University, which in the passing of time, have been affected by the constant seismic activity, reducing their original structural capacity. This protocols should consider structural damage analysis, change of internal uses, refurbishments, and evacuation routes, as well as a proper measurement of structural deformation, concrete's resistance, and the buildings' tilting.

It is necessary to implement a methodology and establish the adequate considerations regarding disaster management of UNESCO World Heritage Center, especially in the Core Zone of the University City Campus, adapting them to our specific context through a collaborative process, considering not only the seismic risk factors, but other factors to which the University's heritage is constantly exposed.<sup>57</sup>

We can ensure that aside from its renowned urban-architectonic-landscape principles, the Central University City Campus of UNAM is a living heritage site from its origins until today. Its significance lies in being one of the most important academic, cultural, and research centers in Latin America; knowledge producer, and citizenship generator, aspects that result from a dynamic appropriation for over seventy years by generations of students who have formed in its classrooms, laboratories, and workshops, as well as faculty members, researchers, and staff who inhabit it on a daily basis.

---

<sup>57</sup> See: UNAM, Septiembre de 2017, México: Dirección General de Obras y Conservación UNAM, 2019.

Like every living Heritage Site, the Central University City Campus of UNAM maintains its function up-to-date; this characterizes its appreciation value and serves as witness of the continuity of its commitment to teaching, research, and the dissemination of culture, all of which are substantial labors of the University. As an institution, UNAM is constructed and strengthened on a day-to-day basis as a referent in education and culture in Mexico; Ciudad Universitaria functions as its tangible image, in which the intangible values -the university community- are identified, which ensures us that this is the Nation 's University.

## Reference List of Names

### In order of appearance

<i>Ciudad Universitaria</i>	University City Campus of UNAM
<i>Universidad Nacional Autónoma de México</i> (Sometimes referred to as <i>Universidad Nacional</i> )	National Autonomous University of Mexico, sometimes referred to as National University
<i>Facultad de Arquitectura</i>	School of Architecture
<i>Torre de Rectoría</i>	University's Presidency Building
<i>Biblioteca Central</i>	Central Library
<i>Las Islas</i>	Colloquial name for the central esplanade
<i>Pedregal de San Ángel</i>	Volcanic field South of Mexico City
<i>Barrio Universitario</i>	University neighborhood
<i>Torre de Ciencias</i>	Science Building
<i>Facultad de Filosofía y Letras</i>	School of philosophy and Letters
<i>Facultad de Derecho</i>	School of Law
<i>Facultad de Economía</i>	School of Economics
<i>Estadio Olímpico Universitario</i>	Olympic Stadium
<i>Ciudad Universitaria de Caracas</i>	University City of Caracas
<i>Reserva Ecológica del Pedregal de San Ángel</i>	Ecological Reserve of the <i>Pedregal de San Ángel</i>
<i>Comisión Nacional de Zonas y Monumentos Artísticos</i>	National Committee of Artistic Zones and Monuments
<i>Instituto Nacional de Bellas Artes (INBA)</i>	National Institute for Fine Arts
<i>Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura (INBAL)</i>	National Institute for Fine Arts and Literature
<i>Ley Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas</i>	Federal Law on Archaeological, Artistic, and Historic Monuments and Zones
<i>Facultad de Medicina</i>	School of Medicine
<i>Facultad de Odontología</i>	School of Odontology
<i>Oficina de la Abogacía General</i>	General Attorney's Office
<i>Instituto de Geografía</i>	Institute of Geography
<i>Suprema Corte de Justicia de la Nación</i>	Supreme Court of Justice of the Nation

## References

- AMADOR Tello, Judith; PONCE, Armando. "La batalla de la UNAM contra las torres de Be Grand". *Proceso*, 6 de marzo de 2018. <https://www.proceso.com.mx/reportajes/2018/3/6/la-batalla-de-la-unam-contra-las-torres-de-be-grand-201086.html>
- ÁLVAREZ Noriega, José Rogelio (coord.) *La arquitectura de la Ciudad Universitaria*. México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2002.
- ARTIGAS H., Juan B. *La Ciudad Universitaria de 1954: un recorrido a cuarenta años de su inauguración*. México: UNAM, 1994.
- ASSAD, Carlos Martínez; ZICCARDI, Alicia (coords.) *El Barrio Universitario en el proceso de institucionalización de la Universidad Nacional Autónoma de México*. México: Coordinación de Humanidades, Facultad de Arquitectura, Instituto de Investigaciones Sociales, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad UNAM, 2018.
- BARAJAS, Esperanza. "En defensa del patrimonio de la UNAM". *El Heraldo de México*, 6 de marzo de 2013. <https://heraldodemexico.com.mx/opinion/2018/3/6/en-defensa-del-patrimonio-de-la-unam-34402.html>
- CEBEY Montes de Oca, Georgina. "Modernidad pétreo. Visualizaciones de la Ciudad Universitaria en el cine mexicano". En: LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 273-289.
- CRUZ González Franco, Lourdes (coord.) *El Estadio Olímpico Universitario. Lecturas entrecruzadas*. México: UNAM, 2011.
- DE ANDA Alanís, Enrique X. *Campus Central de Ciudad Universitaria. Patrimonio Cultural de la Humanidad. Guía para el visitante*. México: Facultad de Arquitectura UNAM, 2011.
- DECRETO por el que se declara Monumento Artístico el conjunto arquitectónico conocido como Ciudad Universitaria. *Diario Oficial de la Federación*, lunes 18 de julio de 2005.
- DÍAZ, Lourdes. "Hacia la construcción del mito. Las revistas de arquitectura". En: LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 229-230.
- DRAGO Quaglia, Elisa. "La construcción de un imaginario. Los periódicos de México". En: LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*. México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014, pp. 215-227
- EXCÉLSIOR. México, martes 6 de junio de 1953.
- FLORES Marini, Carlos. "El debut de la Ciudad Universitaria". En: BAÑOS Boo, Sabrina (editora). *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C.* México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo "A" de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011.
- GONZÁLEZ González Emilio. "La concepción y construcción de la Ciudad Universitaria". En: DOMÍNGUEZ-MARTÍNEZ, Raúl (coord.) *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972*. México: UNAM, 2013.
- LAZO, Carlos. *Pensamiento y destino de la Ciudad Universitaria de México*. México: UNAM, 1952.
- LASTIRI, Diana. "Esperan datos de peritaje sobre torres frente a CU". *El Universal*, 6 de marzo de 2018. <https://www.eluniversal.com.mx/nacion/seguridad/esperan-datos-de-peritajes-sobre-torres-frente-cu>
- LEY Federal sobre Monumentos y Zonas Arqueológicas, Artísticas e Históricas. *Diario Oficial de la Federación*, 6 de mayo de 1972. [https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131\\_160218.pdf](https://www.diputados.gob.mx/LeyesBiblio/pdf/131_160218.pdf)
- LINARES, Mercedes (comp.) *Murales*. México, D.F.: Dirección General de Intercambio Académico y Cultural, Dirección General de Publicaciones UNAM, 1967.
- LIZÁRRAGA Sánchez, Salvador; LÓPEZ Uribe, Cristina (editores). *Habitar CU. 60 años. Ciudad Universitaria UNAM 1954-2014*.

México: Facultad de Arquitectura, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial, UNAM, 2014.

LOZANO Trejo, Joaquín. "La construcción de un nuevo modelo de Universidad, 1945-1953". En: DOMÍNGUEZ-MARTÍNEZ, Raúl (coord.) *Historia general de la Universidad Nacional siglo XX. Un nuevo modelo de la Universidad. La UNAM entre 1945 y 1972*. México: UNAM, 2013, pp. 43-186.

MARTÍN Marín, Celia (editora). *Biblioteca Central: libros, muros y murales. 50 aniversario*. México: Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación UNAM, 2006.

\_\_\_\_\_. (editora). *Representación histórica de la cultura: mural de Juan O’Gorman en la Biblioteca Central*. México: Dirección General de Bibliotecas UNAM, 2008.

MAZARI Hiriart, Marcos. *Consideraciones para la conservación y restauración de los espacios abiertos del Campus Central de Ciudad Universitaria*, UNAM. México: tesis para obtener el grado de maestro en Arquitectura, UNAM, 2016.

MONSIVÁIS, Carlos. "Introducción". En: BAÑOS Boo, Sabrina (editora). *El Campus de la Ciudad Universitaria de la Universidad Nacional Autónoma de México. Monumento Artístico Nacional. 4º Encuentro del Comité Científico de Arquitectura del Siglo XX de ICOMOS Mexicano, A. C.* México: Consejo Internacional de Monumentos y Sitios. Organismo "A" de la UNESCO. ICOMOS Mexicano, A. C., 2011.

RAMIRO Esteban, Diana; RODRÍGUEZ Figueroa, Andrea Berenice. "La conservación patrimonial de un espacio verde: la explanada de Las Islas en el campus central de Ciudad Universitaria de la UNAM". *Academia XXII* vol. 12 núm. 24, diciembre de 2021, pp. 159-175.

SÁNCHEZ Jiménez, Arturo. "Busca CU conservar el estatus de Patrimonio de la Humanidad de la Unesco". *La Jornada*, 25 de marzo de 2018. <https://www.jornada.com.mx/2018/03/25/sociedad/026n3soc>

UNAM. *Agenda Estadística UNAM 2016*. México: UNAM, 2016.

\_\_\_\_\_. *Ciudad Universitaria. Cincuenta años. 1952-2002*. México: Facultad de Arquitectura, Difusión Cultural UNAM, 2002.

\_\_\_\_\_. *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México / Management Plan for the Central Campus of the University City*. Universidad Nacional Autónoma de México. México: UNAM, 2017.

\_\_\_\_\_. *Plan de Gestión del Campus Central de la Ciudad Universitaria. Universidad Nacional Autónoma de México. Edición de seguimiento 2019*. México: UNAM, 2019.

\_\_\_\_\_. "Ciudad Universitaria y el Desarrollo Urbano en sus alrededores. Desafíos y oportunidades". *Seminario Universitario de Sociedad, Medio Ambiente e Instituciones*.

<https://susmai.unam.mx/ciudad-universitaria-y-el-desarrollo-urbano-en-sus-alrededores-desafios-y-oportunidades/>

UNESCO. "Ciudad universitaria de Caracas". <https://whc.unesco.org/es/list/986#top>

\_\_\_\_\_. "Directrices Prácticas para la aplicación de la Convención del Patrimonio Mundial". <https://whc.unesco.org/archive/opguides8-es.pdf>

\_\_\_\_\_. "Memorándum de Viena sobre el Patrimonio Mundial y la Arquitectura Contemporánea. Gestión del Paisaje Histórico Urbano". <https://conservacion.inah.gob.mx/normativa/wp-content/uploads/Documento34.pdf>

ZICCARDI, Alicia. *El barrio universitario: espacio y acción estudiantil (1910-1929)*. México: Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios sobre la Ciudad, Dirección General de Publicaciones y Fomento Editorial UNAM, 2014.

# O CAMPUS DARCY RIBEIRO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

*Andrey Rosenthal Schlee<sup>1</sup>*

## *Resumo:*

O presente artigo busca apresentar e caracterizar o Campus Darcy Ribeiro ou a Cidade Universitária de Brasília. Projetado por Lucio Costa, conforme o Plano Orientador da Universidade de Brasília (1962), buscou completar o Plano Piloto vencedor do concurso para a nova capital do Brasil (1956). Implantado em uma gleba com cerca de 257 hectares do Distrito Federal, em 1987, o Campus foi incluído no conjunto urbanístico inscrito na Lista do Patrimônio Mundial. Ao longo de seus 60 anos, consolidou-se não apenas como um potente centro de ensino, pesquisa e extensão, mas como um polo que concentra experiências urbanísticas e arquitetônicas expressivas.

**Palavras-chave:** Brasília, Cidade Universitária, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro

## *Apresentação*

Escrever sobre o Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB), em pleno ano de 2022, é uma satisfação, além de uma imensa responsabilidade acadêmica. Pois trata-se do ano em que celebramos, além do bicentenário da Independência, o centenário do nascimento do antropólogo e educador Darcy Ribeiro e os sessenta anos de uma de suas mais queridas filhas, a própria UnB. Para tanto, vamos, em sequência quase sempre cronológica, apresentar as principais características urbanísticas e arquitetônicas da também chamada Cidade Universitária de Brasília.

Vamos, igualmente, comemorar a existência de um grande espaço democrático, destinado ao ensino, a pesquisa e a extensão, fruto da concepção e do trabalho de um conjunto extraordinário de intelectuais que, como sempre resulta ser, pensaram a Universidade como uma espécie de materialização de utopias libertárias, capazes de solucionar os problemas enfrentados pela Nação.

Concretizada a partir de 1962, a UnB acompanhou e soube enfrentar as crises políticas, econômicas e educacionais do Brasil. Quase sucumbiu com a ditadura militar, reergueu-se com a abertura política e expandiu-se com a democracia. Resiliente, recentemente voltou a lutar.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e urbanista, mestre e doutor em História da Arquitetura. Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Pesquisa sobre Brasília. Entre seus trabalhos, cabe destacar as publicações: Guia de obras de Oscar Niemeyer - Brasília (2010); Registro arquitetônico de Universidade de Brasília (2014) e Oscar (2021). Foi Diretor do Departamento de Patrimônio Material do IPHAN de 2011 a 2019.

Desta vez, enfrentando tristes tempos, marcados por retrocessos conservadores, negacionistas e fundamentalistas.

Em meio a sua exitosa trajetória, cabe mencionar a participação da Universidade no Grupo de Trabalho instituído pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e o Governo do Distrito Federal (GDF), com o objetivo de sugerir medidas para a preservação do patrimônio cultural de Brasília. O trabalho foi produzido a partir de 1981, e acabou gerando a documentação que foi encaminhada para a Unesco com a finalidade de incluir a Capital na Lista do Patrimônio Mundial. O reconhecimento internacional ocorreu em 1987, e o Campus Darcy Ribeiro foi incluído na poligonal de proteção do Conjunto Urbanístico de Brasília. Antes, portanto, dos demais bens considerados “modernos”, e das extraordinárias cidades universitárias de Caracas (2000) e México (2007).

## O Relatório

Para melhor compreender a história da Cidade Universitária, antes, é fundamental ter em mente uma série de datas e acontecimentos.

O Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil foi lançado em 20 de setembro de 1956. O arquiteto Lucio Costa participa do certame e apresenta apenas um mapa e um memorial. O prazo para a entrega final das propostas encerrou em 11 de março de 1957. Vinte e seis projetos foram analisados pelo júri. Logo no dia 16, o resultado foi divulgado, com Costa sagrando-se vencedor. Naquele momento, o desenho de uma capital do século XX foi exposto e conhecido, assim como o conteúdo do Relatório correspondente. No mapa, simplesmente identificado como “P.P.B.” (Plano Piloto de Brasília), abaixo da assinatura do autor, consta a data de sua finalização: 10/III/57. A Cidade Universitária figura nos dois documentos.

A nova Capital foi inaugurada pelo presidente Juscelino Kubitschek em 1960. No mesmo ano, foi oficialmente encaminhada a criação da Universidade e, como uma consequência natural do Plano fundacional, o urbanista Lucio Costa desenhou também a Cidade Universitária e o arquiteto Oscar Niemeyer passou a projetar seus principais edifícios.

Em sua *Memória Descritiva do Plano Piloto*, Costa afirma que Brasília foi planejada para o “trabalho ordenado e eficiente”<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, a capital deveria assumir a condição de “cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, um foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país”<sup>3</sup>.

Mas como estimular tais quimeras ou fantasias? Ou onde centrar tal foco cultural?

A resposta parece estar contemplada no item nono da mesma *Memória*. Nele, o urbanista definiu a posição do Ministério da Educação e da própria cidade universitária, configurando uma espécie de triângulo de integração com o setor cultural da capital.

---

<sup>2</sup> (COSTA, 1957, p. 265).

<sup>3</sup> (COSTA, 1957, p. 265).

A história e a cronologia são conhecidas. Em 1958, Darcy Ribeiro foi “estimulado a levar adiante os estudos que conduziram à criação da UnB”<sup>4</sup>. Logo se estabeleceu uma forte disputa entre a Companhia de Jesus e a Ordem Dominicana. Os primeiros, desejando fundar uma Universidade Católica em Brasília. Os segundos, atraídos pela possibilidade de criação de um Instituto de Teologia Católica em uma universidade estatal. Vencida a questão, tratou-se de construir uma instituição laica.

Em 21 de abril de 1960, Kubitschek enviou ao Congresso Nacional uma mensagem solicitando autorização para a criação da Universidade de Brasília e do Sistema Educacional do Distrito Federal. Logo, Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos e Oscar Niemeyer passaram a compor a comissão encarregada de pensar a nova Universidade. A eles, juntou-se o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, o representante do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na nova Capital.

Mas quando eu cheguei em Brasília [1960] eu era o único arquiteto do Ministério da Educação. Então, o problema da Universidade foi logo colocado para mim, porque havia uma ideia de trocar o terreno que [originalmente] tinha sido designado pra Universidade com outro terreno daquela chamada Vargem Bonita... Quando pediram minha opinião [...] eu disse: seria interessante que a Universidade ficasse com os dois terrenos [...] esse seria um terreno muito interessante para pesquisas agrônômicas e o outro seria o primeiro Centro Cultural da cidade<sup>5</sup>.

Finalmente, em 15 de dezembro de 1961, o presidente João Goulart sancionou a lei que autorizou o Poder Executivo a estabelecer a Fundação Universidade de Brasília, uma instituição autônoma não governamental, administrada por um Conselho Diretor. Lei que também definiu o patrimônio inicial da Fundação, em parte constituído por terrenos destinados à construção “de uma Universidade em Brasília” (257 hectares no Plano Piloto) e pelas projeções correspondentes a doze superquadras situadas na asa norte. Parte das terras da Vargem Bonita, 4.340 hectares, foram igualmente incorporados à UnB e compõem a atual Fazenda Água Limpa.

Por sua vez, a Universidade seria formada por institutos centrais e por faculdades. Enquanto aos primeiros caberia ministrar os cursos básicos, de ciências, letras e artes, aos segundos corresponderia a tarefa de ministrar cursos de graduação para a formação profissional e técnica. Ambos ofereceriam, de forma integrada, cursos de pós-graduação. A estrutura educacional era relativamente simples, quatro semestres de nível básico (“cursos introdutórios para todos os alunos da Universidade, a fim de lhes dar preparo intelectual e científico básico”<sup>6</sup>), seis de nível de formação (bacharelado e graduação) e mais quatro de estudos de pós-graduação (doutorado).

Ao todo, seriam oito institutos e seis faculdades: institutos centrais de Matemática, Física, Química, Geociências, Biologia, Ciências Humanas, Letras e Artes; e faculdades de Engenharia, Educação, Direito-Economia-Administração-Diplomacia, Ciências Agrárias, Ciências Médicas e Arquitetura e Urbanismo – todos com o apoio de seus respectivos departamentos didáticos e centros de pesquisa.

---

<sup>4</sup> (RIBEIRO, 1978, p. 19).

<sup>5</sup> Depoimento do arquiteto Alcides da Rocha Miranda (ALMEIDA J. , 2012, p. 126); grifo nosso.

<sup>6</sup> (UNB, 1962).

A Faculdade de Arquitetura contaria com departamentos de Projeto, Tecnologia e Teoria e História, além do Centro de Planejamento, o Ceplan – responsável pelo projeto dos edifícios do campus.

Para a construção da cidade universitária, tudo indica, foram desenhadas três propostas. Duas delas podem ser constatadas na chamada série histórica<sup>7</sup> de plantas urbanísticas do Plano Piloto. A terceira, em parte, foi implantada.

### *Cidade universitária de 1957: a cidade integrada*

No citado item nono da *Memória Descritiva* do Plano Piloto, Costa definiu a posição do Ministério da Educação e da Cidade Universitária, configurando uma espécie de triângulo de integração com o setor cultural da capital. No mapa de 1957, o urbanista lançou tal cidade (a primeira).

O campus ficaria no lado norte de Brasília, na primeira porção de terra contígua à esplanada dos ministérios. Como todo o resto, estaria distante do Lago Paranoá. Uma cidade funcional dentro de outra. Um parque, com parcelamento não identificado e tecido edificado pela repetição de barras semelhantes, contrastando com poucos edifícios distintos: os temas destaque (uma aula magna ou um museu, por exemplo). O jogo do repetitivo e do exemplar já havia preocupado Le Corbusier quando criara seus elementos de urbanismo. Ele e Costa experimentaram tal jogo em seus respectivos planos para a Cidade Universitária do Brasil no Rio de Janeiro (1936).

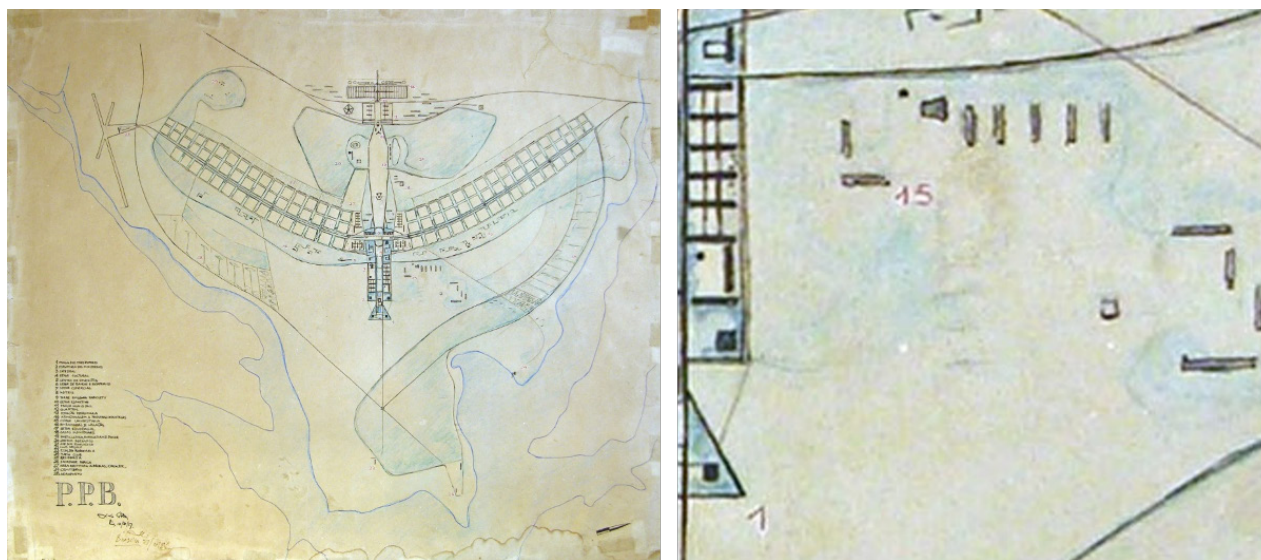


Fig. 1. P.P.B., Plano Piloto de Brasília. Autor: Lucio Costa (1957). Fonte: Arquivo ARS.

### *Cidade universitária de 1960: a cidade destacada*

Em mapa anexado ao programa das solenidades de instalação do Governo Federal em Brasília, de abril de 1960, curiosamente, outra cidade universitária foi desenhada (a segunda). Desta vez,

uma composição compacta, apoiada em uma espécie de grande plataforma, que contém e organiza seis edifícios barras, provavelmente em altura, e alguns temas destaque.

Nos documentos guardados por Costa – conservados na Casa da Arquitetura de Matosinhos, Portugal – existem duas cópias distintas do mesmo mapa. O primeiro identificado como “Mapa de Brasília 1960” (III B 03-02947) e o segundo, como “Planta da cidade de Brasília” (III B 03-03749). Este, é especialmente interessante, pois publicado pela distribuidora *Shell*, indica a localização da Petrobrás, no lugar originalmente destinado para a cidade universitária; bem como a demarcação do enorme sítio, oficialmente, ocupado pela UnB a partir de 1962, mas definido em 1961.

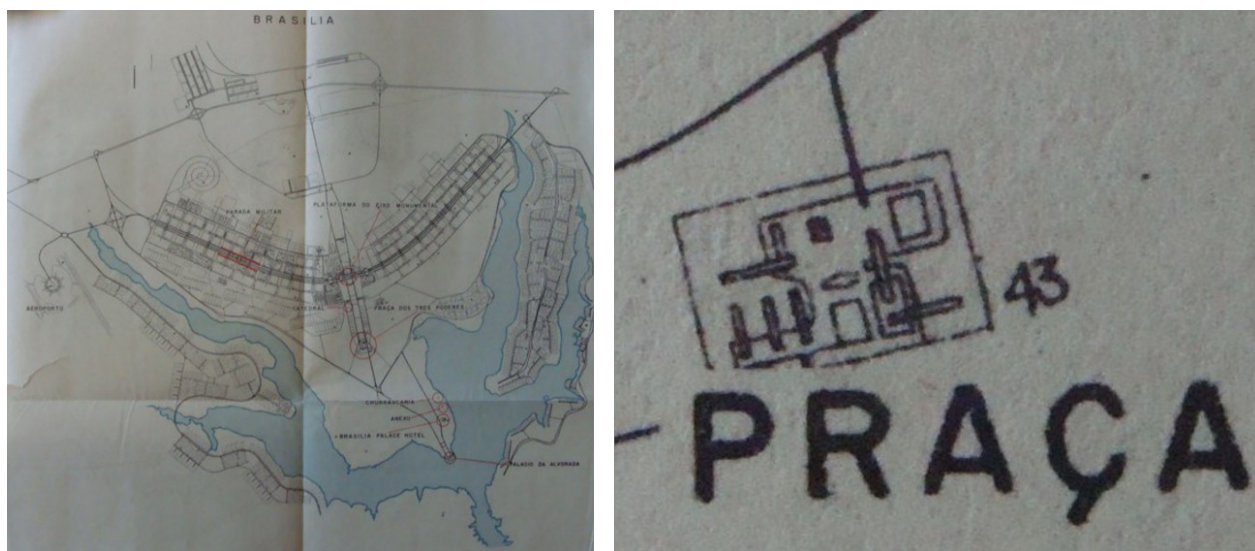


Fig. 2. Mapa que acompanha o programa de inauguração de Brasília. Autor: Novacap (1960). Fonte: Arquivo ARS.

Sem autoria comprovada, o desenho nos remete à escultura *Projeto de uma praça* (1930-1931), do artista Alberto Giacometti. Obra que, conforme Joep Maria Montaner, é a chave para o entendimento do conceito de espaço público da arquitetura moderna: diversos objetos abstratos colocados sobre uma plataforma. Para o autor, “a arquitetura moderna projetou de maneira sistemática o espaço aberto, a matéria invisível que se configura entre as formas abstratas dos edifícios e que permite articular a complexidade”<sup>8</sup>.

## *Bucólica e urbana*

Durante a execução do Plano Piloto, muita coisa mudou. Como é sabido, a cidade inventada foi “deslocada” para leste e implantada em sítio distinto daquele para o qual foi projetada. Assim, Brasília ficou um pouco mais próxima do lago Paranoá, um anel de embaixadas passou a isolar os ministérios e a Cidade Universitária acabou afastada do centro do poder. Em dezembro de 1961, o engenheiro Israel Pinheiro, feito primeiro prefeito da Capital, definiu uma nova gleba para a Universidade, agora distante, aproximadamente, 3 km do Ministério da Educação.

<sup>8</sup> (MONTANER, 1993, p. 37) e (MONTANER, 2008, p. 19).

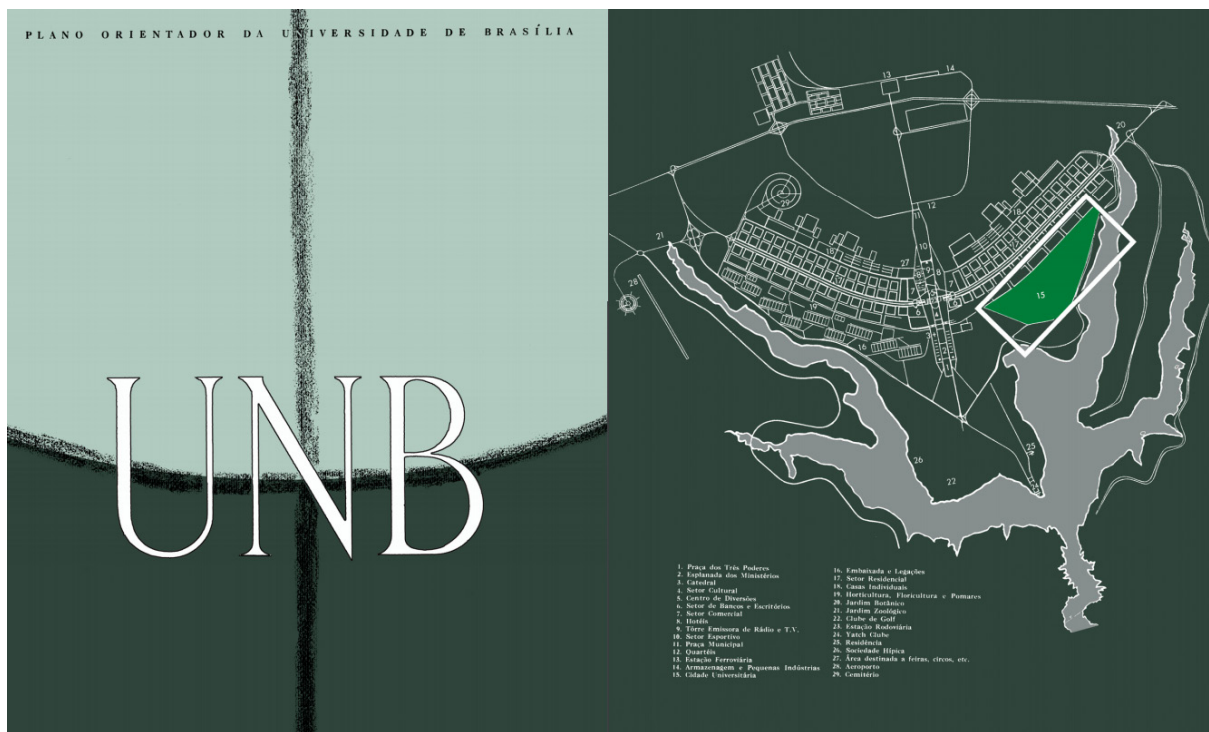


Fig. 3. Mapa do Plano Piloto com a localização (nº 15) da gleba definitiva para a cidade universitária. Autor: UnB (1962).

Costa havia inventado a Capital. Mas um novo desafio estava posto: como projetar a Cidade Universitária sem “descaracterizar” ou “desequilibrar” a proposta original. Brasília fora inaugurada completa em seus elementos estruturais: eixo residencial, eixo monumental e plataforma rodoviária. Mesmo com acréscimos, o risco de 1957 estava praticamente executado e a cidade nascia com grande unidade. O zoneamento funcional proposto definira o próprio arcabouço espacial da cidade, com setores rebatidos (de comércio, de diversões, de hotéis, de bancos, de autarquias, de embaixadas, de superquadras...) nas respectivas porções Norte e Sul. Projetar um campus universitário em 1962 representava, ao mesmo tempo, a introdução de uma “nova” função na cidade já inaugurada e a definição de um “novo” desenho para um trecho único da Capital – uma gleba com cerca de 257 hectares (capaz de conter no seu interior todo a Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes!).

Explicando Brasília, Costa afirmou que:

A solução apresentada é de fácil apreensão, pois se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade no tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando daí a harmonia de exigências de aparência contraditória. É assim que, sendo monumental é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional<sup>9</sup>.

E assim, considerando a possibilidade de variedade no tratamento das partes e a natureza peculiar da função, o urbanista criou um campus que inverteu a lógica empregada na Cidade Universitário do Brasil. No Rio de Janeiro, frente à irregularidade e a descontinuidade do entorno, imaginou um desenho regular e contínuo. Em Brasília, frente à regularidade e a continuidade

<sup>9</sup> (COSTA, 1957, p. 278).

da Capital, desenhou um parque pitoresco. Costa propôs o diálogo da arquitetura moderna no jardim pitoresco:

Toda a área é cortada por estradas, predominantemente curvas, que pela suavidade contrastam predominantemente com as linhas hieráticas do conjunto da cidade. Estas vias conformam, bem ao meio do campus, uma vasta área gramada em torno da qual se situarão os edifícios dos Institutos Centrais<sup>10</sup>.

Uma das características mais nobres do plano de Lucio Costa para a Universidade de Brasília é o de deixar livre todo o conjunto dos terrenos como um vasto parque aberto à população que será tratado, paisagisticamente, com o cuidado de preservar a vegetação original, enriquecendo-a através do destaque de cada gênero florístico, mediante a sua concentração em uma área especial<sup>11</sup>.

## *Cidade universitária de 1962. A cidade de Costa(s)*

Para o sítio definitivo, Costa inventou outra cidade universitária (a terceira<sup>12</sup>), denominada de *Plano de Urbanização da U.B.A.* Um projeto que, empregando traçados regulares como base, traduz em desenho pitoresco a forma de organização administrativa da própria UnB, que então, era baseada na integração de três modalidades de órgãos: os institutos, as faculdades e as unidades complementares<sup>13</sup>. Segundo o autor de Brasília:

Eu apenas determinei o local. Inicialmente eu dei uma distribuição daqueles vários setores. Isso, logo no começo de Brasília, em 64 [1962]. O Darcy Ribeiro me pediu, porque estava empenhado em fazer uma universidade em moldes atuais, modernos. O Anísio Teixeira era um apaixonado, um dedicado ao ensino... Eles estavam imbuídos do espírito das universidades americanas<sup>14</sup>.

Como comprova a documentação disponível, Costa fez mais do que apenas determinar o local. Ele definiu a concepção espacial geral do campus, talvez no que se poderia considerar como o primeiro exercício projetual, de próprio punho, naquela que seria batizada como a “escala bucólica”<sup>15</sup> de Brasília. Ele estabeleceu a malha viária que estrutura o campus, com as vias retas que cortam diagonalmente a gleba. Ele distribuiu os elementos programáticos segundo zonas funcionais (apoiadas por pequenas vias sinuosas), como em um belo exercício acadêmico de grandes composições.

Na citada Casa da Arquitetura de Matosinhos, encontram-se arquivados dois desenhos para o campus, ambos titulados pelo catalogador como “Estudo de implantação para a Universidade de Brasília”. A perspectiva (III B 13-01253) permite visualizar, além da distribuição do conjunto,

<sup>10</sup> (COSTA, 1962); grifo nosso.

<sup>11</sup> (COSTA, 1962, p. s.n.); grifo nosso.

<sup>12</sup> Provavelmente projetada entre dezembro de 1961 (Lei 3.998) e abril de 1962 (quando da primeira Praça Maior de Oscar Niemeyer).

<sup>13</sup> (RIBEIRO, 1963, p. 4)

<sup>14</sup> Depoimento de Lucio Costa (ALMEIDA J. , 2012, p. 289); grifo nosso.

<sup>15</sup> “As extensas áreas livres, a serem densamente arborizadas ou guardando a cobertura vegetal nativa, diretamente contígua a áreas edificadas, marcam a presença da escala bucólica”; e “a intervenção da escala bucólica no ritmo e na harmonia dos espaços urbanos se faz sentir na passagem, sem transição, do ocupado para o não-ocupado — em lugar de muralhas, a cidade se propôs delimitada por áreas livres arborizadas” (COSTA, 1987).

o preenchimento do espaço por edifícios isolados de diferentes volumetrias e de baixa altura (o que faz lembrar do precedente do Instituto de Tecnologia de Illinois, 1939-5016). A planta de implantação (III B 13-01121), por sua vez, comprova a hierarquização programática, demonstra a valorização do espaço gramado central – não edificado – e reforça o desenho pitoresco das porções periféricas.

Por opção do autor de Brasília, o campus deu as costas para a Capital. O restante da cidade e o próprio lago tornaram-se apenas referências visuais. Não condicionam ou determinam nada no partido adotado. Simultaneamente, a universidade não se integra diretamente com a cidade e não usufrui o lago. Logo, volta-se para si mesma. A sua Praça Maior comprova tal tese.

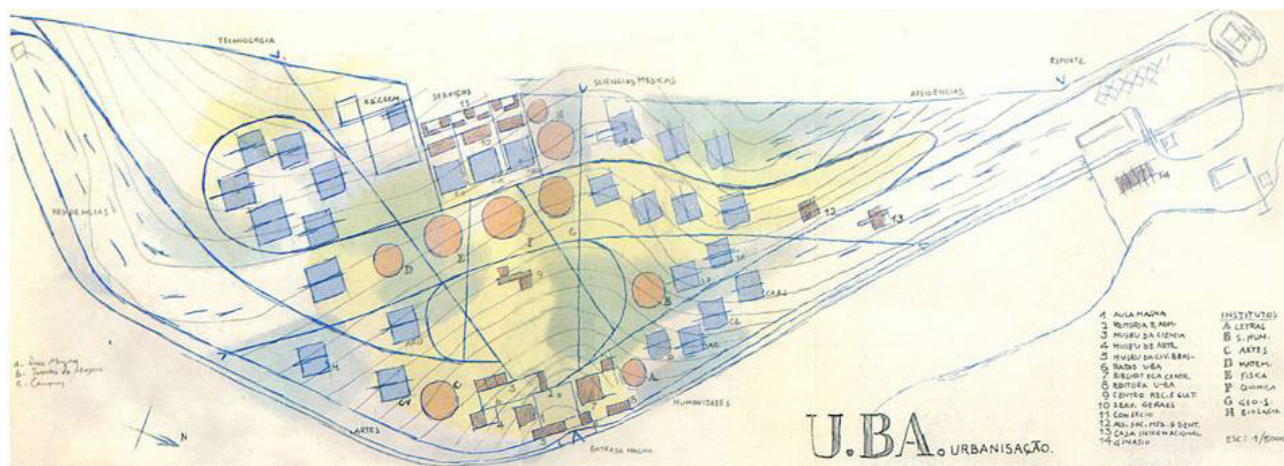


Fig. 4. U.B.A., Plano de Urbanização da U.B.A. Autor: Lucio Costa (1962). Fonte: UnB.

A gleba destinada à UnB tem o formato de um “arco indígina”. No qual, a “corda” corresponde à via L3 Norte – limite com a cidade; e a “vara arqueada” à via L4 Norte – “Via da Universidade”, próxima ao lago. Na porção central desta “vara” (nordeste), Lucio Costa implantou a chamada Praça Maior que, embora tenha sido denominada “entrada magna”, volta-se para o interior do conjunto. Ou seja, não está visualmente aberta para o lago, mas para os demais edifícios educacionais. Trata-se de uma praça seca (provavelmente verde) e quadrangular, delimitada por edifícios funcionalmente significativos que a tangenciam: a Aula Magna, a Reitoria, a Biblioteca, a Rádio e o Museu da Civilização Brasileira. Deste núcleo cultural e administrativo fariam parte, ainda, o Museu da Ciência, o Museu da Arte e a Editora da UnB.

Foi Darcy Ribeiro quem definiu quais seriam as chamadas Unidades Complementares da UnB, “destinadas a funcionar supletivamente como centros de extensão para a cidade e para o país”: a Aula Magna (um “grande auditório montado para atender às necessidades da Universidade e do país”); a Biblioteca Central, o Centro de Teledifusão Educativa, a Editora e o *Museum* (que “compreenderá o Museu da Ciência e da Técnica e o Museu da Civilização Brasileira”)<sup>17</sup>.

Da Praça Maior, mas sem tocá-la, partem em direção à via L3 Norte, dois eixos divergentes que cortam o campus no sentido transversal. O da porção sul foi chamado de eixo da “tecnologia” e o da porção norte de eixo das “ciências médicas”. Ao tocarem a via L3, os eixos configurariam mais dois acessos à Universidade (propondo uma espécie de triangulação com a “entrada magna”).

<sup>17</sup> (RIBEIRO, 1963, p. 8).

No sentido longitudinal, Costa lançou duas outras vias, sinuosas e quase sempre paralelas entre si. Desta forma, ficou configurada uma grande malha de nove macro parcelas irregulares distribuídas em leque a partir da Praça Maior, cada uma correspondendo à uma determinada função ou área de conhecimento (Tecnologia/Serviços Gerais/Ciências Médicas; Matemática/Física-Química-Geociências; Artes/Vivência/Humanidades).

Isolado na extremidade noroeste do campus, imaginou implantar o conjunto esportivo. Solução igualmente adotada no projeto de 1936 para o Rio de Janeiro. Também como na Universidade do Brasil, os prédios seriam projetados e construídos isolados, respeitando condicionantes administrativos e disciplinares, mas também um desejo do próprio autor.

## *Trabalhando e cantando*

Complementando o plano de urbanização de Costa, Niemeyer projetou o conjunto da Praça Maior, os pavilhões de Serviços Gerais e o Instituto Central de Ciências. Ocupando-se, portanto, da porção central do campus.

No entanto, ao iniciar a sua atividade no Ceplan, Niemeyer introduziu modificações substanciais no projeto de Costa, que passou a ser respeitado apenas como uma sugestão de macrozoneamento. O arquiteto inverteu o sentido da Praça Maior que, em sua nova versão, passou a abrir-se completamente para os visuais do lago. Agora de desenho retangular (novamente diversos objetos abstratos colocados sobre uma plataforma!), a Praça passou a articular apenas quatro prédios fundamentais: a Aula Magna, a Reitoria, a Biblioteca e o Museu da Civilização Brasileira. Sendo que o Museu, elevado quatro metros do solo, atuaria como pórtico ou porta para o restante da Universidade. Segundo Niemeyer:

Ao estudarmos a Praça Maior da Universidade de Brasília, foi nossa preocupação impedir que seus edifícios lhe conferissem, por suas proporções, aspecto monumental. Com esse objetivo reduzimos alturas, volumes e espaços livres, desejosos de manter na mesma um caráter singelo e universitário. Isso, entretanto, não constitui tarefa fácil de realiza, considerando os edifícios que a compõem, edifícios que se baseiam em vastos e complexos programas construtivos”<sup>18</sup>(1962).

A Praça Maior constitui a entrada principal da Universidade [...] o projeto procura garantir para a praça – apesar de se tratar de edifícios de grande porte – um caráter singelo e acolhedor. Nesse sentido reduziram alturas e volumes, prevendo-a ajardinada e aprazível”<sup>19</sup>(1963).

Existem duas variantes do projeto de Niemeyer para a Praça Maior da UnB. No primeiro (de abril de 1962), o prédio da reitoria atua como marco vertical no campus, com 50m de altura, cerca de 16 pavimentos. No segundo (anterior a novembro de 1962), a reitoria assume uma posição secundária aos demais monumentos do conjunto.

O arquiteto manteve os dois eixos transversais propostos pelo urbanista, e fez deles limites projetuais. Ao imaginar o Instituto Central de Ciências, uniu em uma única edificação os diferentes

<sup>18</sup> (NIEMEYER, 1962, p. 10).

<sup>19</sup> (NIEMEYER, 1963, p. 33).

e isolados blocos de Costa (Matemática/Física-Química/Geociências). Por suas dimensões e forma inusitadas, o chamado “minhocão” passou a dialogar com a Praça Maior, reforçando o desenho do “leque” original do projeto urbano. Entre os dois conjuntos (o didático e o administrativo), foi mantida e delimitada uma grande praça verde de convívio variado.

## *Um sensível toque pitoresco*

Mesmo residindo no Rio de Janeiro, Costa acompanhou os trabalhos de implantação e construção da UnB. Atendo, sempre que necessário, opinou sobre o processo em curso. Em novembro de 1962, o urbanista apresentou uma proposta para a adequação e implantação da segunda Praça de Niemeyer. Redesenhou o sistema viário local, definiu áreas de estacionamento junto aos principais edifícios e criou uma alameda de acesso – que corresponde a um eixo arborizado que secciona transversalmente a Praça proposta, isolando o edifício da biblioteca do restante do conjunto. Mais do que isso, Costa reforçou o caráter pitoresco local, valorizando as duas vias curvas originais, desenhando massas de vegetação e sugerindo a execução de dois lagos artificiais (importantes para solucionar problemas do sítio). Com o estabelecimento da alameda de acesso, o museu-pórtico de Niemeyer teria sua importância reduzida, uma vez que parte de sua estratégia de monumentalidade seria transferida para um novo pórtico, agora localizado junta a via L4 Norte (“Via da Universidade”). Era uma estrutura caracterizada por uma plataforma de base quadrada na qual estaria apoiado um obelisco (elemento constantemente utilizado nos parques pitorescos e na obra de Costa). Lago, alameda, vegetação e obelisco foram registrados em bela perspectiva e escondem os edifícios propostos.

Em 1963, um número especial da revista *Módulo*<sup>20</sup> foi destinado à UnB. Segundo matéria então publicada, o urbanismo do campus estava sob responsabilidade de Costa, Jaime Zettel e Ítalo Campofiorito; enquanto os projetos arquitetônicos cabiam a Niemeyer, João Filgueiras Lima (Lelé), Sabino Barroso, Glauco Campelo, Virgílio Sosa Gomes, Evandro Pinto, Abel Accioly e Hilton Costa – todos atuando no Ceplan. No entanto, com a ditadura militar instaurada no Brasil a partir de 1964, a Universidade tomou outros rumos. A Praça Maior de Niemeyer não foi executada, tampouco as sugestões de Costa foram consideradas. Assim, o grande parque pitoresco não chegou, de fato, a ser executado. Já na década de 1970, o paisagista Fernando Magalhães Chacel apresentou um novo projeto para a área central da UnB que acabou sendo implantado.

---

<sup>20</sup> (MÓDULO, UnB, 1963, p. 8).

## *Primeira Fase da Arquitetura da UnB*

Do ponto de vista arquitetônico, os 60 anos da UnB podem ser contados considerando quatro fases.

Ainda em 1962, o campus começou a receber suas primeiras construções. Algumas provisórias, outras tantas definitivas. Era necessário construir muito e rapidamente. Teve início a **primeira fase** da arquitetura da UnB, caracterizada – sobretudo – pela experimentação e pela adoção e/ou desenvolvimento de peças estruturais pré-moldadas e de sistemas construtivos pré-fabricados em concreto aparente. Assim, foram executados: o importantíssimo Instituto Central de Ciências, ICC/”Minhocão” (Niemeyer e Lelé); os cinco pavilhões de Serviços Gerais (Niemeyer e Lelé); os três pavilhões de Serviços Gerais (Lelé); os quatro blocos residências da chamada Colina Velha (Lelé); o protótipo habitacional (Niemeyer e Lelé); o ambulatório I do Centro Integrado de Ensino Médio (equipe do Ceplan); a sede do Instituto de Teologia (Niemeyer e Lelé); o conjunto de edificações da Faculdade de Educação (Alcides da Rocha Miranda); e os pavilhões Oca 1 e Oca 2 (adotando o sistema de arquitetura industrializado em madeira SR2, de Sérgio Rodrigues).



Fig. 5. Interior do Instituto Central de Ciências. Autor: Oscar Niemeyer (1962). Foto: Eduardo P. Rossetti.

## Segunda Fase da Arquitetura da UnB

O golpe militar interrompeu a implantação da Universidade desejada. Mais do que isso, liquidou com o sonho de Darcy Ribeiro. Em 1965, ocorreu a demissão – em conjunto – de cerca de 90% dos professores da Instituição. Com a partida dos arquitetos, a escola de arquitetura fechou e os projetos do Ceplan ficaram à deriva.

O processo de reconstrução da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo implicou na constituição de um novo corpo docente e que levou à substituição do grupo “carioca” de arquitetos por outro, hegemonicamente, “paulista”. Os presidentes do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Fábio Penteadó e Eduardo Kneese de Mello, assumiram a missão política da reabertura. Um Grupo de Trabalho foi formado com profissionais oriundos de diferentes escolas do país e constituído por Miguel Pereira, Paulo Mendes da Rocha (logo substituído por Paulo de Mello Bastos), Paulo Magalhães, José Liberal de Castro e Neudson Braga.

A escola foi reaberta em 4 de outubro de 1968. Miguel Pereira assumiu a coordenação dos cursos do ICA/FAU – Instituto Central de Artes e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – e Pedro Paulo de Mello Saraiva passou a dirigir o Ceplan.

Como consequência, teve início o que podemos chamar de segunda fase da arquitetura da UnB. Uma arquitetura caracterizada pelo uso preponderante do concreto armado de forma bruta e expressiva. Um período marcado pelo abandono das experiências de pré-fabricação e pela execução in loco das peças estruturais e de vedação em concreto. Os precedentes – na grande maioria dos exemplos – deixaram de ser cariocas e voltam-se principalmente para a produção paulista.

A partir dos primeiros anos da década de 70, a UnB tomou novos rumos. O seu plano urbanístico foi reelaborado. A Praça Maior foi rebatizada como Praça Central. Um Centro de Vivência (Pedro Paulo Saraiva) foi acrescido ao conjunto e os edifícios da Biblioteca Central (José Galbinski e Miguel Pereira) e da Reitoria (Paulo Zimbres) foram executados. Foi também projetado outro complexo de Aula-Magna e Museu (Matheus Gorovitz). Tais iniciativas sepultaram definitivamente a Praça Maior de Niemeyer – fato que sempre o incomodou.

Na UnB, o prédio da Biblioteca Central inaugurou a nova fase. A ele seguiram outros, todos de orientação brutalista, como o Restaurante Universitário (Galbinski); os blocos da Casa do Estudante (Léo Bonfim Júnior e Alberto Fernando Xavier); e o prédio da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados (Gorovitz). Ainda nessa fase foram construídos o Núcleo de Medicina Tropical, a Faculdade de Ciências da Saúde e a Faculdade de Tecnologia, todos de Adilson Costa Macedo e Êrico Siegmar Weidle, com orientação mais próxima do brutalismo inglês.

Reitoria e Biblioteca estavam funcionando em 1975. Vivência e Museu foram igualmente abandonadas. Num período de exceção e censura, Darcy Ribeiro resolveu falar. E escreveu *UnB: Invenção e Descaminho* (1978). Ilustrado por Niemeyer, o livro apresenta novos desenhos da velha Praça Maior. O texto causou polêmica e desconforto entre os arquitetos.



Fig. 6. Biblioteca Central. Autor: José Galbinski e Miguel Pereira (1969). Foto: Eduardo P. Rossetti.

## *Terceira Fase da Arquitetura da UnB*

A terceira fase arquitetônica da UnB desenvolveu-se a partir dos primeiros anos da década de 80 e caracteriza-se por uma grande heterogeneidade de propostas; por uma constante experimentação estrutural e formal por parte dos arquitetos (muitos dos quais não professores da FAU); pela construção e/ou ocupação de imóveis fora dos limites da Cidade Universitária; e pelo estabelecimento de parcerias com a iniciativa privada, que passou a ocupar espaços no Campus. Assim temos edificações com estrutura de madeira como o Centro de Excelência em Turismo de Zanine Caldas, edificações com estrutura tencionada em membrana de poliéster como o Centro Comunitário de Frederico Carvalho e edificações com estrutura em aço corten como o Posto de Gasolina de Gorovitz. Temos ainda novas experiências de pré-fabricação e industrialização da construção, como no Multiuso I de Weidle, no Multiuso II de Paulo Bica, no Almojarifado Central de Lelé e nos Pavilhões Anísio Teixeira e João Calmon de Cláudio Queiroz.

Na prática, o que se observou é que, durante a década de 1980, ocorreu uma concentração de novas edificações ao longo da via sinuosa interna, que liga a Faculdade de Ciências da Saúde à Colina (conjunto de blocos residenciais da Universidade). Verificou-se também, a ocupação da porção oeste do Campus, com prédios isolados e – quase sempre – desconectados de uma malha estrutural, o que corresponde ao abandono dos postulados e diretrizes de crescimento do Plano de 1971.



Fig. 7. Posto Ecológico. Autor: Matheus Gorovitz (1997). Foto: Eduardo P. Rossetti.

## *Quarta Fase da Arquitetura da UnB*

Em 2000, foi aprovada a Resolução 004 do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília, que instituiu a setorização e as diretrizes de uso do solo do território do Campus Universitário Darcy Ribeiro. Assim, ficou definida uma distinção entre o Campus propriamente dito e as Unidades Dispersas da UnB (outras áreas físicas da Instituição).

O Campus foi dividido em cinco setores: o Central (que corresponde ao “leque” original de Lucio Costa), o Sul (a partir da “via da tecnologia”), o Norte (a partir da “via das ciências médicas”, incluindo a colina e a Estação Experimental de Biologia), o Península (incluindo as áreas esportiva e de preservação natural da UnB) e o do Hospital Universitário de Brasília. Ao Setor Central ficou destinado a atividades acadêmicas, culturais, de pesquisa e de extensão, atividades de apoio ao convívio da comunidade universitária.

O desenvolvimento do Plano Diretor de Espaço Físico, em 1998, e a regulamentação da setorização do Campus, em 2000, indicaram a necessidade de ampliação e de transferência de unidades acadêmicas instaladas no Instituto Central de Ciências – ICC - para espaços adequados. O Ceplan elaborou os estudos técnicos para a ampliação da capacidade física necessária, com a participação de professores e alunos das Faculdades de Arquitetura e Urbanismo e de Tecnologia e das equipes de manutenção e acompanhamento de obras da Prefeitura do Campus. O Plano de Obras UnB

XXI, aprovado Conselho Diretor da FUB em 3 de dezembro de 2002, consistiu na revisão do plano de obras existente, com a indicação de ampliação de espaços de ensino e pesquisa e de liberação de áreas acadêmicas nos edifícios existentes. Os recursos financeiros são provenientes da alienação de imóveis de propriedade da FUB no Plano Piloto de Brasília.<sup>21</sup>.

Sendo assim, a **quarta fase** da arquitetura da UnB é composta por muitos edifícios projetados nos primeiros anos do século XXI. Uma arquitetura que reflete o crescimento da Universidade Brasileira e que busca recuperar algumas características ou tipologias já consagradas na UnB, como o projeto pavilhonar do Instituto de Química (Aleixo Furtado, Marcílio Ferreira, Letícia Cordeiro e André Nepomuceno); como o projeto de dupla-barras do Instituto de Ciências Biológicas (Frederico Barreto, Oscar Ferreira, Ivan do Valle, Cristine Autran, Eimara Messias, Nelton Borges e Vanessa Bhering); ou como o projeto de pátio central da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Andrey Schlee, Cláudia Garcia, Márcio Buson Adalberto Vilela e Fabiano Castro).

São da mesma fase as sedes da Casa do Professor (Raimundo Nonato Filho); da Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz (Alberto Faria, Beatriz Onishi, Fabiana Garcia, Fátima Pires e Márcio Neves), e do Memorial Darcy Ribeiro, o Beijódromo (Lelé).



Fig. 8. Memorial Darcy Ribeiro, Beijódromo. Autor: João Filgueiras Lima, Lelé (2010). Foto: ARS.

## Conclusão

Em 2022, ao comemorar os 60 anos de sua existência, mesmo enfrentando uma das mais sórdidas campanhas contrárias ao ensino público e gratuito, a Universidade de Brasília deu mostras de sua plena vitalidade e do seu profundo compromisso com a Nação. De um lado, colheu o reconhecimento internacional pelo conjunto de ações e projetos de pesquisa, inovação e extensão realizados durante a pandemia do coronavírus. Por outro, sediou a 74ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, cujo tema foi “Ciência, independência e soberania nacional”. E, por fim, lançou o edital que visa estabelecer, de forma democrática e participativa, a equipe que deverá produzir os estudos técnico-científicos para a atualização do Plano Diretor do Campus Darcy Ribeiro – 2002-2032.

### *Segundo a reitora Márcia Abrahão:*

Trata-se de oportunidade de “construir um documento de forma bastante democrática. Até hoje a UnB não tem um Plano Diretor aprovado em seus conselhos, conforme diz o estatuto e regimento geral. Então, tomamos a decisão de fazer um plano discutido com toda a comunidade e convidamos pessoas de alto nível, de todas as áreas e de diferentes campi para pensá-lo. Não será um Plano Diretor da reitora ou da gestão, será da Universidade. Elaborado por várias mãos, com profissionais de altíssimo nível”<sup>22</sup>.

É o que esperamos, especialmente quando tratamos de uma Cidade Universitária – urbanística e arquitetonicamente – tão importante.

---

<sup>22</sup> (ABRAHÃO, 2022).



Fig. 9. Interior do Restaurante Universitário. Autor: José Galbinski (1971). Foto: Eduardo P. Rossetti.

## Referências

- ABRAHÃO, Márcia. *UnB Notícias*. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/76-institucional/5941-edital-seleciona-participantes-para-atualizacao-de-plano-diretor>>. Acesso: 13/08/2022.
- ALMEIDA JR. *Universidade de Brasília: a ideia, diáspora e individuação*. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2012.
- CEPLAN. *Plano de Obras UnB XXI. Histórico*. Disponível em: <[www.unb.br/ceplan](http://www.unb.br/ceplan)>. Acesso: 03/03/2006.
- COSTA, Lucio (1957). *Memória descritiva do Plano Piloto*. In. *Lucio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: CEAU, 1962.
- COSTA, Lucio (1962). *Plano de Urbanização da U.B.A*. In. *UNB. Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: EdUnB, 1962.
- COSTA, Lucio (1987). *Brasília Revisitada 1985/1987. Complementação, preservação, adensamento e expansão urbana*. Brasília: GDF, 1987.
- FICHER, Sylvia. *Guiarquitetura Brasília*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.
- LEITÃO, Francisco. *Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Mestrado), 2003.
- MONTANER, Josep Maria. *Después Del movimiento moderno. Arquitectura de La segunda metade del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- MONTANER, Josep Maria. *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- NIEMEYER, Oscar. *Praça Maior da Universidade de Brasília*. Módulo (28), 10-11, junho de 1962.

- NIEMEYER, Oscar. *Instituto de Ciências. Módulo* (32), 34-38, março de 1963.
- NIEMEYER, Oscar. *Praça Maior. Módulo* (32), 33, março de 1963.
- NIEMEYER, Oscar. *Instituto Central de Ciências. Acrópole* (369/370), 21-25, fevereiro de 1970.
- PEREIRA, Miguel. *Sobre uma "arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola". Projeto*, São Paulo, n.74, p.65-67. 1985.
- RIBEIRO, Darcy. *Papel e função da Universidade de Brasília na luta pelo desenvolvimento. Módulo* (32), 1-11, março de 1963.
- RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho. Rio de Janeiro: Avenir*, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. *Universidade de Brasília. Brasília: UnB*, 2012.
- ROSSETTI, Eduardo. *Arquiteturas de Brasília. Brasília: ITS*, 2012.
- SCHLEE, Andrey. *Um registro necessário. Brasília: Ceplan (inédito)*.
- SCHLEE, Andrey. *O Lelé na UnB (ou o Lelé da Unb)*. In. PORTO, C. E. *Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima. Brasília: EdUnB*, 2010.
- SCHLEE, Andrey. *A cidade de Costa(s) e o Instituto de Niemeyer. Porto Alegre: UFRGS*, 2011.
- SCHLEE, Andrey. *O pitoresco nas regras da cidade moderna: Lucio Costa e o Plano da Cidade Universitária de Brasília*. In. EL-DAHDAH, F. *Lucio Costa - arquiteto. Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa*, 2011.
- SCHLEE, Andrey et al (2014). *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília. Brasília: EdUnB*, 2014.
- UNB. *Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília: EdUnB*, 1962.
- UNB. *Plano de desenvolvimento físico. Brasília: Ceplan/UnB*, 1975.
- UNB. *Plano orientador. Humanidades* (61), 37-49, março de 2018.

# THE DARCY RIBEIRO CAMPUS OF THE UNIVERSITY OF BRASÍLIA

*Andrey Rosenthal Schlee<sup>1</sup>*

## *Abstract:*

This article aims to present and characterize the Darcy Ribeiro Campus or the University City of Brasília. Designed by Lucio Costa, according to the Guiding Plan of the University of Brasília (1962), it sought to complete the Pilot Plan, which had won the contest for the new capital of Brazil (1956). Located on a plot of land of about 357 hectares in the Federal District, in 1987 the Campus was added to the urban complex inscribed in the World Heritage List. Over its 60 years, it has consolidated itself not only as a powerful center of teaching, research and extension studies but also as a hub that concentrates significant urban and architectural experiences.

Keywords: Brasília, Campus, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro

## *Presentation*

Writing about the Darcy Ribeiro Campus of the University of Brasília (UnB), in the middle of 2022, is a pleasure, in addition to an immense academic responsibility. Because it is the year in which we celebrate, besides the bicentenary of Independence, the centenary of the birth of the anthropologist and educator Darcy Ribeiro and also the sixtieth birthday of one of his most beloved daughters, UnB itself. To do so, we will, almost always in a chronological sequence, present the main urban and architectural characteristics of the so-called University City of Brasília.

We are also going to celebrate the existence of a great democratic space, destined to teaching, research and extension, the result of the conception and work of an extraordinary group of intellectuals who, as always happens, thought of the University as a kind of libertarian utopias materialization, capable of solving the problems faced by the Nation.

Implemented in 1962, UnB followed and knew how to face the political, economic and educational crises in Brazil. It almost succumbed to the military dictatorship, rose again with the political opening, and expanded with democracy. Resilient, recently returned to fight. This time, facing sad times, marked by conservative, denialist and fundamentalist setbacks.

<sup>1</sup> Architect and urbanist, master and doctor in History of Architecture. Full Professor at the Faculty of Architecture and Urbanism at the University of Brasília. Research on Brasília. Among his works, it is worth highlighting the publications: Guide to works by Oscar Niemeyer-Brasília (2010); Architectural record of University of Brasilia (2014) and Oscar (2021). He was Director of IPHAN's Material Heritage Department from 2011 to 2019.

In the midst of its successful trajectory, it is worth mentioning the participation of the University in the Working Group established by the National Historical and Artistic Heritage Institute (Iphan) and the Government of the Federal District (GDF), aiming the suggestion of measures for the preservation of the cultural heritage of Brasilia. The work was produced from 1981, and ended up generating the document that was sent to Unesco with the purpose of including the Capital in the World Heritage List. International recognition took place in 1987, and the Darcy Ribeiro Campus was included in the protection polygon of the Urbanistic Complex of Brasília. Before, therefore, of other properties considered “modern”, and of the extraordinary university cities of Caracas (2000) and Mexico (2007).

## The report

To better understand the history of the University City, it is essential to keep in mind a series of dates and events.

The Public Notice for the National Contest for the Pilot Plan of the New Capital of Brazil was launched on September 20th, 1956. The architect Lúcio Costa participated in the contest and only presented a map and a memorial. The deadline for the final submission of proposals ended on March 11th, 1957. Twenty-six projects were analyzed by the jury. On the 16th, the result was announced, with Costa winning. At that moment, the design of a 20th century capital was exposed and known, as well as the content of the corresponding Report. On the map, simply identified as “P.P.B.” (Brasília Pilot Plan), below the author’s signature, the date of its completion is shown: 10/III/57. The City University appears in both documents.

The new Capital was inaugurated by President Juscelino Kubitschek in 1960. In the same year, the creation of the University was officially launched and, as a natural consequence of the Foundational Plan, the urbanist Lúcio Costa also designed the City University, and the architect Oscar Niemeyer was responsible for designing its main buildings.

In his Memo Descritiva of Pilot Plan, Costa states that Brasília was planned for “orderly and efficient work”<sup>2</sup>. At the same time, the capital should assume the condition of “a lively and pleasant city, suitable for daydreaming and intellectual speculation, capable of becoming, over time, in addition to a center of government and administration, one of the most lucid and sensitive centers of culture in the country”<sup>3</sup>.

But how to stimulate such chimeras or fantasies? Or where to center such cultural focus?

The answer seems to be contemplated in the ninth item of the same *Memoir*. In it, the urbanist defined the position of the Ministry of Education and the City University itself, configuring a kind of a triangle, integrating the cultural sector of the capital.

The history and chronology are known. In 1958, Darcy Ribeiro was “stimulated to carry out the studies that led to the creation of UnB”<sup>4</sup>. Soon, a strong dispute was established between the

<sup>2</sup> (COSTA, 1957, p. 265).

<sup>3</sup> (COSTA, 1957, p. 265).

<sup>4</sup> (RIBEIRO, 1978, p. 19).

Society of Jesus and the Dominican Order. The first, wanting to establish a Catholic University in Brasilia. The second, attracted by the possibility of creating an Institute of Catholic Theology in a state university. With that question resolved, it was a matter of building a secular institution.

On April 21st, 1960, Kubitschek sent a message to the National Congress requesting authorization for the creation of the University of Brasília and the Educational System of the Federal District. Soon, Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos and Oscar Niemeyer started to compose the commission in charge of planning the new University. They were joined by the architect Alcides da Rocha Miranda, the representative of the National Historical and Artistic Heritage Service in the new Capital.

But when I arrived in Brasília [1960] I was the only architect at the Ministry of Education. So, the problem of the University was immediately raised to me, **because there was an idea of exchanging the land that [originally] had been assigned to the University with another land from the one called Vargem Bonita...** When they asked for my opinion [...] I said: it would be interesting for the University to have both lands [...] this would be a very interesting land for agronomic research and the other would be the city's first Cultural Center.<sup>5</sup>

Finally, on December 15, 1961, President João Goulart sanctioned the law that authorized the Executive Branch to establish the University of Brasília Foundation, an autonomous non-governmental institution, managed by a Board of Directors. The Law also defined the Foundation's initial assets, partly made up of land intended for the construction of "a University in Brasília" (257 hectares in the Pilot Plan) and projections corresponding to twelve superblocks located in the north wing. Part of the Vargem Bonita lands, 4,340 hectares, were also incorporated by UnB and make up the current Fazenda Água Limpa.

In turn, the University would be formed by central institutes and faculties. While the former would be responsible for teaching basic courses in Sciences, Languages and Arts, the latter would be responsible for teaching undergraduate courses for professional and technical training. Both would offer, in an integrated manner, postgraduate courses. The educational structure was relatively simple, four semesters of basic level ("introductory courses for all students at the University, in order to give them basic intellectual and scientific preparation"<sup>6</sup>), six of training level (bachelor and graduation) and another four of postgraduate studies (doctorate).

In all, there would be eight institutes and six faculties: central institutes of Mathematics, Physics, Chemistry, Geosciences, Biology, Human Sciences, Languages and Arts; and faculties of Engineering, Education, Law-Economics-Administration-Diplomacy, Agricultural Sciences, Medical Sciences and Architecture and Urbanism – all with the support of their respective didactic departments and research centers.

The Faculty of Architecture would have departments of Design, Technology and Theory and History, in addition to the Planning Center, *Ceplan* – responsible for the design of the buildings on the campus.

---

<sup>5</sup> Statement given by the architect Alcides da Rocha Miranda (ALMEIDA J., 2012, p. 126); emphasis added.

<sup>6</sup> (UNB, 1962).

For the construction of the City University, it seems, three proposals were designed. Two of them can be seen in the so-called historical series<sup>7</sup> of urban plans for the Pilot Plan. The third, in part, was implemented.

## *University city of 1957: the integrated city*

In the aforementioned item ninth of the *Descriptive Memoir of the Pilot Plan*, Costa defined the position of the Ministry of Education and the University City, forming a kind of triangle integrating the cultural sector of the capital. On the 1957 map, the urban planner listed such a city (the first).

The campus would be on the north side of Brasília, on the first piece of land adjacent to the esplanade of ministries. Like everything else, it would be far from Paranoá Lake. A functional city within another. A park, with unidentified subdivisions and fabric built by the repetition of strips, contrasting with a few different buildings: the main themes (a master class or a museum, for example). The game of the repetitive and the exemplary had already concerned Le Corbusier when he created his urbanism elements. He and Costa experimented with such a game in their respective plans for *Cidade Universitária do Brasil* in Rio de Janeiro (1936).

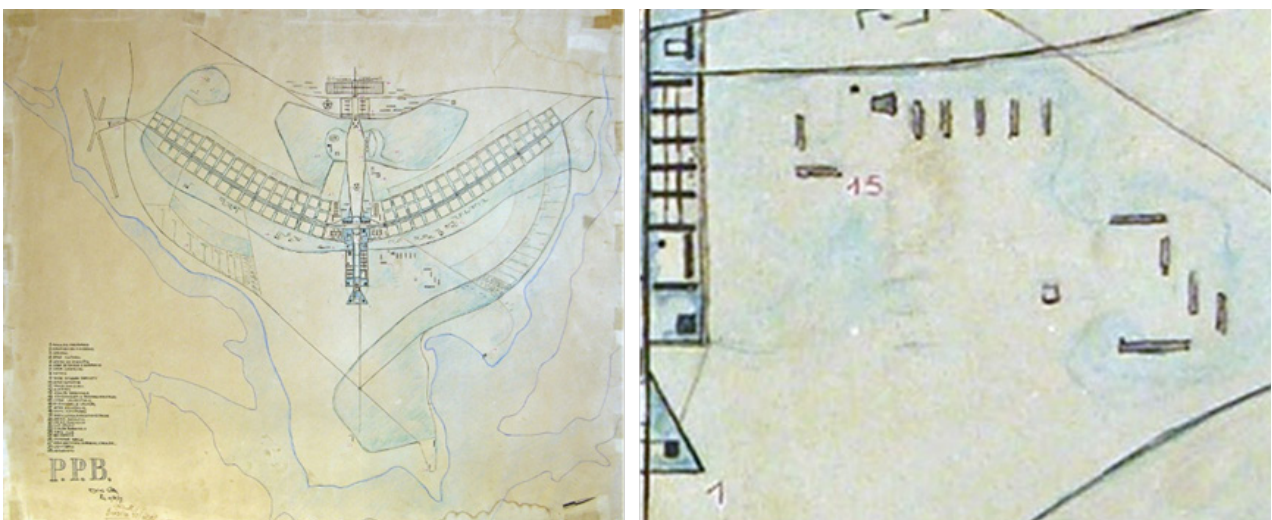


Fig. 1. P.P.B., Brasilia Pilot Plan. Author: Lucio Costa (1957). Source: ARS archive.

## *1960s University City: The Highlight City*

On a map attached to the program of the Federal Government's installation ceremonies in Brasília, dated April 1960, curiously, another university city was drawn (the second). This time, a compact composition, supported by a kind of large platform, which contains and organizes six strip buildings, probably in height, and some prominent themes.

In the documents kept by Costa – kept at the Casa da Arquitetura in Matosinhos, Portugal – there are two different copies of the same map. The first identified as “Map of Brasília 1960” (III B

03-02947) and the second, as “Plan of the city of Brasília” (III B 03-03749). This one is especially interesting, as published by the Shell distributor, it indicates the location of *Petrobrás*, in the place originally intended for the university city; as well as the demarcation of the huge site, officially occupied by UnB from 1962, but defined in 1961.

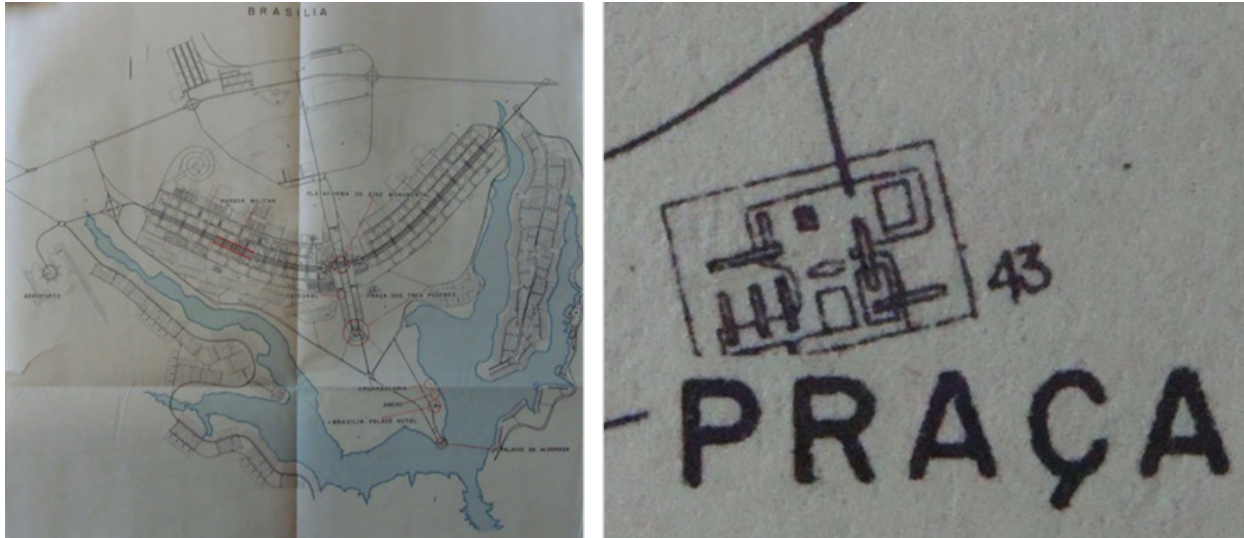


Fig. 2. Map that accompanies the opening program of Brasília. Author: Novacap (1960). Source: ARS Archive.

Without proven authorship, the drawing reminds us of the sculpture *Project of a square* (1930-1931), by the artist Alberto Giacometti. Work that, according to Joep Maria Montaner, is the key to understanding the concept of public space in modern architecture: several abstract objects placed on a platform. For the author, “For the author, “modern architecture systematically designed open space, the invisible matter that is configured between the abstract forms of buildings and that allows articulating complexity”<sup>8</sup>.

## *Bucolic and urban*

During the execution of the Pilot Plan, a lot has changed. As known, the invented city was “displaced” to the east and implanted in a place different from the one for which it was designed. Thus, Brasília was a little closer to Paranoá, Lake, a ring of embassies began to isolate ministries and University City ended up being removed from the center of power. In December 1961, engineer Israel Pinheiro, the first mayor of the Capital, defined a new plot of land for the University, now approximately 3 km away from the Ministry of Education.

<sup>8</sup> (MONTANER, 1993, p. 37) e (MONTANER, 2008, p. 19).

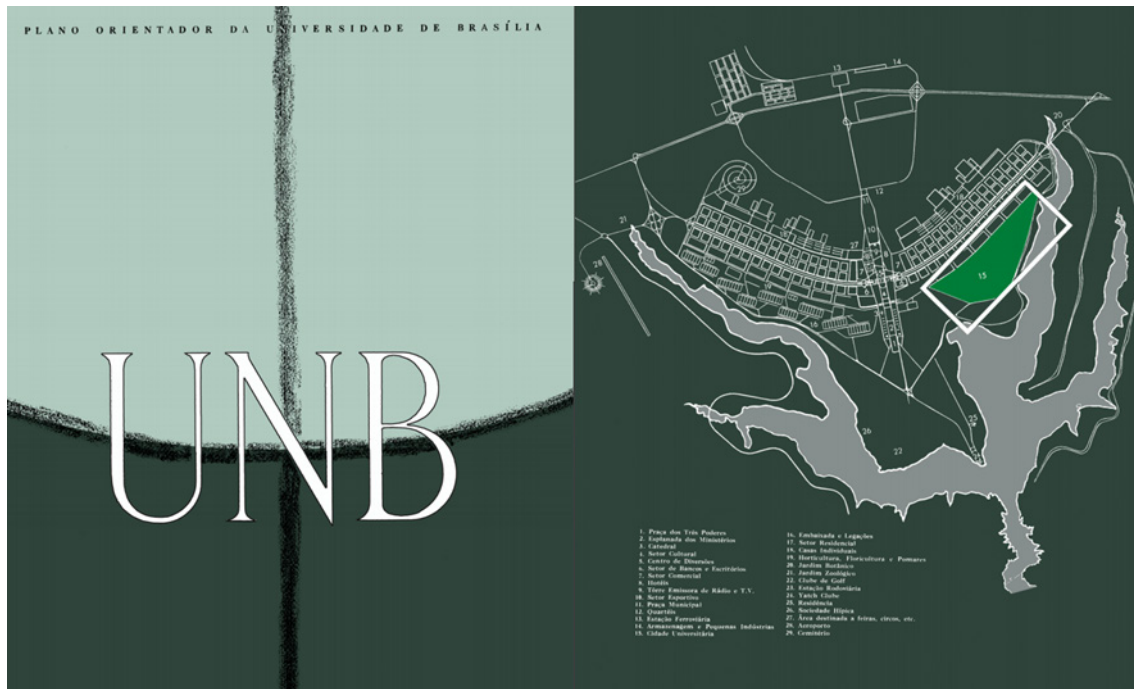


Fig. 3. Map of the Pilot Plan with the location (#15) of the final plot of land for the university city. Author: UnB (1962).

Costa had invented the Capital. But a new challenge was posed: how to design the University City without “mischaracterizing” or “unbalancing” the original proposal. Brasília was inaugurated complete in its structural elements: residential axis, monumental axis and road platform. Even with additions, the risk of 1957 was practically executed, and the city was born with great unity. The proposed functional zoning will define the city’s spatial framework, with sectors (trade, entertainment, hotels, banks, municipalities, embassies, superblocks...) in the respective North and South portions. Designing a university campus in 1962 represented, at the same time, the introduction of a “new” function in the already inaugurated city and the definition of a “new” design for a unique part of the Capital – a piece of land with about 635 acres (capable of containing in its interior the entire Esplanade of Ministries and the Square of the Three Powers!).

Explaining Brasília, Costa stated that:

The solution presented is easy to understand, as it is characterized by the simplicity and clarity of the original design, which does not exclude, as seen, the variety in the treatment of the parts, each one conceived according to the peculiar nature of the respective function, resulting in harmony. seemingly contradictory requirements. This is how, being monumental, it is also comfortable, efficient, welcoming and intimate. It is at once flowing and concise, bucolic and urban, lyrical and functional.<sup>9</sup>

And so, considering the possibility of variety in the treatment of the parts and the peculiar nature of the function, the urban planner created a campus that inverted the logic employed in *Cidade Universitária do Brasil*. In Rio de Janeiro, faced with the irregularity and discontinuity of the surroundings, he imagined a regular and continuous design. In Brasília, in the view of the regularity and continuity of the Capital, he designed a picturesque park. Costa proposed the dialogue of modern architecture in the picturesque garden:

<sup>9</sup> (COSTA, 1957, p. 278)

The entire area is crossed by roads, predominantly curved, which, due to their smoothness, contrast predominantly with the hieratic lines of the city as a whole. These roads make up, right in the middle of the campus, a vast grassy area around which the buildings of the Central Institutes will be located.<sup>10</sup>

One of the noblest features of Lucio Costa's plan for the University of Brasilia is to leave the entire set of land free as a vast park open to the population that will be landscaped with care to preserve the original vegetation, enriching it. by highlighting each floristic genus, by concentrating it in a special area.<sup>11</sup>

## *University city from 1962. The city of Costa(s)*

For the definitive site, Costa invented another university city (the third<sup>12</sup>), called the Urbanization Plan of the U.B.A. A project that, using regular layouts as a base, translates into a picturesque design the form of administrative organization of UnB itself, which at the time, was based on the integration of three types of bodies: institutes, faculties and complementary units<sup>13</sup>. According to the author of Brasilia:

I just determined the location. Initially I provided a distribution of those various sectors. That, right at the beginning of Brasilia, in 64 [1962]. Darcy Ribeiro asked me, because he was committed to making a university in current, modern terms. Anísio Teixeira was passionate, dedicated to teaching... They were imbued with the spirit of American universities.<sup>14</sup>

As the available documentation proves, Costa did more than just determine the location. He defined the general spatial conception of the campus, perhaps in what could be considered the first design exercise, hand drawn, in what would be baptized as the “bucolic scale”<sup>15</sup> of Brasília. He established the road network that structures the campus, with straight roads that cut the plot of land diagonally. He distributed the programmatic elements according to functional zones (supported by small winding paths), as in a beautiful academic exercise in large compositions.

In the aforementioned *Casa da Arquitetura de Matosinhos* (Matozinhos' House of Architecture) two drawings for the campus are archived, both titled by the cataloguer as “Implementation study for the University of Brasília”. The perspective (III B 13-01253) allows viewing, in addition to the distribution of the set, the filling of space by isolated buildings of different volumes and low height (which is reminiscent of the precedent of the Illinois Institute of Technology, 1939-50<sup>16</sup>). The implementation plan (III B 13-01121), in turn, proves the programmatic hierarchization, demonstrating the appreciation of the central lawn space – not built – and reinforcing the picturesque design of the peripheral portions.

---

<sup>10</sup> (COSTA, 1962); emphasis added.

<sup>11</sup> (COSTA, 1962, p. s.n.), emphasis added.

<sup>12</sup> Probably designed between December 1961 (Law 3998) and April 1962 (when Oscar Niemeyer's first *Praça Maior* was built).

<sup>13</sup> (RIBEIRO, 1963, p. 4)

<sup>14</sup> Statement by Lucio Costa (ALMEIDA J., 2012, p. 289); emphasis added.

<sup>15</sup> “The extensive free areas, to be densely wooded or guarding the native vegetation cover, directly adjacent to built-up areas, mark the presence of the bucolic scale”; and “the intervention of the bucolic scale in the rhythm and harmony of urban spaces is felt in the passage, without transition, from the occupied to the non-occupied — instead of walls, the city proposed to be delimited by free areas with trees” (COSTA, 1987).

<sup>16</sup> Designed by Mies van der Rohe in Chicago from 1939 onwards and composed of a series of isolated buildings).

By choice of the author of Brasilia, the campus turned its back on the Capital. The rest of the city and the lake itself became just visual references. They do not condition or determine anything in the adopted party. At the same time, the university is not directly integrated with the city and does not take advantage of the lake. Therefore, it turns to itself. Its Great Square (*Praça Maior*) proves this thesis.

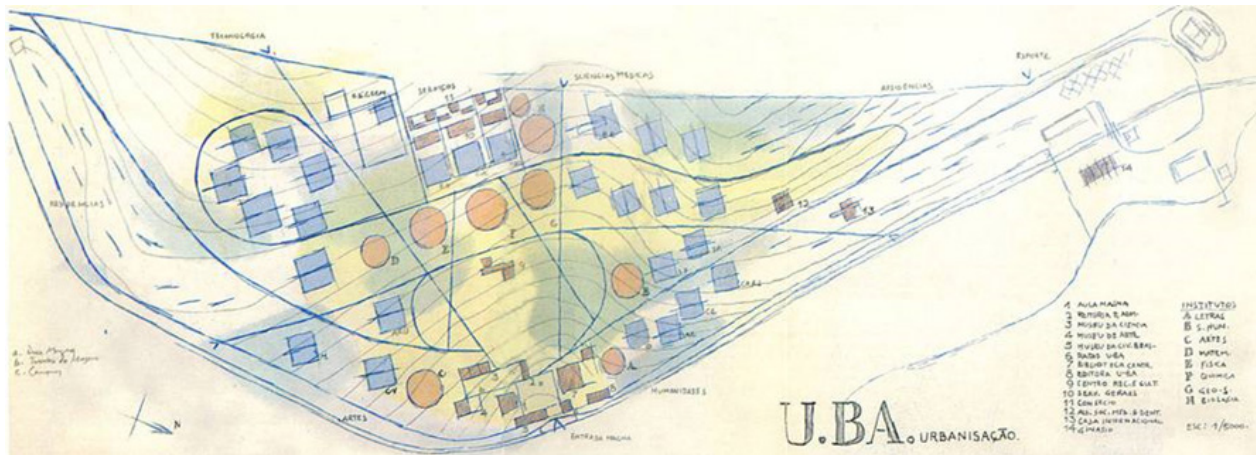


Fig. 5

The plot of land destined for UnB is shaped like an “indigenous arch”, in which, the “rope” corresponds to the L3 North route – the city’s limit; and the “arched pole” to the L4 North Road – “Via da Universidade” (University Road), close to the lake. In the central portion of this “rod” (northeast), Lucio Costa implanted the so-called Praça Maior (Great Square) which, although it was called “magna entrance”, faces towards the interior of the complex. That is, it is not visually opened to the lake, but to the other educational buildings. It is a dry square (probably green) and quadrangular, delimited by functionally significant buildings that border it: the Aula Magna, the Rectory, the Library, the Radio Station and the Museum of Brazilian Civilization. The Science Museum, the Art Museum and the UnB Publishing House would also form part of this cultural and administrative core.

It was Darcy Ribeiro who defined what the so-called UnB Complementary Units would be, “designed to function as extension centers for the city and the country”: the Aula Magna (a “large auditorium set up to meet the needs of the University and the country”); the Central Library, the Educational Television Broadcasting Center, the Publishing House and the Museum (which “will comprise the Museum of Science and Technique and the Museum of Brazilian Civilization”)17.

From Praça Maior, but without touching it, heading towards the L3 North Road, two divergent axes cross the campus in a transversal direction. The southern portion was called the “technology” axis and the northern portion the “medical sciences” axis. When touching L3 route, the axes would configure two more accesses to the University (proposing a kind of triangulation with the “great entrance”).

Longitudinally, Costa launched two other routes, winding and almost always parallel to each other. In this way, a large fabric of nine irregular macro-plots distributed in a fan-like shape from Praça Maior was configured, each one corresponding to a certain function or area of knowledge (Technology/General Services/Medical Sciences; Mathematics/Physics-Chemistry-Geosciences; Arts/Life/Humanities).

17 (RIBEIRO, 1963, p. 8).

Isolated at the northwestern end of the campus, he imagined deploying the sports complex. Solution also adopted in the 1936 project for Rio de Janeiro. Also, as at the Universidade do Brasil, the buildings would be designed and built separately, respecting administrative and disciplinary constraints, but also a desire of the author himself.

## Working and singing

Complementing Costa's urbanization plan, Niemeyer designed the *Praça Maior* complex, the General Services pavilions and the Central Institute of Sciences. Taking care, therefore, of the central portion of the campus.

However, when starting his activity at *Ceplan*, Niemeyer introduced substantial changes to Costa's project, which came to be respected only as a suggestion of macrozoning. The architect reversed the direction of the *Praça Maior*, which, in its new version, began to open up completely to the views of the lake. Now, with a rectangular design (again several abstract objects placed on a platform!), the square began to articulate only four fundamental buildings: the *Aula Magna*, the Rectory, the Library and the Museum of Brazilian Civilization. Since the Museum, raised four meters from the ground, it would act as a portico or door to the rest of the University. According to Niemeyer:

When studying the *Praça Maior* at Brasília University, it was our concern to prevent its buildings from giving it, due to its proportions, a monumental aspect. With this objective in mind, we reduced heights, volumes and free spaces, wishing to maintain a simple and university character. This, however, is not an easy task to accomplish, considering the buildings that compose it, buildings that are based on vast and complex construction programs"<sup>18</sup> (1962).

The *Praça Maior* is the main entrance to the University [...] the project seeks to guarantee for the square – despite being large buildings – a simple and welcoming character. In this sense, they reduced heights and volumes, providing it with a garden and pleasant setting"<sup>19</sup> (1963).

There are two variants of Niemeyer's project for the *Praça Maior* at UnB. In the first (April 1962), the Rectory Building acts as a vertical landmark on the campus, 50 m high, about 16 floors. In the second (prior to November 1962), the Rectory assumes a secondary position to the other monuments in the complex.

The architect maintained the two transverse axes proposed by the urban planner and made them design limits. When imagining the Central Institute of Sciences, he united Costa's different and isolated blocks (Mathematics / Physics-Chemistry / Geosciences) in a single building. Due to its unusual dimensions and shape, the so-called "*minhocão*" (big worm) began to dialogue with *Praça Maior*, reinforcing the design of the original "fan-shape" of the urban project. Between the two sets (the didactic and the administrative), a large green square for varied interaction was maintained and delimited.

---

<sup>18</sup> (NIEMEYER, 1962, p. 10).

<sup>19</sup> NIEMEYER, 1963, p. 3).

## A sensitive picturesque touch

Even though he lived in Rio de Janeiro, Costa accompanied UnB's implementation and construction work. Assisting, whenever necessary, he opined on the ongoing process. In November 1962, the urban planner presented a proposal for adapting and implementing the second Niemeyer's square. He redesigned the local road system, defined parking areas next to the main buildings and created an access lane – which corresponds to a tree-lined axis that cross-sections the proposed square, isolating the library building from the rest of the complex. More than that, Costa reinforced the local picturesque character, enhancing the two original curved roads, designing the vegetation bodies and suggesting the construction of two artificial lakes (important for solving problems on the site). With the establishment of the access avenue, Niemeyer's portico-museum would have its importance reduced, since part of its strategy of monumentality would be transferred to a new portico, now located along the L4 North Road ("Via da Universidade"). It was a structure characterized by a platform with a square base on which an obelisk would be supported (an element constantly used in picturesque parks and in Costa's work). Lake, mall, vegetation, and obelisk were recorded in beautiful perspective and hide the proposed buildings.

In 1963, a special issue of the *Módulo Magazine*<sup>20</sup> was dedicated to UnB. According to an article published at the time, the urban planning of the campus was under the responsibility of Costa, Jaime Zettel and Ítalo Campofiorito; while the architectural projects were the responsibility of Niemeyer, João Filgueiras Lima (Lelé), Sabino Barroso, Glauco Campelo, Virgílio Sosa Gomes, Evandro Pinto, Abel Accioly and Hilton Costa – all working at *Ceplan*. However, with the military dictatorship established in Brazil in 1964, the University took different paths. Niemeyer's *Praça Maior* was not executed, nor were Costa's suggestions considered. Thus, the large, picturesque park did not, in fact, carried out. In the 1970s, the landscaper Fernando Magalhães Chacel presented a new project for the central area of UnB, which ended up being implemented.

## First Phase of UnB's Architecture

From an architectural point of view, the 60 years of UnB can be counted considering four phases.

Still in 1962, the campus began to receive its first buildings. Some temporary, others permanent. It was necessary to build a lot and quickly. The first phase of UnB's architecture began, characterized – above all – by experimentation and the adoption and/or development of precast structural parts and prefabricated building systems using exposed concrete. Thus, the following were executed: the very important Central Institute of Sciences, ICC/"*Minhocão*" (Niemeyer and Lelé); the five General Services pavilions (Niemeyer and Lelé); the three General Services pavilions (Lelé); the four residential blocks of the so-called *Colina Velha* (Lelé); the housing prototype (Niemeyer and Lelé); the ambulatory I of the Integrated High School Center (*Ceplan* team); the headquarters of the Institute of Theology (Niemeyer and Lelé); the set of buildings of the Faculty of Education (Alcides da Rocha Miranda); and the *Oca 1* and *Oca 2* pavilions (adopting the industrialized architecture system in wood SR2, by Sérgio Rodrigues).

---

<sup>20</sup> (MÓDULO, UnB, 1963, p. 8).



Fig. 5. Interior of the Central Science Institute. Author: Oscar Niemeyer (1962). Photo: Eduardo P. Rossetti.

## *Second Phase of UnB's Architecture*

The military coup interrupted the implantation of the desired University. More than that, it ended Darcy Ribeiro's dream. In 1965, there was the dismissal – jointly – of about 90% of the institution's professors. With the departure of the architects, the architecture school closed and Ceplan's projects were left adrift.

The process of rebuilding the Faculty of Architecture and Urbanism implied the constitution of a new faculty, which led to the replacement of the "carioca" (from Rio de Janeiro) group of architects by another, hegemonically, "paulista" (from São Paulo) one. The presidents of the Institute of Architects of Brazil, Fábio Penteadó and Eduardo Kneese de Mello, assumed the political mission of the reopening. A Working Group was formed with professionals from different schools in the country, made up of Miguel Pereira, Paulo Mendes da Rocha (soon replaced by Paulo de Mello Bastos), Paulo Magalhães, José Liberal de Castro and Neudson Braga.

The school was reopened on October 4th, 1968. Miguel Pereira took over the coordination of courses at ICA/FAU – Instituto Central de Artes and Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Central Institute of Arts and Faculty of Architecture and Urbanism) – and Pedro Paulo de Mello Saraiva started as Ceplan's director

Therefore, what we can call the second phase of UnB's architecture began. An architecture characterized by the predominant use of reinforced concrete in a raw and expressive way. A period marked by the abandonment of prefabrication experiments and the in loco execution of structural and sealing parts in concrete. The precedents – in the vast majority of examples – are no longer carioca and focus mainly on São Paulo's production.

From the early 1970s onwards, UnB took new directions. Its urban plan was reworked. The Praça Maior was renamed as Praça Central. An Experience Center (Pedro Paulo Saraiva) was added to the set and the buildings of the Central Library (José Galbinski and Miguel Pereira) and the Rectory (Paulo Zimbres) were executed. Another Aula Magna and Museum complex (Matheus Gorovitz) were also designed. Such initiatives definitively buried Niemeyer's Praça Maior – a fact that always bothered him.

At UnB, the Central Library building inaugurated the new phase. Others followed it, all of brutalist orientation, such as the University Restaurant (Galbinski); the Student House blocks (Léo Bonfim Júnior and Alberto Fernando Xavier); and the Faculty of Applied Social Studies (Gorovitz) building. Also in this phase, the Tropical Medicine Center, the Faculty of Health Sciences and the Faculty of Technology were built, all by Adilson Costa Macedo and Érico Siegmar Weidle, with an orientation closer to English brutalism.

Rectory and Library were working in 1975. Experience and Museum were equally abandoned. In a period of exception and censorship, Darcy Ribeiro decided to speak. And he wrote *UnB: Invenção e Descaminho* (UnB: Invention and deviation, 1978). Illustrated by Niemeyer, the book presents new drawings of the old *Praça Maior*. The text caused controversy and discomfort among architects.



Fig. 6. Central Library. Author: José Galbinski and Miguel Pereira (1969). Photo: Eduardo P. Rossetti.

## Third Phase of UnB's Architecture

The third architectural phase of UnB developed from the first years of the 80's and is characterized by a great heterogeneity of proposals; by constant structural and formal experimentation on the part of architects (many of whom are not professors at FAU); by the construction and/or occupation of properties outside the University City's limits; and by establishing partnerships with the private sector, which began to occupy spaces on the Campus. Thus, there are wooden structure buildings such as the Center of Excellence in Tourism by Zanine Caldas, buildings with tensioned structure in polyester membrane such as the Community Center by Frederico Carvalho and corten steel structure buildings such as the Gasoline Station by Gorovitz. We also have new experiences in prefabrication and industrialization in constructions, such as Multiuso I by Weidle, Multiuso II by Paulo Bica, the Central Warehouse by Lelé and Anísio Teixeira Pavillion by João Calmon and Cláudio Queiroz.

In practice, what was observed is that, during the 1980s, there was a concentration of new buildings along the internal winding road, which connects the Faculty of Health Sciences to *Colina* (set of residential blocks of the University). There was also the occupation of the west portion of the Campus, with isolated buildings and - almost always - disconnected from a structural network, which corresponds to the abandonment of the postulates and growth guidelines of the 1971 Plan.



Fig. 7. Ecological Post. Author: Matheus Gorovitz (1997). Photo: Eduardo P. Rossetti.

## Fourth Phase of UnB's Architecture

In 2000, Resolution 004 of the Board of Directors of the University of Brasília Foundation was approved, which instituted the sectorization and guidelines for land use in the territory of the *Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Thus, a distinction was defined between the Campus itself and the Dispersed Units of UnB (other physical areas of the Institution).

The Campus was divided into five sectors: the Central (which corresponds to the original “fan” of Lucio Costa), the South (from the “technology path”), the North (from the “medical sciences path”, including the hill and the Experimental Biology Station), the Península (including the UnB sports and natural preservation areas) and the University Hospital of Brasilia. The Central Sector was allocated to academic, cultural, research and extension activities, activities to support the coexistence of the university community.

The development of the Physical Space Master Plan, in 1998, and the regulation of the Campus sectorization, in 2000, indicated the need to expand and transfer academic units installed at the Central Institute of Sciences – ICC – to suitable spaces. Ceplan prepared the technical studies to expand the necessary physical capacity, with the participation of professors and students from the Faculties of Architecture and Urbanism and Technology and the teams for maintenance and monitoring of works by the City Hall on the Campus. The UnB XXI Works Plan, approved by the Board of Directors of the FUB on December 3, 2002, consisted of reviewing the existing work plan, indicating the expansion of teaching and research spaces and the release of academic areas in existing buildings. The financial resources come from the sale of properties owned by the FUB in the Pilot Plan of Brasilia.<sup>21</sup>

Thus, the **fourth phase** of UnB's architecture is made up of many buildings designed in the early years of the 21st century. An architecture that reflects the growth of the Brazilian University and that seeks to recover some characteristics or typologies already established at UnB, such as the design of the pavilion for the Chemistry Institute (Aleixo Furtado, Marcílio Ferreira, Letícia Cordeiro and André Nepomuceno); as the double-strip design for the Institute of Biological Sciences (Frederico Barreto, Oscar Ferreira, Ivan do Valle, Cristine Autran, Eimara Messias, Nelton Borges and Vanessa Bhering); or as the design for the central courtyard of the Faculty of Economics, Administration and Accounting (Andrey Schlee, Cláudia Garcia, Márcio Buson Adalberto Vilela and Fabiano Castro).

The headquarters of the Professor's House (Raimundo Nonato Filho) are from the same period; from the Oswaldo Cruz Foundation, Fiocruz (Alberto Faria, Beatriz Onishi, Fabiana Garcia, Fátima Pires and Márcio Neves), and the Darcy Ribeiro Memorial, the *Beijódromo* (Lelé).

---

<sup>21</sup> (CEPLAN, 2006).



Fig.e 8. Darcy Ribeiro Memorial, *Beijódromo*. Author: João Filgueiras Lima, Lelé (2010). Photo: ARS.

## Conclusion

In 2022, when celebrating the 60th anniversary of its existence, even facing one of the most sordid campaigns against public and free education, the University of Brasília showed its full vitality and its deep commitment to the Nation. On the one hand, it reaped international recognition for the set of research, innovation and extension actions and projects carried out during the coronavirus pandemic. On the other hand, it hosted the 74th Annual Meeting of the Brazilian Society for the Advancement of Science whose theme was “Science, independence and national sovereignty”. And, finally, it launched the public notice that aims to establish, in a democratic and participatory way, the team that will produce the technical-scientific studies for updating the Master Plan of the Campus Darcy Ribeiro – 2002-2032.

*According to Dean Márcia Abrahão:*

It is an opportunity to “construct a document in a very democratic way. To date, UnB does not have a Master Plan approved by its councils, as stated in the statute and general regiment. So, we decided to make a plan discussed with the entire community and invited high-level people from all areas and different campuses to think about it. It will not be a Master Plan from the dean or management, it will be from the University. Elaborated by several hands, with professionals of the highest level.”<sup>22</sup>

This is what we expect, especially when we are dealing with a University City – urban and architecturally – so important.

<sup>22</sup> (ABRAHÃO, 2022).



Fig. 9. Interior of the University Restaurant. Author: José Galbinski (1971). Photo: Eduardo P. Rossetti.

## References

- ABRAHÃO, Márcia. *UnB Notícias*. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/76-institucional/5941-edital-seleciona-participantes-para-atualizacao-de-plano-diretor>>. Acesso: 13/08/2022.
- ALMEIDA JR. *Universidade de Brasília: a ideia, diáspora e individuação*. Brasília: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2012.
- CEPLAN. *Plano de Obras UnB XXI. Histórico*. Disponível em: <[www.unb.br/ceplan](http://www.unb.br/ceplan)>. Acesso: 03/03/2006.
- COSTA, Lucio (1957). *Memória descritiva do Plano Piloto*. In. *Lucio Costa: sobre arquitetura*. Porto Alegre: CEAU, 1962.
- COSTA, Lucio (1962). *Plano de Urbanização da U.B.A.*. In. *UNB. Plano orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: EdUnB, 1962.
- COSTA, Lucio (1987). *Brasília Revisitada 1985/1987. Complementação, preservação, adensamento e expansão urbana*. Brasília: GDF, 1987.
- FICHER, Sylvia. *Guiarquitetura Brasília*. São Paulo: Empresa das Artes, 2000.
- LEITÃO, Francisco. *Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Mestrado), 2003.
- MONTANER, Josep Maria. *Después Del movimiento moderno. Arquitectura de La segunda metade del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- MONTANER, Josep Maria. *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- NIEMEYER, Oscar. *Praça Maior da Universidade de Brasília*. *Módulo* (28), 10-11, junho de 1962.
- NIEMEYER, Oscar. *Instituto de Ciências*. *Módulo* (32), 34-38, março de 1963.
- NIEMEYER, Oscar. *Praça Maior*. *Módulo* (32), 33, março de 1963.

- NIEMEYER, Oscar. *Instituto Central de Ciências. Acrópole* (369/370), 21-25, fevereiro de 1970.
- PEREIRA, Miguel. *Sobre uma "arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola". Projeto*, São Paulo, n.74, p.65-67. 1985.
- RIBEIRO, Darcy. *Papel e função da Universidade de Brasília na luta pelo desenvolvimento. Módulo* (32), 1-11, março de 1963.
- RIBEIRO, Darcy. *UnB: invenção e descaminho. Rio de Janeiro: Avenir*, 1978.
- RIBEIRO, Darcy. *Universidade de Brasília. Brasília: UnB*, 2012.
- ROSSETTI, Eduardo. *Arquiteturas de Brasília. Brasília: ITS*, 2012.
- SCHLEE, Andrey. *Um registro necessário. Brasília: Ceplan (inédito)*.
- SCHLEE, Andrey. *O Lelé na UnB (ou o Lelé da Unb). In. PORTO, C. E. Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima. Brasília: EdUnB*, 2010.
- SCHLEE, Andrey. *A cidade de Costa(s) e o Instituto de Niemeyer. Porto Alegre: UFRGS*, 2011.
- SCHLEE, Andrey. *O pitoresco nas regras da cidade moderna: Lucio Costa e o Plano da Cidade Universitária de Brasília. In. EL-DAHDAH, F. Lucio Costa - arquiteto. Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa*, 2011.
- SCHLEE, Andrey et al (2014). *Registro arquitetônico da Universidade de Brasília. Brasília: EdUnB*, 2014.
- UNB. *Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília: EdUnB*, 1962.
- UNB. *Plano de desenvolvimento físico. Brasília: Ceplan/UnB*, 1975.
- UNB. *Plano orientador. Humanidades* (61), 37-49, março de 2018.

# *Parte 2*

*O ensino de patrimônio nas universidades*

*Cultural heritage teaching at universities*

# IDEALES HISPANISTAS EN LA ARQUITECTURA UNIVERSITARIA ARGENTINA.

## *El Rectorado de la Universidad Nacional del Litoral*

*Adriana Collado<sup>1</sup>*

### *Resumen*

El conjunto del Rectorado de la UNL, fue el primer edificio levantado en Argentina luego de la Reforma Universitaria de 1918, para la máxima autoridad de una universidad nacional; la institución estuvo vinculada en su origen al movimiento reformista, que impulsaba una universidad democrática, laica, estatal, sobre principios de autonomía, cogobierno y libertad de cátedra. Esto tuvo su impacto sobre las decisiones de proyecto y sobre el esquema espacial, donde las jerarquías funcionales y significativas se manifestaron con claridad. Se trabajará aquí la relación entre este conjunto universitario y sus orígenes reformistas, tratando de explicar si el pensamiento reformista, imbuido de un ideal hispanoamericanista y proclive a una estética “neocolonial” a la que adherían algunos de los intelectuales más reconocidos del movimiento, influyó al momento de elegir el “renacimiento español” como el lenguaje dominante para el edificio principal, que definió una imagen potente y original.

Palabras clave

Universidad–Movimiento reformista – Arquitectura – Estética hispanoamericana

### *Introducción*

El conjunto de la Manzana Histórica de la Universidad Nacional del Litoral (en adelante UNL) de Santa Fe, y en especial el sector sur, correspondiente a la sede del Rectorado, fue el primer edificio de gran magnitud levantado en Argentina luego de la Reforma Universitaria de 1918, para albergar a la máxima autoridad de una universidad nacional; el hecho de que el surgimiento de la

<sup>1</sup> Arquitecta. Doctora en Historia del Arte por la Univ. Pablo de Olavide de Sevilla con Premio Extraordinario de Doctorado 2008. Especialista en Historia y Preservación por el Centro Studi per il Restauro, Florencia, Italia. Profesora e investigadora de la FADU UNL. Docente de posgrado en universidades de Argentina; dictó cursos y conferencias en México, Brasil, Chile, Francia y España. Publicó numerosos libros y artículos en revistas académicas. Responsable por la UNL en la Red PHI.

institución haya estado vinculado directamente al movimiento reformista, impulsado por el ideario de una universidad democrática, laica, estatal, en base a principios de autonomía, cogobierno y libertad de cátedra, tuvo su impacto sobre las decisiones de proyecto y sobre el esquema espacial adoptado, en el que las jerarquías funcionales y significativas se manifiestan con claridad.

En este artículo se trabajará una problemática que relaciona al conjunto de la Manzana Histórica con sus orígenes reformistas, tratando de responder la pregunta sobre si el pensamiento reformista, imbuido de un ideal hispanoamericanista y proclive a una estética “neocolonial” de la que en esos años podían detectarse distintas vertientes, (GUTIÉRREZ, 1971) y a la que adherían algunos de los intelectuales más reconocidos del movimiento (ROJAS, 1915), tuvo incidencia al momento de elegir el “renacimiento español” como el lenguaje dominante para el edificio principal, lenguaje que definió para el mismo una imagen urbana potente y original.

En esta línea se propone la reflexión sobre las opciones de lenguaje, vinculando a dichas opciones con la notable relación que se verifica entre el ideario reformista y la cultura hispanoamericana, desde los albores del Movimiento; el renacer de las tendencias hispanistas que se había iniciado en el momento del Centenario, volvió a aflorar con la eclosión de la Reforma Universitaria a través del vínculo de sus principales figuras con pensadores, literatos y artistas peninsulares, en pos de una aproximación cultural y estética con el mundo español; aunque esos vínculos sufren diversos vaivenes que dan cuentas de unas relaciones heterogéneas y a veces inestables, es dable detectar igualmente una continuidad de intereses comunes, en esos cruces entre el mundo universitario americano y España.



Fig. 01 - Rectorado UNL. Frente sobre el Bv. Pellegrini. Año 1940, circa.  
Fuente: Museo Histórico UNL

## *El peso de lo hispánico en el pensamiento reformista*

Entre los principales espacios de convergencia puede citarse la Residencia de Estudiantes, mítica institución fundada en Madrid en 1910 que fue, hasta los inicios de la Guerra Civil Española, un ámbito activo de producción de conocimiento e intercambio científico y artístico y un modelo para los intelectuales progresistas de América Hispánica. La Residencia fue hija dilecta de las ideas renovadoras de la Institución Libre de Enseñanza, fundada en 1876 por Francisco Giner de los Ríos (1839–1915); de inspiración krausista, esta última defendía la libertad de cátedra y la tolerancia en las aulas, frente a las posiciones dogmáticas imperantes por entonces en las universidades españolas, lo cual la convirtió en un referente para los estudiantes reformistas.

En 1915 la Residencia concretó su instalación definitiva en la Colina de los Chopos, en un terreno donado por el Ministerio de Instrucción Pública, en lo que estaba llamado a ser un importante núcleo universitario madrileño. La sede fue proyectada por el arquitecto gallego Antonio Flórez Urdapilleta (1877–1941), experto en arquitectura escolar, apelando a un lenguaje “españolista” (CAPITEL, 1983, p. 19). El conjunto edilicio sin dudas se encuadra en lo que a principios del siglo XX España entendía como su arquitectura nacional; la Residencia era un espacio propicio para el debate y el diálogo entre las distintas disciplinas; las actividades que se promovían tenían repercusión en los grupos de estudiantes que, del otro lado del Océano, participaban de ideales comunes.

Hubo también numerosos intelectuales españoles que impulsaron ese flujo de ideales España – América que tiñó el espacio de la Reforma; entre las figuras más reconocidas se cuenta José Ortega y Gasset (1883–1955), quien visitó Argentina en 1916 (LUQUE, 1995). Es oportuno recordar que Ortega, que se había doctorado en filosofía en 1904, viajó a Alemania para profundizar su formación permaneciendo allí hasta 1911; entre las muchas facetas desarrolladas por el joven filósofo en Alemania, en especial en su estadía en la Universidad de Marburg, destaca su contacto con el krausismo, que movilizó su posición crítica frente al dogmatismo universitario español.

A Argentina Ortega llegó invitado por la Institución Cultural Española, con el objeto de dictar un ciclo de conferencias en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires; luego viajó por el interior, visitando Córdoba y Tucumán, sedes de las más antiguas universidades argentinas. A su adhesión al krausismo sumaría la elaborada noción de “generación”, alentando a los universitarios a constituirse en motor de la historia política y cultural, lo que fue crucial para ser reconocido por éstos como mentor; y pese a que años más tarde confrontarían con sus enseñanzas, en 1916 los futuros reformistas aplaudieron su prédica en el Centro de Estudiantes de Derecho de la Universidad de Córdoba, e intentaron convencerlo para que permaneciera en esa universidad como profesor.

Otro de los intelectuales españoles que tuvo incidencia sobre los grupos estudiantiles locales, fue Eugenio d’Ors (1881–1954); polémica figura que, aunque sobre el final de su vida devendrá en defensor de los nacionalismos más recalcitrantes, en su juventud participó de grupos de vanguardia y adhirió al movimiento cultural del novecentismo; su pensamiento hacia 1920, que veía en los vínculos entre España y América el “advenimiento de una civilización propia” y la cercanía entre ambos mundos culturales, concitó el interés de los círculos reformistas, que gestionaron la invitación a través del Ateneo Universitario de Buenos Aires, que desde sus inicios había tenido

vínculos con la Residencia de Estudiantes de Madrid; allí d'Ors había dictado tres conferencias, entre 1914 y 1919, que tuvieron gran difusión entre los universitarios argentinos, por lo que su visita de cuatro meses en 1921 fue celebrada como un triunfo de la Universidad Reformista, una muestra de la apertura de pensamiento que ésta significaba. (BUSTELO, 2012)

La estadía de d'Ors en Córdoba, desde cuya Universidad se había gestionado y financiado su viaje, no satisfizo del todo las expectativas generadas y muchos de los promotores poco a poco se distanciaron del pensamiento d'orsiano; después de Córdoba, el catalán impartió conferencias en La Plata, Santa Fe, Buenos Aires y Montevideo.

En Santa Fe, su presencia, registrada en noviembre de 1921, fue ampliamente cubierta por la prensa y por los medios universitarios; llegó a la ciudad invitado por la Facultad de Ciencias Jurídicas de la UNL, para dictar tres conferencias sobre la fijación del concepto de *naturaleza* en los pueblos de Occidente, que concitaron mucha expectativa en el ámbito académico.<sup>2</sup> Al año siguiente, en el acto de inauguración de las clases en la FCJ, el estudiante reformista Pablo Vrillaud, da un discurso que comienza con una cita de d'Ors y la prédica novecentista, "...las palabras del maestro Eugenio d'Ors son mi carta de ciudadanía en esta fiesta. Escúdenme con su prosapia de oro..." (Cit. LANTERI, 1995, p. 69)

Existieron otras experiencias universitarias extranjeras que fueron estudiadas como modelos por los jóvenes argentinos; fue el caso del Grupo de Oviedo, impulsor del programa modernizador de la Universidad de Oviedo, en Asturias, que incluía incorporar en su estructura la Extensión Universitaria, los intercambios docentes interuniversitarios y el por entonces novedoso concepto de "universidad popular"; entre los profesores más destacados del Grupo de Oviedo, y que mayor influencia tuvieron en América, se cuenta el historiador y jurista alicantino Rafael Altamira (1866-1951), muy cercano a la Institución Libre de Enseñanza y discípulo de Giner de los Ríos:

Rafael Altamira /.../ intelectual de considerable influencia en el mundo de las ideas de la España de fines del siglo XIX y principios del XX. La claridad de sus diagnósticos, el sesgo eminentemente práctico de sus reflexiones y su compromiso militante con la causa de la modernización cultural y científica le permitieran constituirse en uno de los referentes centrales del krausismo - institucionismo, del regeneracionismo y del movimiento americanista. (PRADO, 2007, p. 33)

Entre las preocupaciones de Altamira relacionadas con la modernización de la Universidad y la producción científica, se contaba incentivar el intercambio promoviendo la asistencia de los profesores a congresos y reuniones académicas internacionales, motorizando el intercambio de profesores entre distintas universidades, e intentando que el español fuera aceptado como idioma científico (PRADO, 2007, p. 39) Su mayor interés al propiciar estos intercambios estaba puesto decididamente en la América Hispánica, por lo que aprovechó las celebraciones del III° Centenario de la Universidad de Oviedo para emprender, en 1909, su "Viaje Americanista" como verdadero embajador de la misma, por numerosas universidades de este Continente; su objetivo era

...organizar autónoma y autárquicamente un periplo de escala continental que llevara la propuesta de establecer canales regulares de comunicación con las universidades de Argentina, Uruguay, Chile, Perú, México y Cuba [...] una verdadera y ambiciosa propuesta de asociación intelectual. (PRADO, 2007, p. 41)



Fig. 02 - Portada de *La Gaceta Universitaria*, Santa Fe, set. 1919, citando las ideas de Rafael Altamira  
Fuente: Museo Histórico UNL

Es comprobable la circulación de las ideas de Altamira en Argentina y en especial en la UNL; cuando en septiembre de 1919, faltando todavía un mes para la creación de la UNL, los estudiantes locales debatían públicamente el modelo de universidad que se quería lograr, apelaron a Altamira "...que supo dignificar la función social de la Universidad, haciéndola grande, noble y sencilla..."; para fundamentar su propuesta de Nueva Universidad, publicando uno de sus discursos en el número 7 de *La Gaceta Universitaria* santafesina.<sup>3</sup>

En los primeros tiempos de la Reforma Universitaria fue relevante también, para la definición del perfil hispanista, el rol del historiador argentino Ricardo Levene (1885-1959), que en la década de 1920 tuvo activa participación como docente en varias universidades. Levene fue promotor de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata, surgida del debate reformista en 1921, como consecuencia de una profunda renovación de la anterior Facultad de Cs. de la Educación. Fue él quien convocó a Eugenio D'Ors a La Plata para abrir los cursos de la nueva Facultad con un ciclo de conferencias promoviendo la visión hispanista en la teoría de la cultura; para Levene, impulsor de la historia científica y promotor de la construcción de una identidad nacional basada en las tradiciones coloniales (tarea que llevó a cabo durante su presidencia de la Academia Nacional de la Historia y de la Comisión Nacional de Monumentos), los rasgos del arte y la arquitectura neo-colonial hispánica aseguaban una visión integral de la cultura, por lo que promovió este lenguaje para las nuevas construcciones que se proyectaban en el ámbito de la UNLP.

A partir de 1926 Levene vuelve a ocupar el decanato de la Facultad de Humanidades, momento en que en la Dirección Nacional de Arquitectura el arquitecto Alberto Belgrano Blanco se encontraba

<sup>3</sup> Ver: "Exposición de Motivos elevada por la Federación Universitaria al Interventor de la Universidad", en *La Gaceta Universitaria*, Santa Fe, 6/09/1919, p. 1, col. 1 y 2.

proyectando la sede para la Escuela Superior de Bellas Artes de la UNLP; para este edificio se apeló a referencias hispano-coloniales que lo emparentan con los lineamientos estéticos que se habrán de adoptar un poco más tarde el Rectorado de la UNL (GANDOLFI y GENTILE, 1997, pp. 10-17).

Otro episodio que fortaleció la orientación hispanoamericanista del ideario reformista fue la intensa experiencia promovida entre los líderes de la Reforma, por el viaje de la delegación argentina al Primer Congreso Internacional de Estudiantes Universitarios, que se desarrolló en la Ciudad de México en 1921. (LANTERI, 1995, pp. 31-39)

Los estudiantes argentinos tuvieron una actuación protagónica en el evento ya que los exitosos logros del Movimiento Reformista de 1918 en Córdoba los posicionaba de manera privilegiada en el concierto de los americanos, por lo que Ripa Alberdi fue designado Vicepresidente del Congreso; luego del evento el grupo fue invitado por el entonces Secretario de Educación y Rector de la Universidad de México José Vasconcelos a recorrer el país en tren en una embajada integrada también por el escritor dominicano Pedro Henríquez Ureña, el estudiante mexicano Daniel Cosío Villegas (que había presidido el Congreso), el escritor mexicano Julio Torri y el dramaturgo español Ramón del Valle-Inclán.

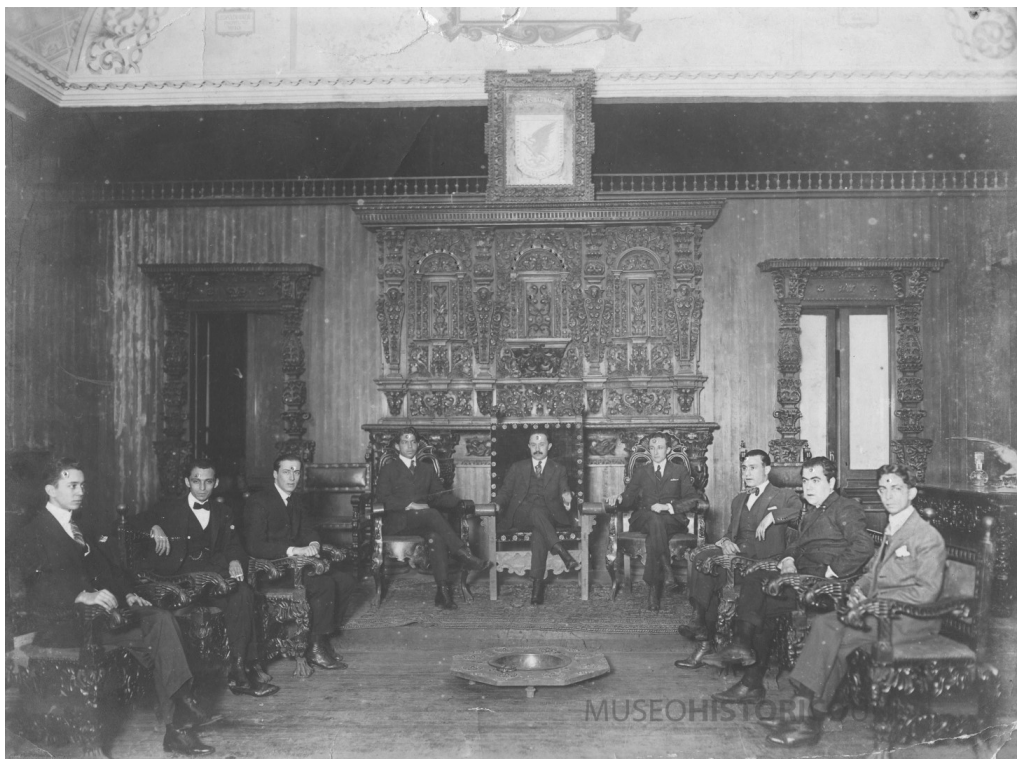


Fig. 03 - Ciudad de México, 1921. Estudiantes argentinos recibidos por el Secretario de Educación y Rector de la UNAM, José Vasconcelos  
Fuente: Museo Histórico UNL

Este viaje fue una experiencia profundamente conmovedora para los jóvenes argentinos, ya que enfrentaban el escenario de una de las más exuberantes creaciones españolas en América, síntesis magistral de lo hispánico y lo americano, en una escala e intensidad que hasta entonces nunca habían experimentado; al mismo tiempo la curiosidad frente al cambio político y social era muy

fuerte en la delegación argentina ya que México, a diez años de producida la primera revolución socialista americana, comenzaba a encaminarse como nación moderna. Finalizado el Congreso, el líder reformista santafesino Pablo Vrillaud escribe desde Guadalajara:

Los mexicanos se han enamorado de nosotros [...] Invitados especialmente por el gobierno somos sus huéspedes oficiales hasta fin de mes. Tenemos pase libre para conocer el interior del país. Visitamos las antiguas ruinas de los templos aztecas, las viejas ciudades imperiales, fuimos a la montaña... (LANTERI, 1995, pp. 85-86)

Por su parte, en la revista *Valoraciones*, una publicación universitaria platense que dedica en 1928 un número homenaje a Enrique Dreyzin, en ocasión de su temprano fallecimiento, Pedro Henríquez Ureña escribía sobre el mismo viaje:

Fueron días, aquellos, que nunca olvidaremos quienes los vivimos; días de los más luminosos que se han vivido en el mundo. Vimos en ellos el feliz acercamiento de las dos almas que son los focos de la elipse de la América nuestra, México y la Argentina. Espíritus inquietos y generosos se confundían en unas mismas ansias y visiones de verdad, de bien, de justicia. (BIAGINI, 1999, p. 198)

De aquellos jóvenes que concurrieron al Congreso de México fue precisamente Henríquez Ureña quien haría una declaración expresa de respeto y valoración por la herencia de la arquitectura española como fuente genuina de identidad, frente a la proliferación de búsquedas en vertientes extrañas, que el eclecticismo estético del siglo XIX promovía.

Nuestra pueril sumisión, no sólo nos hacía dudar de nuestra energía propia, sino que a veces nos dejaba desconcertados, sin discernimiento, ante Europa. Así, los tesoros de la herencia secular que recibimos del mediterráneo, los cambiábamos incautamente por las piedras falsas de cualquier propaganda francesa, alemana o inglesa [...] En nuestros edificios abandonábamos la solidez y el decoro de la arquitectura española, que entre las manos de nuestros constructores había adquirido caracteres propios, por la mala imitación de Versalles, o hasta de Chicago. (HENRÍQUEZ UREÑA, 1998, pp. 109-110)

## *Ricardo Rojas y el “renacimiento español”*

Entre los mentores locales del movimiento reformista fue central la figura del escritor y pensador americanista tucumano Ricardo Rojas (1882-1957), y vale recordar el gesto simbólico de Deodoro Roca cuando, ni bien producidos los acontecimientos de junio de 1918, emite lo que se conoce como “primer telegrama de la Reforma” comunicando a Rojas el trascendental paso que el estudiantado de Córdoba había dado.

Como anticipo, Rojas había publicado en 1909 *La Restauración Nacionalista* (ROJAS, 1922) y en 1914, al fundarse la Universidad de Tucumán, había sido convocado a ocupar la cátedra de Extensión Universitaria, momento en que dictó un histórico ciclo de tres conferencias en las que llamó a la Nueva Universidad a diferenciarse e influir sobre las rémoras que las tres universidades entonces existentes, representaban: Córdoba, el dogmatismo autoritario; Buenos Aires, la vanidad

doctoral; La Plata, el experimentalismo pedante. En ese contexto Tucumán debía, para Rojas, “...formar por la libertad, el desinterés y la intuición de una verdadera cultura nacional”. En la tercera conferencia dedicada al arte autóctono y las tradiciones hispánicas, enfatizaba: “...que la enseñanza del arte autóctono opere de contención frente a las desintegradoras influencias que el cosmopolitismo supone para la cultura nacional” (ROJAS, 1915, pp. 93 y 138).

Ricardo Rojas asumió en 1921 el Decanato de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires; en simultáneo elaboraba una de sus obras cumbres, *Eurindia. Ensayo de estética fundado en la experiencia histórica de las culturas americanas*, que se publicó en 1924 (ROJAS, 1980). Fue por entonces cuando hizo explícitas sus ideas respecto de los lineamientos que debía guardar la arquitectura reformista.

En 1923 Rojas planteó la necesidad de erigir una sede definitiva para la misma, para lo cual se contaba con un terreno cedido por la Municipalidad de Buenos Aires, en la calle Guido entre Pueyrredón y Agüero; en sesión plenaria, Rojas justificó ante el Consejo de la Facultad el proyecto que previamente había encargado al arquitecto Martín Noel, momento en que expuso su preferencia por el “renacimiento español”. En su presentación, Rojas definió, además del programa de necesidades del propio edificio, el lenguaje que debía caracterizar a la universidad reformista:

La futura Facultad podría ser de tipo clásico dados los estudios que aquí realizamos, pero parecería a los transeúntes una cosa extraña en el ambiente general de Buenos Aires, y no podría ser de uno moderno, ni mucho menos intentarse en ella la creación de un estilo nuevo. El renacimiento español corresponde al momento histórico en que la cultura clásica renacida en Europa se aclimató en España y en que España la trasplantó a América, donde fundó nuestras primeras universidades. Esta forma de arquitectura, adaptada a la función de nuestra casa y a las condiciones de nuestro ambiente, es la que debemos preferir... (ROJAS, 1924, pp. 51-52)

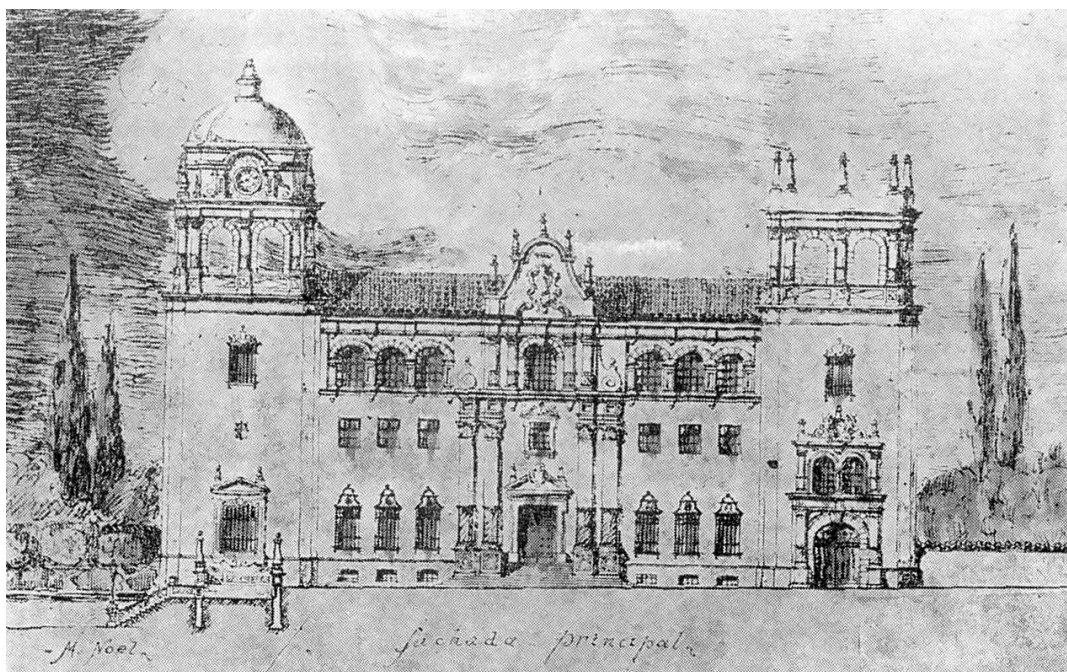


Fig. 04 - Arquitecto Martín Noel. Proyecto para la fachada principal de la Facultad de Filosofía y Letras de la UBA, 1924. Fuente: ROJAS, R., 1924, p. 51.

En abril de 1924, el arquitecto Martín Noel presenta ante el Consejo Directivo de la FFyL el anteproyecto y memoria descriptiva del edificio encomendado, dando explicaciones acerca de los referentes a los que ha apelado para decidir la configuración del mismo, así como los criterios de proyecto que sustentan la propuesta.

El partido adoptado corresponde a un tipo de clásico equilibrio y cuyas proporciones han permitido el desarrollo de amplias fachadas, casi todas simétricas y que obedecen al estilo renacimiento español requerido como fundamento esencial de dicho programa. En efecto /.../ su expresión arquitectónica trata de evocar el carácter de las tradicionales universidades españolas de aquella época, como ser: Santiago de Compostela, Valladolid, Colegio de Calatrava de Salamanca, etc.; la fachada posterior tiene claras reminiscencias de la muy celebrada de Alcalá de Henares [...] La entrada de carruajes se prolonga en un patio abierto [...]jardín particular de la Facultad, a la moda de las clásicas 'loggias' florentinas o galerías claustrales de las universidades castellanas. (Cit. ROJAS, 1924, p. 58)

En 1927, siendo rector de la UBA, Ricardo Rojas le encargó a Ángel Guido su casa de la calle Charcas en Buenos Aires y éste, alejándose del renacimiento español más ortodoxo, ensaya un conjunto ecléctico, un verdadero "collage hispano-indígena", según lo define Alberto Nicolini, en que se amalgaman alusiones a la arquitectura colonial del noroeste argentino en su fachada (que replica la de la Casa de la Independencia en Tucumán), con relevantes elementos neo-indigenistas en el diseño de la biblioteca, e hispanistas en patios andaluces, salas y comedor.

## *Los Congresos Universitarios Anuales y la figura de Ángel Guido*

En el ámbito académico pos-reformista, las preocupaciones relativas a la identidad americana se desplegaron tempranamente en los Congresos Universitarios Anuales (CUA); el primero se realizó en 1922, por iniciativa de la Universidad Nacional de La Plata, y a partir del segundo, la sede comenzó a rotar. Estos congresos pretendían la vinculación e intercambio entre las universidades argentinas y de éstas con la sociedad, para el tratamiento de temas de repercusión nacional y estuvieron orientados en especial al campo de las disciplinas humanísticas; según sus fundamentos, operaron articulando producciones académicas de las cinco universidades existentes en el país para entonces. (VALLEJO, 2007, pp. 349-350)

Los CUA constituyeron espacios propicios para discutir los ideales hispano-americanistas y sobre la necesidad de orientar los estudios de arquitectura hacia la perspectiva americana, incorporando contenidos vinculados con la misma; en el segundo CUA, realizado en Buenos Aires en 1924, el arquitecto Ángel Guido, en representación de la UNL, propuso que en las universidades argentinas se instale un "único punto de vista" estético, de raíces americanistas pre y post colombianas, como respuesta a la "invasión" de "una estética heterogénea". (VALLEJO, 1999, p. 145)

En el tercer CUA, que se reunió en Córdoba en 1925, y la UNL estuvo representada por su rector, el Dr. Pedro Martínez que dictó una de las conferencias magistrales y por el mismo Guido,

quien abogó por la creación de un Instituto Nacional Arqueológico de Arquitectura Americana, a fin de promover estudios científicos sobre la producción arquitectónica regional; dicha propuesta se incorporó a las recomendaciones del Congreso:

...sería de actual interés cultural para el país, la creación de un instituto nacional arqueológico de arquitectura americana, cuya acción inmediata sería la siguiente: a) ejecución de un censo completo, por investigación directa de los monumentos prehispánicos del país, Perú, Bolivia y Ecuador; b) recopilación de todos los estudios y publicaciones que se hayan verificado sobre los monumentos pre y postcolombianos, mejicanos y centro americanos y propender al envío de misiones para hacer estudios directos; c) investigaciones analítica-arqueológica-arquitectónica de cada monumento y su clasificación rigurosa en el sentido de la mayor, menor o ninguna influencia indígena americana; d) proponer los temas o motivos decorativos, resultantes de las investigaciones anteriores, para la enseñanza del dibujo en las escuelas infantiles y por orden de complejidad, y en cada caso, para la enseñanza secundaria, especial y universitaria del dibujo, composición decorativa y arquitectura.” (TERCER CONGRESO, 1926, p. 100)

El cuarto congreso se realizó en Santa Fe en la UNL en octubre de 1926, momento en que se colocó la piedra fundamental del edificio para el rectorado, que estamos analizando. En este punto conviene considerar que la prédica de Ángel Guido pudo influenciar las decisiones que se tomaran sobre el edificio para la UNL, dado su desempeño a partir de 1923 como profesor de la carrera de Arquitectura y su decidida vocación académica que lo convirtió no sólo en un activo protagonista sino también en una figura polémica en el ambiente intelectual de la UNL, en la que dos décadas más tarde alcanzaría el cargo de rector que ocupó entre 1948 y 1950. A partir de 1924 Guido estrechó vínculos con quien consideró por siempre su maestro, Ricardo Rojas que, como ya se dijo, en ese mismo año publicaba *Eurindia*.

Para Guido, la segunda mitad de la década de 1920 fue de profusa producción intelectual y académica; una de sus principales inquietudes fue transferir la noción cultural de “eurindia” al campo específico de la arquitectura, convirtiéndola en el faro orientador del camino a seguir en los “momentos estéticamente caóticos” (GUIDO, 1930, p. 6) que vivía la arquitectura de la época, a la vez que en la clave para la formación de los futuros arquitectos. En 1930 la UNL inauguró su imprenta oficial con la publicación de *Eurindia en la arquitectura americana* (GUIDO, 1930) texto de una conferencia que dictó Guido en Santa Fe en el Instituto Social de la UNL, en abril de ese mismo año; no obstante ni en esa ocasión ni en otra que se haya podido relevar, hizo Guido alusiones expresas al edificio que se estaba erigiendo para la sede principal de la Universidad con intervención de la Dirección Nacional de Arquitectura y del arquitecto Manuel Torres Armengol.

## La Manzana Histórica de la UNL

En 1919, por Ley 10861, se había creado la UNL, con precedentes en la Universidad Provincial de Santa Fe; fue la primera universidad nacional fundada con posterioridad a la Reforma Universitaria de 1918. En el mismo sentido, el edificio que nos ocupa, tiene la particularidad de ser la primera sede para la máxima autoridad de una universidad nacional (asamblea universitaria y rector), construida en el país después de dicho acontecimiento. 4

A partir de la fundación, la preocupación por dotar a la nueva Institución de edificios adecuados para su funcionamiento fue una constante; a tal fin, en marzo de 1926 la Universidad solicita a la Dirección Nacional de Arquitectura del Ministerio de Obras Públicas (DNA), la realización de un proyecto para un importante edificio que debía ocupar aproximadamente una manzana de superficie y que albergaría al Rectorado y a la Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales. Para entonces el terreno no estaba todavía definido, pero eso no era impedimento para comenzar a elaborar los lineamientos generales.

La DNA comisionó al arquitecto Alberto Belgrano Blanco. El rector exponía ante el Consejo Superior sus gestiones en pos del edificio y comentaba: “He insistido muy especialmente acerca del estilo arquitectónico, a fin de que se concilie el aspecto monumental propio de un edificio de gran magnitud, con la belleza artística que él exige”.5 No encontramos en los documentos que emite la Universidad en ese momento, donde se explicita el tratamiento del tema en el Consejo Superior, ninguna otra mención a las características que debía asumir el lenguaje expresivo del edificio.

En agosto de 1926 se concretó la compra de una manzana completa de tierras en lo que por entonces se consideraba un borde urbano, en el norte del área urbana consolidada: el Bulevar Pellegrini; coherente con el ideario modernizador, progresista y democrático que se sostenía, la nueva universidad se instalaría alejada del centro histórico y de la ciudad tradicional, conservadora, que era como se entendía a los barrios del sur de la ciudad; la nueva ubicación coincidía con la zona en que se expandía la ciudad de la modernización, de la producción, garantizando una presencia contundente del mundo académico en el paisaje urbano del bulevar.

El primer anteproyecto elaborado en la DNA por Belgrano Blanco, fechado en octubre de 1926, mostraba una fachada de vertiente neoclásica, con un importante pórtico central y desarrollo de tres niveles en el cuerpo principal; dicho cuerpo se ve flanqueado por dos volúmenes esquineros más robustos totalizando un conjunto de marcado eclecticismo.



Fig. 05 - Anteproyecto de fachada de 1928; con excepción de la cúpula del paraninfo, las particularidades del diseño de fachada se mantuvieron en el edificio definitivo.

Fuente: Archivo M. Torres Armengol. Colección particular.

A partir de ese momento las relaciones entre la UNL y la DNA entran en un prolongado impasse, luego del cual, en marzo de 1928, se inicia el proyecto definitivo, de autoría del arquitecto Manuel Torres Armengol, que es quien desarrollará todo el proyecto y la conducción de la obra, a lo largo de quince años, no sólo para el sector del Rectorado sino también para la Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, al norte del terreno; el segundo anteproyecto de 1928, responde, en sus lineamientos, a la que habría de ser la configuración definitiva del edificio y con excepción de la cúpula del paraninfo, las particularidades del diseño de la fachada no se modificaron en la ejecución.

Torres Armengol, había nacido en Barcelona en 1884 y llegó a Argentina siendo niño, en 1889; realizó sus estudios secundarios en el prestigioso Colegio Nacional Buenos Aires y se graduó como arquitecto en la Universidad de Buenos Aires en 1906. Luego de graduarse inició su actividad profesional en la función pública, en la Dirección de Arquitectura de la Provincia de Santa Fe y en la DNA. A partir de 1914 renuncia a su tarea en el Estado y durante más de una década sostiene su estudio particular asociado con Rafael Peró, realizando una importante cantidad de edificios resueltos en diversos lenguajes dentro del eclecticismo dominante, aunque es notable su inclinación por la vertiente neocolonial. En 1927 reingresa a la DNA, donde inmediatamente se le encomienda el proyecto para la UNL que a la postre sería el trabajo más destacado de su carrera.

## *Sobre las referencias al renacimiento español*

El conjunto siguió una rigurosa composición de “partido”, en base a un eje de simetría de orientación norte-sur, que ordenó la distribución en función de cinco patios interiores; un segundo eje, transversal al anterior, fragmentó la manzana en dos partes, acomodando en el sector sur el rectorado y en el sector norte la FCJS. Los patios funcionaron a modo de dispositivos organizadores de los distintos paquetes funcionales.

El cuerpo principal, sobre el Bulevar Pellegrini, propuso una fachada de estricta simetría, que concentró el trabajo ornamental más destacado, a la vez que exteriorizó la apertura institucional expresada en el co-gobierno, ya que el balcón con tracerías platerescas de planta alta, sobre el portal de acceso, es un elemento relevante en el conjunto y se corresponde con la Sala del Consejo Superior. Centrado en la fachada, destaca el ingreso con tres portales en arco, flanqueados por sendas pilastras de fuste liso con bajorrelieves geométricos; el conjunto se apoya sobre la explanada elevada respecto del nivel de la vereda, a la que se accede mediante una escalinata de cinco huellas.



Fig. 06 - cuerpo central de la fachada del Rectorado. Balcón de la Sala del Consejo Superior con tracerías platerescas. Año 1936, circa.

Fuente: Museo Histórico UNL

El remate del cuerpo central de la fachada principal contiene una monumental venera cóncava sobre el reloj que aparece flanqueado por dos esculturas: el Día y la Noche, réplicas de las conocidas obras de Miguel Ángel para la Capella Medici en la iglesia de San Lorenzo de Florencia, Italia. Este cuerpo está coronado por un friso de crestería fitomórfica calada y cuatro imponentes pináculos esquineros que tienen como base la figura escultórica de cuatro leones y están rematados con motivos vegetales; en estos elementos resulta evidente la referencia al Monasterio de San Marcos de León, que fue inspirador de mucha de la ornamentación de edificios neocoloniales en América (NIETO MORALES CHECA, 2009, pp. 201-203).

Las dos alas que completan el frente sobre el bulevar tienen cubierta de tejas a dos aguas y sus fachadas se ordenan en ocho módulos rítmicos de ventanas diferenciando el tratamiento de los dos niveles, separados por un arquitrabe de marcada linealidad; en planta baja los módulos se definen con pilastras adosadas de capitel jónico y los vanos rematados por arcos de medio punto que descansan sobre antepechos-repisa asentados en garras de leones, en tanto que en planta alta los vanos de dintel recto se enmarcan en un almohadillado más riguroso. Esta configuración se repite en las fachadas laterales y en la fachada de la Facultad de Ciencias Jurídicas.

Los cuerpos esquineros presentan un mayor despliegue decorativo y contrastan con la sobriedad de los tramos anteriores, por su plano de fachada antecedido respecto de aquéllos y su cubierta de faldones de tejas a cuatro aguas, definiendo sendos volúmenes autónomos; el tratamiento se resuelve apelando claramente a la ornamentación propia del renacimiento español, como guirnaldas fitomórficas enmarcando los vanos, herrería artística, pilastras adosadas; también aquí hay figuras geométricas en el fuste de las pilastras y aparecen notables veneras y medallones con cabezas mitológicas que pudieron tomar como referencia a la antes citada fachada de San Marcos de León o a la plateresca fachada de las Escuelas Mayores de la Universidad de Salamanca.



Fig. 07 – Cuerpo esquinero oeste. Destaca la decoración propia del “renacimiento español”.  
Foto: arq. Lelis Labuckas, 2019.



Fig. 08 – Detalle de ornamentación y herrería en la ventana del cuerpo esquinero oeste.  
Foto: arq. Lelis Labuckas, 2019.

Otro de los espacios que se referencian de manera explícita con las tradiciones españolas es el Paraninfo; principal salón de actos de la institución y sede de la Asamblea Universitaria, máximo órgano de gobierno de la universidad reformista; en este punto, como en otros, la arquitectura espacializa los principios institucionales con toda claridad, ya que no sólo se dispone el sector de plateas, sino las “barras”, para hacer visibles los debates de la Asamblea a toda la comunidad académica.

Entre los rasgos distintivos, puede notarse su jerarquía, la triple altura, la monumental presencia del cielorraso, resuelto con un casetonado policromado que evidencia las influencias mudéjares y su ubicación focal en relación a las líneas de tensión de la planta. La denominación de Paraninfo<sup>6</sup> asignada a este ámbito, remite a la herencia universitaria europea, especialmente ibérica, ya que es un recinto cuya presencia es una constante en las más tradicionales universidades españolas y portuguesas.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> El vocablo Paraninfo etimológicamente deriva de la yuxtaposición de dos palabras del idioma griego: *παρά*, que significa ‘al lado de’, y *νύμφη*, que significa ‘novia’; de allí, paraninfo (*παράννημος*) se aplica al custodio del lecho nupcial; ese mismo significado se traslada al vocablo en latín *paranimphus*, que también denominaba al que acordaba o anunciaba una boda, sinónimo de heraldo. Esta es la acepción que derivó a la vida universitaria, ya que se usó en la universidad renacentista para denominar a la persona que anunciaba la entrada a un curso estimulando al estudio con una oración retórica.

<sup>7</sup> Con distintas estéticas, el Paraninfo es un espacio relevante en las antiguas universidades de Alcalá, Salamanca, Complutense de Madrid, Hispalense Universidad de Sevilla, Universidade de Coimbra, y en la misma Universidad de Barcelona, cuyo edificio decimonónico, más tardío, también alberga un Paraninfo.



Fig.9 El Paraninfo en el momento de su inauguración, en 1938, con el austero equipamiento original.  
Fuente: Archivo M. Torres Armengol – Colección particular.

La prensa local prestó mucha atención a la expresión del edificio, apuntando detalles poco frecuentes en este tipo de textos periodísticos. En 1938, al inaugurarse el Paraninfo, *El Litoral* comentaba sobre los lenguajes utilizados, reconociendo un eclecticismo “armonioso”:

El frente principal del edificio dá (sic) sobre el boulevard Pellegrini, y el estilo de su fachada corresponde al Renacimiento español, del período llamado plateresco. Un cuerpo entero de este frente ha sido profusamente decorado, acusando el resto del mismo una arquitectura tranquila que contribuye a destacar aún más la parte decorada. Dado el tiempo transcurrido desde la iniciación de la obra, resulta comprensible que el arquitecto que la proyectara y cuya dirección ha sido asidua, haya evolucionado en lo que a la parte artística de su obra se refiere /.../ Así se explica que el vestíbulo de entrada y salón del Consejo de la Universidad, lo mismo que los pórticos laterales, se inclinen a lo vignolesco, con cierto sabor italiano, y que al llegar al frente posterior la construcción acuse, diríamos, un carácter escorialesco.<sup>8</sup>

Las referencias hispánicas aparecen también en los patios y en la torre mirador de la Facultad de Ciencias Jurídicas. Los tres patios asumen un marcado protagonismo en el partido claustral; los patios laterales, denominados “patios de los naranjos”, de tradición andaluza, poseen claras referencias a los granadinos Jardines del Generalife de la Alhambra, disponen de una pequeña acequia rematada en dos fuentes circulares en sus extremos, centrada en el eje longitudinal de los patios y bordeada por lajas de mármol de Carrara; en tanto el patio central, de mayores dimensiones, presenta influencias mudéjares y un ordenamiento estratificado por niveles, con arcos plurilobulados.

<sup>8</sup> “Será inaugurado mañana el paraninfo de la Universidad del Littoral” en *El Litoral*, Santa Fe, 22 / abril / 1938, p. 3.



Fig. 10 – Facultad de Ciencias Jurídicas. Patio “de los naranjos”, lado oeste.  
Foto: arq. Lelis Labuckas, 2019.

## *A modo de conclusión*

A lo largo de esta presentación se intentó elaborar una reflexión sobre las opciones formales que se pusieron en juego al proyectar el edificio principal de la UNL en la segunda mitad de la década de 1920, cuando se erigía como primer exponente arquitectónico universitario de relevancia, con posterioridad a la Reforma de 1918.

Se fueron abriendo distintas vías para sondear las procedencias y motivaciones de las decisiones de proyecto que tomó el arquitecto, muchas de las cuales no podemos afirmar que hubieran operado como imperativos explícitos.

El recorrido abarcó cuestiones filosófico políticas, muchas de ellas inspiradas en lo que para los reformistas eran “modelos” (la Institución Libre de Enseñanza, la Residencia de Estudiantes, la Universidad Popular de Oviedo), otras enunciadas elípticamente por los “mentores” (Ortega y Gasset, d’Ors, Henríquez Ureña o Levene) pero pudiendo verificarse, en todos los casos, la proximidad entre las corrientes hispanistas y el pensamiento reformista.

La figura de Ricardo Rojas es insoslayable en este punto, siendo factible pensar que sus opiniones sobre el proyecto de Noel para la FFyL de la UBA hayan repercutido con fuerza sobre las propuestas de edificios universitarios posteriores. También la polémica figura de Ángel Guido pudo resultar de peso por su condición de profesor de la UNL, al momento de optar por una expresión de carácter hispanista.

Por otra parte, el arquitecto Torres Armengol venía dando cuentas con su propia obra (que apenas enunciamos), del renacer de esas tendencias, iniciado en el momento del Centenario. Tendencias que afloraban en los '20, en una aproximación cultural y estética con el mundo español en los programas arquitectónicos más diversos. Así, cascos de estancias, residencias urbanas, edificios de renta, un club social o grandes edificios públicos fueron resueltos con maestría por Torres Armengol, dentro del denominado "eclecticismo neocolonial". (GUTIÉRREZ, 1971) La cultura arquitectónica del arquitecto resultó notable a través de su archivo, en documentos que demuestran un amplio conocimiento de la arquitectura española, y la experiencia directa de muchos de los edificios de Salamanca, Alcalá de Henares, León, Oviedo, etc., mencionados más arriba.

Así, el reingreso de Torres Armengol a la DNA en 1927, siendo ya un profesional experimentado, en el momento en que se discutía el proyecto para la UNL, así como la decisión de asignárselo, cuando en la misma dependencia permanecía Belgrano Blanco, autor del primer anteproyecto, resulta significativa y no puede entenderse como casual. Pensamos que pudo haber una convocatoria expresa para este proyecto, aunque aún no hay elementos para probarlo.

En el caso que nos ocupa, es posible que no resulte demasiado productiva una búsqueda arqueológica de referencias, que nunca son absolutas y lineales y que pueden estar tamizadas por infinidad de factores entrecruzados, por múltiples experiencias, a veces caprichosas o incoherentes y por la superposición de vivencias de distintas épocas.

Pero creemos haber demostrado que, en la conjugación y convergencia de esa multiplicidad de factores que acabamos de recorrer, se produjo una obra de alto contenido de originalidad en la que se asocian valores arquitectónicos, artísticos, ideológicos, que le otorgan una sobresaliente condición de historicidad, cuyos motivos vale la pena destacar.

## Referencias

- BIAGINI, H. *El movimiento estudiantil reformista y sus mentores*, en BIAGINI, H. (comp.). *La Universidad de La Plata y el Movimiento Estudiantil*. La Plata: Ed. UNLP, 1999.
- BUSTELO, N. *La Reforma Universitaria y la recepción de Eugenio d'Ors*, en VIIª Jornadas de Sociología de la UNLP, La Plata: Ed. UNLP, 2012. Disponible en: <http://jornadassociologia.fahce.unlp.edu.ar>. Fecha de consulta: 14-03-2017.
- CAPITEL, A. *La construcción de la 'Colina de los Chopos' en Madrid, de Antonio Flórez a Miguel Fisac*, *Arquitectura*, Madrid, n. 241, IV época, p. 18-21, marzo-abril 1983.
- GANDOLFI, F.; GENTILE, E. *Ni muros áridos ni calles rectas. El espacio de la UNLP - 1897/1975*, 47 *al Fondo*, La Plata, n. 1, p. 10-17, sept. 1997.
- GUIDO, A. *Eurindia en la arquitectura americana*. Santa Fe, UNL, 1930.
- GUTIÉRREZ, Ramón. *Presencia y Continuidad de España en la Arquitectura Rioplatense, Separata Hogar y Arquitectura*, Madrid, n. 97, 1971.
- HENRÍQUEZ UREÑA, P. *Ensayos*. San José: Ed. Universidad de Costa Rica, 1998.
- LANTERI, C. *Pablo Vrillaud, líder de la juventud*. Santa Fe: Ediciones UNL, 1995.
- LUQUE, Mónica. *La idea de universidad. Estudios sobre Newman, Ortega y Gasset y Jaspers*. Washington: OEA, 1995.
- NIETO, V.; MORALES, A.; CHECA, F. *Arquitectura del Renacimiento en España, 1488-1599*. Madrid: *Manuales Arte-Cátedra*, 2009.

PRADO, G. *La Universidad de Oviedo, Rafael Altamira y la JAE: Controversias en torno a la gestión de las relaciones intelectuales Hispano-Americanas (1909-1911)*; *Revista de Indias, Madrid*, v. LXVII, n. 239, p. 33-58, 2007.

ROJAS, R. *Eurindia, ensayos de estética sobre cultura americana (1924)*. Buenos Aires: Centro Editor, 1980.

ROJAS, R. *Facultad de Filosofía y Letras. Documentos del Decanato (1921-1924)*. Buenos Aires: Imprenta de la Universidad, 1924.

ROJAS, R. *La Restauración Nacionalista (1909)*. Buenos Aires: La Facultad, 1922.

ROJAS, R. *Tres Conferencias, San Miguel de Tucumán: E. García*, 1915.

*Tercer Congreso Universitario Anual, en Revista de la Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba: Ed. UNC, Año 13, n. 1-3, enero - marzo 1926.*

VALLEJO, G. *El culto de lo bello, en BIAGINI, H. (comp.) La Universidad Nacional de la Plata y el movimiento estudiantil, La Plata: Ed. UNLP, 1999.*

VALLEJO, G. *Escenarios de la cultura científica argentina. Ciudad y Universidad (1882-1955)*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

# HISPANIST IDEALS IN ARGENTINE UNIVERSITY ARCHITECTURE.

## *The Rectorate of the Universidad Nacional del Litoral*

*Adriana Collado<sup>1</sup>*

### *Abstract*

The UNL Rectorate complex was the first building constructed in Argentina after the University Reform of 1918, for the highest authority of a national university. The institution was originally linked to the reformist movement, which promoted a democratic, secular, state university, based on principles of autonomy, co-management and academic freedom. This influenced the design decisions and the spatial scheme, where the functional and significant hierarchies were clearly manifested. Here we will address the relationship between this university complex and its reformist origins, trying to explain if the reformist thought, imbued with a Hispano-Americanist ideal and prone to a “neo-colonial” aesthetic to which some of the most recognized intellectuals of the movement adhered, influenced the time to choose the “Spanish Renaissance” as the dominant language for the main building, which defined a powerful and original image.

**Keywords:** University – Reform Movement – Architecture – Hispano-American Aesthetics

### *Introduction*

The ensemble of the Historic Block of the Universidad Nacional del Litoral (hereinafter UNL) of Santa Fe, and especially the southern sector, corresponding to the headquarters of the Rectorate, was the first large-scale building erected in Argentina after the University Reform in 1918, to house the highest authority of a national university; the fact that the emergence of the institution has been directly linked to the reform movement, driven by the ideology of a democratic, secular, state university, based on principles of autonomy, co-government and academic freedom, had an impact on the decisions concerning the design and the spatial scheme adopted, in which the functional and significant hierarchies are clearly manifested.

<sup>1</sup> Arquitecta. Doctora en Historia del Arte por la Univ. Pablo de Olavide de Sevilla con Premio Extraordinario de Doctorado 2008. Especialista en Historia y Preservación por el Centro Studi per il Restauro, Florencia, Italia. Profesora e investigadora de la FADU UNL. Docente de posgrado en universidades de Argentina; dictó cursos y conferencias en México, Brasil, Chile, Francia y España. Publicó numerosos libros y artículos en revistas académicas. Responsable por la UNL en la Red PHI.

This article will discuss a problem related to the Historic Block Ensemble and its reformist origins, trying to answer the question about whether reformist thought, imbued with a Hispano-Americanist ideal and prone to a “neocolonial” aesthetic of which different aspects could be detected in those years (GUTIÉRREZ, 1971) and to which some of the most recognized intellectuals of the movement adhered (ROJAS, 1915), had an impact when choosing the “Spanish Renaissance” as the dominant language for the main building, a language that was defined for itself as a powerful and original urban image.

In this line, reflection on the language options is proposed, linking these options with the notable relationship that is verified between the reformist ideology and the Spanish-American culture, since the dawn of the Movement; the revival of Hispanic trends had begun at the time of the Centenary, resurfaced with the emergence of the University Reform through the link of its main figures with peninsular thinkers, writers and artists, in pursuit of a cultural and aesthetic approach with the Spanish world, although these links suffered from ups and downs that account for heterogeneous and sometimes unstable relationships, it is also possible to detect a continuity of common interests, in those crossroads between the Ibero-American university world and Spain.



Fig. 01 - UNL Rectorate. Front on the Bv. Pellegrini. Year 1940, circa..  
Source: Museo Histórico UNL

## *The weight of the Hispanic in the reformist thought*

Among the main spaces of convergence, we can mention the *Residencia de Estudiantes*, a mythical institution founded in Madrid in 1910 that was, until the beginning of the Spanish Civil War, an active area of knowledge production and scientific and artistic exchange and a model for the progressive intellectuals of Hispanic America. The Residence was a beloved daughter of the innovative ideas of the Institución Libre de Enseñanza founded in 1876 by Francisco Giner de los Ríos (1939–1915); Krausist-inspired, the latter defended academic freedom and tolerance in the classroom, against the prevailing dogmatic positions at the time in Spanish universities, which made it a benchmark for reformist students.

In 1915 the Residence was finally installed on the Colina de los Chopos, in a plot of land donated by the Ministerio de Instrucción Pública, in what was called to be an important Madrid university center. The headquarters were designed by the Galician architect Antonio Flórez Urdapilleta (1877–1941), an expert in school design, appealing to a “Spanish” language (CAPITEL, 1983, p. 19). The building complex undoubtedly fits into what, at the beginning of the 20th century, Spain understood as its national architecture; the Residence was a propitious space for debate and dialogue between the different disciplines. The activities that were promoted had an impact on the groups of students who, on the other side of the ocean, shared common ideals.

There were also numerous Spanish intellectuals who promoted that flow of Spain-America ideals that stained the space of the Reformation. Among the most recognized figures is José Ortega y Gasset (1883-1955), who visited Argentina in 1916 (LUQUE, 1995). It is appropriate to remember that Ortega, who had received a PhD in 1904, traveled to Germany to deepen his training, remained there until 1911. Among the many facets developed by the young philosopher in Germany, especially during his stay at the University of Marburg, his contact with Krausism stands out, which mobilized his critical position against Spanish university dogmatism.

Ortega was invited to Argentina by the Spanish Cultural Institution, with the aim of giving a series of lectures at the Faculty of Philosophy and Languages of the University of Buenos Aires; then he traveled to the countryside, visiting Córdoba and Tucumán, headquarters of the oldest Argentine universities. To his adherence to Krausism he would add the elaborate notion of “generation”, encouraging university students to become the motor of political and cultural history, which was crucial to be recognized by them as a mentor; and despite the fact that years later they would confront him with his teachings, in 1916 the future reformists applauded his speech at the Law Student Center of the University of Córdoba, and tried to convince him to remain at that university as a professor.

Another of the Spanish intellectuals who had an impact on local student groups was Eugenio d’Ors (1881-1954), a controversial figure that, although towards the end of his life he became a defender of the most recalcitrant nationalisms, in his youth participated in *avant-garde* groups and adhered to the Noucentisme cultural movement. Around 1920, his thoughts understood the links between Spain and America as the “advent of a proper civilization” and the closeness between both

cultural worlds, aroused the interest of reformist circles, which managed the invitation through the *Ateneo Universitario de Buenos Aires*, that since its inception had had ties with *the Residencia de Estudiantes de Madrid*. d'Ors had given three conferences there, between 1914 and 1919, which were widely disseminated among Argentine university students, and for which reason his four-month visit in 1921 was celebrated as a triumph of the Reformist University, a sign of the openness of thought that this meant. (BUSTELO, 2012)

The stay of d'Ors in Córdoba, from whose university his trip had been managed and financed, did not fully satisfy the expectations generated and many of the promoters gradually distanced themselves from the *d'orsiano* thought; after Córdoba, the Catalan gave conferences in La Plata, Santa Fe, Buenos Aires and Montevideo.

In Santa Fe, his presence, recorded in November 1921, was widely covered by the press and by the university media. He came to the city invited by the *Facultad de Ciencias Jurídicas de la UNL*, to give three conferences on the fixation of the concept of nature in the peoples of the West, arousing great expectations in the academic field<sup>2</sup>. The following year, at the inauguration ceremony of the FCJ classes, the reformist student Pablo Vrillaud gave a speech that began with a quote from d'Ors and the Noucentisme speech, "...the words of the teacher Eugenio d'Ors are my citizenship card at this party. Shield me with his golden prose..." (Cit. LANTERI, 1995, p. 69)

There were other foreign university experiences that were studied as models by young Argentines; this was the case of the Oviedo Group, that promoted the modernization program at the University of Oviedo, in Asturias, which included incorporating into its structure the University Extension, inter-university teaching exchanges and at that time, the new concept of "popular university". Among the most outstanding professors of the Oviedo Group, and who had the greatest influence in America, the historian and jurist from Alicante, Rafael Altamira (1866-1951), was very close to the *Institución Libre de Enseñanza* and a disciple of Giner de los Ríos:

Rafael Altamira /.../ intellectual of considerable influence in the world of ideas in Spain at the end of the 19th century and beginning of the 20th. The clarity of his diagnoses, the eminent@ly practical bias of his reflections and his militant commitment to the cause of cultural and scientific modernization allowed him to become one of the central referents of krauso-institutionism, regenerationism and the americanist movement. (PRADO, 2007, p. 33)

Among Altamira's concerns were the modernization of the university and scientific production, as well as encouraging the exchange by promoting the attendance of professors at conferences and international academic meetings; promoting the exchange of professors between different universities; and trying to make Spanish accepted as a scientific language (PRADO, 2007, p. 39). His greatest interest in promoting these exchanges was decidedly placed in Hispanic America, which is why he took advantage of the celebrations of the III Centenary of the University of Oviedo to undertake, in 1909, his "Americanist Trip" as a true ambassador of the same, by numerous universities of this Continent. His intention was

---

<sup>2</sup> To analyze the impact of the visit, see: "First Conference by Eugenio D'Ors", in *Diario Santa Fe*, November 11th, 1921, p. 1, col. 5 and 6.

...autonomously and self-sufficiently organize a journey on a continental scale that would lead to the proposal of establishing regular communication channels with the universities of Argentina, Uruguay, Chile, Peru, Mexico and Cuba [...] a true and ambitious proposal for an intellectual association. (PRADO, 2007, p. 41)



Fig. 02 - Cover of La Gaceta Universitaria, Santa Fé, September. 1919, quoting the ideas of Rafael Altamira  
Source: Museo Histórico UNL

The circulation of Altamira's ideas in Argentina and especially at UNL is verifiable; when, in September 1919, just a month to go before the creation of the UNL, local students publicly debating the university model they wanted to achieve, they appealed to Altamira "...who knew how to dignify the social function of the University, making it great, noble and simple..."; to support their proposal for a New University, publishing one of his speeches in number 7 of *La Gaceta Universitaria santafesina*<sup>3</sup>.

In the early days of the University Reform, the role of the Argentine historian Ricardo Levene (1885-1959) was also relevant for the definition of the Hispanic profile, and who, in the 1920s, had an active participation as a teacher in several universities. Levene was an organizer of the *Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata*, which emerged from the reformist debate in 1921, as a consequence of a profound renovation of the previous *Facultad de Cs. de la Educación*. He was responsible for calling Eugenio D'Ors to create courses for UNLP's new faculty with a series of conferences promoting the Hispanic vision in the theory of culture. For Levene, a supporter of scientific history and the construction of a national identity based on colonial traditions (a task he carried out during his presidency of the National Academy

<sup>3</sup> See: "Explanation of Reasons raised by the University Federation to the Comptroller of the University", in *La Gaceta Universitaria*, Santa Fe, 09/6/1919, p. 1, col. 1 and 2.

of History and the National Monuments Commission), the features of the Hispanic neo-colonial art and architecture ensured an integral vision of culture, which is why he promoted this language for the new constructions that were projected in the UNLP area.

In 1926 Levene was back in the position of deanship at the Facultad de Humanidades, during the time that architect Alberto Belgrano Blanco at the Dirección Nacional de Arquitectura was designing the headquarters for the Escuela Superior de Bellas Artes de la UNLP. For this building, Spanish-colonial references were used as to relate it to the aesthetic guidelines that would be adopted a little later by the Rectorado de la UNL (GANDOLFI and GENTILE, 1997, pp. 10-17).

Another episode that strengthened the Hispano-Americanist orientation of the reformist ideology was the intense experience promoted among the leaders of the Reformation, during the trip of the Argentine delegation to the Primer Congreso Internacional de Estudiantes Universitarios, which took place in Mexico City in 1921. (LANTERI, 1995, pp. 31-39)

The Argentine students had a leading role in the event since the successful achievements of the Reform Movement of 1918 in Córdoba, putting them in a privileged position before the Americans, and for which Ripa Alberdi was appointed Vice President of the Congress. After the event, the group was invited by the then *Secretario de Educación y Rector de la Universidad de México*, José Vasconcelos, to tour the country by train in an official delegation also composed by of the Dominican writer Pedro Henríquez Ureña, the Mexican student Daniel Cosío Villegas (who had presided over the Congress), the Mexican writer Julio Torri and the Spanish playwright Ramón del Valle-Inclán.



Fig. 03 - Mexico City, 1921. Argentine students welcomed by the Secretary of Education and Rector of UNAM, José Vasconcelos  
Source: Museo Histórico UNL

This trip was a deeply moving experience for the young Argentines, as they faced the stage of one of the most exuberant Spanish creations in America, a masterful synthesis of the Hispanic and the American, on a scale and intensity that they had never experienced before. At the same time, curiosity regarding political and social change was very strong in the Argentine delegation, since Mexico, ten years after the first American socialist revolution took place, was beginning to move forward as a modern nation. After the Congress, the reformist leader from Santa Fe, Pablo Vrillaud, wrote from Guadalajara:

The Mexicans have fallen in love with us [...] Specially invited by the government, we are their official guests until the end of the month. We have a free pass to visit the interior of the country. We visited the ancient ruins of the Aztec temples, the old imperial cities, we went to the mountains... (LANTERI, 1995, pp. 85-86)

For his part, in *Valoraciones*, a university publication from La Plata that dedicated a tribute issue to Enrique Dreyzin in 1928, on the occasion of his early death, Pedro Henríquez Ureña wrote about the same trip:

Those were days that we who lived through them will never forget; days of the most luminous that the world has lived. We saw in them the happy rapprochement of the two souls that are the foci of the ellipse of our America, Mexico and Argentina. Restless and generous spirits were confused in the same desires and visions of truth, of good, of justice. (BIAGINI, 1999, p. 198)

Of those young people who attended the Congress of Mexico, it was precisely Henríquez Ureña who would make an express declaration of respect and appreciation for the heritage of Spanish architecture as a genuine source of identity, in the face of the proliferation of searches in foreign aspects, that the aesthetic eclecticism of nineteenth century promoted.

Our childish submission not only made us doubt our own energy, but sometimes left us confused, without discernment, before Europe. Thus, the treasures of the secular heritage that we received from the Mediterranean, we incautiously exchanged for the false stones of any French, German or English propaganda [...] In our buildings we abandoned the solidity and decorum of Spanish architecture, which into the hands of our builders had acquired characters of their own, by the bad imitation of Versailles, or even of Chicago. (HENRÍQUEZ UREÑA, 1998, pp. 109-110)

## *Ricardo Rojas and the “Spanish Renaissance”*

Among the local mentors of the reformist movement, the figure of the writer and Americanist thinker from Tucumán, Ricardo Rojas (1882-1957), was central, and it is worth remembering the symbolic gesture of Deodoro Roca when, as soon as the events of June 1918 had taken place, he issued what was known as the “first telegram of the Reform” informing Rojas of the transcendental step that the Córdoba student body had taken.

As a prelude, Rojas had published *La Restauracion Nacionalista* (ROJAS, 1922) in 1909 and in 1914, when the University of Tucumán was founded, he had been summoned to occupy the chair of University Extension, at which time he gave a historic cycle of three conferences at the so called *Nueva Universidad*, to differentiate itself and influence the constraints that the three then-existing

universities represented: Córdoba, authoritarian dogmatism; Buenos Aires, doctoral vanity; La Plata, pedantic experimentalism. In this context, Tucumán had to, for Rojas, "...form for freedom, disinterest and the intuition of a true national culture". In the third conference dedicated to autochthonous art and Hispanic traditions, he emphasized: "...that the teaching of autochthonous art operates as containment against the disintegrating influences that cosmopolitanism supposes for the national culture" (ROJAS, 1915, pp. 93 and 138).

Ricardo Rojas assumed the deanship of *Decanato de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires* in 1921; simultaneously he was producing one of his masterpieces, *Eurindia. Ensayo de estética fundado en la experiencia histórica de las culturas americanas*, published in 1924 (ROJAS, 1980). It was then that he made explicit his ideas regarding the guidelines that reformist architecture should keep.

In 1923 Rojas raised the need to build a definitive headquarters for it, for which there was a piece of land ceded by the Municipality of Buenos Aires, on *Guido* street between Pueyrredón and Agüero; in a plenary session, Rojas justified before the *Consejo de la Facultad* the design that he had previously commissioned to the architect Martín Noel, at which time he explained his preference for the "Spanish Renaissance". In his presentation, Rojas defined, in addition to the program of needs of the building itself, the language that should characterize the reformist university:

The future Faculty could be of a classical type, given the studies that we carry out here, but it would seem to passers-by to be a strange thing in the general environment of Buenos Aires, and it could not be of a modern one, much less try to create a style within it. new. The Spanish Renaissance corresponds to the historical moment in which the classical culture reborn in Europe was acclimatized in Spain and in which Spain transplanted it to America, where it founded our first universities. This form of architecture, adapted to the function of our house and to the conditions of our environment, is what we should prefer... (ROJAS, 1924, pp. 51-52)

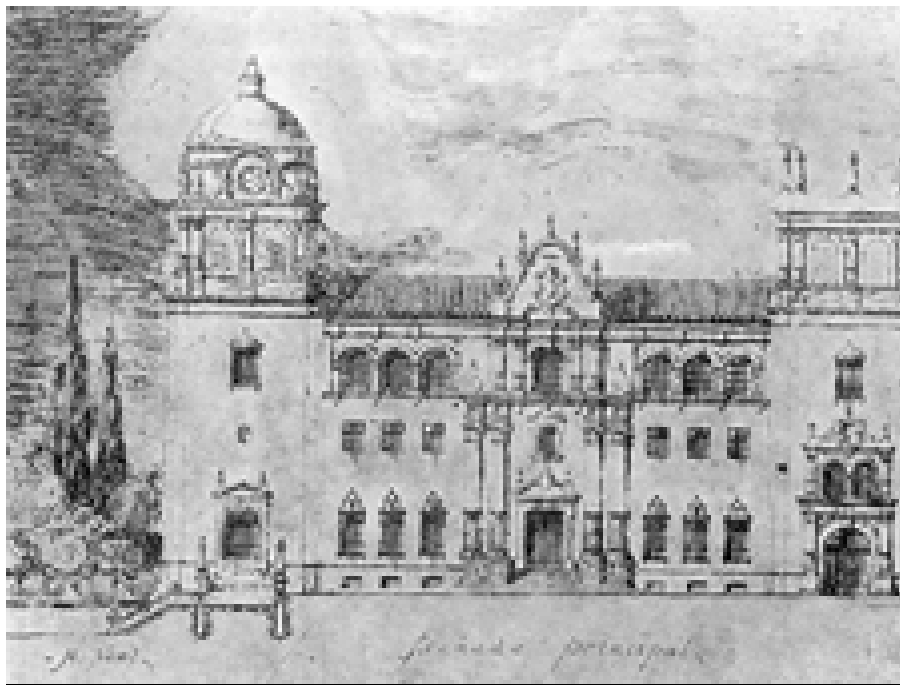


Fig.04 - Architect Martín Noel. Project for the main facade of UBA's Faculty of Philosophy and Languages, 1924.  
Source: ROJAS, R., 1924, p. 51.

In April 1924, the architect Martín Noel presented to the *Consejo Directivo de la FFyL*, the preliminary project and descriptive report of the commissioned building, giving explanations about the references to which he had appealed to decide its configuration, as well as the design criteria. that supported the proposal.

The parti adopted corresponds to a type of classic balance and whose proportions have allowed the development of wide facades, almost all symmetrical and that obey the Spanish Renaissance style required as an essential foundation of said program. Indeed /.../ its architectural expression tries to evoke the character of the traditional Spanish universities of that time, such as: Santiago de Compostela, Valladolid, Colegio de Calatrava in Salamanca, etc.; the rear façade is clearly reminiscent of the much-celebrated one in Alcalá de Henares [...] The carriage entrance extends into an open courtyard [...] a private garden of the Faculty, in the style of the classic Florentine 'loggias' or cloistered galleries of Castilian universities. (Cit. ROJAS, 1924, p. 58)

In 1927, when he was Rector of the UBA, Ricardo Rojas commissioned Ángel Guido to design his house on *Calle Charcas* in Buenos Aires and moving away from the more orthodox Spanish renaissance, tested an eclectic set, a true “Hispanic-indigenous collage”, according to Alberto Nicolini, in which allusions to the colonial architecture of northwestern Argentina are amalgamated in its façade (which replicates that of the *Casa de la Independencia* in Tucumán), with relevant neo-indigenist elements in the design of the library, and Hispanists in Andalusian patios, living rooms and dining rooms.

## *The Annual University Congresses and the figure of Ángel Guido*

In the post-reform academic sphere, concerns about Ibero-American identity were implemented early on at the *Congresos Universitarios Anuales* (CUA) (CUA). The first was held in 1922, at the initiative of the Universidad Nacional de La Plata, and, from the second on, the venue took place in different locations. These congresses sought the link and exchange between Argentine universities and between them and society, to deal with issues of national repercussion and were oriented especially to the field of humanistic disciplines; according to their foundations, they operated by articulating academic productions from the five existing universities in the country at that time. (VALLEJO, 2007, pp. 349-350)

The CUA constituted propitious spaces to discuss the Hispano-Americanist ideals and the need to guide architecture studies towards the Ibero-American perspective, incorporating contents related to it. During the second CUA, held in Buenos Aires in 1924, the architect Ángel Guido, representing the UNL, proposed that a “single point of view” be installed in Argentine universities, with pre- and post-Columbian Americanist roots, as a response to the “invasion” of “a heterogeneous aesthetic”. (VALLEJO, 1999, p. 145)

The third CUA, held in Córdoba in 1925, had as the UNL representative its rector, Dr. Pedro Martínez, who gave one of the magisterial conferences, and also Guido himself, who advocated

for the creation of *Instituto Nacional Arqueológico de Arquitectura Americana*, in order to promote scientific studies on regional architectural production> Guido manifested the proposal was incorporated into the recommendations of the Congress:

...it would be of current cultural interest for the country, the creation of a national archaeological institute of American architecture, whose immediate action would be the following: a) execution of a complete census, by direct investigation of the pre-Hispanic monuments of the country, Peru, Bolivia and Ecuador; b) compilation of all the studies and publications that have been verified on pre- and post-Colombian, Mexican, and Central American monuments and encourage the sending of missions to carry out direct studies; c) analytical-archaeological-architectural investigations of each monument and its rigorous classification in the sense of major, minor, or no indigenous American influence; d) propose decorative themes or motifs, resulting from previous investigations, for the teaching of drawing in nursery schools and in order of complexity, and in each case, for secondary, special and university teaching of drawing, decorative composition and architecture.” (THIRD CONGRESS, 1926, p. 100)

The fourth congress was held in Santa Fe at the UNL in October 1926, when the foundation stone of the building for the rectorate, which we are analyzing, was being placed. At this point, it should be considered that the speech of Ángel Guido could influence the decisions that were made about the building for the UNL, given his role as a professor of Architecture in 1923 and his determined academic vocation that made him not only an active protagonist but also a controversial figure in the intellectual environment of the UNL, in which two decades later he would reach the position of rector (held between 1948 and 1950). From 1924 on, Guido strengthened ties with whom he considered his eternal teacher, Ricardo Rojas who, as already mentioned, published *Eurindia* that same year.

For Guido, the second half of the 1920s was one of profuse intellectual and academic production; One of his main concerns was to transfer the cultural notion of “Eurindia” to the specific field of architecture, turning it into the guiding beacon of the path to follow in the “aesthetically chaotic moments” (GUIDO, 1930, p. 6) that architecture was experiencing, at the same time, as well as being the key to the training of future architects. In 1930, the UNL inaugurated its official printing press with the publication of *Eurindia en la arquitectura americana* (*Euríndia* in American architecture, GUIDO, 1930), the text of a conference that Guido gave in Santa Fe at the *Instituto Social* of UNL, in April of that same year. However, neither on that occasion nor on another, it has been revealed if Guido made explicit references to the building that was being constructed for the main headquarters of the University with the intervention of the *Dirección Nacional de Arquitectura* and the architect Manuel Torres Armengol.

## *The Historic Block of the UNL*

In 1919, by the 10861 Act, the UNL was created, with precedents in the Universidad Provincial de Santa Fe. It was the first national university founded after the University Reform of 1918. In the

same sense, the building that concerns us, has the particularity of being the first headquarters for the highest authority of a national university (university assembly and rector), built in the country after said event.<sup>4</sup>

From the foundation, the concern to provide the new Institution with adequate buildings for its operation was a constant. To this end, in March 1926 the University requests the *Dirección Nacional de Arquitectura del Ministerio de Obras Públicas* (DNA) to carry out a project for an important building that was going to occupy approximately one block and that would house the Rectorate and *Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales*. By then, the plot had not yet been defined, but that was not an impediment to begin developing the general guidelines.

The DNA commissioned the architect Alberto Belgrano Blanco. The rector explained to the *Consejo Superior* his efforts in pursuit of the building and remarked: “I have insisted very especially on the architectural style, in order to reconcile the monumental appearance of a large building, with the artistic beauty that it demands.”<sup>5</sup> We do not find in the documents issued by the University at that time, where the approach of the subject in the Superior Council is made explicit, nor any other references to the characteristics that the expressive language of the building should assume.

In August 1926, the purchase of an entire block was completed in what was then considered an urban limit, in the north of a consolidated urban area: Pellegrini Boulevard; consistent with the modernizing, progressive and democratic ideology that was sustained, the new university would be installed far from the historic center and from the traditional, conservative city, which was how the southern neighborhoods of the city were understood. The new location coincided with the area in which the city of modernization, of production, was expanding, guaranteeing a forceful presence of the academic world in the urban landscape of the boulevard.

The first blueprint drawn up at the DNA by Belgrano Blanco, dated October 1926, showed a neoclassical façade, with an important central portico and a three-level main body, which is flanked by two more robust corner volumes totalizing a set of marked eclecticism.



Fig. 05 - Preliminary draft of the façade from 1928, except for the auditorium dome, the particularities of the façade design were maintained in the final design.

Source: Archive M. Torres Armengol. Private collection

From that moment on, the relations between the UNL and the DNA reached an endless standoff, after which, in March 1928, the final design was settled, authored by the architect Manuel Torres Armengol, known as the one who would develop the entire design and lead the work, over fifteen years, not only for the Rector's sector but also for the *Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales*, to the north of the plot. The second draft made in 1928, responds, in its guidelines, to what would have to be the final configuration of the building and with the exception of the auditorium dome, the particularities of the façade's design were not modified in the execution.

Torres Armengol was born in Barcelona in 1884 and arrived in Argentina as a child, in 1889. He completed his secondary studies at the prestigious *Colegio Nacional Buenos Aires* and at *Universidad de Buenos Aires* in 1906 where he received his undergraduate degree in architecture. After that he began his professional activity in the public service, in *Dirección de Arquitectura de la Provincia de Santa Fe* and in the DNA. In 1914, he resigned from his job as a public servant and for more than a decade he maintained his private studio associated with Rafael Peró, carrying out a significant number of building designs using various languages within the dominant eclecticism, although his inclination for the neocolonial aspect is notable. In 1927 he returned to DNA, where he was immediately entrusted with the design for the UNL, which would ultimately be the most outstanding work of his career.

## *On references to the Spanish Renaissance*

The ensemble followed a rigorous "parti" composition, based on a north-south oriented symmetry axis, which organized the distribution based on five interior patios; a second axis, transversal to the previous one, divided the block into two parts, accommodating the rectory in the southern sector and the FCJS in the northern sector. The patios functioned as organizing devices for the different functional packages.

The main body, on Pellegrini Boulevard, proposed a façade of strict symmetry, which concentrated the most outstanding ornamental work, at the same time, it externalized the institutional opening expressed by the co-management, since the balcony with plateresque tracery on the upper floor, over the access portal, is a relevant element in the complex and corresponds to the Sala del Consejo Superior. Centered on the façade, the entrance stands out with three arched portals, flanked by two smooth-shaft pilasters with geometric bas-reliefs; the set rests on the elevated esplanade with respect to the level of the sidewalk, which is accessed by means of a stairway with five steps.



Fig. 06 - central body of the facade of the Rectory. Balcony of the Superior Council Room with Plateresque tracery. Year 1936, circa.  
Source: Museo Histórico UNL

The top of the central body of the main façade contains a monumental concave scallop over the clock that is flanked by two sculptures: Day and Night, replicas of Michelangelo's well-known work for the *Capella Medici* in the church of *San Lorenzo* in Florence, Italy. This body is crowned by a frieze of ornamental phytomorphic cresting and four imposing corner pinnacles that are based on the sculptural figures of four lions are topped with plant motifs. In these elements, the reference to the *Monasterio de San Marcos de León* is evident, which inspired much of the ornamentation of neocolonial buildings in America (NIETO MORALES CHECA, 2009, pp. 201-203).

The two wings that complete the front on the boulevard have a gabled tile roof and its facades are arranged in eight rhythmic window modules, differentiating the treatment of the two levels, which are separated by a markedly linear architrave. On the ground floor, the modules are defined by attached pilasters with Ionic capital and the openings topped by semicircular arches resting on sills-ledges seated on lions' claws, while on the upper floor the openings with straight lintels are framed in a more rigorous stonework. This configuration is repeated on the side façades and on the façade of the *Facultad de Ciencias Jurídicas*.

The corner bodies present a greater decorative display and contrast with the sobriety of the previous sections, due to their façade plan preceding those and their roof with hipped tile skirts, defining two independent volumes; the architectural treatment is solved by clearly appealing to the ornamentation typical of the Spanish Renaissance, such as phytomorphic garlands framing the openings, artistic blacksmithing, detached pilasters; here, too, there are geometric figures on the column of the pilasters and there are notable scallops and medallions with mythological heads that could have been taken as a reference to the aforementioned façade of San Marcos de León or the plateresque façade of the *Escuelas Mayores* of the *Universidad de Salamanca*..



Fig. 07 – West corner section. The decoration typical of the “Spanish Renaissance” stands out.  
Source: architect Lelis Labuckas, 2019.



Fig. 08 – Detail of ornamentation and blacksmithing on the window of the west corner body.  
Source: architect Lelis Labuckas, 2019.

Another space that refers explicitly to Spanish traditions is the *Paraninfo*; main auditorium of the institution and headquarters of the *Asamblea Universitaria*, the highest governing body of the reformist university. At this point, as in others, the architecture clearly spatializes the institutional principles, since not only the stalls sector is arranged, but also for the “balconies”, where the Assembly’s debates can be visible to the entire academic community.

Among the distinctive features, one can note its hierarchy, the monumental presence of the ceiling, three-story high, resolved with a polychrome caisson that evidences the Mudejar influences and its focal location in relation to the tension lines of the plant. The name *Paraninfo*<sup>6</sup> assigned to this area refers to the European university heritage, especially Iberian, since it is a venue where attendance is a constant in the most traditional Spanish and Portuguese universities<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> The word *Paraninfo* etymologically derives from the juxtaposition of two words from the Greek language: *παρά*, which means ‘next to’, and *νύμφη*, which means ‘girlfriend’; hence, auditorium (*παράνυμφος*) is applied to the custodian of the nuptial bed; That same meaning is transferred to the Latin word *paranimphus*, which also called the one who agreed or announced a wedding, synonymous with herald. This is the meaning that led to university life, since it was used in the Renaissance university to refer to the person who announced the entrance to a course stimulating study with a rhetorical sentence.

<sup>7</sup> With different aesthetics, the Auditorium is an important space in the old universities of Alcalá, Salamanca, Complutense of Madrid, Hispalense University of Seville, University of Coimbra, and in the University of Barcelona itself, whose late-19th-century building also houses a Auditorium.



Fig. 09 - The Auditorium at the time of its inauguration, in 1938, with the austere original equipment.  
Source: Archivo M. Torres Armengol. Private collection.

The local press paid a lot of attention to the aesthetics expression of the building, pointing out unusual details in this type of journalistic texts. In 1938, when the *Paraninfo* was inaugurated, *El Litoral* commented on the languages used, recognizing a “harmonious” eclecticism:

The main face of the building is on Pellegrini boulevard, and the style of its façade corresponds to the Spanish Renaissance, from the period called Plateresque. An entire body of this façade has been profusely decorated, the rest showing a calm architecture that contributes to highlight the decorated part even more. Given the time elapsed since the beginning of the work, it is understandable that the architect who designed it and whose direction has been assiduous, has evolved as far as the artistic part of his work is concerned /.../ This explains that the the entrance hall and hall of the Council of the University, as well as the side porticos, lean towards the Vignolesque style, with a certain Italian flavor, and when reaching the rear front, the construction shows, we would say, a slag character.<sup>8</sup>

Hispanic references also appear in the patios and in the lookout tower of the *Facultad de Ciencias Jurídicas*. The three courtyards assume a defined protagonism in the cloistered parti; the side patios, called “*patios de los naranjos*” (orange trees patios), of Andalusian tradition, have clear references to the *Jardines del Generalife de la Alhambra* in Granada, with a small ditch topped with two circular fountains at their ends, centered on the longitudinal axis of the patios and bordered by slabs of Carrara marble; while the central courtyard, larger, has Mudejar influences and a stratified arrangement by levels, with multi-lobed arches.

<sup>8</sup> “The auditorium of the Universidad del Litoral will be inaugurated tomorrow” in *El Litoral*, Santa Fe, April 22, 1938, p. 3.



Fig. 10 – Faculty of Legal Sciences. Patio “de los naranjos”, west side.  
Source: architect Lelis Labuckas, 2019.

## Conclusion

Throughout this presentation, an attempt was made to reflect on the formal options that were put into play when projecting the main building of the UNL in the second half of the 1920s, when it stood as the first relevant university architectural exponent, after the Reform of 1918.

Different channels were opened to seek for the origins and motivations of the design decisions made by the architect, many of which we cannot affirm that they would have operated as explicit imperatives.

The trajectory covered philosophical-political issues, many of them inspired by what, for the reformists were “models” (the Free Educational Institution, the Student Residence, the Popular University of Oviedo); others enunciated elliptically by the “mentors” (Ortega and Gasset, d’Ors, Henríquez Ureña or Levene) but being able to verify, in all cases, the proximity between the Hispanist currents and reformist thought.

The figure of Ricardo Rojas is unavoidable at this point, and it is feasible to think that his opinions on Noel’s project for the FFyL of the UBA have had a strong impact on proposals for later

university buildings. The controversial figure of Ángel Guido also played a part due to his status as a professor at UNL, when he opted for an expression of a Hispanic nature.

On the other hand, the architect Torres Armengol had been giving accounts with his own work (which we have just enunciated), of the revival of these trends, which began at the time of the Centenary. Trends that emerged in the 1920s, in a cultural and aesthetic approximation with the Spanish world in the most diverse architectural programs. Thus, farmhouses, urban residences, rental buildings, a social club or large public buildings were masterfully resolved by Torres Armengol, within the so-called “neocolonial eclecticism”. (GUTIÉRREZ, 1971) The architect’s architectural culture was notable through his archive, by a series of documents that demonstrate a wide knowledge of Spanish architecture, and direct experience of many of the buildings in Salamanca, Alcalá de Henares, León, Oviedo, etc., mentioned above.

Thus, the return of Torres Armengol to the DNA in 1927, already an experienced professional, at the time the project was being discussed for the UNL, as well as the decision to assign it to him, when Belgrano Blanco, author of the first draft, is significant and cannot be understood as casual. We think that there could have been an express call for this project, although there are still no elements to prove it.

In the case at hand, an archaeological search for references may not be very productive, since they are never absolute and linear and can be screened by an infinite number of intertwining factors, by multiple experiences, sometimes capricious or incoherent, and by overlapping. of experiences from different periods.

But we believe we have shown that, in the conjugation and convergence of the multiplicity of factors that we have just covered, a work with a high originality content was produced in which architectural, artistic, and ideological values are associated, that give it an outstanding condition of historicity, whose reasons are worth noting.

## References

- BIAGINI, H. *El movimiento estudiantil reformista y sus mentores*, en BIAGINI, H. (comp.). *La Universidad de La Plata y el Movimiento Estudiantil*. La Plata: Ed. UNLP, 1999.
- BUSTELO, N. *La Reforma Universitaria y la recepción de Eugenio d’Ors*, en VIIª Jornadas de Sociología de la UNLP, La Plata: Ed. UNLP, 2012. Disponible en: <http://jornadassociologia.fahce.unlp.edu.ar>. Fecha de consulta: 14-03-2017.
- CAPITEL, A. *La construcción de la ‘Colina de los Chopos’ en Madrid*, de Antonio Flórez a Miguel Fisac, *Arquitectura*, Madrid, n. 241, IV época, p. 18-21, marzo-abril 1983.
- GANDOLFI, F.; GENTILE, E. *Ni muros áridos ni calles rectas. El espacio de la UNLP - 1897/1975*, 47 al Fondo, La Plata, n. 1, p. 10-17, sept. 1997.
- GUIDO, A. *Eurindia en la arquitectura americana*. Santa Fe, UNL, 1930.
- GUTIÉRREZ, Ramón. *Presencia y Continuidad de España en la Arquitectura Rioplatense, Separata Hogar y Arquitectura*, Madrid, n. 97, 1971.
- HENRÍQUEZ UREÑA, P. *Ensayos*. San José: Ed. Universidad de Costa Rica, 1998.
- LANTERI, C. *Pablo Vrillaud, líder de la juventud*. Santa Fe: Ediciones UNL, 1995.

- LUQUE, Mónica. *La idea de universidad. Estudios sobre Newman, Ortega y Gasset y Jaspers*. Washington: OEA, 1995.
- NIETO, V.; MORALES, A.; CHECA, F. *Arquitectura del Renacimiento en España, 1488-1599*. Madrid: Manuales Arte-Cátedra, 2009.
- PRADO, G. *La Universidad de Oviedo, Rafael Altamira y la JAE: Controversias en torno a la gestión de las relaciones intelectuales Hispano-Americanas (1909-1911)*; *Revista de Indias, Madrid*, v. LXVII, n. 239, p. 33-58, 2007.
- ROJAS, R. *Eurindia, ensayos de estética sobre cultura americana (1924)*. Buenos Aires: Centro Editor, 1980.
- ROJAS, R. *Facultad de Filosofía y Letras. Documentos del Decanato (1921-1924)*. Buenos Aires: Imprenta de la Universidad, 1924.
- ROJAS, R. *La Restauración Nacionalista (1909)*. Buenos Aires: La Facultad, 1922.
- ROJAS, R. *Tres Conferencias, San Miguel de Tucumán: E. García, 1915*.
- Tercer Congreso Universitario Anual, en Revista de la Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba: Ed. UNC, Año 13, n. 1-3, enero - marzo 1926*.
- VALLEJO, G. *El culto de lo bello, en BIAGINI, H. (comp.) La Universidad Nacional de la Plata y el movimiento estudiantil, La Plata: Ed. UNLP, 1999*.
- VALLEJO, G. *Escenarios de la cultura científica argentina. Ciudad y Universidad (1882-1955)*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

# LA ENSEÑANZA DE LA CONSERVACIÓN DEL PATRIMONIO CULTURAL EN EUROPA.

*Joaquin Ibáñez Montoya<sup>1</sup>.*

## *Resumen:*

Este texto trata de describir, críticamente, la situación de las experiencias didáctico-pedagógicas desarrolladas en la actualidad en Europa sobre el patrimonio cultural arquitectónico. Un reto pertinente para esta revista; ha sido un espacio germinal de esta disciplina y lo siguen siendo en sus procesos docentes. Pero, además, por si hiciera falta recordarlo, Europa no solo es parte fundacional de la red, sino que lo es de una complicidad cultural intercontinental muy estrecha. Conocer sus diversos mecanismos para transmitir su enseñanza en el mundo de la universidad, el ámbito acotado por la red, es clave a la hora de responder a los vigentes retos medioambientales y de desigualdad social. Desde los debates más recientes habidos en Europa y sus aficciones en la enseñanza, desde sus aplicaciones nacionales o sus referencias a futuro. Parte de su actual proceso integrador como proyecto, en todas sus escalas, esta disciplina ha entrado de lleno en los recientes planes de estudio del EEES. Su carácter multidisciplinar constituye el esqueleto de un nuevo paradigma por definir.

Palabras clave: Enseñanza /conservación/ patrimonio / cultura/ arquitectura/ Europa.

Este texto trata de describir, críticamente, la situación de las experiencias didáctico-pedagógicas desarrolladas en la actualidad en Europa sobre el patrimonio cultural arquitectónico. Un reto complejo, pero absolutamente pertinente en estos números fundacionales de esta revista asociada a la red Patrimonio Histórico+ cultural Iberoamericano PHI. Europa ha sido el espacio germinal de esta disciplina y lo sigue siendo en sus debates, en sus procesos docentes, hoy muy variados, que, además, por si hiciera falta recordarlo, son parte de los objetivos no solo de esta red sino resultado histórico de la estrecha relación cultural entre ambos continentes. Conocer pues los mecanismos actuales para transmitir esta enseñanza en el mundo de la universidad, cómo se insertan en las estrategias postpandemia para responder a la aceleración de los retos medioambientales y de desigualdad social en plena construcción de lo “europeo”. Hacerlo supone tres reflexiones: una primera sobre los debates más recientes habidos en Europa sobre este capítulo patrimonial, una

<sup>1</sup> Profesor Emérito de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad Politécnica de Madrid y secretario del Comité Científico de la red PHI Patrimonio Histórico +cultural Iberoamericano.

segunda sobre sus afecciones en la enseñanza y una tercera, de avances, sobre sus previsiones y objetivos a futuro. Una descripción de experiencias recogiendo la de las propias redes nacionales europeas de PHI, Portugal, Italia y España, las más propositivas, pero también, quizá por su mayor lejanía, no menos interesantes las noticias del resto del continente. Desde Chipre al Reino Unido, desde Eslovenia a Francia, pasando por el núcleo germánico, en su lectura realizada constatamos una elocuente dinámica. Un proceso de mestizaje integrador que caracteriza a la Cultura y que, en esta construcción europea, tan acelerada, de su mano, asume las inestabilidades conocidas con progresivas alianzas de todo tipo. Docencia que nos hablan no tanto de Pasado, o de Presente, como de su capacidad de Futuro. De miradas innovadoras en su pedagogía y de - ¿por qué no? - sugerentes procesos de ida y vuelta con América. Un rico debate multipolar que se percibe en una resignificación cultural de la Arquitectura que toca todas sus escalas, desde el espacio de habitar hasta los paisajes de lo rural, tan críticos en la Europa del Sur. Del papel jugado en los recientes planes de estudio derivado del EEES sobre esta disciplina, en cierto modo joven, ante las casuísticas del siglo XX, del patrimonio industrial o del Movimiento Moderno. De sostenibilidad y participación social, de tradiciones históricas y académicas diversas. De unas estrategias multidisciplinares de apoyo que se suman de en las universidades de los países revisados. La acción contemporánea de esta enseñanza constituye sin duda parte del esqueleto del nuevo paradigma cultural del siglo XXI. La experiencia de Europa puede ser, en este sentido, para la red PHI, un referente en este campo docente de la conservación patrimonial, de un patrimonio arquitectónico iberoamericano que ha desarrollado perfiles propios en los últimos cien años en sus parentescos, un aliado indudable <sup>2</sup>. Como los habidos para producir este texto. No quiero ni debo continuar sin destacar que lo aquí expuesto es no solo el fruto del esfuerzo de los editores para poner en pie esta tan ansiada revista sino de la confianza depositada en mi persona por un amplio grupo de colaboradores que me han ayudado a estructurar, de manera un tanto apresurada, esta panorámica. A unos y a otros, mi agradecimiento; y mis disculpas a todos, lectores incluidos, por no citar con el detalle pertinente a los diversos responsables de los programas, cursos o seminarios que se describen aquí en aras de intentar concentrar la máxima atención en los objetivos académicos más que en las personas<sup>3</sup>. Estructurar eficazmente esta reflexión sobre conservación patrimonial en una materia tan amplia conceptualmente y tan indeterminada geográficamente como son estas experiencias ha exigido algunos sacrificios.

La enseñanza de la conservación del patrimonio cultural en Europa no tiene desde luego hoy la condición central que podría tener hace medio siglo, aunque por razones externas como el propio proceso de integración política en el se encuentra sus estrategias docentes pueden ser ahora

<sup>2</sup> Ibáñez, Joaquín. (2015) *La red solidaria de los americanistas: una biblioteca hispánica*. En “Una empresa memorable de España hacia América. Kalam, Madrid, España. 978-84-7207-244-2

<sup>3</sup> Roberta Amirante, de la Universidad Federico II de Nápoles/Italia, Marco Bovati del Politécnico de Milán/ Italia, María García Hernández de la Universidad Complutense de Madrid/España, Andrés Martínez de la Universidad de Alicante, Magdalena Pinto da Silva de la Universidad de Porto/Portugal, Christine Fontaine de la Universidad de Lovaina/ Bélgica, Rui Lobo de la Universidad de Coímbra/Portugal, Elena Konstantinidou de la Universidad Técnica Nacional de Atenas /Grecia, Yiorgos Hadjichrisou de la Universidad de Nicosia/Chipre, María José Martínez de la Universidad de Stoke-on-Trent/ UK, Sinan Mielcic de la Universidad de Liubliana /Eslovenia, Javier Sánchez Merina de la Universidad de Alicante/España, Heiner Stengel de la *Internationale Hochschule Duales Studium* Hamburgo/Alemania, María Salerno de la Universidad de París/ Francia, Marco Trisciuglio del Politécnico de Turín/Italia, María Velasco de la Academia Europea de Patrimonio/ Austria, Soledad Vidal de la Universidad Técnica de Graz/Austria,

singularmente atractivas. Em aciertos y errores claro. Y evidentemente sobre el patrimonio cultural. El relato común necesario. Además, la ampliación democrática sufrida por la memoria colectiva lo convierte en un asunto difícil de abordar. En otra escala, resiliencia e imaginación se enuncian como los dos parámetros que los expertos de Naciones Unidas nos recomiendan incorporar para proyectar el futuro tras la pandemia sanitaria como protocolos desconocidos en el proyecto. Sin duda van a configurar de diferente manera el aprendizaje en los centros de enseñanza. Y luego están las experiencias habidas como la del Plan Nacional de Educación y Patrimonio del Instituto del Patrimonio Cultural de España que nos pueden hacer reflexionar sobre los propios límites de la educación. El *sapere aude* kantiano, educación y capacitación, que está detrás de muchas de las cuestiones a tratar. Al mundo universitario se le suman nuevos protocolos desde la educación cívica con unos retos medioambientales y de igualdad social, agudizados tras la caída del Muro de Berlín que solo parecen tener solución mediante un nuevo pacto social que amplie la base de la pirámide del Poder precisamente mediante estos instrumentos, mediante la enseñanza sobre el patrimonio cultural <sup>4</sup>.

Cuando hace diez años nos propusimos, en Belo Horizonte, en Brasil, en su Universidad Federal, en su bella Facultad de Arquitectura, poner en pie la sugerencia del entonces vicerrector de Relaciones Internacionales de la Universidad Politécnica de Madrid, la red PHI, junto a un grupo de diversas universidades de ambos continentes, estábamos pensando en todo esto. En desarrollar nuevos mecanismos docentes, como una plataforma tecnológica, quizá esta revista, para aglutinar las experiencias docentes y de investigación desarrolladas en ese espacio cultural iberoamericano. Diseñar una estrategia global innovadora para la conservación material de su arquitectura, fuera arqueológica, edilicia, urbana, territorial o paisajística, en un mundo en progresiva privatización y controlar su Memoria, su relato, desde las instituciones públicas. Pero obviamente no era solo un proyecto académico; se buscaba además de evitar su manipulación por terceros, invertir el conocido refrán de “dar gato por liebre”. Hacer que este campo disciplinar y su enseñanza fueran unos mecanismos para construir justo lo contrario: “dar liebre por gato”. Analizar aquí lo que pueda aportar el panorama europeo tiene pues, para PHI, todo el sentido del mundo. Su “constructo” histórico y geográfico fue no solo siempre muy próximo para América sino el foco generador global del proceso teórico que se quiere evaluar ahora. Conocer, aunque sea someramente los procesos seguidos para su enseñanza en estos momentos en lugares tan extremos como Moldavia o Islandia, Malta o Holanda, por decir algo, realidades culturales que se nos propone evaluar, ambiguas en lo espacial y en lo temporal, cicatrices y estratigrafías, espacios de mestizaje de los cuales extraer conocimiento. Una realidad inestable en la que cabe pensar más que de Pasado de capacidades como proyecto creativo. Enseñar a conservar, a intervenir sobre el patrimonio cultural en su condición arquitectónica del siglo XXI implica recoger los protocolos profundamente abiertos que en Europa se están produciendo., Dialogo, también debate, experiencia, pero, ante todo, acuerdos, convenios; artisticidad además de documento<sup>5</sup>. En unos límites que se parecen bastante al concepto clásico del *limes*; Europa es hoy un espacio habitado por los *limatenei* <sup>6</sup>. Por

<sup>4</sup> Diego Sánchez Ancochea, Catedrático de Economía Política para el Desarrollo de la Universidad de Oxford.

<sup>5</sup> Objetivos de Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030 de Naciones Unidas

<sup>6</sup> Trías, Eugenio. (1999) “La razón fronteriza”. Taurus, Barcelona, España. ISBN 84-233-3089-3

último, siempre quedará la deuda pendiente para futuros número de esta revista de hablar con más detalle de los diversos países, de las complicidades que el patrimonio cultural arquitectónico puede, y debe, establecer con la memoria intangible o con los universos digitales que en nuestros días se están abriendo.

La red PHI invita, quizá por vez primera, a casi todo el continente americano con una buena parte del europeo., desde mecanismos no profesionales, desde su capacitación como investigación, innovación, cooperación y gestión<sup>7</sup>, a un debate similar al producido en Europa en la segunda mitad del siglo pasado, en Italia. A una multiplicidad de interpretaciones basadas en el concepto de la Historia enfrentando diferentes lecturas, opiniones entorno a conceptos como autenticidad o jerarquización y sus compatibilidades, desde diferentes ideas de “valor”, para vincular su tratamiento al Proyecto. A redibujar la intervención, en su reversibilidad, manipulación, a incorporar lo “nuevo”. ¿Significaría que objeto, métodos y fines en la restauración sean compartidos por los distintos centros académicos? Evidentemente no. Aquellos debates llevaron a una variedad crítica de posiciones, pero también a superar las barreras ideológicas. Caracterizaron con su correspondiente influencia en los programas de enseñanza europea la idea del binomio conservación / restauración que enriqueció el proyecto arquitectónico. Conservación se convirtió en intervención, acción, interpretación desde el punto de vista cultural. El consenso se concretó en el Proyecto; las universidades ordenaron operaciones de orden, de jerarquía y procedimientos y la enseñanza de la conservación patrimonial dejó desde luego de ser una actividad estrictamente teórica; “cadáveres exquisitos”. Fue desde entonces mucho más un momento ejecutivo en el marco de una investigación avanzada que controlaba y gestionaba, desde la materialidad de la fábrica original, un amplio espacio disciplinar en el que su conocimiento preliminar era esencial no “una simple verificación de hipótesis”. Como disciplina no es un área de conocimiento. lo que permitía controlar la incorporación de lo “nuevo” en su actualización, con tecnologías y conexiones verticales, servicios. El acto proyectual es el centro del debate en la enseñanza europea contemporánea. a través de un grado progresivo de complejidad que impregna el conjunto de lo “construido” y cuya incorporación docente no tiene más de veinte años. Define los actuales planes de estudio en todas la facultades y escuelas, en mayor o menor medida, según las tradiciones culturales de cada región o país en Europa. Con diferentes interpretaciones a la hora de proponer como conservar y transmitir su carácter histórico, artístico o ambiental en su condición de documentación. Restaurar es pues, ante todo, una interrogación.

Las más de cuarenta escuelas en Italia lo hicieron sobre la condición industrial<sup>8</sup> a finales de los Setenta del pasado siglo. Un grupo intelectual reunido entonces entorno a la AIPAI, Associazione Italiana per il Patrimonio Archeologico Industriale<sup>9</sup>, decantó la iniciativa de los politécnicos de Turín, Milán, Padua y el Instituto Universitario de Arquitectura de Venecia. El Departamento de Economía de la Universidad de Padua<sup>10</sup> y su “Máster Interateneo de Especialización en

<sup>7</sup> Muñoz Cosme, Alfonso. (2020) “La intervención en el patrimonio arquitectónico en España, 1975-2015”. Universidad de Murcia, Murcia, España.

<sup>8</sup> Ronchetta, Chiara y Marco Triciuoglio. (2008) “Progettare per il patrimonio industriale”. Celid, Turín, Italia. ISBN 978-88-7661-790-4

<sup>9</sup> Asociada luego al TICCIH, The International Conservation Committee of Industrial Heritage.internacional,

<sup>10</sup> Coordinado por el profesor de Historia de la Economía, Gianluigi Fontana

Conservación, Gestión y Evaluación del Patrimonio Industrial” reunía la participación de numerosos centros de investigación, por supuesto de Nápoles, de la Universidad Federico II y su consecuencia docente fue el manual “Progettare per il Patrimonio industriale”, un verdadero libro de texto coordinado a su vez con la Universidad de Paris, La Sorbona, que acabó transformándose en un “Erasmus Mundus”: el Máster “Techniques, Patrimoine, Territoires de l’Industrie”. La citada asociación proponía un imaginativo proyecto docente en pleno cambio de siglo que desarrollaba una red de núcleos locales a escala nacional que pronto se convertirían en malla de pequeños museos, eco museos en el territorio, entes para la promoción de la industria o de sus paisajes vinculados, en la construcción de un cluster; todas las regiones dispusieron de un referente a partir del TICCIIH 2006 organizado en Trani, en Umbría<sup>11</sup>. Se generó un fenómeno muy interesante mediante el cual jóvenes “laureados” del máster se convirtieron en agentes en gestión local y departamental, promotores de la investigación y docencia del patrimonio industrial. Una especie de cambio generacional cuyos estudios se extienden al sur de Italia como reflejan la apertura de la Universidad de Basilicata, en Matera, en donde, hoy, existe una Cátedra de Arqueología Industrial, o de la Universidad de Sannio y Molise donde este capítulo cultural concentra el esfuerzo de la Historia Económica. Padua establecerá singulares raíces entre esta y la arquitectura; como Roma, en La Sapienza, o los politécnicos de Turín y Milán, el IUAV<sup>12</sup> o Nápoles. Describen una realidad actualizada por la investigación patrimonial<sup>13</sup> La Università degli Studi, de Génova, Estructura, un centro especializado en el análisis arqueológico estableciendo métodos de datación avanzados mediante la mensiocronología y la dendrocronología, Milán desarrolla sistemas de identificación orientados a la de catalogación y el apoyo proyectual sobre el sistema B I M sobre técnicas constructivas para la implantación del proyecto de restauración a escala urbana y, Florencia, consolidará un itinerario de restauración arqueológica<sup>14</sup>. Esta enseñanza ha adquirido un protagonismo indudable cubriendo campos insospechados como la restauración de los bienes del patrimonio eclesiástico aquí, en Italia.

En España esta enseñanza oscila entre las titulaciones de Grado o de Máster; lo que en Italia serían las lauras Triennale y Quinquennale. Desde diferentes áreas de conocimiento limítrofes al Proyecto puesto que no existe un campo específico para la conservación patrimonial, las aproximaciones se realizan desde Expresión Gráfica Arquitectónica, Composición Arquitectónica o Construcción Arquitectónica. La restauración de los bienes declarados según las diversas legislaciones, tanto en las Facultades italianas como en las Escuelas españolas de Arquitectura, se materializa con los enfoques propios de cada área. El acento se pondrá en el levantamiento de sus planos, en el manual o en la aplicación de las nuevas tecnologías de fotogrametría o 3D, estará en los materiales y sus técnicas, en la patología, el objetivo será el reciclaje de sus espacios para nuevos usos, en sus instalaciones y se tratará como una cuestión de identidad sociopolítica. En todo caso, las casuísticas del siglo XX

---

<sup>11</sup> Un grupo de la Universidad de Perugia, Italia.

<sup>12</sup> Responsable del próximo congreso EURAU *European Recherche Architecture et Urbanisme*, red fundada en el año 2004 por profesor Farid Ameziane, en la universidad de Marsella, Francia.

<sup>13</sup> Feiffer, Cesare. (2007). *Le tendenze del restauro italiano tra conservazione, recupero e ripristino*, en “Il restauro della Porta di S. Pietro I a S. Pietroburgo”,

<sup>14</sup> El cine expone con toda su crudeza el potencial del patrimonio industrial en los restos derivados de la crisis del mundo soviético en los países bálticos y sus amortizaciones culturales. El filme de Tarkoski titulado “Stalker”.

señaladas son novedad muy reciente en las más de treinta escuelas españolas. La implantación del nuevo plan de estudios derivado del EEES<sup>15</sup> las ha abierto a estos enfoques. En la joven Universidad de Alicante estos temas son expuestos como edificación y como escala urbana; su Grado en Arquitectura se centra en los conjuntos históricos y en el paisaje mientras su visión como reciclaje se plantea en el Trabajo Fin de Máster. El Movimiento Moderno se aborda dentro de una asignatura específica sobre teoría y proyecto de intervención en el patrimonio arquitectónico, con la ayuda de la Historia, “Teoría, Crítica y Patrimonio de la Arquitectura y de la Ciudad”. Supone un enfoque aplicado de restauración, rehabilitación, reutilización o reciclaje sobre el territorio, lo urbano o la arquitectura, desde sostenibilidad, enfatizando sus condiciones legislativas entre patrimonio-monumento, como instrumento de catalogación, crítica o criterios de aproximación tecnológica<sup>16</sup>. Una enseñanza que, aquí, podría distinguir tres momentos: como teoría clásica sobre el monumento en tanto que valor histórico, como la teoría flexible defendida por Ignasi de Solà-Morales, valor artístico, y como aprovechamiento de preexistencias en términos de valor de uso. Se dicta una asignatura “Técnicas de Intervención en el Patrimonio Edificado”<sup>17</sup> que usa los conceptos y habilidades ya adquiridos como competencias transversales en capacidad de trabajo en equipo, creatividad, resolución de problemas, pensamiento crítico o capacidad de negociación, asuntos esenciales en esta formación. En Alcalá ofrecen el “Master en Gestión Integral de Inmuebles Patrimoniales” y el de “Gestión Cultural e Industrias Creativas”; la Politécnica de Valencia<sup>18</sup> dispone de reconocidos especialistas en la restauración de la arquitectura tradicional además de una fuerte especialidad en arqueología iberoamericana; Sevilla imparte una visión muy amplia del tema como ocurre en la Politécnica de Madrid<sup>19</sup>, esta última en un taller interdepartamental único en su Escuela, “Fundamentos de la Patrimonio Cultural”, además de en un master de estudios propios, el “Master en Conservación y Restauración de Patrimonio Arquitectónico”, y otro especializado en Tecnología en los Edificios Históricos además de ofrecer un Programa de Doctorado y la singular experiencia del “Aula-Empresa en Gestión e intervención sobre el Patrimonio Cultural de la Arquitectura y la Industria”, entre arquitectura e ingeniería, fruto de un acuerdo con la Fundación privada ACS. En el extremo norte de la Península Ibérica, la Universidade da Coruña programa un “Máster Universitario en Rehabilitación Arquitectónica” mientras en su extremo sur, Las Palmas de Gran Canaria, cuenta con una gran experiencia no solo en el patrimonio de las Islas Canarias sino de los vecinos territorios africanos. Finalmente, las universidades del País Vasco<sup>20</sup> y de Valladolid que realizan conjuntamente un “Máster en Investigación e Innovación en Arquitectura” atento a su sostenibilidad<sup>21</sup> y, en la Politécnica de Barcelona, sigue activo el máster primigenio en esta enseñanza en España además ofertar el específico “Máster Plan director del Monasterio de Pedralbes” y del de Restauración de

<sup>15</sup> Espacio Europeo de Educación Superior

<sup>16</sup> <https://cvnet.cpd.ua.es/Guia-Docente/GuiaDocente/Index?wcodest=C207&wcodasi=35548&wlengua=es&asca=2022-23#>

<sup>17</sup> <https://cvnet.cpd.ua.es/Guia-Docente/GuiaDocente/Index?wcodest=C207&wcodasi=35549&wlengua=es&asca=2022-23>

<sup>18</sup> [https://www.upv.es/titulaciones/MUCPA/indexc.html?gclid=CjoKCQjwxIOXBhCrARIsAL1QFCZEnWyuLGoEQSPjk5FZoq\\_HuGp3ReH-oFq1ctJoBx0lj5wGDK2sXSyaAp8OEALw\\_wcB](https://www.upv.es/titulaciones/MUCPA/indexc.html?gclid=CjoKCQjwxIOXBhCrARIsAL1QFCZEnWyuLGoEQSPjk5FZoq_HuGp3ReH-oFq1ctJoBx0lj5wGDK2sXSyaAp8OEALw_wcB)

<sup>19</sup> El Máster del Patrimonio Cultural del siglo XXI es una experiencia piloto de colaboración entre la Universidad Complutense y la Universidad politécnica de Madrid.

<sup>20</sup> <https://www.ehu.eus/es/web/master/master-restauracion-patrimonio-construido>.

<sup>21</sup> En los términos enunciados por las Naciones Unidas.

Monuments promovido por la Mancomunidad de Cataluña. Al margen del mundo universitario se programa en otras instituciones de la administración pública como la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, AECID, en su política de cooperación con América. Las revistas de investigación suponen un importante apoyo, impresas<sup>22</sup> o en acceso abierto<sup>23</sup>; como la labor en las editoriales de arte y arquitectura que desde finales del siglo pasado<sup>24</sup>.

Portugal dispone de un repertorio docente igualmente amplio en esta enseñanza. La Escuela de Arquitectura de la Universidad del Miño oferta un curso de Teoría e Historia de Arquitectura y un Seminario sobre “Historia e Ucronia” y “Teoría y Tratadística”; la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Lisboa – *Escola de Massas*-, una “Maestría Integrada en Arquitectura de Interiores y en Rehabilitación de lo Edificado” además de sendas cátedras de “Conservación, Restauración y Rehabilitación” y de “Tecnologías en Rehabilitación y Conservación” que trabajan sobre áreas habitadas; y dispone, además, de un Departamento de Teoría e Historia de la Arquitectura en estos estudios. El Departamento de Estudios de Conservación del Instituto Superior Técnico de Lisboa, muy generalista, propone una asignatura de “Teoría de la Conservación y del Restauo” además de en una cátedra que complementa Proyectos; DINAMIA 7 – Centro de Investigación focaliza esta docencia en la metodología del proyecto de intervención dentro de la “Cátedra de Conservación y Sustentabilidad” con importante acento social y comunitario. En la Facultad de Arquitectura de la Universidad de Oporto se inició lo que se podría resumir como una enseñanza para “diseñar desde el pomo de la puerta a la ciudad”; su “Máster de Integral de Arquitectura” no distingue lo patrimonial de la formación habitual enunciando los temas en dos cátedras de “Rehabilitación de Edificios” e “Intervención Arquitectónica en Contextos Arqueológicos”. El doctorado se desarrolla tanto en esta última como en la de Évora, instalado, por cierto, este último, en una antigua fábrica –la *Fábrica dos Leões*– rehabilitada previamente. Una ligazón que no es solo a través de la docencia sino de la investigación; el seminario “Territorio/Lugar/Edificio” y las iniciativas del DAR-EU participan del programa “*Architecture, archaeology and tourism*” con la Universidad de Catania o con el “*Monument au Paysage*” de la Escuela de Arquitectura de Versalles; como el Laboratorio Hércules de la Cátedra UNESCO en “Patrimonio Material e Inmaterial”, una apuesta estratégica con el sur de España y Marruecos; en Oporto destaca su curso de estudios avanzados que proporciona formación en la organización del espacio, en su representación, como ejercicio de crítica y pensamiento teórico unido a la comprensión rigurosa e innovadora de las prácticas del proyecto en su vertiente cultural y social, desde lo habitacional y sus formas. Teoría, proyecto e historia, dinámica de las formas urbanas y patrimonio cultural se ofrecen complementaria para profundizar esta materia con nuevas perspectivas con el mundo artístico y cultural, político o sociológico, la ciencia y la matemática, la filosofía, la historia o el derecho. Un terreno de esta enseñanza que le es propio a las tesis doctorales; el Centro de Estudios de Arquitectura y Urbanismo dispone de un grupo de investigación dedicado específicamente al patrimonio de la arquitectura, la ciudad y el territorio; el MIARQ sobre “Patrimonio y Paisaje”, “Gestión”, “Análisis y Proyecto” con

<sup>22</sup> Loggia y R&R

<sup>23</sup> <https://polipapers.upv.es/index.php/loggia>  
<https://revistaseug.ugr.es/index.php/erph>.

<sup>24</sup> <https://sira-restauroarchitettonico.it/didattica/master/>

varias líneas como “Construir en lo Construido”, “Rehabilitación de edificios”; la Catedra Unesco “Patrimonio, Ciudad y Paisajes/ Gestión Sustentable, Conservación, Planeamiento y Proyecto”. Una tesis nacional destinada para sensibilizar sobre la importancia de este patrimonio cultural y fomentar su abordaje como paisaje entre investigación y sus fundamentos, sobre la historia o como una gestión de riesgos. La Facultad de Ciencias y Tecnología de la Universidad de Coímbra, su Departamento de Arquitectura, ofrece un “Máster Integral de Arquitectura” con una asignatura vinculada a la rehabilitación en el Seminario de Investigación que dio origen a los Laboratorios de Proyectos y de Teoría además de a otros cursos como la “Maestría ALA, *Architecture, Landscape and Archaeology*” dictada con las universidades de la Sapienza de Roma, la Federico II de Nápoles y la Técnica Nacional de Atenas. La “Maestría en Rehabilitación Urbana Integrada” hace lo equivalente con el Doctorado de Coimbra Studio sobre los patrimonios de influencia portuguesa en su CES, *Centro de Estudos Sociais*. Una estructura crítica sobre estos temas, sobre sus formas de ejecución y mantenimiento, de sostenibilidad, evaluación y visualización en su comunicación. Se persigue habilitar el dominio de conocimientos que permitan al arquitecto dialogar con los diferentes procesos de construcción/rehabilitación. Así lo entiende el curso de “Estudios Avanzados en el Patrimonio Arquitectónico del “Colegio do Patrimonio” de la Orden de Arquitectos,

En Francia son, hoy, veinte las escuelas públicas de Arquitectura existentes además de las privadas y de las de paisajismo. Dependen, significativamente, del Ministerio de Cultura<sup>25</sup> ya que antes eran una disciplina de las Bellas Artes; las Escuelas Nacionales, ENSA, con la actual reforma, están acercándose a un sistema universitario al que antes no pertenecían. La enseñanza de la conservación se aborda en ellas específicamente para poder trabajar en los edificios clasificados como Monumentos Históricos<sup>26</sup> una formación para convertirse en \*arquitecto de edificios franceses<sup>27</sup>. El posgrado de arquitectura, el DSA, el Diploma Nacional de Educación Superior, el “Cours de Chaillot”, en concreto, está adscrito al sistema educativo superior europeo como Diploma de Especialización y Profundización, con mención “Arquitectura y Patrimonio”. En estos momentos una importante modernización permitirá formar a los “arquitectos del patrimonio” para enfrentar además los desafíos de la clasificación, conservación e implementación de valores y así afrontar los retos de los cambios energéticos y sociales. En el caso de Paris-Belleville, su Diploma en “Arquitectura y patrimonio”, ofrece enseñanza sobre conservación, restauración y puesta en valor en lo monumental, urbano y paisajístico para intervenir en todos los niveles físicos existentes y poder elegir críticamente ante su transformación ya se trate de mantener o de restaurar un evento histórico o simplemente de adaptar un edificio a un nuevo uso o completar un proyecto urbano<sup>28</sup>; gestión de proyectos y riesgos.

Alemania organiza una enseñanza en el norte del país que ha producido interesantes transformaciones<sup>29</sup>. La conservación y transformación del patrimonio en Hamburgo es un campo

---

<sup>25</sup> <https://www.culture.gouv.fr/Thematiques/Architecture/Formations-recherche-et-metiers/Les-formations-d-architecte-et-de-paysagiste/Les-cursus-et-les-diplomes/Les-ecoles-nationales-superieures-d-architecture>

<sup>26</sup> <https://www.culture.gouv.fr/Espace-documentation/Rapports/La-reforma-de-las-escuelas-superiores-nacionales-de-arquitectura-ENSA-en-2018-Informe-de-etapa>.

<sup>27</sup> <https://www.loi-malraux-monuments-histoires.fr/explication-architecte-des-batiments-de-france/>

<sup>28</sup> <https://www.paris-belleville.archi.fr/formations/specialisations/dsa-architecture-et-patrimoine/>

<sup>29</sup> Expresamente por Hendrik Gruss. Universidad Internacional de Hamburgo

central en la educación contemporánea de la arquitectura, una materia muy valorada en los términos urbanos de la mutación constante de sus escalas y tipologías. La conservación de su memoria física juega un papel importante en el proceso iterativo de “hacer espacios urbanos” desde el diseño estricto en lo paisajístico o en la construcción de edificios. Supone un campo disciplinar que se enseña hoy en todas las escuelas de arquitectura y parte esencial en una sociedad muy compleja; el término “Bauen im Bestand” ha sido reemplazado por “Bauen mit Bestand” que se podría traducir como “construir con lo existente” en lugar del “construir en lo existente” más habitual algo que demuestra la alta valoración que se da al patrimonio arquitectónico y a su enseñanza en estas tierras, tanto al antiguo como al más reciente. En Alemania, como en otros muchos países de Europa, existe un debate muy actual sobre lo que el politólogo José Álvarez Junco ha escrito recientemente <sup>30</sup>; las arquitecturas del período oscuro del “nacionalsocialismo” como las del socialista de la Alemania dividida de la postguerra plantean discursos que ciertas reconstrucciones acrílicas que amenazan, por ejemplo, al capítulo de los ejemplos “brutalistas” de la desaparecida República Democrática Alemana; la reconstrucción crítica ha jugado un papel importante en la transformación de la ciudad-capital de Berlín. Son temas en realidad omnipresentes, muy europeos no solo alemanes, debates controvertidos en el proceso que remodela las ciudades que permean lógicamente la enseñanza aquí tratada. En la cercana Austria, en la Universidad Tecnológica de Viena la docencia de esta disciplina se oferta en varios centros académicos como su Institute of History of Art, Building Archaeology and Restoration y, en la Universidad de Innsbruck, en el Institut für Architekturtheorie und Baugeschichte. En la multicultural Bélgica los dos programas principales sobre el patrimonio cultural de la arquitectura se encuentran en Lovaina, en la flamenca, en el prestigioso Centro Internacional para la Conservación Raymond Lemaire, RLIIC, dedicado a la formación de expertos<sup>31</sup>. En Louvain-la-Neuve, la sede valona, existe también un “Máster en Conservación-Restauración del Patrimonio Cultural Inmobiliario”<sup>32</sup> que incluye el Centre des métiers du patrimoine - la Paix-Dieu à Amay<sup>33</sup>. Además de estos dos potentes centros existen otros programas en el país: en Amberes está la “Maestría en Estudios del Patrimonio” <sup>34</sup> y en Bruselas, la Vrije Universiteit Brussel <sup>35</sup> y la Universidad de La Cambre esta última con una acción docente en cooperación asociada al patrimonio cultural y, para terminar, está la Universidad Libre de Lieja con su “Máster Especializado en Patrimonio, Conservación y Restauración” <sup>36</sup>.

En el Mediterráneo oriental, en Grecia, la *Metsovio Polytechnics School* de Atenas, supone su más clara referencia docente al respecto<sup>37</sup>. Identificación, protección e integración constituyen el esqueleto del plan de estudios de la Escuela de Arquitectura de la Universidad Técnica Nacional de Atenas, la NTUA, que incluye cursos relacionados con la identificación y la gestión general de entornos históricos construidos. Su objetivo es aumentar la conciencia de los estudiantes en

<sup>30</sup> Álvarez Junco, José. (2022). “Qué hacer con un pasado sucio “. Galaxia Gutenberg, Barcelona, España. 978-84-18807-64-0

<sup>31</sup> [https://onderwijsaanbod.kuleuven.be/opleidingen/e/CQ\\_52688406.htm#activetab=diploma\\_omschrijving](https://onderwijsaanbod.kuleuven.be/opleidingen/e/CQ_52688406.htm#activetab=diploma_omschrijving)

<sup>32</sup> <https://uclouvain.be/prog-2022-patr2mc>><https://uclouvain.be/prog-2022-patr2mc>

<sup>33</sup> <https://agencewallonnedupatrimoine.be/nos-centres-de-formation/>

<sup>34</sup> <https://www.uantwerpen.be/en/study/programmes/all-programmes/master-heritage-studies/>

<sup>35</sup> <https://www.vub.be/en/vub-heritage#patrimoine>

<sup>36</sup> <https://www.programmes.uliege.be/cocoon/20212022/en/formations/condac/T3CONSo1.html>

<sup>37</sup> A través de la coordinación de Elena Konstantinidou.

procesos de pensamiento relacionados con la investigación histórica y arquitectónica del entorno y su análisis urbano: estudios arquitectónicos y de análisis, estudio de monumentos y conjuntos históricos, diseño arquitectónico que introducen su proceso contemporáneo dentro de un contexto histórico con asignaturas en Protección y Restauración de Monumentos y Conjuntos Históricos y Análisis Estructural y Restauración de Edificios Históricos. Son temáticas que la han convertido en foco de conferencias y proyectos con intervenciones en conjuntos arquitectónicos, ciudades-asentamientos, en edificios históricos, en complejos industriales interpretando y promocionando los sitios arqueológicos. La Escuela de Arquitectura elabora un Programa Interdepartamental de Estudios de Posgrado denominado “Protección de Monumentos” con cursos para la formación de científicos en la documentación, protección y preservación del patrimonio del país, de sus monumentos de todas las épocas, en sus estructuras tradicionales o modernas, en todo aquello de trascendencia para la civilización griega. Son cursos que facilitan el conocimiento de las características de las ciudades y de los asentamientos históricos, de su metodología, para asegurar una protección “integral” que incluya su desarrollo sostenible. Se trata de una enseñanza relacionada con la protección y la gestión entendidas como una parte vital de la educación del arquitecto en medio del entorno globalizado presente. En la Isla de Chipre, la universidad privada de Nicosia desarrolla también un curso de patrimonio cultural que trabaja con estrategias muy imaginativas de talleres o festivales; como el proyecto “*Green Urban Lab*” ejecutado en colaboración con la ONG *Urban Gorillas*<sup>38</sup> sobre las fortificaciones históricas de las ciudades chipriotas para reivindicar su identidad. Busca investigar sobre los edificios tradicionales en varias direcciones como el reto de los concursos y premios. La Universidad Frederic, otro centro privado en Nicosia, dispone de una “Maestría en Conservación Patrimonial”, y, en Pafos, la antigua Neapolis, se ofrece también docencia al respecto. En la Universidad de Chipre, estatal, existen asimismo cursos especializados en esta disciplina.

Mas al norte, en los Balcanes, se ofrecen clases especializadas en Belgrado, en la capital de Serbia, así como en las universidades más relevantes de Eslovenia, en Liubliana, en su Facultad de Arquitectura, un país en el que también existen cursos en la Universidad de Maribor aunque menos especializados que en la anterior. Cambiando radicalmente este recorrido académico por Europa, yendo a la costa norte del continente, a la reciente Facultad de Arquitectura de Stoke-on-Trent, dentro de la filosofía universitaria de los programas plurales del Reino Unido, como heredera de la Universidad de Birmingham, y desde su ejemplar espacio de antigua fábrica rehabilitada, este lugar central de la industria de la cerámica histórica inglesa señala desde su origen las tres rutas principales para acreditarse en esta materia<sup>39</sup>. Un periplo en fin en el que hay que lamentar, como ya adelantó al inicio de este texto, la falta de noticias de regiones tan importantes como el mundo escandinavo o el báltico, de grandes países -patrimonialmente hablando- como Polonia, Holanda, Irlanda, Suiza, o de los derivados de la antigua Yugoslavia. Que países fundadores de la interpretación moderna del patrimonio cultural de la arquitectura como Holanda y su proyecto DoCoMoMo, creado precisamente en una universidad, en Hilversum, no estén presentes es un disparate por

---

<sup>38</sup> Yiorgos Hadjichrisou es miembro de la citada ONG.

<sup>39</sup> <http://students.arb.org.uk>

remediar. Tómese pues esta reflexión como un primer avance muy desigual en sus enfoques, como un muestreo de sus posibilidades a futuro en términos de enseñanza. Evidentemente son todavía muchas las diferencias hoy en este campo de la conservación patrimonial de la arquitectura entre los países europeos, pero también es cierto que cada más lo son las aproximaciones en este continente en plena construcción tras un siglo de dramáticos desencuentros identitarios. Hablar de la actualidad de su enseñanza sobre el Patrimonio Cultural de la Arquitectura es algo más que un compromiso académico. Lo es también político. Siempre lo fue seguramente. Por tanto, potenciar una enseñanza que sume desde el valor de la riqueza cultural común se ha convertido en unos de los objetivos de sus instituciones no solo educativas sino gubernamentales objetivos, en un constructor fundamental de acuerdos en el siglo XXI. Europa, si es algo en el siglo XXI, será Cultura. Un relato propositivo que tiene mucho que decir a un proyecto académico como es la red PHI.

La interpretación nacionalista del Patrimonio Cultural de Europa es “agua pasada”. Hoy su enseñanza se interesa no en identificar diferencias si no en reforzar aquello que une<sup>40</sup>. El EEES homogeneizó, como se ha visto, los planes de estudio de toda Europa pero ahora el objetivo es generar alianzas entre las universidades para construir títulos conjuntos.<sup>41</sup> Trabajo en equipo, convenios. El patrimonio cultural no es en sí un área de conocimiento, pero esta progresivamente más y más presente en los programas europeos no solo de docencia sino de investigación, desde el extinguido H2020 al emergente *Nextgeneration*, en su *topic* “*Cultural Heritage*”<sup>42</sup>. Las fronteras de esta realidad política en construcción lejos de ser un problema desde el punto de vista de esta enseñanza patrimonial son en la actualidad un verdadero activo. El reto como se ha expuesto es diseñar mecanismos para garantizar el acceso a su identidad colectiva aportando no solo capacitación de calidad sino educación cívica. Con su disponibilidad estructural el patrimonio de la arquitectura añade riqueza a esta última disciplina<sup>43</sup>. Los procesos de enseñanza aquí expuestos describen un abordaje docente que buscan, mediante vías imaginativas, como definir ese paisaje construido por los siglos para amortizar mejor sus oportunidades. En este continente profundamente urbanizado, “arquitectonizado”, todo es patrimonio cultural. Un gran espacio público. Una presencia que abre hoy sin ninguna duda una nueva concepción de hacer arquitectura, muy asociada a la modernidad, por cierto, en ese diálogo permanente entre Naturaleza y Cultura<sup>44</sup>. Su sostenibilidad dota de nuevas dimensiones a un ecosistema íntimamente ligado a esta resignificación contemporánea. Entre progreso y obsolescencia, entre la especulación económica galopante y las exigencias de su durabilidad como valor colectivo solo una actitud responsable ante el futuro, con su enseñanza, puede asegurar el éxito de la empresa. Como un proceso de memoria en continua adaptación, de nuevos capítulos de identidad, exige innovadoras estrategias docentes. Complicidad social por

<sup>40</sup> El proyecto universidad de Universidades UOU coordinado por Javier Sánchez Merina, con más cuarenta, aglutina este objetivo innovador en torno al proyecto arquitectónico dentro de las nuevas maneras de generar enseñanza de respuesta rápida e imaginativa a los problemas emergentes. Una experiencia docente en plena expansión en Europa a la que se ha sumado recientemente María Luna Nobile en Suecia, en la Universidad de Umea.

<sup>41</sup> Con proyectos como la “Universidad del Futuro” sobre la iniciativa Universidades Europeas de la UE <https://education.ec.europa.eu/es/education-levels/higher-education/european-universities-initiative>. Sobre la Alianza Una Europa <<https://www.una-europa.eu/>> en la que participa la UCM, que ha tomado el *topic* “Cultural Heritage” <<https://www.una-europa.eu/initiatives?focus-areas=culturalheritage>> como un eje prioritario de trabajo para crear títulos europeos conjuntos.

<sup>42</sup> “Eelisa” sobre la iniciativa Universidades Europeas de la UE:

<sup>43</sup> El proyecto europeo de Nueva Bauhaus propone a la universidad en este reto.

<sup>44</sup> Véanse los objetivos políticos de la declaración de la Comisión Europea conocidos como “*Green Deal*”

supuesto que incorpore paulatinamente nuevas armas de defensa ante las presiones conocidas. Son fenómenos que se retroalimentan, entre arquitectura y ciudad, desde sus paisajes y territorios vaciados, como lugares en transición del Antropoceno. Aportaciones docentes, recientes, de innovación e imaginación, que implican, además de asegurar su conservación, tesis desconocidas sobre asuntos tan presentes como las minorías o las migraciones, garantías de derechos, calidad de vida. Recuperar el sentido original de la Cultura como “cultivar”.

# THE TEACHING OF THE CONSERVATION OF CULTURAL HERITAGE IN EUROPE

*Joaquin Ibáñez Montoya<sup>1</sup>*

## *Abstract:*

This text tries to describe, critically, the situation of the didactic-pedagogical experiences currently developed in Europe on architectural cultural heritage. A pertinent challenge for this journal has been a germinal space for this discipline and continues to be so in its teaching processes. But, moreover, in case it is necessary to remind, Europe is not only a founding part of the network, but also a very close intercontinental cultural complicity. Know its various mechanisms to transmit its teaching in the university world, the scope delimited by the network, is critical when it comes to responding to today's environmental challenges and social inequality. From the most recent debates in Europe and its effects on education, from its national applications or its references to the future. Part of its integrative present process as a project, at all its scales, this discipline has fully entered the recent curricula of the EHEA. Its multidisciplinary character constitutes the skeleton of a new paradigm to be defined.

**Key words:** Education / conservation / heritage / culture / architecture / Europe.

This text tries to describe, critically, the situation of the didactic-pedagogical experiences currently developed in Europe with regard to architectural cultural heritage. A complex challenge, but absolutely pertinent in these foundational issues of this journal associated with the Ibero-American Historical + Cultural Heritage PHI Network. Europe has been the germinal space of this discipline and it continues to be so in its debates, in its teaching processes, today very diversified, which, in addition, in case it is necessary to remind, that it is part of the objectives not only of this network but also for a historical result of the close cultural relationship between both continents. Therefore, to understand the current mechanisms to transmit this teaching in the world of the universities, how they are inserted in the post-pandemic strategies to respond to the environmental challenges and social inequality speed-up, in full construction of the "European". Doing this involves three reflections: a first on the most recent debates that have taken place in Europe on this heritage related chapter; a second on its effects on teaching; and a third, in progress, on its

---

<sup>1</sup> Professor Emeritus of the Higher Technical School of Architecture of the Polytechnic University of Madrid and secretary of the Scientific Committee of the Ibero-American Historical + Cultural Heritage PHI network.

forecasts and objectives for the future. A description of experiences collected from the European national networks of PHI, Portugal, Italy and Spain, the most proactive, but also, perhaps due to their greater distance, the news from the rest of the continent is no less interesting. From Cyprus to the United Kingdom, from Slovenia to France, crossing the Germanic core area, in its reading we observe an eloquent dynamic. An inclusive mixing process that characterizes Culture and that, in this European construction, so fast, by its own hand, takes on the known instabilities with progressive alliances of all kinds. Teaching that speaks to us not so much about the Past, or the Present, but about its capacity for the Future. About innovative perspectives in pedagogy and - why not? - suggestive round-trip processes with America. A rich multipolar debate that is perceived in a cultural redefinition of Architecture that touches all its scales, from the living space to the rural landscapes, so critical in Southern Europe. The role played in the recent curricula derived from the EHEA on this discipline, somewhat young, before the casuistry of the 20th century, industrial heritage or the Modern Movement. About sustainability and social participation, about diverse historical and academic traditions. About some multidisciplinary support strategies that are added to the universities of the countries observed. The contemporary action of this teaching undoubtedly constitutes part of the skeleton of the new cultural paradigm of the 21st century. The European experience can be, in this sense, for the PHI Network, a benchmark in this teaching field of heritage conservation, of an Ibero-American architectural heritage that has developed its own profiles in the last hundred years in its kinship, an unquestionable ally<sup>2</sup>. Like the ones used to produce this text. I do not want to, nor should I continue without highlighting that, what is presented here is not only the result of the editors' efforts to put this long-awaited journal on its feet, but rather the trust placed in me by a large group of collaborators who have helped me to structure, somewhat hastily, this overview. To everyone, my thanks; and my apologies, readers included, for not citing the pertinent details of the several people responsible for the programs, courses or seminars described here, in order to try to concentrate maximum attention on the on academic objectives rather than on people<sup>3</sup>. Effectively structuring this reflection on heritage conservation in a subject as conceptually broad and geographically indeterminate as these experiences, has required some sacrifices.

The teaching of cultural heritage conservation in Europe certainly does not have the central condition today that it could have had half a century ago, although for external reasons, such as the political integration process itself, the teaching strategies can now be singularly attractive. Not without hits and misses, of course. And obviously related to cultural heritage. The essential common story. In addition, the democratic expansion suffered by the collective memory, makes

<sup>2</sup> Ibáñez, Joaquín. (2015) *La red solidaria de los americanistas: una biblioteca hispánica*. En "Una empresa memorable de España hacia América. Kalam, Madrid, España. 978-84-7207-244-2

<sup>3</sup> Roberta Amirante, de la Universidad Federico II de Nápoles/Italia, Marco Bovati del Politécnico de Milán/ Italia, María García Hernández de la Universidad Complutense de Madrid/España, Andrés Martínez de la Universidad de Alicante , Madalena Pinto da Silva de la Universidad de Porto/Portugal , Christine Fontaine de la Universidad de Lovaina/ Bélgica , Rui Lobo de la Universidad de Coímbra/Portugal, Elena Konstantinidou de la Universidad Técnica Nacional de Atenas /Grecia , Yiorgos Hadjichrisou de la Universidad de Nicosia/Chipre, María José Martínez de la Universidad de Stoke-on-Trent/ UK, Sinan Mielcic de la Universidad de Liubliana /Eslovenia, Javier Sánchez Merina de la Universidad de Alicante/España, Heiner Stengel de la Internationale Hochschule Duales Studium Hamburgo/Alemania, María Salerno de la Universidad de París/Francia, Marco Trisciuglio del Politécnico de Turín/Italia, María Velasco de la Academia Europea de Patrimonio/ Austria, Soledad Vidal de la Universidad Técnica de Graz/Austria,

it a difficult issue to address. On a different scale, resilience and imagination are stated as the two parameters that United Nations experts recommend us to incorporate to project the future after the health pandemic as unknown protocols in the project. Undoubtedly, they will configure learning in schools in a different way. And then there are the experiences such as the *Plan Nacional de Educación y Patrimonio del Instituto del Patrimonio Cultural* of Spain that can make us reflect on the very limits of education. The Kantian *sapere aude*, education and training, which is behind many of the issues to be dealt with. New protocols from civic education are added to the university world with some environmental and social equality challenges, exacerbated after the fall of the Berlin Wall that only seem to have a solution through a new social pact that broadens the base of the pyramid of Power precisely through these instruments, through teaching about cultural heritage<sup>4</sup>.

When, ten years ago we proposed in Belo Horizonte, Brazil, at *Universiade Federal de Minas Gerais*, in its beautiful Faculty of Architecture, to set up the suggestion of the then Vice-Dean for International Relations of *Universidad Politécnica de Madrid*, the PHI Network and together with a group of several universities from both continents, we were thinking about all this. In developing new teaching mechanisms, such as a technological platform, or perhaps this journal, can bring together the teaching and research experiences developed in this Ibero-American cultural space. Designing an innovative global strategy for the material conservation of architecture, whether archaeological, built, urban, territorial or landscape, in a world in progressive privatization and control its memory, its story, of public institutions. But obviously it wasn't just an academic project; in addition to avoiding its manipulation by third parties, it was sought to reverse the well-known proverb of "buying a pig in a poke". Making this disciplinary field and its teaching mechanisms to do just the opposite: "a safe bet". Therefore, for PHI, analyzing here in what way the European panorama can contribute, makes all the sense in the world. Its historical and geographic "construction" was not only always very close to America but was also the global generating focus of the theoretical process that we now want to evaluate. Knowing, even if only the processes followed for their teaching at these times in places as extreme as Moldavia or Iceland, Malta or Holland, to mention something, cultural realities that we propose to evaluate, ambiguous in terms of space and time, scars and stratigraphies, spaces of miscegenation from which we can extract knowledge. An unstable reality in which it is possible to think more than Past capacities as a creative project. Teaching to conserve, to intervene on cultural heritage in its architectural condition of the 21st century implies gathering the deeply open protocols that are taking place in Europe. Dialogue, also debate, experience, but, above all, agreements, conventions; artisticity as well as document<sup>5</sup>. Within limits that are quite similar to the classic concept of limes; Europe is today a space inhabited by the *limatenei*<sup>6</sup>. Finally, there will always be a pending debt for future issues of this journal to inform, accurately, about the different countries, about the complicity that the architectural cultural heritage can, and should, establish with intangible memory or with the digital universes that are being found nowadays.

---

<sup>4</sup> Diego Sánchez Ancochea, Catedrático de Economía Política para el Desarrollo de la Universidad de Oxford.

<sup>5</sup> Sustainable Development Goals of the United Nations 2030 Agenda.

<sup>6</sup> Trías, Eugenio. (1999) "La razón fronteriza". Taurus, Barcelona, España. ISBN 84-233-3089-3

The PHI Network invites, perhaps for the first time, almost the entire American continent with a good part of the European, from non-professional mechanisms, from their training as research, innovation, cooperation, and management<sup>7</sup>, to a similar debate that is done in Europe in the second half of the last century, particularly in Italy. To a multiplicity of interpretations based on the concept of History facing different readings, opinions around concepts such as authenticity or hierarchy and their compatibilities, from different ideas of “value”, to link their approach to the Project. To redraw the intervention, in its reversibility, manipulation, to incorporate the “new”. Would it mean that the object, methods, and purposes of restoration are shared by the different academic centers? Obviously not. Those debates led to a critical range of positions, but also to overcoming ideological barriers. They characterized, with their corresponding influence in the European education programs, the idea of the conservation/restoration binomial that enriched the architectural project. Conservation became intervention, action, interpretation from the cultural point of view. The consensus materialized in the Project; the universities established operations of order, hierarchy, and procedures, and the teaching of heritage conservation ceased, of course, to be a strictly theoretical activity. “exotic corpses”. Since then, it was much more an executive moment in the framework of an advanced investigation that controlled and managed, from the materiality of the original factory, a wide disciplinary space in which its preliminary knowledge was essential, not “a simple verification of hypotheses”. As a discipline it is not an area of knowledge. which allowed controlling the incorporation of the “new” in its update, with technologies and vertical connections, services. The design act is the center of the debate in contemporary European education. through a progressive degree of complexity that permeates all that is “built” and whose teaching incorporation is not more than twenty years old. It defines the current curricula in all faculties and courses, to a greater or lesser extent, according to the cultural traditions of each region or country in Europe. With different interpretations when proposing how to preserve and transmit its historical, artistic, or environmental character as documentation. Restoring is, then, above all, a question.

The more than forty schools in Italy did it on the industrial<sup>8</sup> condition at the end of the 70's of the last century. An intellectual group gathered then around AIPAI, *Associazione Italiana per il Patrimonio Archeologico Industriale*<sup>9</sup>, chose the initiative of the polytechnics of Turin, Milan, Padua and the *Istituto Universitario de Architettura* of Venice. The Department of Economics of the University of Padua<sup>10</sup> and its “Interateneo Master of Specialization in Conservation, Management and Evaluation of Industrial Heritage” brought together the participation of considerable research centers, obviously from Naples, from the Federico II University and its teaching consequence was the manual “*Progettare per il Patrimonio industriale*”, a genuine textbook coordinated in turn with the University of Paris, La Sorbonne, which ended up becoming an “Erasmus Mundus”: the Master “*Techniques, Patrimoine, Territoires de l'Industrie*” The aforementioned association proposed an imaginative teaching design at the turn of the century that developed a network of local centers

<sup>7</sup> Muñoz Cosme, Alfonso. (2020) “La intervención en el patrimonio arquitectónico en España, 1975-2015”. Universidad de Murcia, Murcia, España.

<sup>8</sup> Ronchetta, Chiara y Marco Triciuoglio. (2008) “Progettare per il patrimonio industriale”. Celid, Turín, Italia. ISBN 978-88-7661-790-4

<sup>9</sup> Later associated with TICCIH, The International Conservation Committee of Industrial Heritage.

<sup>10</sup> Coordinated by the professor of History of Economics, Gianluigi Fontana.

on a national scale that would soon become a network of small museums, territory eco museums, entities for the promotion of the industry or its landscapes, linked, for the construction of a cluster. All the regions had a reference from the TICCIH 2006 organized in Trani, Umbria<sup>11</sup>. A very interesting phenomenon was generated through which young “laureates” of the master’s degree became agents in local and departmental management, promoters of industrial heritage research and teaching. A kind of generational change whose studies extend to southern Italy as reflected by the foundation of the University of Basilicata, in Matera, where, today, there is a course in Industrial Archeology or the University of Sannio and Molise, where this cultural chapter focuses its efforts on Economic History; Padua will establish unique roots between itself and architecture; like Rome, in *La Sapienza*, or the Polytechnics of Turin and Milan, the IUAV<sup>12</sup> or Naples. They describe a reality updated by heritage research<sup>13</sup> The *Università degli Studi* of Genoa, organizes a center specialized in archaeological analysis establishing advanced dating methods through mensiochronology and dendrochronology. Milan develops identification systems aimed at cataloging and support projects on the B I M system on construction techniques for the implementation of the restoration project on an urban scale and Florence will consolidate an archaeological restoration<sup>14</sup> itinerary. This teaching has acquired an unquestionable role, covering unsuspected fields such as the restoration of ecclesiastical heritage in Italy.

In Spain, this teaching oscillates between Bachelor’s or Master’s degrees; what in Italy would be the *Triennale and Quinquennale* laurels. From different areas of knowledge bordering the Project, since there is no specific field for heritage conservation, the approaches are made from Architectural Graphic Expression, Architectural Composition or Architectural Construction. The restoration of assets declared according to the various laws, both in the Italian Faculties and in the Spanish Schools of Architecture, is carried out with the approaches specific to each area. The highlight will be placed on drawing up plans, on the manual or on the application of new photogrammetry or 3D technologies, in the materials and their techniques, in the pathology; the objective will be the recycling of spaces for new uses in its facilities and will be treated as a matter of sociopolitical identity. In any case, the casuistry of the 20th century indicated are very recent novelty in the more than thirty Spanish schools. The implementation of the new study plan derived from the EHEA<sup>15</sup> has opened them up to these approaches. At the young University of Alicante these issues are exposed as a building and as an urban scale; its Degree in Architecture focuses on historical ensembles and landscape, while recycling vision is raised in the Master’s Thesis. The Modern Movement is addressed within a specific subject on theory and intervention design in architectural heritage, with the help of History, “Theory, Criticism and Architectural Heritage and the City”. It supposes an applied approach of restoration, rehabilitation, reuse or recycling

---

<sup>11</sup> A group from Universidad de Perugia, Italy..

<sup>12</sup> Responsible for the next EURAU European Recherche Architecture et Urbanisme congress, a network founded in 2004 by Professor Farid Ameziame, at the University of Marseille, France..

<sup>13</sup> Feiffer, Cesare. (2007). *Le tendenze del restauro italiano tra conservazione, recupero e ripristino*, en “Il restauro della Porta di S. Pietro I a S. Pietroburgo”.

<sup>14</sup> El cine expone con toda su crudeza el potencial del patrimonio industrial en los restos derivados de la crisis del mundo soviético en los países bálticos y sus amortizaciones culturales. El filme de Tarkoski titulado “Stalker”.

<sup>15</sup> European Higher Education Area (*Espacio Europeo de Educación Superior*, in Spanish).

on the territory, urban or architecture, from sustainability, emphasizing its legislative conditions between heritage-monument, as an instrument of cataloging, criticism or criteria of technological approach<sup>16</sup>. A teaching that, here, could distinguish three moments: as a classical theory on the monument as a historical value, as the flexible theory defended by Ignasi de Solà-Morales, artistic value, and as a use of pre-existences in terms of use value. A subject “*Técnicas de Intervención en el Patrimonio Edificado*”<sup>17</sup> is taught that uses the concepts and skills already acquired as transversal skills in teamwork capacity, creativity, problem solving, critical thinking or negotiation skills, essential issues in this training. In Alcalá they offer the “*Master en Gestión Integral de Inmuebles Patrimoniales*” and the “*Gestión Cultural e Industrias Creativas*”; the Polytechnic of Valencia<sup>18</sup> has recognized specialists in the restoration of traditional architecture as well as a strong specialty in Ibero-American archaeology; Seville imparts a very broad vision of the subject as it happens in the Polytechnic of Madrid<sup>19</sup>, the latter in an interdepartmental workshop unique in its School, “*Fundamentos de la Patrimonio Cultural*”, as well as in a master’s degree of its own studies, the “*Master en Conservación y Restauración de Patrimonio Arquitectónico*”, and another specialized in Technology of Historic Buildings, in addition to offering a Doctorate Program and the unique experience of the “*Aula-Empresa en Gestión e intervención sobre el Patrimonio Cultural de la Arquitectura y la Industria*”, between architecture and engineering, the result of an agreement with the private ACS Foundation. In the extreme north of the Iberian Peninsula, the University of Coruña program, a “*Máster Universitario en Rehabilitación Arquitectónica*” while in its extreme south, *Las Palmas de Gran Canaria*, it has extensive experienced not only in the heritage of the Canary Islands but also of neighboring African territories. Finally, the universities of the Basque Country<sup>20</sup> and Valladolid that jointly carry out a “*Máster en Investigación e Innovación en Arquitectura*” attentive to its sustainability<sup>21</sup> and, at the Polytechnic of Barcelona, the original master’s degree in this teaching in Spain is still active, in addition to offering the specific “*Máster Plan director del Monasterio de Pedralbe*” and the Restoration of Monuments promoted by the Commonwealth of Catalonia. Apart from the university world, it is planned that other public administration institutions, such as the Spanish Agency for International Development Cooperation, AECID, a cooperation policy with America. Research journals are also an important support, printed<sup>22</sup> or open access<sup>23</sup>; like work in art and architecture publishing houses since the end of the last century<sup>24</sup>.

Portugal has an equally wide teaching repertoire in this teaching. The School of Architecture of the University of Miño offers a course on Theory and History of Architecture and a Seminar on

<sup>16</sup> <https://cvnet.cpd.ua.es/Guia-Docente/GuiaDocente/Index?wcodest=C207&wcodasi=35548&wlengua=es&scala=2022-23#>

<sup>17</sup> <https://cvnet.cpd.ua.es/Guia-Docente/GuiaDocente/Index?wcodest=C207&wcodasi=35549&wlengua=es&scala=2022-23>

<sup>18</sup> [https://www.upv.es/titulaciones/MUCPA/indexc.html?gclid=CjoKCQjwxIOXBhCrARIsAL1QFCZEnWyuLGoEQSPjk5FZoq\\_HuGp3ReH-oFq1ctJoBxoIj5wGDK2sXSyaAp8OEALw\\_wcB\)](https://www.upv.es/titulaciones/MUCPA/indexc.html?gclid=CjoKCQjwxIOXBhCrARIsAL1QFCZEnWyuLGoEQSPjk5FZoq_HuGp3ReH-oFq1ctJoBxoIj5wGDK2sXSyaAp8OEALw_wcB))

<sup>19</sup> The Master’s in Cultural Heritage of the 21st century is a pilot collaborative experience between the Complutense University and the Polytechnic University of Madrid.

<sup>20</sup> <https://www.ehu.eus/es/web/master/master-restauracion-patrimonio-construido>.

<sup>21</sup> In the terms enunciated by the United Nations.

<sup>22</sup> Loggia y R&R.

<sup>23</sup> <https://polipapers.upv.es/index.php/loggia> <https://revistaseug.ugr.es/index.php/erph>

<sup>24</sup> <https://sira-restauroarchitetonico.it/didattica/master/>

“History and Ukraine” and “Theory and Treatise”; the Faculty of Architecture of the University of Lisbon - *Escola de Massas* -, an “Integrated Master’s Degree in Interior Architecture and Rehabilitation of Buildings” as well as two courses on “Conservation, Restoration and Rehabilitation” and “Technologies in Rehabilitation and Conservation” that are applied in inhabited areas; and also holds a Department of Theory and History of Architecture in these studios. The Department of Conservation Studies of the Higher Technical Institute of Lisbon, very generalist, proposes a subject on “Theory of Conservation and Restoration” in addition to a course that complements Projects, DINAMIA 7 – Research Center focuses this teaching on the methodology of the intervention project within the “Conservation and Sustainability Course” with an important social and community emphasis. At the Faculty of Architecture of the University of Porto, what could be summarized as a course to “design from the doorknob to the city” began; its “Mestrado Integrado em Arquitectura” does not distinguish the heritage from the usual training, enunciating the topics in two courses on “Rehabilitation of Buildings” and “Architectural Intervention in Archaeological Contexts”. The doctorate takes place both in the latter and in Évora, which is located in an old factory – the *Fábrica dos Leões* – previously rehabilitated. A link that is not only through teaching but also through research; the “Territory/Place/Building” seminar and the DAR-EU initiatives participate in the “Architecture, archeology and tourism” program with the University of Catania or with the “*Monument au Paysage*” of the Versailles School of Architecture; such as the Hercules Laboratory of the UNESCO Course in “Tangible and Intangible Heritage”, a strategic bet with the south of Spain and Morocco; in Porto, its advanced study course stands out, providing training in the organization of space, in its representation, as an exercise in criticism and theoretical thinking together with a rigorous and innovative understanding of design practices in its cultural and social aspects, from the housing aspect and its types. Theory, design and history, dynamics of urban forms and cultural heritage are offered to deepen this subject with new perspectives with the artistic and cultural, political or sociological world, science and mathematics, philosophy, history or law. A field of this teaching that is proper to doctoral dissertations; the Center for Architecture and Urbanism Studies has a research group dedicated specifically to the architectural heritage, the city and the territory; the MIARQ on “Heritage and Landscape”, “Management”, “Analysis and Design” with several lines such as “Build in the Built”, “Rehabilitation of buildings”; the UNESCO Course “Heritage, City and Landscapes / Sustainable Management, Conservation, Planning and Project”. A national thesis designed to raise awareness about the importance of this cultural heritage and encourage its approach as a landscape between research and its foundations, on history or as risk management. The Faculty of Sciences and Technology of the University of Coimbra, its Department of Architecture, offers the “*Mestrado Integrado em Arquitetura*” with a subject related to rehabilitation in a research seminar that gave rise to the Project and Theory Laboratories, in addition to other courses such as the “ALA Master, Architecture, Landscape and Archaeology” taught with the universities of *Sapienza* in Rome, Federico II in Naples and the National Technique of Athens. The “Master in Integrated Urban Rehabilitation” does the equivalent with Coimbra Studio’s Doctorate on Portuguese-influenced heritage at its CES, “*Centro de Estudos Sociais*”.

A critical structure on these themes, on its forms of execution and maintenance, sustainability, evaluation and visualization in its communication. The aim is to enable the mastery of knowledge that allows the architect to dialogue with the different construction/rehabilitation processes. This is how the course “Advanced Studies in Architectural Heritage” of the “*Colegio do Património*” of the Order of Architects understands it.

In France there are, today, twenty existing public schools of Architecture in addition to private ones and those of landscaping. They depend, significantly, on the Ministry of Culture<sup>25</sup> since before that they were a discipline of the Fine Arts; The National Schools, ENSA, with the current reform, are getting closer to a university system to which they did not belong before. The teaching of conservation is specifically aimed at being able to deal with buildings classified as Historical Monuments<sup>26</sup>, a training to become “architect of French buildings”<sup>27</sup>. The postgraduate degree in architecture, the DSA, the National Diploma of Higher Education, the “*Cours de Chaillot*”, specifically, is aligned to the European higher education system as a Diploma of Specialization and Deepening, mentioning “Architecture and Heritage”. At these moments, an important modernization will allow the training of “heritage architects” to also face the challenges of the classification, conservation and implementation of values and thus face the challenges of energy and social changes. In the case of Paris-Belleville, its Diploma in “Architecture and Heritage”, offers instruction on conservation, restoration and its value in monumental, urban and landscape aspects to intervene at all existing physical levels and to be able to make critical choices in the face of its transformation whether it is about maintaining or restoring a historical event or simply adapting a building to a new use or completing an urban design<sup>28</sup>; design and risk management.

Germany organizes a teaching in the north of the country that has produced interesting transformations<sup>29</sup>. The conservation and transformation of heritage in Hamburg is a central field in the contemporary education of architecture, a highly valued subject in the urban terms of the constant mutation of its scales and typologies. The conservation of its physical memory plays an important role in the iterative process of “making urban spaces” from strict landscape design or building construction. It is a disciplinary field that is taught today in all architecture schools and part of essential in a very complex society; the term “*Bauen im Bestand*” has been replaced by “*Bauen mit Bestand*” which could be translated as “build with what exists” instead of the more usual “build in what exists” something that demonstrates the high value that is given to the architectural heritage and its teaching in these lands, both the old and the most recent. In Germany, as in many other European countries, there is a very current debate about what the political scientist José Álvarez Junco has recently written<sup>30</sup>; the architecture of the dark period of “National Socialism” such as those of the socialist of the divided Germany of the postwar period

---

<sup>25</sup> <https://www.culture.gouv.fr/Thematiques/Architecture/Formations-recherche-et-metiers/Les-formations-d-architecte-et-de-paysagiste/Les-cursus-et-les-diplomes/Les-ecoles-nationales-superieures-d-architecture>

<sup>26</sup> <https://www.culture.gouv.fr/Espace-documentation/Rapports/La-reforma-de-las-escuelas-superiores-nacionales-de-arquitectura-ENSA-en-2018-Informe-de-etapa>.

<sup>27</sup> <https://www.loi-malraux-monuments-histoires.fr/explication-architecte-des-batiments-de-france/>

<sup>28</sup> <https://www.paris-belleville.archi.fr/formations/specialisations/dsa-architecture-et-patrimoine/>

<sup>29</sup> Expressly by Hendrik Gruss. International University of Hamburg.

<sup>30</sup> Álvarez Junco, José. (2022). “Qué hacer con un pasado sucio “. Galaxia Gutenberg, Barcelona, España. 978-84-18807-64-0.

raise discourses that certain uncritical reconstructions that threaten, for example, the chapter of the “brutalist” examples of the disappeared German Democratic Republic; critical reconstruction has played an important role in the transformation of the capital city of Berlin. They are actually ubiquitous issues, very European and not just German controversial debates in the process that is reshaping cities that logically permeate the teaching discussed here. In nearby Austria, at Vienna University of Technology, the teaching of this discipline is offered in various academic centers such as its Institute of History of Art, Building Archeology and Restoration and, at the University of Innsbruck, the *Institut für Architekturtheorie und Baugeschichte*. In multicultural Belgium, the two main programs on architectural cultural heritage are in Leuven, Flanders, at the prestigious Raymond Lemaire International Center for Conservation, RLICC, dedicated to the training of experts<sup>31</sup>. In Louvain-la-Neuve, the Walloon headquarters, there is also a “Master in Conservation-Restoration of Real Estate Cultural Heritage”<sup>32</sup> which includes the *Center des métiers du patrimoine - la Paix-Dieu à Amay*<sup>33</sup> In addition to these two powerful centers, there are other programs in the country: in Antwerp there is the “Master in Heritage Studies”<sup>34</sup> and in Brussels, the *Vrije Universiteit Brussel*<sup>35</sup> and the University of La Cambre, the latter with a cooperative teaching action associated with cultural heritage. and, finally, there is the Free University of Liège with its “Specialized Master in Heritage, Conservation and Restoration”<sup>36</sup>.

In the eastern Mediterranean, in Greece, the Metsovio Polytechnics School in Athens is the clearest teaching reference in this regard<sup>37</sup>. Identification, Protection and Integration form the backbone of the curriculum at the School of Architecture of the National Technical University of Athens, NTUA, which includes courses related to the identification and general management of historic built environments. Its objective is to increase students’ awareness of thought processes related to the historical and architectural investigation of the environment and its urban analysis: architectural studies and analysis, study of monuments and historical ensembles, architectural design that introduces its contemporary process within a historical context with subjects in Protection and Restoration of Monuments and Historic Sites and Structural Analysis and Restoration of Historic Buildings. These are themes of conferences and projects that focus on interventions in architectural complexes, cities-settlements, in historic buildings, in industrial complexes, interpreting and promoting archaeological sites. The School of Architecture elaborates an Interdepartmental Program of Postgraduate Studies called “Protection of Monuments” with courses for the training of scientists in the documentation, protection and preservation of the country’s heritage, its monuments of every single period, of their traditional or modern structures, in everything that is relevant for the Greek civilization. These are courses that ease the knowledge of cities and historical settlements main characteristics, of their methodology, to ensure “full” protection that includes sustainable development. It is a teaching related to protection and management understood as

<sup>31</sup> [https://onderwijsaanbod.kuleuven.be/opleidingen/e/CQ\\_52688406.htm#activetab=diploma\\_omschrijving](https://onderwijsaanbod.kuleuven.be/opleidingen/e/CQ_52688406.htm#activetab=diploma_omschrijving)

<sup>32</sup> <https://uclouvain.be/prog-2022-patr2mc>

<sup>33</sup> <https://agencewallonnedupatrimoine.be/nos-centres-de-formation/>

<sup>34</sup> <https://www.uantwerpen.be/en/study/programmes/all-programmes/master-heritage-studies/>

<sup>35</sup> <https://www.vub.be/en/vub-heritage#patrimoine>

<sup>36</sup> <https://www.programmes.uliege.be/cocoon/20212022/en/formations/condac/T3CONS01.html>

<sup>37</sup> Through the coordination of Elena Konstantinidou.

a vital part of the architect's education in the current globalized environment. On the Island of Cyprus, the private university of Nicosia also develops a cultural heritage course that works with very imaginative strategies through workshops and festivals, such as the "Green Urban Lab" – a project carried out in collaboration with the NGO Urban Gorillas<sup>38</sup> on the historical fortifications of Cypriot cities to claim their identity. It seeks to investigate traditional buildings using different perspectives such as the challenge of contests and prizes. Frederic University, another private center in Nicosia, has a "Master's Degree in Heritage Conservation", and, in Pafos, the ancient Neapolis, teaching is also offered in this regard. At the State University of Cyprus, there are also specialized courses in this discipline.

Further north, in the Balkans, specialized classes are offered in Belgrade, in the capital of Serbia, as well as in one of the most important universities in Slovenia, in Ljubljana, in its Faculty of Architecture. There are also courses at the University of Maribor although less specialized than in the previous one. Radically changing this academic journey through Europe, going to the north coast of the continent, to the recent established Faculty of Architecture in Stoke-on-Trent, in the United Kingdom, it is structured as a traditional university philosophy of plural programs, and as heir to the University of Birmingham. Its exemplary space of an old restored factory, this central place of the English historic ceramics industry indicates from its origin the three main routes to accredit itself in this matter<sup>39</sup>. A journey with regrets, as already anticipated at the beginning of this text, the lack of news from regions as important as the Scandinavian or the Baltic world, from large countries – in regard to heritage - such as Poland, Holland, Ireland, Switzerland, or derivatives from the former Yugoslavia. That founding countries of the modern interpretation of the architectural cultural heritage such as the Netherlands and its DoCoMoMo project, created at a university, in Hilversum, are not present and it is nonsense to remedy. Take this reflection, then, as a first very uneven advance in their approaches, as a sampling of their future possibilities in terms of teaching. Obviously there are still many differences today in this field of architectural heritage conservation between European countries, but it is also true that the approaches in this continent in full construction, after a century of dramatic identity divergences, are increasing. Talking about the relevance of the teaching on Architectural Cultural Heritage is more than just an academic commitment. It is also political. It always was, for sure. Therefore, promoting teaching that adds value to the common cultural wealth has become one of the objectives of its institutions, not only educational, but also governmental, a fundamental builder of agreements in the 21st century. Europe, if it is something in the 21st century, will be Culture. A proactive story that has a lot to say to an academic project such as the PHI Network.

The nationalist interpretation of Europe's Cultural Heritage is "water under the bridge". Today the teaching is interested not in identifying differences but in reinforcing what unites<sup>40</sup>. The EHEA standardized, as has been seen, the study plans throughout Europe, but now the objective is to

<sup>38</sup> Yiorgos Hadjichrisou is a member of the mentioned NGO.

<sup>39</sup> <http://students.arb.org.uk>

<sup>40</sup> The UOU University of Universities project coordinated by Javier Sánchez Merina, with more than forty, brings together this innovative objective around the architectural project within the new ways of generating teaching with a rapid and imaginative response to emerging problems. A teaching experience in full expansion in Europe to which María Luna Nobile has recently joined in Sweden, at the University of Umea.

generate alliances between universities to build joint degrees<sup>41</sup>. Teamwork, agreements. Cultural heritage is not in itself an area of knowledge, but it is progressively more and more present in European programs, not only for teaching but also for research, from the extinct H2020 to the emerging Nextgeneration, in its topic “Cultural Heritage”<sup>42</sup>. The borders of this political reality under construction, far from being a problem from the point of view of this cultural heritage teaching, are currently a true asset. The challenge, as has been stated, is to design mechanisms to guarantee access to their collective identity, providing not only quality training but also civic education. With its structural availability, the architectural heritage adds richness to this last discipline<sup>43</sup>. The teaching processes exposed here describe a teaching approach that seeks, through imaginative ways, how to define that landscape built over the centuries to better amortize its opportunities. In this deeply urbanized, “architecturalized” continent, everything is cultural heritage. A great public space. A presence that today opens, without a doubt, a new conception of architecture, closely associated with modernity, by the way, in that permanent dialogue between Nature and Culture<sup>44</sup>. Its sustainability gives new dimensions to an ecosystem closely linked to this contemporary resignification. Between progress and obsolescence, between galloping economic speculation and the demands of its durability as a collective value, only a responsible attitude towards the future, with its teaching, can ensure the success of the enterprise. As a memory process in continuous adaptation, of new chapters of identity, it requires innovative teaching strategies. Social complicity, of course, that gradually incorporates new defense weapons against known pressures. These are feedback phenomena between architecture and city, their landscapes and emptied territories, like places in transition of the Anthropocene. Recent educational contributions of innovation and imagination, which imply, in addition to ensuring its conservation, unpublished theses on relevant issues such as minorities or migrations, guarantee rights, quality of life. Reclaim the original meaning of Culture as “cultivate”.

---

<sup>41</sup> With projects such as the “University of the Future” on the initiative European Universities of the EU: <https://education.ec.europa.eu/es/education-levels/higher-education/european-universities-initiative>. About the Una Europa Alliance: <https://www.una-europa.eu> in which the UCM participates, which has taken the topic “Cultural Heritage” <https://www.una-europa.eu/initiatives?focus-areas=culturalheritage> as a priority axis of work to create joint European titles..

<sup>42</sup> “Eelisa” on the European Universities initiative of the EU.

<sup>43</sup> The European project of the New Bauhaus proposes to the university in this challenge.

<sup>44</sup> See the political objectives of the declaration of the European Commission known as “Green Deal”.

# LA FORMACIÓN DISCIPLINAR DEL PATRIMONIO ARQUITECTÓNICO. UN PANORAMA LATINOAMERICANO EN TRES TIEMPOS

*La formación disciplinar del patrimonio arquitectónico. Un panorama latinoamericano en tres tiempos*

*Dra. Patricia Méndez<sup>1,2</sup>*

## *Resume*

A poco de cumplir sesenta años del documento clave en temas de preservación y conservación del patrimonio arquitectónico, este texto ofrece un panorama de la enseñanza académica latinoamericana impartida bajo estos tópicos. La metodología aplicada recurrió a métodos historiográficos, entrevistas e incluyó la revisión de la prensa especializada. El texto se ordena en tres fases donde la “Carta de Venecia” resulta el eslabón central de la formación disciplinar. Inicia con los primeros intereses por el cuidado patrimonial; continúa ofreciendo matices del adiestramiento académico hacia la década de 1960, los que, durante los siguientes veinte años, nutrieron las especializaciones en escuelas y en facultades pioneras de estos propósitos. El colofón, revisa la maduración académica alcanzada en los cursos en universidades del continente, reivindica la importancia de los medios de difusión en este proceso y valora la visión democrática que, actualmente, ha instalado la plataforma transmedia de la red PHI.

**Palabras clave:** Latinoamérica; siglo XX; formación académica; patrimonio arquitectónico; enseñanza; revistas

<sup>1</sup> *Arquitecta (UBA); Master en Gestión Cultural (Univ. Barcelona); Ph. D. FLACSO. Académica Asociada Universidad del Bío-Bío. Investigadora CONICET. Coordinadora Técnica CEDODAL. Sus proyectos de investigación abordan la historiografía de la arquitectura latinoamericana a partir de los medios de difusión del siglo XX. Integra comités científicos de revistas académicas, es autora de libros, artículos en revistas de corriente principal e investigador responsable en proyectos de investigación nacionales e internacionales. CEDODAL/CONICET-UBA*

<sup>2</sup> *La autora agradece especialmente a los profesores Adriana Collado, Nivaldo de Andrade, José de Nordenflycht, Ramón Gutiérrez, Carlos Inostroza H., Marcelo Magadán y Graciela M. Viñuales, por la desinteresada colaboración en la preparación de este texto.*

*¿Qué sentido de responsabilidad podemos esperar  
de quien quizá ha vivido toda su vida frente a una cumbre  
de nuestro pasado arquitectónico y nadie,  
ningún maestro le ha hecho notar su valor?<sup>3</sup>*

En términos globales de valoración del patrimonio arquitectónico, puede convenirse que existe un antes y un después del 31 de mayo de 1964 cuando, al cierre del IIº Congreso de Internacional de Arquitectos y Técnicos de Monumentos Históricos, se rubricaba la “Carta de Venecia”.

Desde aquella encrucijada hasta el presente, es posible recoger una cifra incalculable de nombres de profesionales, de técnicos, de arquitectos, de restauradores e incluso de historiadores que, convencidos de la importancia de la historia construida latinoamericana, desarrollaron o asistieron a distintos tipos de formación bajo estos propósitos.

Pero, para Latinoamérica, también existió un antes y un después de ella. Un antes incluso del antecedente más próximo al documento de Venecia, conocido como la “Carta del Restauo” y firmada en Atenas en 1931. Y un prolongado después que llega hasta el presente; en el intertanto se cruzaron autores, coincidieron instituciones, se sancionaron normas, se discutieron normas en encuentros y en congresos, se dictaron clases, sus voces se legitimaron en publicaciones y, en su conjunto, permiten que la didáctica del patrimonio arquitectónico contemporáneo se constituye en un argumento social de conocimiento, verdaderamente democrático y académicamente científico.

El enlace de estos párrafos se sustenta en estos motivos, organizados a partir de tres fases en las cuales la “Carta de Venecia” se establece como eslabón conector del panorama histórico. Esas etapas inician cuando en Latinoamérica asomaba el interés disciplinar por la preservación patrimonial junto con la preocupación por su adiestramiento; continúa hacia 1960 y se extiende durante los siguientes veinte años, enfocándose en el despliegue continental sembrado por cursos inaugurales. El panorama final revela la maduración académica alcanzada en los cursos de pre y posgrado en las universidades del continente, reivindica la importancia que en ello tuvieron los medios de difusión y distingue la visión plural e inclusiva promovida por la plataforma transmedia de la red PHI.

En cuanto a los aciertos o descuidos en los procesos formativos que comprometen al patrimonio arquitectónico y cultural latinoamericano, escapa al alcance de este texto establecer juicios valorativos respecto de ellos. En todo caso, estos párrafos, intentan allanar aquel camino que fortalece el aprendizaje, reiterando el compromiso abrazado por sus precursores, emulando el esfuerzo de un sinnúmero de profesionales y alentando la instalación de un sistema pedagógico que, en patrimonio, resulte verdaderamente democrático y académicamente científico.

## La historia previa

Como plantea Gutiérrez (1998) “*La segunda década del siglo [XX] se abrirá para América con los aires de renovación y cambio manifestados en la revolución mexicana de 1910...*”. Es que, a partir de los festejos de los centenarios de la independencia de varios de los países del continente, una emancipación diferente asomaba para la arquitectura, puesto que,

*“Los cambios sociales e ideológicos, la necesidad vital del modelo alternativo, el vacío histórico, la actitud contestataria frente a la falsedad del europeísmo académico, confluyeron para generar una modificación profunda en la manera de ver la arquitectura. (...)*

*Se trata de la primera vez que desde América se reflexiona teóricamente sobre la arquitectura en forma sistemática. Es decir, se ocupa el propio centro del problema desde nuestro espacio.*

*Esta reflexión significará además y de manera providencial, el estudio de nuestro patrimonio arquitectónico y cultural americano. Se comenzará a recorrer y «descubrir» el continente, a rescatar y documentar un legado cultural que la «colonización» del XIX había destruido sistemáticamente como queriendo borrar esa historia.” (GUTIÉRREZ, 1998, p. 549)*

Por entonces, las artes latinoamericanas en general, y la arquitectura en particular, intentaban despojarse de ataduras extrañas y optaban por dar vuelta la página a las copias originadas en continentes un tanto ajenos. Los movimientos intelectuales locales argumentaban esa ruptura estética en sus raíces americanistas y, con ello, conseguían desarrollar estudios que canalizaban la protección de la arquitectura de manera que, lo que era “propio”, adquiriría mayor espesor a los ojos de los Estados nacionales.

Así, en el ámbito disciplinar, las preocupaciones acerca de su enseñanza y de la defensa del pasado construido a nivel continental fue aglutinando intereses desde distintos canales y, entre ellos, los Congresos Panamericanos de Arquitectos conformaron uno de los tantos escenarios que despabiló la memoria. En el primero de estos Congresos, realizado en Montevideo en marzo de 1920, en la sección de “Trabajos presentados no comprendidos en los Temas oficiales del Congreso”<sup>4</sup> asomaron las pretensiones de aquello. Tales sugerencias llegaban de la voz del representante ecuatoriano, advirtiendo de la necesaria lectura transversal e histórica de la arquitectura de su país. A él se adhería también uno de los locales, el arquitecto Román Berro, alentando la consolidación de una arquitectura latinoamericana y, por su parte, el argentino Greslebin, impulsaba la incorporación de asignaturas que estudiaran nuestra arquitectura desde la prehistoria.

Recién durante el Segundo Congreso (Santiago de Chile, 1923), la cuestión patrimonial encendió sus alertas oficiales y los discursos provenientes de la Banda Oriental aclamaban la urgente sanción de leyes de protección y conservación de los monumentos. A ellos se sumaría otra vez Greslebin, requiriendo la formalización de la “Conservación de los Monumentos que tengan valor histórico, arquitectónico y arqueológico” y, al mismo tiempo, exigía la puesta en marcha de una “Comisión

<sup>4</sup> Cfr.: *Arquitectura. Órgano oficial de la sociedad de arquitectos*, Montevideo, año IV, n. 37, p. 85, oct. 1920.

de Monumentos Históricos, Arquitectónicos y Arqueológicos” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 11). Los anfitriones entendieron de la urgencia e importancia de esta solicitud y, en 1925, formalizarían la creación del “Consejo de Monumentos Nacionales”, idéntico organismo que reglamenta los monumentos chilenos hasta hoy.

En la siguiente reunión, en Río de Janeiro (1930) se reconocía, en su séptima sección, “La defensa del patrimonio artístico de las naciones americanas” recomendando en sus conclusiones que el interés debería enfocarse en

*“(…) Expresar a los gobiernos federales la necesidad urgente de la creación de una “Inspección de Monumentos Públicos de Arte”, para el fin especial de “hacer el inventario de todos los monumentos públicos y privados de real valor arquitectónico, y estudiar así los medios de preservarlos de la destrucción o deformaciones artísticas.” (GUTIÉRREZ, R.; STAGNO, R.; TARTARINI, J. 2007, p. 62).*

Sin embargo, no fue hasta 1940, durante el encuentro en Montevideo, que la necesidad de legislar la protección del patrimonio y la creación de cursos que garantizaran la restauración de los monumentos fuera planteada abiertamente. La gesta llegó de la mano del arquitecto argentino Mario J. Buschiazzo, quien ya había anticipado sus ideas en su escrito “La destrucción de nuestros monumentos históricos”<sup>5</sup> junto con la exposición que, para este evento, coordinara a favor de la diversidad del patrimonio cultural continental. La cuestión tomó mayor cuerpo durante la sexta<sup>6</sup> sección de ese Congreso, donde se recomendó a los países carentes de legislación de protección patrimonial que oficiaran su pronto dictado y, así, la apuesta reivindicaba la profesión toda vez que, la restauración de los monumentos, debía ser encomendada a los arquitectos, en tanto eran los “únicos profesionales que por sus estudios especializados están en condiciones de realizar esta delicada tarea” (GUTIÉRREZ, STAGNO, TARTARINI, 2007, p. 66).



FIG. 01

Paulatinamente, el ambiente disciplinar junto con las universidades, fueron adecuándose a las sugerencias a favor del patrimonio local. Mario Buschiazzo se sumaría a esa firme y creciente corriente continental con la creación del “Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas” (IAA) en la Universidad de Buenos Aires (1946), un espejo de lo que Manuel de Toussaint ya había hecho en 1936 con la puesta en marcha del “Instituto de Investigaciones Estéticas” (IIE) en la UNAM y que replicarían, más tardíamente el “Instituto de Historia de la Arquitectura” (IHA, 1948) desde la uruguaya Universidad de la República y el “Instituto de Historia”<sup>7</sup> (1952) en la Universidad de Chile.

Además de los organismos ya citados y que ejercían su labor al amparo universitario, desde los estamentos estatales también se iniciaba el reconocimiento de centros oficiales comprometidos con la custodia patrimonial. Así, al Consejo chileno se les sumaría, desde 1934, el primer órgano brasilero fundado como “Inspetoria de Monumentos Nacionales”<sup>8</sup> y cuyo funcionamiento, mucho después y desde Buenos Aires, fuera comentado por uno de sus promotores, Mario de Andrade<sup>9</sup>. El entorno rioplatense se fue completando en 1938, con la creación desde Argentina de la “Comisión de Museos, Monumentos y Lugares Históricos” mientras que, en Montevideo, la “Comisión Nacional de Monumentos Históricos”<sup>10</sup> iniciaría sus trabajos recién en 1952.

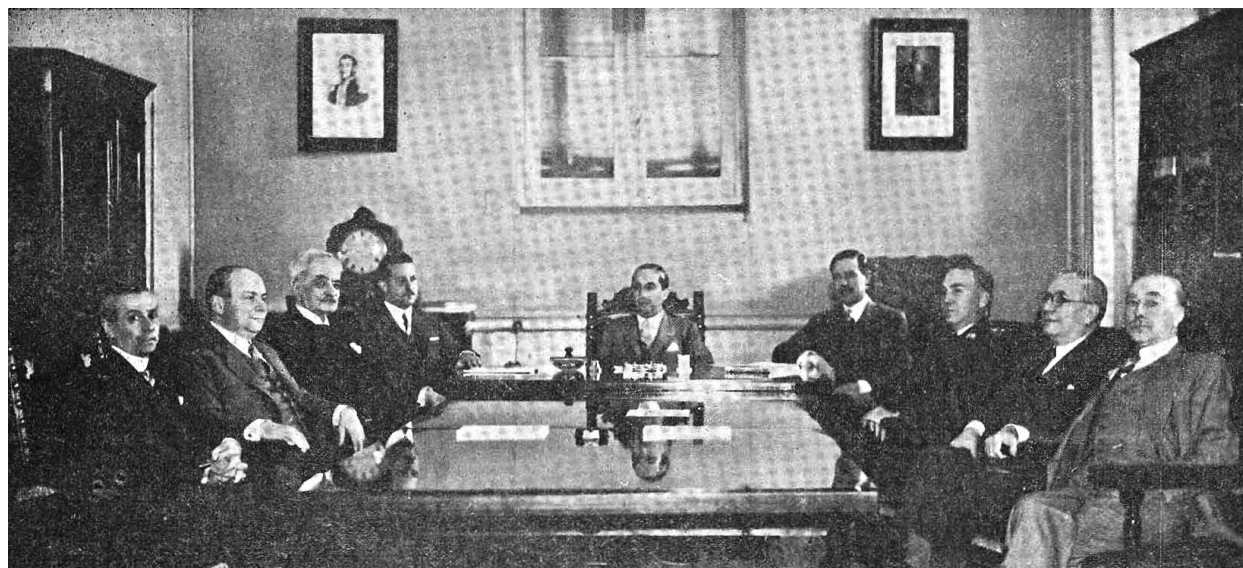


FIG. 02

Lejos de constituir impulsos aislados, estas acciones fueron congruentes con el interés por el adiestramiento en la defensa del patrimonio. Si bien eran privativas a cada nación, la naturaleza de estas gestas podría traducirse en una alianza tácita, donde el binomio “enseñanza/aprendizaje” de la defensa patrimonial llegaba no solamente desde los estamentos oficiales, sino y también, gracias a los esfuerzos proporcionados por una suerte de manifiestos editoriales que respaldaban esta actitud. Es que, cada una de las instituciones informaba de estos avances en las publicaciones

que editaba, tal como desde 1937 lo hacían la mexicana Anales<sup>11</sup> y, desde Brasil, la Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>12</sup>; por su parte, en Buenos Aires, desde 1939 circulaba el Boletín de la Comisión Monumentos<sup>13</sup>, a él se sumaron en 1948 los Anales del Instituto de Arte Americano<sup>14</sup> y, desde 1950, los Cuadernos<sup>15</sup> del Consejo de Monumentos Nacionales chileno.



FIG. 03A

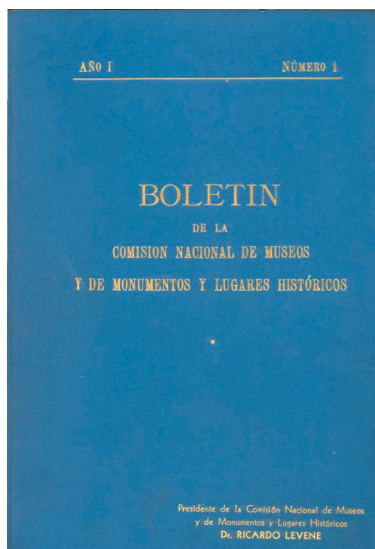


FIG. 3B,

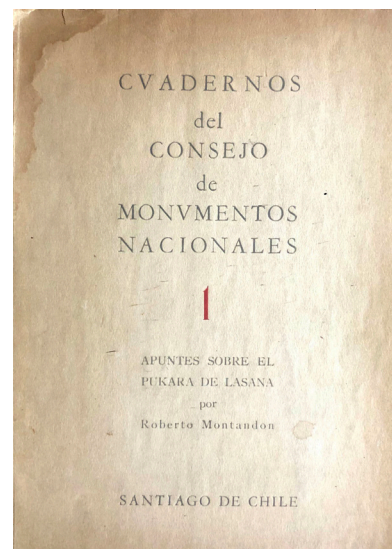


FIG. 3C

Los Congresos Panamericanos, los encuentros disciplinares bajo distintos argumentos, la formación de aquellas instituciones universitarias y las revistas que desde ellas se editaron, pavimentaron la formación disciplinar en términos de patrimonio. Sin embargo, muchas de las gestiones que estaban en proceso fueron interrumpidas cuando la Segunda Guerra Mundial; no obstante, las expectativas cambiaron a partir de la organización de la UNESCO (1945) y de los organismos que a partir de ello se establecieron. La formación del ICCROM (Centro Internacional de Estudios de Conservación y Restauración de los Bienes Culturales) en 1956 y del ICOMOS (Consejo Internacional de Monumentos y Sitios) en 1965, acelerarían la organización formal de cursos especializados y oficiales para la defensa patrimonial latinoamericana.

## *La historia casi oficial*

<sup>11</sup> Editada por el Instituto de Investigaciones Estéticas, UNAM sus ediciones se mantienen en línea.

<sup>12</sup> Editada desde la Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, la publicación tuvo varias interrupciones y cambios de nombre acordes con los cambios institucionales: IPHAN (1979), IPHAN Prómemoria y Revista do Patrimônio.

<sup>13</sup> La publicación, editada desde Buenos Aires, alcanzó doce ediciones; desde 1985 se transformó en Carta Informativa publicando treinta y tres números, hasta su suspensión definitiva en 1995.

<sup>14</sup> La revista suspendió sus publicaciones en 1970, retomando a partir de 1987 en forma continua.

<sup>15</sup> Originalmente conducida por Eduardo Pereira Salas, solo publicó cuatro ediciones hasta 1954 incluyendo noticias y artículos. Desde la N°5 y hasta la N°111 su contenido reunió legislación y normativa vinculada con las declaratorias nacionales.

Como plantean diversos autores y reafirma Nivaldo de Andrade (2020), también desde Latinoamérica, “*tutte le strade portano a Roma*”. Aunque distantes geográficamente, las catástrofes materiales provocadas por la Segunda Guerra habían impuesto una reconstrucción urgente en Europa y, si para ello se requería de adiestramiento específico, también lo era para Latinoamérica, donde otras pérdidas patrimoniales aguardaban su recuperación. Así, la asistencia de personalidades internacionales a la reunión de IIº Congreso de Internacional de Arquitectos y Técnicos de Monumentos Históricos, impulsará la firma de la “Carta de Venecia” en 1964.

De Andrade también plantea que, en el campo de la conservación y la restauración latinoamericanos, la autonomía de la práctica profesional en estos términos, solo pudo alcanzarse una vez atravesada la década de 1960 y lo fue así gracias a la

“... influencia decisiva y directa de la escuela de Roma, a través de los cursos de especialización promocionados por la *Scuola di Specializzazione per lo Studio ed il Restauro dei Monumenti* da Facultade de Arquitectura de la *Universidade degli Studi di Roma ‘La Sapienza’* asociada con el ICCROM.” (Andrade, 33).

Las convenciones y acuerdos firmados por entonces regularizaron los cursos en ámbitos universitarios europeos y, en esas clases, participaron varios arquitectos latinoamericanos<sup>16</sup>, quienes, una vez de regreso en sus países de origen, actuaron como brújulas orientadoras para la acción y la enseñanza en recuperación patrimonial.

La “Carta...” ofició como eslabón orientador a los ojos latinoamericanos. A ella se acogieron rápidamente los institutos del continente, reproduciéndola en cuanto canal de comunicación tuvieron a su alcance. Por ejemplo, hacia el fin del mismo año de su firma se editaba en las páginas de *Anales del IAA*<sup>17</sup> y en *Arquitetura*<sup>18</sup>, del Instituto de Arquitectos do Brasil. También fue promocionada por el *Boletín del CIHE*<sup>19</sup> y complementada con textos<sup>20</sup> de su director, el italiano Graziano Gasparini.

El ímpetu y adhesión que Gasparini<sup>21</sup> manifestara hacia la conservación y restauración de monumentos, así como su compromiso con el paisaje, complementaron sus diagnósticos para con la situación venezolana de entonces, tal como lo revelaron las ediciones siguientes del *Boletín del CIHE*. Así, por ejemplo, publicaba las recomendaciones del “Primer seminario de conservación y restauración de monumentos”<sup>22</sup> cuyas conclusiones recomendaban a la Sociedad Venezolana de Arquitectos y a las Escuelas de Arquitectura, la legitimación de cursos sobre conservación y restauración de monumentos con el fin de incrementar la capacitación técnica y crítica profesional. Otro de los textos publicados en ese mismo número reproducía el “Acta final del Simposium

<sup>16</sup> Los delegados de países latinoamericanos firmantes de la Carta, fueron doce en total. Para un mayor detalle de participaciones internacionales en los cursos de *La Sapienza*. Véase: ANDRADE (2020, p. 36-37)

<sup>17</sup> *Anales*, 17, dic. 1964, con traducción de la profesora Henriqueta Vergez, p.137-140.

<sup>18</sup> GASPARINI, Giancarlo. Monumentos: tema de debate em Veneza. *Arquitetura*, 27, p. 15-21, set. 1964.

<sup>19</sup> *Boletín del CIHE*, 2, ene 1965, p. 84-88.

<sup>20</sup> GASPARINI, Graziano, “Conservación y restauración de monumentos en Venezuela”, *Boletín del CIHE*, 2, p. 57-83, ene. 1965.

<sup>21</sup> El compromiso asumido por Gasparini en la defensa de la arquitectura latinoamericana y de su cuidado permitió que, en 1974, fundara la Dirección de Patrimonio Cultural en Venezuela.

<sup>22</sup> El evento fue realizado en Caracas entre el 4 y el 9 de mayo de 1965. *Boletín del CIHE*, 4, p. 138-139, 1966.

panamericano sobre conservación y restauración de monumentos históricos”<sup>23</sup>, allí también se reconocía la necesidad de sistematizar el conocimiento en cuestiones relativas al patrimonio con la precaución que sus profesores acreditaran su formación profesional y técnica.

Ahora bien, si académica y formalmente las instituciones disciplinares aclamaban el establecimiento oficial de estudios superiores en temas de resguardo del patrimonio, en la práctica no fueron ni tan veloces, ni tan sistemáticos. En algunos lugares del mapa latinoamericano se mantenían algunos rígidos mecanismos para estas cuestiones y, mayoritariamente, las mallas pedagógicas universitarias no contemplaban inclusiones rápidas de este tipo. Sin embargo, no era que no existían, sino que algunos fueron dictados por profesionales de excelencia por fuera de los marcos académicos acreditados y, otras veces, las aulas carecían de la titulación especializada bajo los términos pretendidos.

Hubo sí algunas clases inaugurales, tal como adelanta Lía Mayumi (2006, p. 149) indicando que, a instancias de Flavio Motta y con la colaboración del IPHAN, la Facultad de Arquitectura de la Universidade do São Paulo, fue pionera en emprender estos gestos de enseñanza. En 1964 se ofreció allí un curso de posgrado, concentrado en la preservación y restauración de monumentos y cuyo objetivo, atendiendo las exigencias académicas impuestas por el Ministerio de Educación y Cultura, era aleccionar a los docentes de la misma Facultad. A partir de entonces, otras gestiones emprendidas por la misma Facultad promovieron posgrados universitarios con la colaboración del IPHAN y con otras instituciones locales del distrito paulista, como las realizadas a través del CONDEPHAAT<sup>24</sup> y que alcanzarían resultados de repercusión nacional con adecuaciones de su programa a partir de la década de 1970 (NASCIMENTO, 2016, p. 219).

Contemporáneamente con Brasil, el ámbito mexicano aliviaba las demandas en torno de la temática al promover el dictado de tres cursos. Uno de ellos se instaló en la Universidad de Guanajuato, liderado por Víctor Manuel Villegas Monroy en 1968<sup>25</sup> y los dos restantes, aunque más concentrados en la restauración de bienes, lo harían desde la UNAM. Como comenta Andrade (2020, 41), en 1965 la UNAM ofreció clases<sup>26</sup> auspiciadas por el Instituto Nacional de Antropología e Historia que, como parte de una planificación global promocionada por UNESCO, serían formalizados desde el siguiente año, aunque formalmente el centro de Churubusco establece la inauguración de sus clases oficiales el 1 de febrero de 1968. El otro curso, que se presentaba como “Seminario de Restauración de Monumentos”, fue dictado en 1966 dentro de la Facultad de Arquitectura y, tres años después, alcanzó el grado de “Maestría en Restauración de Monumentos”, en un gesto que institucionalizaba por primera vez un posgrado específicamente destinado a la protección patrimonial en el ámbito latinoamericano (ANDRADE *apud* CEJUDO COLLERA, p. 42).

<sup>23</sup> El encuentro había tenido lugar entre el 10 y el 12 de junio de 1964, en Florida (USA). Boletín del CIHE, 4, p.140-141, 1966.

<sup>24</sup> El CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) fue creado por ley el 22 de octubre de 1968, dependiendo de la Secretaría de Cultura del Estado de São Paulo. Desde 1977 publicó sus noticias en Condephaat. Documentos, luego Boletim, editado entre 1979 y 1980.

<sup>25</sup> DIAZ-BERRIO, 1986.

<sup>26</sup> En cuanto a la duración de estos cursos, Díaz-Berrio (1986) establece que llegaban a diez meses, en tanto Andrade (2020, p. 41) los concentra en tres. Posiblemente, el enfoque temporal diferente de estos autores atienda la distinta amplitud geográfica que tomó cada uno de ellos, siendo que el primero fue nacional y el siguiente, en 1968, de carácter internacional.

Las tempranas iniciativas brasileras y mexicanas, diseminaron acciones similares en todo el continente y, particularmente en Perú, desde inicios de la década de 1960 tuvieron sus réplicas en la Universidad Nacional de Ingeniería. Las clases de “Restauración de Monumentos”, se dictaban a través del Departamento de Arquitectura, lideradas por un ex alumno de *La Sapienza* y firmante de la “Carta de Venecia”, Víctor Pimentel. Por entonces, el gobierno peruano también acordaría con UNESCO el sostén de una plataforma combinada en pro de la formación disciplinar concentrada, mayormente, en aquellos sitios con situaciones arqueológicas en riesgo. Entre los primeros resultados de esta colaboración, en la ciudad de Lima, el 25 de abril de 1969 se formalizaba el “Plan Turístico y Cultural Perú-Unesco (COPESCO)”, una gestión que interactuaría con el Instituto Nacional de Cultura -creado ese mismo año con el objeto de tutelar la revitalización patrimonial del país-.

Hacia la década de 1970, la formación y especialización en la preservación patrimonial ya componía la agenda estatal de varios países. Y, si bien los cursos formales que atendían sobre ello eran incipientes, los encuentros de los Congresos Panamericanos no cejaban en su insistente incorporación (Bogotá, 1968). En ese sentido, resulta gravitante el programa oficial del XIVº Congreso Panamericano, de junio de 1972, realizado en São Paulo, cuando el tema era considerado en su Comisión 3, dirigida específicamente a la “Defensa, preservación y reanimación de sitios y monumentos históricos”. Allí se alentaba la creación de entidades de planificación que incorporaran la valorización, conservación y restauración del patrimonio histórico urbano y rural integralmente unido al paisaje natural y cultural, también legislar acerca de los monumentos, inventariarlos y, fundamentalmente, atender que todo “...programa urbano que involucre sitios históricos, éstos deben ocupar el nivel de jerarquía que les corresponde, estudiándose en forma detallada su integración al proceso de desarrollo urbano sin afectar sus valores” (GUTIÉRREZ, STAGNO, TARTARINI, 2007, p. 101). Este aspecto, merece destacarse ya que, al enfatizar la integración de los monumentos a la vida cotidiana del usuario de las ciudades latinoamericanas, las recomendaciones de entonces, no hicieron más que anticiparse a los programas didácticos patrimoniales vigentes. Pero, en rigor, esta participación se cristalizó después, cuando la redacción de la “Convención para la Protección del Patrimonio Mundial” (UNESCO, 16 de noviembre de 1972), reconociera el cambio de paradigma que traspasaba los márgenes del “monumento” e incorporaba los intereses comunitarios y sociales.

Para ese entonces, también se formalizaban las clases en el “Centro Regional Latinoamericano de Estudios para la Conservación de Bienes Culturales ‘Paul Coremans’” -centro “Churubusco”-. El programa especializaba a sus alumnos en restauración de bienes inmuebles a lo largo de dos años si bien, casi inmediatamente de iniciado, en 1973, se transformaba en “Maestría en restauración arquitectónica”. La envergadura que alcanzó, ya fuera por los maestros que nucleó, por los egresados de sus aulas o por su propuesta programática como indica Salvador Díaz-Berrio, el centro Churubusco bien podría considerárselo como “la” delegación latinoamericana del ICCROM.

La vocación internacional que emanó desde Churubusco pronto hizo eco en el altiplano andino. En 1975 iniciaba en Cusco, el “Primer Curso Regional Latinoamericano de Conservación y Restauración de Bienes Culturales Muebles”<sup>27</sup>, continuado por la segunda versión al año siguiente

<sup>27</sup> Proyecto UNESCO RLA-75 promovidos y auspiciados por el Proyecto Regional de Patrimonio Cultural y Desarrollo

y fue dirigido, en ambos casos, por el arquitecto argentino Ramón Gutiérrez. Entre sus contenidos se consideraron, entre otros, la “Restauración de Monumentos”, “Obras de Arte”, “Técnicas Arqueológicas”, “Técnicas de Documentación” y “Metodología de la investigación”, este último dictado por la arquitecta Graciela M. Viñuales.



FIG. 04

Algo similar sucedió en el ambiente brasileiro, cuando la inserción de especializaciones se desplegó en importantes puntos del país. Como respuesta al Ministerio de Educación y Cultura y al IPHAN, Mayumi (2006) indica que a partir de 1974 fueron dictados tres cursos bianuales. Bajo el nombre “Restauración y Conservación de monumentos y conjuntos arquitectónicos”, los ciclos educativos se impartieron sucesivamente en São Paulo, en Recife y en Belo Horizonte. Estas clases, derramaron conocimiento en el extenso territorio brasileiro y, según indica la misma autora, el campo de la enseñanza en preservación del patrimonio se fortaleció gracias a la multiplicidad de visiones que ofrecían los distintos contextos. A partir de 1981 el curso tomó sede fija en la ciudad de Salvador bajo la órbita de la Universidad Federal de Bahía y que continúa hasta el presente bajo el nombre de MP-CECRE<sup>28</sup>.

---

PNUD/UNESCO y el Instituto Nacional de Cultura del Perú, con la colaboración de otros organismos y la Universidad San Antonio Abad de Cusco.

<sup>28</sup> MP-CECRE: Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos.

La sinergia latinoamericana involucraría también a la región Caribe; precisamente, en Cuba, desde mediados de 1977 regía la ley N°1 que reglamentaba la protección del patrimonio cultural del país<sup>29</sup>. Sin embargo, recién en 1980 el CENCREM (Centro de Estudios de Conservación, Restauración y Museología) iniciaba sus funciones académicas, articulando sus clases entre el Colegio San Gerónimo de La Habana y el Instituto Superior de Arte. Esta primera etapa fue perfeccionada con el tiempo, cuando estas asignaturas se integraron a la malla académica de la Facultad de Conservación y Restauración dependiente de la Universidad de las Artes.

Puede establecerse entonces que, hacia la década de 1970, la didáctica en temas de patrimonio era una realidad concreta en varios puntos del continente. Por ejemplo, el Plan de Estudios de Arquitectura en la Universidad Nacional del Nordeste (UNNE, Argentina) ya contemplaba el dictado de “Conservación del Patrimonio arquitectónico y Urbano” como asignatura electiva de 4° año, aunque sus clases inaugurales arrancaron recién en 1980 pero se mantienen hasta el presente.



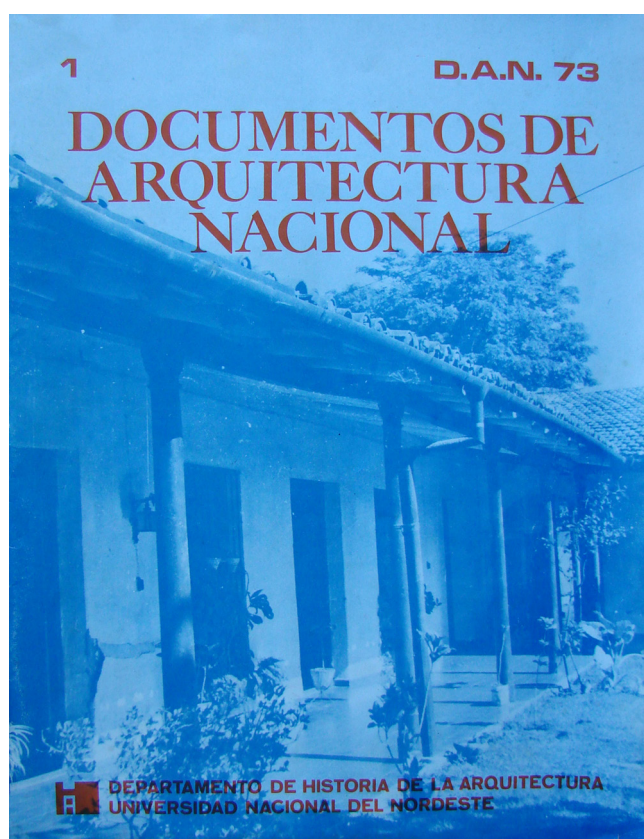
FIG. 05



<sup>29</sup> La normativa fue promulgada el 4 de agosto de 1977 a través de la Asamblea Nacional del Poder Popular. Cf. VIÑUALES 1998, p. 51.

FIG. 06

Esta asignatura nació anclada exclusivamente al Departamento de la Historia de la Arquitectura de la universidad; un sitio que desde el norte argentino ofició de tarima internacional gracias a sus interlocutores, los fundadores del IAIHAU<sup>30</sup> y a partir del cual se difundió el conocimiento de la arquitectura latinoamericana como concepto integral y la preservación de su patrimonio. En ese mismo ámbito, un nuevo canal de difusión también emergió para avalar esos ideales: la revista *Documentos de Arquitectura Nacional* (DAN) se publicó desde 1973, luego amplió su nombre a DANA y, como estandarte del IAIHAU, también disolvió fronteras gracias a la incorporación de articulistas de todo el continente y sus luchas a favor del patrimonio latinoamericano.



(FIG. 07)

Es que, las revistas, a través de sus páginas, enfilaron saberes y facilitaron este conocimiento en temas de preservación patrimonial. Las editoriales fueron recogiendo en múltiples textos los vaivenes y mudanzas por las que transitaba la formación superior en patrimonio. Así lo hacía, por primera vez, la revista *summa* en 1977 cuando dedicaba un número especial a la temática e iniciaba, desde ese entonces, una campaña específica en defensa del patrimonio a través de una sección expresamente dedicada a ello. La arquitecta Marina Waisman (1974, p. 17) asumiría allí el compromiso de expandir la comunicación en estos términos, poniendo de relieve la dimensión histórica que el tema adquiriría en Argentina, no sin dejar de insistir con las necesidades de formación de equipos especializados y de priorización de su articulación con los organismos del estado.

También la inserción de cursos especializados en Argentina, fueron agregando testimonios en esta misma dirección. Desde 1975 la Universidad Católica de Córdoba organizaba cursos de posgrado previendo dos años de duración y concentrados en “Historia y preservación del Patrimonio Monumental”. El dictado se concretó en 1977 mientras que, los desarrollados durante 1978 y 1979, tuvieron carácter intensivo con una extensión de cuatro meses. Allí se capacitaron grupos de arquitectos recientemente graduados, constituyendo las primeras camadas profesionales que ayudaron a conformar equipos para la organización del IAIHAU y que también replicarían ese aprendizaje en ciclos más breves desde la Universidad de Tucumán.



FIG. 08

A estas alturas, los procesos de aprendizaje, bien reflexivos acerca de la defensa y protección patrimonial continental ampliaban sus criterios de observación e incorporaban, paulatinamente, principios de integridad disciplinar. Algunos de los encuentros de arquitectos realizados en distintas partes de Latinoamérica así lo señalan, como la “Primera Bienal de Arquitectura”, desarrollada en 1977 en Santiago de Chile y en la cual se dispuso una sección especial, acompañada de una exposición dedicada al patrimonio nacional. Su repercusión fue tal que movilizó no solo una camada profesional que dejaría huella en el campo arquitectónico chileno, sino que otro cuerpo editorial también se hizo eco de ello, como la revista *AUCA* que recogió estas intenciones sumando en su colección algunas ediciones especiales<sup>31</sup> bajo esta perspectiva.

<sup>31</sup> *AUCA. ARQUITECTURA, URBANISMO, CONSTRUCCIÓN Y ARTE*, Santiago de Chile, 34, 1978.

Por supuesto, y más allá de la apreciación particular que pudiera elaborarse para cada una de las oportunidades de estudio generadas durante este período, resulta indudable que las experiencias recogidas de los cursos en Churubusco<sup>32</sup>, del CECRE en Brasil, de los de Cusco o desde el CENCREM cubano, constituyeron balizas académicas de excelencia en la formación disciplinar latinoamericana y, sin dudas, fueron los desencadenantes del nivel de excelencia que distinguiría al campo profesional del continente en las siguientes décadas.

## *La historia futura, una historia diversa y sin fin*

Sin lugar a dudas, la tracción que infundiera la “Carta de Venecia” a nivel internacional, tuvo la capacidad de generar, a un lado y otro del Atlántico, una urdimbre disciplinar que, en apenas quince años desde su firma, y aún más en el continente latinoamericano, articuló eficazmente la formación en patrimonio. Desde aquellas intenciones preliminares, en los comienzos del siglo XX, principalmente enfocadas en registrar los monumentos que valorizaban el espíritu de Nación, hasta este nuevo milenio en el que los ojos se enfocan en los habitantes solidarios con su contexto cultural, el balance del binomio “enseñanza/aprendizaje” de la preservación patrimonial se visualiza positivamente.

Es cierto que las relaciones personales, institucionales y académicas se hicieron mucho más fluidas y los resultados más tangibles, a partir de la década de 1980 y una vez que varios de países del mapa latinoamericano recuperaran sus gobiernos democráticos. En el intertanto, en una época carente de capacidad digital, sometida a silencios oficiales obligados, se contrapusieron denodados esfuerzos por conocer y difundir acerca del patrimonio arquitectónico. Una de las vías posibles para hacerlo fue la recurrencia a los medios impresos; fueron ediciones que compaginaron voluntad y atrevimiento, basadas en una América consolidada como región y cuyo patrimonio era tan íntegro que desconocía las fronteras geográficas.

Entre ese abanico editorial, cabe mencionar el catálogo que reúne unos mil trescientos registros en torno de la temática en el ámbito continental (VIÑUALES; 1990a); también aquel otro que refleja un panorama de la situación argentina de entonces y cuyo diagnóstico expresaba la escasez de especialistas en organismos públicos al mismo tiempo que, con eje en lo regional, alentaba la realización de cursos superiores interdisciplinarios (VIÑUALES, 1990b). La enseñanza del patrimonio también pudo cosecharse a través de ediciones periódicas, dedicadas expresamente a la protección de la arquitectura; en este conjunto pueden citarse: *Casas reales* desde la República Dominicana (vigente entre 1976-1994), *Cuadernos de Arquitectura y de conservación del patrimonio artístico* (INBA, 1977-1985); las versiones que ICOMOS promoviera como *Boletín* para cada país (sirvan de ejemplo el de Argentina de 1983 o el de México de 1991, entre otros); *Patrimonio y Desarrollo. Boletín informativo* (Cuba, 1988). Los años '90 también fueron pródigos al respecto y en esta etapa encontramos *I'NAJ. Revista de divulgación del Patrimonio cultural de*

<sup>32</sup> En todos estos años la escuela mantuvo un proceso de actualización continua, incorporando talleres de restauración, clases de museología y procesos documentales de archivos. Actualmente, lleva el nombre de “Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía “Manuel del Castillo Negrete” (ENCRyM).

Yucatán, a la que se sumaron Restauración hoy (Bogotá, 1990-1996), Cadernos do Patrimônio Cultural (Rio de Janeiro, 1991), o la argentina Revista C. Patrimonio Cultural de 1997, por mencionar algunas. Lejos de aminorar la producción, aunque con formatos más actuales, la nueva centuria continúa informando a través de Forum Patrimônio: ambiente construido e patrimonio sustentável (desde la UFMG, desde 2004), de las uruguayas La Gaceta del Instituto de patrimonio cultural (2005) o Patrimonio. Revista de la comisión de patrimonio cultural de la Nación (2011) a las cuales se une, desde Lima, Devenir. Revista de estudios sobre Patrimonio Edificado, entre otras (MÉNDEZ, 2020).

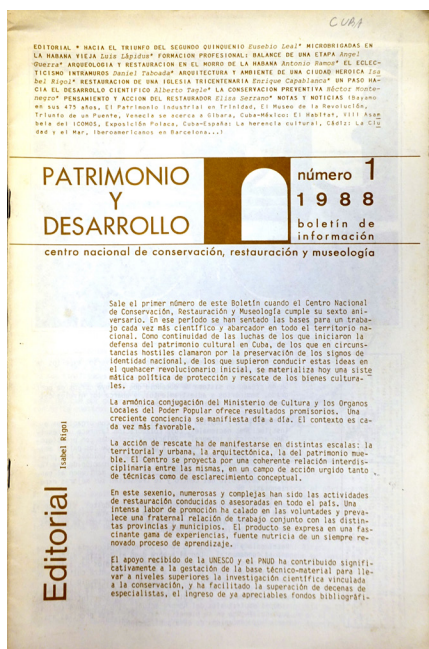


FIG.09 a



FIG.09, b,



FIG.09 c,

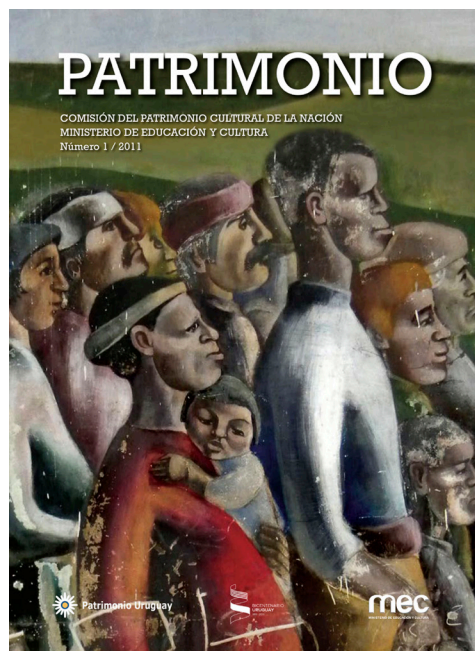


FIG.09 d)

Mientras tanto, se sostenían otros ejercicios que discutían y examinaban las ofertas de cursos vigentes y, particularmente, fueron aplicados en aquellos ámbitos con propuestas programáticas y especializaciones particulares en torno del patrimonio construido. Su calidad también ya era revisada, lo mismo que las metodologías aplicadas en ello, como sucediera en las universidades de México y de Guanajuato, al momento de desarrollar el seminario sobre “Evaluación de los planes de estudio de maestrías en restauración arquitectónica”, llevado a cabo en Churubusco durante 1985 y cuyos resultados fueron celebrados (DÍAZ-BERRIO, p. 275).

Mientras tanto, a nivel continental, la formación pedagógica en patrimonio continuó atendiendo sistemas de perfeccionamiento y se inscribía en las determinaciones educativas que, desde 1976, las Naciones Unidas entendieran como derecho universal<sup>33</sup>. Aquella demandada alfabetización consensuó su espíritu con la vertiente patrimonial cuando, desde el Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Derechos Humanos, se subrayaba la importancia de *“permitir a todas las personas, sin discriminación, acceder, participar y contribuir a la vida cultural de una manera en continuo desarrollo”*<sup>34</sup>. En concordancia con esta perspectiva, bajo la mirada contemporánea de “educación patrimonial” definida por Zaida García-Valecillo (LEON MATAMOROS, 2021 p. 98), los procesos formativos han acelerado su rumbo hacia un mundo más inclusivo, donde los vínculos sociales superan el valor material del bien por resguardar. Todo ello apunta a fortalecer los procesos formativos, vinculantes entre la población y su contexto, aquellos donde la identidad -alejándose de cánones foráneos y apropiándose de los locales- pueda ofrecer certeza de compromiso hacia la comunidad que refleja.

Es indudable pues que, transcurridas dos décadas del siglo XXI, los conceptos disciplinares y los sistemas pedagógicos en torno de la preservación patrimonial han sido redimensionados bajo el amplio paraguas cultural. Las estructuras universitarias que cruzan la historia de la enseñanza y las formas pedagógicas del patrimonio han acelerado el proceso de cambio, se han actualizado y hasta traspuesto la arquitectura para acoplarse a otras disciplinas. Algunos ejemplos dan cuenta de este progreso, como los cursos de posgrado acreditados en Argentina que, de los trece vigentes y concentrados en los motivos que nos ocupan, dos de ellos se instalan en las carreras de Filosofía y Letras y en la de Ciencias Sociales respectivamente<sup>35</sup>. Algo similar ocurre en el resto de los países, como en Brasil, donde la cifra total supera los veinte cursos, sosteniendo perfiles diversos e incluyendo cursos de posgraduación con distintas nominaciones.

Otra muestra de las distintas variantes que impregnan el aprendizaje del patrimonio, se constata al revisar la heterogénea variedad de apellidos que se asocian a él. Términos tales como “tecnológico”, “gestión”, “conservación”, “histórico”, “restauración”, “bienes”, “cultural”, “sustentable” e “identidad”, a los que se suman adjetivos que sintetizan las funciones operadas por aquellos objetos que valora (industrial, agrario, documental, fotográfico, culinario, etc.) dan cuenta de los avances y de la versatilidad que la formación en patrimonio ha adquirido en las últimas décadas.

---

<sup>33</sup> NACIONES UNIDAS. Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales, Culturales y Ambientales. <https://www.ohchr.org/sp/professionalinterest/pages/cescr.aspx>. Consultado el 22 de agosto 2022.

<sup>34</sup> NACIONES UNIDAS, CONSEJO DE DERECHOS HUMANOS (2019).

<sup>35</sup> CONEAU. Comisión Nacional de Evaluación y Acreditación Universitaria. <http://www.coneau.gob.ar/buscadores/posgrado/> Consultada el 22 de agosto 2022

Desde la perspectiva de la alfabetización patrimonial, la oportunidad más reciente fue generada en 2012, con la formalización de la Red PHI. La propuesta fue discutida un año antes, en un encuentro de académicos desarrollado en la ciudad de Belo Horizonte, donde representantes de las universidades Politécnica de Madrid, Federal de Minas Gerais, de Coimbra, Autónoma de México, Católica del Perú, Javeriana de Colombia y de Valparaíso, todas en adhesión a la “Carta Cultural Iberoamericana”<sup>36</sup>, atendieron de la necesaria cooperación institucional respecto de la formación superior en patrimonio. De entonces, las instituciones han confirmado a la gran región iberoamericana como proyecto transversal y, gracias a la aplicación de un sistema transmedia, comparten sus avances y amortizan los esfuerzos docentes interdisciplinarios desarrollando modelos pedagógicos diversos<sup>37</sup>.

La propedéutica de la preservación patrimonial tiene final abierto y está en permanente construcción, cual serpentina sinfín entiende que el patrimonio solo se sostiene desde la responsabilidad y que está ceñido a una educación que mantenga un sentido verdaderamente democrático y académicamente científico.

## Bibliografía

- ANDRADE Jr., N. V. *Tutte le strade portano a Roma: a autonomização do campo da restauração arquitetônica na América latina e a contribuição da Scuola di Roma*. In: Amoroso, M. R.; Guimarães, C.; Dias, D. (orgs.). *Patrimônio arquitetônico Brasil-Portugal*. Aveiro: PROARQ-Universidade de Aveiro, 2020, p. 33-51.
- BORRERO CABAL S.J., P. A. *Preservación y conservación de monumentos arquitectónicos y de conjuntos históricos y artísticos*. In: *Apuntes: Revista De Estudios Sobre Patrimonio Cultural*, 3, 1969. Recuperado a partir de <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revApuntesArq/article/view/9224>
- DÍAZ-BERRIO, F. *La formación de especialistas en conservación del patrimonio cultural inmueble en México*. In: *Asamblea General del ICOMOS*, Washington, 1987, p. 275-284.
- GUTIÉRREZ, R. *Historia de la Arquitectura y del Urbanismo en Iberoamérica*, Madrid: *Manuales Arte Cátedra*, 1984.
- GUTIÉRREZ, R.; STAGNO, R.; TARTARINI, J. (ed.) *Congresos Panamericanos de Arquitectos, 1920-2000. Aportes para su historia*. Buenos Aires: CEDODAL, 2007.
- GUTIÉRREZ, R.; VIÑUALES, G. (eds.) *La búsqueda de la arquitectura nacional y americana. El Instituto Argentino de Investigaciones de Historia de la Arquitectura y el Urbanismo, 1978-1995*. Buenos Aires: CEDODAL, 2022.
- GUTIÉRREZ VIÑUALES, R. *La conservación y el patrimonio en América Latina: algunos temas de debate*. In: *Visualidades, Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, Goiânia*, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis.v7i1.18126. Recuperado a partir de: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18126>. Consultada 17 jul. 2022.
- LEÓN MATAMOROS, M. G.; MONCAYO RAMÍREZ, J. (Coords.). *Imágenes de un mismo mundo. La educación patrimonial en Iberoamérica*. Puebla: DRH Ayuntamiento de Puebla, 2021.
- MANRIQUE, J. A. *La Conservación del Patrimonio Arquitectónico*. *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas, México*, v. 12, n. 42, p. 167-170, 1973. DOI: 10.22201/iiie.18703062e.1973.42.982.
- MAYUMI, Lia. *Taipa, canela preta e concreto: um estudo sobre a restauração de casas bandeiristas em São Paulo*. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.16.2006.tde-05052010-105239. Consultada 5 ago. 2022.
- MÉNDEZ, P. *Ideas, proyectos, debates. Revistas latinoamericanas de arquitectura*. Buenos Aires: CEDODAL/Dostercios, 2020.

<sup>36</sup> IXª Conferencia Iberoamericana de Cultura, (Montevideo, 2006).

<sup>37</sup> Carta de fundación RedPHI, acta 11 enero 2022.

NACIONES UNIDAS. Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales, Culturales y Ambientales. Recuperado a partir de: <https://www.ohchr.org/sp/professionalinterest/pages/cescr.aspx> Consultada 22 ago. 2022.

NACIONES UNIDAS, CONSEJO DE DERECHOS HUMANOS. Derechos culturales: informe del décimo aniversario (Informe A/HRC/40/53), 2019. Recuperado a partir de <https://undocs.org/es/A/HRC/40/53> . Consultada 22 ago. 2022.

NASCIMENTO, F. B. do. Formar e questionar? Os cursos de especialização em patrimônio cultural na década de 1970. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 205-236, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n0108. Recuperado a partir de <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/119846> Consultada 10 set. 2022.

VIÑUALES, G. M. Bibliografía sobre Conservación arquitectónica en América Latina. *Bahía Blanca: La Nueva Provincia/ IAIHAU*, 1990a.

VIÑUALES, G. M. Patrimonio arquitectónico. Aportes a la cultura nacional y americana. *Buenos Aires: Instituto Argentino de Investigaciones de Historia de la Arquitectura y el Urbanismo*, 1990b.

WAISMAN, M. Patrimonio histórico, para qué? In: *summa* (77), Buenos Aires, ediciones Summa, jun. 1974.

## Entrevistas:

Arq. Nivaldo Viera de Andrade Jr.

Dr. José de Nordenflycht



# ACADEMIC TRAINING IN ARCHITECTURE HERITAGE. A LATIN AMERICAN SNAPSHOT IN THREE PERIODS

## *Academic Training in Architecture Heritage. A Latin American Snapshot in Three Periods*

*Dra. Patricia Méndez<sup>1,2</sup>*

### *Abstract*

Just under sixty years since the decisive document on architectural heritage conservation and preservation was released, this text provides a snapshot on Latin American university teaching for these topics. The methodology applied, turned to historiographic methods, interviews, and a review of the specialist press. The article is organized into three phases, where the “Charter of Venice” is the cornerstone of academic training. It starts with the first interests in heritage care; continues by offering nuances of the academic training in the 1960s, which over the following twenty years, nourished specializations of these goals in schools and pioneering faculties. It culminates by reviewing the academic maturity reached in university courses across the continent, vindicating the importance of media in this process, and valuing the democratic vision that, today, the PHI network’s transmedia platform has instilled.

Key words: Latin America; twentieth century; academic training; architectural heritage; teaching; journals.

---

<sup>1</sup> *Arquitecta (UBA); Master en Gestión Cultural (Univ. Barcelona); Ph. D. FLACSO. Académica Asociada Universidad del Bío-Bío. Investigadora CONICET. Coordinadora Técnica CEDODAL. Sus proyectos de investigación abordan la historiografía de la arquitectura latinoamericana a partir de los medios de difusión del siglo XX. Integra comités científicos de revistas académicas, es autora de libros, artículos en revistas de corriente principal e investigador responsable en proyectos de investigación nacionales e internacionales. CEDODAL/CONICET-UBA*

<sup>2</sup> La autora agradece especialmente a los profesores Adriana Collado, Nivaldo de Andrade, José de Nordenflycht, Ramón Gutiérrez, Carlos Inostroza H., Marcelo Magadán y Graciela M. Viñuales, por la desinteresada colaboración en la preparación de este texto.

*What sense of responsibility can we expect  
from someone who has perhaps lived his whole life in front of a summit  
of our architectural past and no one,  
no teacher made him notice his value?<sup>3</sup>*

In global terms of valuation of architectural heritage, it can be agreed that there is a before and after May 31st, 1964, when, at the closing of the II International Congress of Architects and Technicians of Historical Monuments, the “Venice Charter” was signed.

From that crossroads to the present, it is possible to list an incalculable number of names of professionals, technicians, architects, restorers and even historians who, convinced of the importance of Latin American built history, developed or attended different types of training under these purposes.

But, for Latin America, there was also a before and after it. A before even the closest antecedent to the Venice document, known as the “*Carta del Restauero*” and signed in Athens in 1931. And a long after that reaches the present; In the meantime, authors crossed paths, institutions agreed, norms were sanctioned, norms were discussed in meetings and congresses, classes were given, their voices were legitimized in publications and, as a whole, they allow the didactics of contemporary architectural heritage to become a truly democratic and academically scientific social argument for knowledge.

The link of these paragraphs is based on these reasons, organized from three phases in which the “Venice Charter” is established as a connecting link in the historical panorama. These stages begin when in Latin America disciplinary interest in heritage preservation appeared together with concern for its training; it continues to 1960 and spans the next twenty years, focusing on the continental spread seeded by inaugural courses. The final panorama reveals the academic maturation reached in the undergraduate and postgraduate courses in the continent’s universities, vindicates the importance that the media had in this and distinguishes the plural and inclusive vision promoted by the transmedia platform of the PHI network.

While successes or neglects in the formative processes that compromise the Latin American architectural heritage, it is beyond the scope of this text to establish evaluative judgments regarding them. In any case, it tries to pave the way to strengthen learning by reiterating the commitment embraced by its predecessors, emulating the efforts of countless professionals and encouraging the installation of a pedagogical system that, in heritage, is truly democratic and academically scientific.

## *Previous history*

As Gutiérrez (1998) puts it, “The second decade of the [XX] century will open for America with the winds of renewal and change manifested in the Mexican revolution of 1910...”. Anyhow, from

---

<sup>3</sup> Words offered by Jorge Alberto Manrique, in a ceremony held at the Museum of Anthropology of Mexico, on October 1st, 1973 on the occasion of the change of the Board of Directors of the Mexican Society of Restorative Architects and in which he was named an honorary member. *Annals of the Institute of Aesthetic Research, Mexico*, v. 12, no. 42, p. 169, 1973.

the celebrations of the centenaries of the independence of various countries, another emancipation loomed for architecture, since,

The social and ideological changes, the vital need for an alternative model, the historical vacuum, the rebellious attitude against the falsehood of academic Europeanism, converged to generate a profound change in the way of seeing architecture. (...)

This is the first time that architecture has been theoretically reflected on in a systematic way from America. In other words, the very center of the problem is dealt with from our space.

This reflection will also providentially signify the study of our American architectural and cultural heritage. The continent will begin to be traveled and “discovered” to rescue and document a cultural legacy that the “colonization” of the 19th century had systematically destroyed as if wanting to erase that history.” (GUTIÉRREZ, 1998, p. 549)

Latin American arts in general, and architecture in particular, tried at that time to get rid of odd ties and opted to turn the page on copies originating in somewhat unrelated continents. The local intellectual movements discussed the aesthetic rupture in its Americanist roots and with this, they were able to develop studies that channeled the protection of architecture, so that what was “own”, carried weigh in the eyes of the national States.

Thus, in the field of discipline, concerns about teaching and the defense of the built environment past brought together solid interests from different channels, among which the Pan-American Congresses of Architects formed one of the many scenarios that awakened the memory. In the first of these Congresses, held in Montevideo in March 1920, among the “Papers presented not included in the official Themes of the Congress”<sup>4</sup> revealed aspirations about that. Such suggestions came from the voice of the Ecuadorian representative, warning of the necessary transversal and historical reading of the architecture of his country. One of the locals also adhered to it, the architect Román Berro, encouraging the consolidation of a Latin American architecture and, for his part, the Argentine Greslebin, promoting the incorporation of subjects that studied our architecture since prehistory.

Only during the Second Congress (Santiago de Chile, 1923), the heritage issues turned on official alerts and the speeches coming from the *Banda Oriental* acclaimed the urgent sanction of laws for the protection and conservation of monuments. Greslebin would join them again, requiring the formalization of the “*Conservación de los Monumentos que tengan valor histórico, arquitectónico y arqueológico*” and, at the same time, demanding the implementation of a “*Comisión de Monumentos Históricos, Arquitectónicos y Arqueológicos*” (GUTIÉRREZ, 2007, p. 11). The hosts understood the urgency and importance of this request and, in 1925, they would formalize the creation of the “Consejo de Monumentos Nacionales”, the same body that regulates Chilean monuments up to this day.

in the following meeting, in Rio de Janeiro (1930) it was recognized, in its seventh section, “The defense of the artistic heritage of the American nations” recommending in its conclusions that the interest should focus on

---

<sup>4</sup> Cfr.: *Arquitectura. Órgano oficial de la sociedad de arquitectos*, año IV, (37, octubre 1920) p. 85.

“(…) Express to the federal governments the urgent need to create an “*Inspección de Monumentos Públicos de Arte*”, for the special purpose of “making an inventory of all public and private monuments of real architectural value, and thus study the means of preserving them from destruction or artistic distortions.” (GUTIÉRREZ, R.; STAGNO, R.; TARTARINI, J. 2007, p. 62).

However, it was not until 1940, during the meeting in Montevideo, that the need to legislate for the protection of heritage and the creation of courses that guaranteed the restoration of monuments was openly raised. The feat came from the hand of the Argentine architect Mario J. Buschiazzo, who had already anticipated his ideas in his writing “*La destrucción de nuestros monumentos históricos*”<sup>5</sup> together with the exhibition that, for this event, would coordinate in favor of the diversity of the continental cultural heritage. The issue was reinforced during the sixth<sup>6</sup> section of that Congress, where countries lacking heritage protection legislation were recommended to officiate its enactment urgently and, thus, the bet claimed the profession whenever the restoration of monuments, should be entrusted to architects, as they were the “only professionals who, due to their specialized studies, are in a position to carry out this delicate task” (GUTIÉRREZ, STAGNO, TARTARINI, 2007, p. 66).



FIG. 01

Gradually, the disciplinary environment together with the universities, were adapting to the suggestions in favor of the local heritage. Mario Buschiazzo would join this assertive and growing continental current with the creation of the “*Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas*” (IAA) at the University of Buenos Aires (1946), a mirror of what Manuel de Toussaint had already done in 1936. with the beginning of the “*Instituto de Investigaciones Estéticas*” (IIE) at the UNAM and that would later be replicated by the “*Instituto de Historia de la Arquitectura*” (IHA, 1948) from

the Uruguayan University of the Republic and the “*Instituto de Historia*”<sup>7</sup> (1952) at the University of Chile.

In addition to the organizations already mentioned and that carried out their work under the university protection, from the state estates the recognition of official centers committed to patrimonial custody also began. Thus, the Chilean Council would be joined, since 1934, by the first Brazilian body founded as the “*Inspetoria de Monumentos Nacionales*”<sup>8</sup> and whose operation, much later and from Buenos Aires, was commented on by one of its promoters, Mario de Andrade<sup>9</sup>. The Río de la Plata environment was completed in 1938, with the creation from Argentina of the “*Comisión de Museos, Monumentos y Lugares Históricos*” while, in Montevideo, the “*Comisión Nacional de Monumentos Históricos*”<sup>10</sup> would only begin its work in 1952.

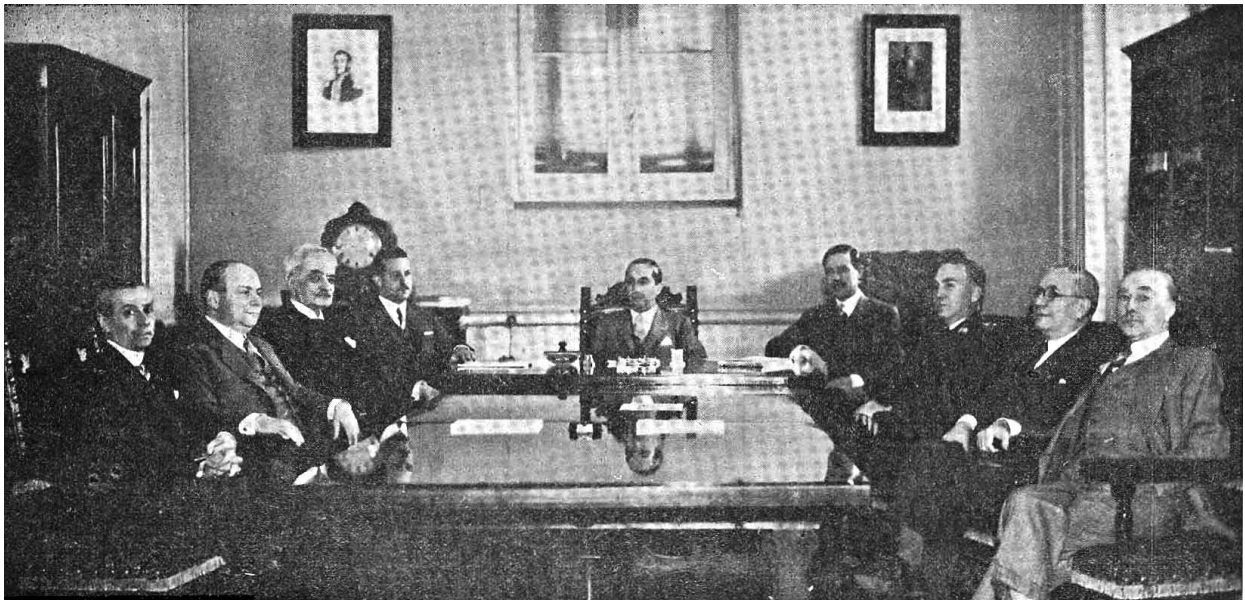


FIG. 02

Far from constituting isolated impulses, these actions would consolidate the interest in teaching in the defense of heritage. The nature of these feats, although exclusive to each nation, in architecture could be translated into a tacit alliance, where the “teaching/learning” binomial of heritage defense would come not only from the official levels, but also and thanks to the efforts provided by the edition of articles under this optics. In this respect, each of the institutions reported their progress in periodical publications, as the Mexican *Anales*<sup>11</sup> had done since 1937; that same year the *Revista*

---

<sup>11</sup> Edited by the Institute for Aesthetic Research, UNAM, its editions are kept online.

do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>12</sup> was added; in 1939 the Boletín de la Comisión Monumentos<sup>13</sup> in Buenos Aires; and this same city, in 1948, the Anales del Instituto de Arte Americano<sup>14</sup> began its circulation; and the Chilean Council of National Monuments would do the same through its Cuadernos<sup>15</sup> from 1950.



FIG. 03A

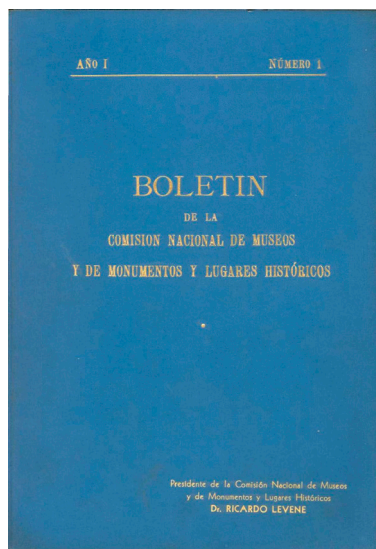


FIG. 3B

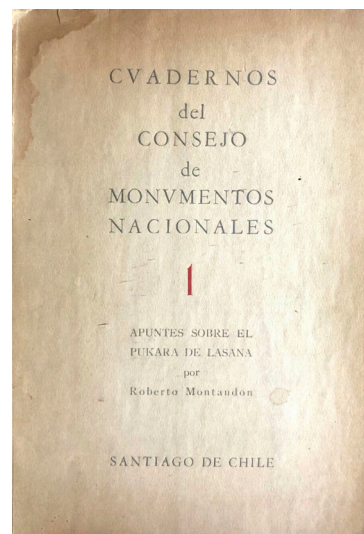


FIG. 3C

The Pan-American Congresses, the disciplinary meetings under different circumstances, the formation of those university institutions and the journals that were published by them, paved the disciplinary formation in terms of heritage. However, many of the efforts that were in process were interrupted by the Second World War. However, expectations changed after the organization of UNESCO (1945) and the organizations that were established from it. The formation of ICCROM (International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property) in 1956 and of ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) in 1965, would accelerate the formal organization of specialized and official courses for the defense of Latin American heritage.

## The *almost* official story

As stated by various authors and reaffirmed by Nivaldo de Andrade (2020), also from Latin America, *“tutte le strade portano a Roma”*. Although geographically distant, the material catastrophes caused by the Second War had imposed an urgent reconstruction in Europe and, if this required specific training, it was also true for Latin America, where other heritage losses awaited their recovery. Thus, the attendance of international personalities at the meeting of the Second International Congress of Architects and Specialists of Historic Buildings, would stimulate the signing of the “Venice Charter” in 1964.

De Andrade also states that, in the field of Latin American conservation and restoration, the autonomy of professional practice in these terms could only be achieved once the 1960s had passed, and it was so thanks to the

“... decisive and direct influence of the school of Rome, through the specialization courses promoted by the *Scuola di Specializzazione per lo Studio ed il Restauro dei Monumenti da Facultade de Arquitectura de la Universidade degli Studi di Roma ‘La Sapienza’* associated with ICCROM.” (Andrade, 33).

The conventions and agreements signed at that time regularized the courses in European universities and, in these classes, several Latin American architects<sup>16</sup> participated, who, once back in their countries of origin, acted as guiding compasses for action and teaching in heritage recovery.

The “Charter...” acted as a guiding link to Latin American eyes. The institutes of the continent quickly accepted, reproducing it in all the information channels available. For example, towards the end of the same year as its adoption, it was published in the pages of *Anales*<sup>17</sup> del IAA and in *Arquitetura*<sup>18</sup>, of the *Instituto de Arquitetos do Brasil*. It was also promoted by the *Boletín del CIHE*<sup>19</sup> and complemented with texts<sup>20</sup> by its director, the Italian Graziano Gasparini.

The impetus and adherence that Gasparini<sup>21</sup> manifested towards the conservation and restoration of monuments, as well as his commitment to the landscaping, complemented his diagnoses of the Venezuelan situation at that time, as revealed in the following editions of the *Boletín del CIHE*. Thus, for example, it published the recommendations of the “First seminar on conservation and restoration of monuments”<sup>22</sup> whose conclusions recommended to the *Sociedad Venezolana de Arquitectos* and the Schools of Architecture, the legitimization of courses on conservation and restoration of monuments in order to increase the technical training and professional criticism. Another of the texts published in that same number reproduced the “Final Acta of the Pan-American Symposium on Conservation and Restoration of Historic Monuments”<sup>23</sup>, also recognizing the need to systematize knowledge on issues related to heritage with the care that teachers accredit their professional and technical training.

Now, if academically and formally the disciplinary institutions acclaimed the official establishment of higher education on issues related with heritage protection, in practice they were neither so prompt nor so systematic. In some places on the Latin American map, some rigid mechanisms were maintained for these issues and, especially, the university pedagogical frameworks did not contemplate quick inclusions of this type. However, it was not that they did not exist, but rather that some were taught by professionals of excellence outside the accredited academic frameworks and, other times, the classrooms lacked the specialized qualification under the intended terms.

There were indeed some inaugural classes, as Lía Mayumi (2006, p. 149) points out, indicating that, at the request of Flávio Motta and with the collaboration of IPHAN, the Faculty of Architecture of the University of São Paulo, was a pioneer in undertaking these gestures in teaching. In 1964, a postgraduate course was offered there, focused on the preservation and restoration of monuments

<sup>16</sup> The delegates from Latin American countries who signed the Charter were twelve in total. For more information on international participation in La Sapienza courses. See: ANDRADE (2020, p. 36-37)

<sup>17</sup> *Anales*, 17, dic. 1964, con traducción de la profesora Henriqueta Vergez, p.137-140.

<sup>18</sup> GASPARINI, Giancarlo. Monumentos: tema de debate em Veneza. *Arquitetura*, 27, p. 15-21, set. 1964.

<sup>19</sup> *Boletín del CIHE*, 2, ene 1965, p. 84-88.

<sup>20</sup> GASPARINI, Graziano, “Conservación y restauración de monumentos en Venezuela”, *Boletín del CIHE*, 2, p. 57-83, ene. 1965.

<sup>21</sup> The commitment assumed by Gasparini in defense of Latin American architecture and its care allowed him, in 1974, to found the Dirección de Patrimonio Cultural in Venezuela

<sup>22</sup> The event was held in Caracas between May 4 and 9, 1965. *Boletín del CIHE*, 4, p. 138-139, 1966.

<sup>23</sup> The meeting had taken place between June 10 and 12, 1964, in Florida (USA). *Boletín del CIHE*, 4, p.140-141, 1966.

and whose objective, meeting the academic requirements imposed by the Ministry of Education and Culture, was to instruct the teachers of the same Faculty. From then on, other efforts undertaken by the same Faculty promoted university postgraduate courses with the collaboration of IPHAN and other local institutions of the São Paulo district, such as those carried out through CONDEPHAAT<sup>24</sup> and which would achieve results of national repercussion with adaptations of their program from the 1970s (NASCIMENTO, 2016, p. 219).

Simultaneously with Brazil, the Mexican environment eased the demands around the theme by formulating the establishment of three courses. One of them, settled at the University of Guanajuato, was led by Víctor Manuel Villegas Monroy in 1968<sup>25</sup> and the remaining two, although more focused on the restoration of cultural assets, would do so from the UNAM. As Andrade (2020, 41) comments, in 1965 UNAM offered classes<sup>26</sup> sponsored by the Instituto Nacional de Antropología e Historia that, as part of global planning promoted by UNESCO, would be formalized from the following year, although the Churubusco center formally established the inauguration of its official classes on February 1st, 1968. The other course, which was presented as “Seminario de Restauración” de Monumentos “, was taught in 1966 within the Faculty of Architecture and, three years later, reached the degree of “ Maestría en Restauración de Monumentos”, in a gesture that institutionalized for the first time a postgraduate course specifically aimed at heritage protection in Latin America (ANDRADE apud CEJUDO COLLERA, p. 42).

The early Brazilian and Mexican initiatives spreaded similar actions throughout the continent and, particularly in Peru, where, since the early 1960s had their replicas at the National University of Engineering. The “Restauración de Monumentos” classes were taught through the Department of Architecture, led by a former student of La Sapienza and signer of the “Venice Charter”, Víctor Pimentel. At that time, the Peruvian government would also agree with UNESCO to support a combined platform in favor of disciplinary training concentrated, mainly, in those sites with archaeological situations at risk. Among the first results of this collaboration, in the city of Lima, on April 25th, 1969, the “ Plan Turístico y Cultural Perú-Unesco (COPESCO” was formalized, a co-operation that would interact with the *Instituto Nacional de Cultura* - created that same year in order to protect the patrimonial revitalization of the country.

By the 1970s, training and specialization in heritage preservation already made up the state agenda in several countries. And, although the formal courses that they attended on this were incipient, the meetings of the Pan American Congresses did not cease in their insistent incorporation (Bogotá, 1968). In this sense, the official program of the XIV Pan American Congress, held in June 1972, in São Paulo, when the issue was analyzed by Commission 3, specifically directed to the “Defense, preservation and revival of historical sites and monuments” is relevant. There, the creation of planning entities that incorporated the valorization, conservation and restoration of the urban and rural historical heritage integrally linked to the natural and cultural landscape was encouraged, as well as legislating about monuments, inventorying them and, fundamentally,

<sup>24</sup> The CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) was created by law on October 22, 1968, reporting to the Secretary of Culture of the State of São Paulo. Since 1977 he published its news in Condephaat. Documentos, then Boletim edited between 1979 and 1980.

<sup>25</sup> DIAZ-BERRIO, 1986.

<sup>26</sup> Regarding the length of these courses, Díaz-Berrio (1986) establishes that they lasted ten months, while Andrade (2020, p. 41) concentrates them into three. Possibly, the approach of the authors attends to the different geographical scope that each of them took, being that the first was national and the next, in 1968, international.

ensuring that all “...urban programs that involves historical sites, must occupy the corresponding hierarchy level, studying in detail their integration into the urban development process without affecting their values” (GUTIÉRREZ, STAGNO, TARTARINI, 2007, p. 101). This aspect deserves to be highlighted since, by emphasizing the integration of monuments into the daily life of the user of Latin American cities, the recommendations of that time, did nothing more than anticipate the current heritage educational programs. But, strictly speaking, this participation crystallized later, when the wording of the “World Heritage Protection Convention” (UNESCO, November 16, 1972), recognized the paradigm shift that went beyond the margins of the “monument” and incorporated community and social interests.

At that time, classes were also formalized at the “Centro Regional Latinoamericano de Estudios para la Conservación de Bienes Culturales ‘Paul Coremans’” - “Churubusco” Center-. The program specialized its students in restoration of real estate for two years but, almost immediately after starting, in 1973, it was transformed into a “Maestría en restauración arquitectónica”. The extent reached, either because of the teachers it brought together, because of the graduates from its classrooms or because of its programmatic proposal, as Salvador Díaz-Berrio indicates, the Churubusco Center could well be considered as “the” Latin American delegation of ICCROM.

The international vocation that emanated from Churubusco soon echoed in the Andean highlands. In 1975, the “Primer Curso Regional Latinoamericano de Conservación y Restauración de Bienes Culturales Muebles”<sup>27</sup> began in Cusco, continued by the second version the following year and was coordinated, in both cases, by the Argentine architect Ramón Gutiérrez. Among its contents were considered, among others, the “Restoration of Monuments”, “Works of Art”, “Archaeological Techniques”, “Documentation Techniques” and “Research Methodology”, the latter dictated by the architect Graciela M. Viñuales .



FIG. 04

Something similar happened in the Brazilian scenario, when the insertion of specializations was deployed in important points of the country. In response to the Ministry of Education and Culture and the IPHAN, Mayumi (2006) indicates that from 1974 three biannual courses were taught. Under the name “*Restauração e Conservação de monumentos e conjuntos arquitetônicos*”, the educational cycles were given successively in São Paulo, in Recife and in Belo Horizonte. These classes spread knowledge in the extensive Brazilian territory and, according to the same author, the field of teaching in heritage preservation was strengthened thanks to the multiplicity of visions offered by the different contexts. Starting in 1981, the course took a permanent seat in the city of Salvador within the sphere of the Federal University of Bahia and continues to the present under the name of MP-CECRE<sup>28</sup>.

The Latin American synergy would also involve the Caribbean region; Precisely, in Cuba, since mid-1977 Law No. 1 that governed the protection of the country’s cultural heritage<sup>29</sup>. However, it was not until 1980 that the CENCREM (*Centro de Estudios de Conservación, Restauración y Museología*) began its academic functions, articulating its classes between the *San Gerónimo* School in Havana and the *Instituto Superior de Arte*. This first stage was improved over time, when these subjects were integrated into the academic curriculum of the *Facultad de Conservación y Restauración* connected with the Universidad de las Artes.

It can then be established that, around the 1970s, didactics on heritage issues was a concrete reality in various parts of the continent. For example, the Architecture Study Plan at the Universidad Nacional del Nordeste (UNNE, Argentina) was already thinking of “*Conservación del Patrimonio arquitectónico y Urbano*” as an elective subject for the 4th year, although its inaugural classes started only in 1980 but are maintained to the present.

---

<sup>28</sup> MP-CECRE: Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos.



FIG. 05



FIG. 06.

This subject emerged exclusively anchored to the Department of the History of Architecture of the university; a location on the north of Argentina functioned as an international stage thanks to its interlocutors, the founders of IAIHAU<sup>30</sup> and from which knowledge of Latin American

<sup>30</sup> The Department was led by the architects Ramón Gutiérrez, Ricardo Jesse (Dick) Alexander and Graciela María Viñuales. Cf. GUTIERREZ, R.; VIÑUALES, G. (2022).

architecture was disseminated as an integral concept and the preservation of its heritage. In the same area, a new dissemination channel also emerged to endorse these ideals: the Documentos de Arquitectura Nacional (DAN), a journal, published since 1973, which later expanded its name to DANA and, as an IAIHAU motto, it also dissolved boundaries thanks to the incorporation of writers from all over the continent and their struggles in favor of Latin American heritage.

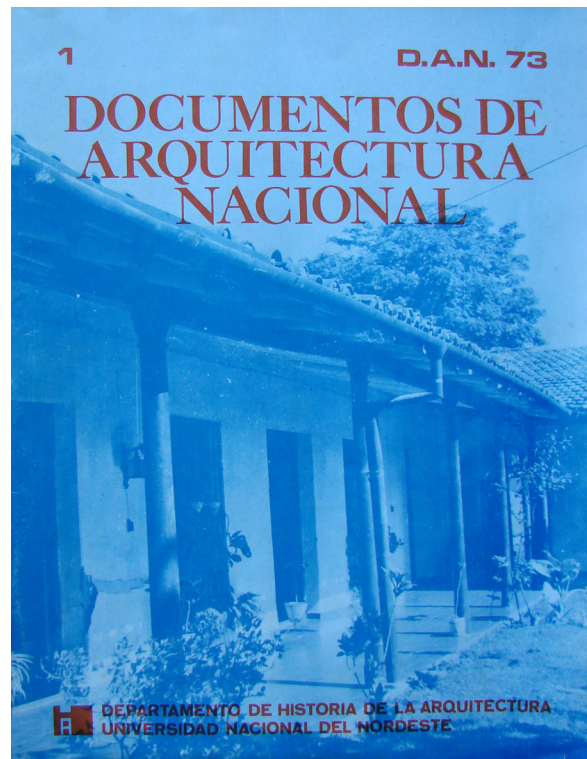


FIG. 07

The journals, through their pages, lined up knowledge and facilitated this knowledge in issues of heritage preservation, publishers started to collect in multiple texts the ups and downs and changes that higher education in heritage was going through. This was done for the first time by the journal Summa in 1977 when it dedicated a special issue to the subject and began, since then, a specific campaign in defense of heritage through a section expressly dedicated to it. The architect Marina Waisman (1974, p. 17) would take over the commitment to expand communication in these terms, highlighting the historical dimension that the subject acquired in Argentina, not without ceasing to insist on the training needs of specialized teams and of prioritization of its articulation with state agencies.

Also, the insertion of specialized courses in Argentina, were adding testimonies in this same direction. Since 1975, the Universidad Católica de Córdoba has organized postgraduate courses for two years and focused on “Historia y preservación del Patrimonio Monumental”. The establishment materialized in 1977 while those developed during 1978 and 1979 were of an intensive nature with an extension of four months. There, groups of recently graduated architects were trained, constituting the first professional groups that helped form teams for the organization of the IAIHAU and that would also replicate that learning in shorter cycles at the University of Tucumán.



FIG. 08

At this point, the learning processes, very reflective about the defense and protection of continental heritage, broadened their observation criteria and gradually incorporated principles of disciplinary integrity. Some of the meetings of architects held in different parts of Latin America point to this, such as the “Primera Biental de Arquitectura”, held in 1977 in Santiago de Chile and in which a special section was arranged, accompanied by an exhibition dedicated to national heritage. Its repercussion was such that it mobilized not only a professional group that would leave its mark on the Chilean architectural field, but also another editorial body that echoed it, such as the journal *AUCA*, which recognized these intentions and under this perspective, added to its collection some special editions<sup>31</sup>.

Of course, and beyond the particular appreciation that could be made for each of the study opportunities generated during this period, there is no doubt that the experiences gathered from the courses in Churubusco<sup>32</sup>, from the CECRE in Brazil, from those in Cusco or from the Cuban CENCREM, constituted academic beacons of excellence in Latin American disciplinary training and, without a doubt, were the triggers for the level of excellence that would distinguish the professional field of the continent in the following decades.

<sup>31</sup> *AUCA. ARQUITECTURA, URBANISMO, CONSTRUCCIÓN Y ARTE*, Santiago de Chile, 34, 1978.

<sup>32</sup> In all these years the school maintained a continuous updating process, incorporating restoration workshops, museology classes and archival documentary processes. Currently, it bears the name of “Escuela Nacional de Conservación, Restauración y Museografía “Manuel del Castillo Negrete” (ENCRyM).

## *Future history, a diverse and endless history*

Undoubtedly, the impulse that the “Venice Charter” instilled at the international level, had the capacity to generate, on both sides of the Atlantic, a disciplinary storyline that, in barely fifteen years from its signing, and even more in the Latin American continent, effectively articulated heritage training. From those preliminary intentions, at the beginning of the 20th century, mainly focused on registering the monuments that valued the spirit of the Nation, until this new millennium in which eyes are focused on the inhabitants in solidarity with their cultural context, the balance of the binomial “teaching/learning” of heritage preservation is viewed positively.

It is true that personal, institutional and academic relationships became much more fluid and the results more tangible, starting in the 1980s and once several countries on the Latin American map recovered their democratic governments. In the meantime, at a time lacking digital capacity, subjected to forced official silences, determined efforts to learn about and disseminate architectural heritage were opposed. One of the possible ways to do so was the recurrence of print media; they were editions that combined will and daring, based on an America consolidated as a region and whose heritage was so complete that it did not know geographical borders.

Among this publishing variety, it is worth mentioning the catalog that brings together some 1,300 records on the subject in the continental sphere (VIÑUALES; 1990a); also that other one that reflects a panorama of the Argentine situation of that time and whose diagnosis expressed the scarcity of specialists in public organizations at the same time that, with a regional focus, encouraged the realization of interdisciplinary higher courses (VIÑUALES, 1990b). The teaching of heritage could also be harvested through periodical editions, expressly dedicated to the protection of architecture. In this regard, we can cite: Casas reales from the Dominican Republic (current between 1976-1994), Cuadernos de Arquitectura y de conservación del patrimonio artístico (INBA, 1977-1985); the versions that ICOMOS promoted as Boletín for each country (Argentina’s 1983 or Mexico’s 1991 serve as an example, among others); Patrimonio y Desarrollo. Boletín informativo (Cuba, 1988). The 90s were also prodigal in this regard and at this stage we found I’NAJ. Revista de divulgación del Patrimonio cultural de Yucatán, that was joined by Restauración hoy (Bogotá, 1990-1996), Cadernos do Patrimônio Cultural (Rio de Janeiro, 1991), or the Argentine Revista C. Patrimonio Cultural of 1997, to mention a few. Far from reducing production, although with more current formats, the new century continues to inform through Forum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável (from UFMG, since 2004), from the Uruguayan La Gaceta del Instituto de patrimonio cultural (2005), or Patrimonio. Revista de la comisión de patrimonio cultural de la Nación (2011) joined by, from Lima, Devenir. Revista de estudios sobre Patrimonio Edificado, among others (MÉNDEZ, 2020).

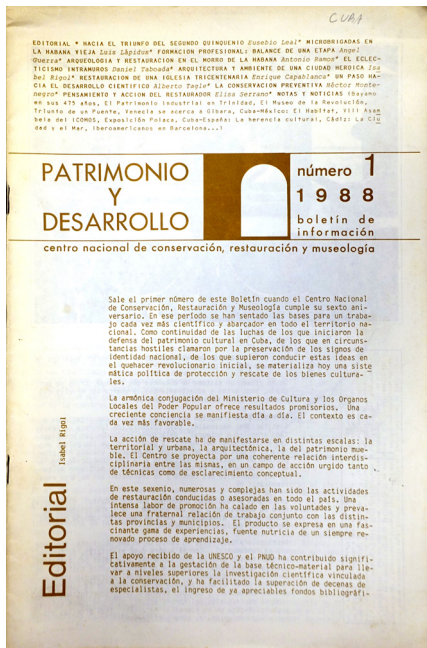


FIG.09 a,



FIG.09 b,



FIG.09 c

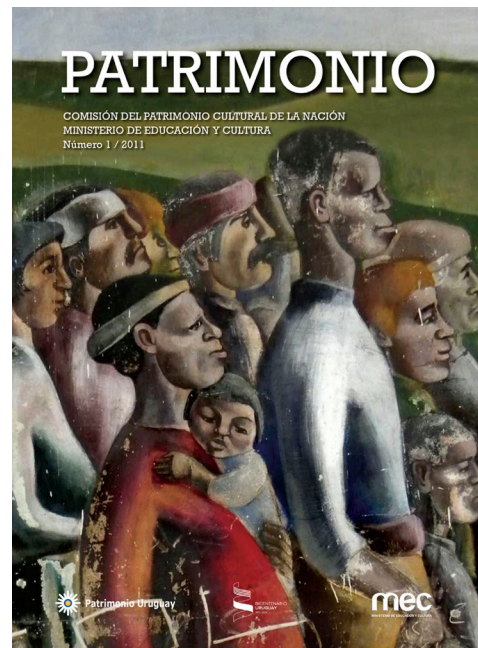


FIG.09 d

Meanwhile, other exercises were held that discussed and examined current course offerings and, particularly, concerning areas with programmatic proposals and particular specializations around built heritage. The quality was also already reviewed, as well as the methodologies applied in it, as occurred in the universities of Mexico and Guanajuato, at the time of developing the seminar on “Evaluación de los planes de estudio de maestrías en restauración arquitectónica”, carried out in Churubusco during 1985 and whose results were celebrated (DIAZ-BERRIO, p. 275).

Meanwhile, at the continental level, pedagogical training in heritage continued to attend improvement systems and was inscribed in the educational determinations that, since 1976, the

United Nations understood as a universal right<sup>33</sup>. That demanded literacy agreed on its spirit with the heritage aspect when, from the United Nations High Commissioner for Human Rights, it was highlighted the importance of “allowing all people, without discrimination, to access, participate and contribute to the cultural life of a way in continuous development”<sup>34</sup>. In accordance with this perspective, under the contemporary gaze of “heritage education” defined by Zaida García-Valecillo (LEON MATAMOROS, 2021 p. 98), the formative processes have accelerated their course towards a more inclusive world, where social bonds outweigh the material value of the asset to be protected. All of this aims to strengthen the formative processes, binding between the population and its context, those whose identity - moving away from foreign canons and appropriating the local ones - can offer certainty of commitment towards the community that it reflects.

Undoubtedly, after two decades of the 21st century, disciplinary concepts and pedagogical systems around heritage preservation have been resized under the broad cultural umbrella. The university structures that intersect the history of teaching and the pedagogical forms of heritage have accelerated the process of change, they have updated and even transposed architecture to fit into other disciplines. Some examples show this progress, such as the postgraduate courses accredited in Argentina that, from the existing thirteen and focused on the reasons that concern us, two of them are installed in the careers of Philosophy and Languages and in Social Sciences respectively<sup>35</sup>. Something similar occurs in the rest of the countries, such as Brazil, where the total number exceeds twenty courses, holding diverse profiles and including postgraduate courses with different nominations.

Another sample of the different variants that impregnate the learning of heritage, is verified when reviewing the heterogeneous variety of surnames that are associated with it. Terms such as “technological”, “management”, “conservation”, “historical”, “restoration”, “assets”, “cultural”, “sustainable” and “identity”, to which are added adjectives that synthesize the functions operated for those objects that it values (industrial, agricultural, documentary, photographic, culinary, etc.) account for the progress and versatility that heritage training has acquired in recent decades.

From the perspective of heritage literacy, the most recent opportunity was generated in 2012, with the formalization of the PHI Network. The proposal was discussed a year earlier, at a meeting of academics held in the city of Belo Horizonte, where representatives of the Politécnica de Madrid, Federal de Minas Gerais, de Coimbra, Autónoma de México, Católica del Perú, Javeriana de Colombia and from Valparaíso, all in adherence to the “Carta Cultural Iberoamericana”<sup>36</sup>, attended to the necessary institutional cooperation regarding high education in heritage. Since then, the institutions have confirmed the great Ibero-American region as a transversal project and, thanks to the application of a transmedia system, they share their advances and amortize the interdisciplinary teaching efforts by developing diverse pedagogical models.

The heritage preservation propaedeutic has an open end and is in permanent construction, like an endless serpentine, understanding that heritage is only sustained from responsibility and that it is tied to an education that maintains a truly democratic and academically scientific sense.

---

<sup>33</sup> UNITED NATIONS. *International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights (ICESCR)*. <https://www.ohchr.org/sp/professionalinterest/pages/cescr.aspx>. Consulted on 22nd of August 2022.

<sup>34</sup> UNITED NATIONS, HUMAN RIGHTS COUNCIL (2019).

<sup>35</sup> CONEAU. *Comisión Nacional de Evaluación y Acreditación Universitaria*. <http://www.coneau.gov.ar/buscadores/postgrado/> Consultada el 22 de agosto 2022

<sup>36</sup> IXª Conferencia Iberoamericana de Cultura, (Montevideo, 2006).

## References

- ANDRADE Jr., N. V. *Tutte le strade portano a Roma: a autonomização do campo da restauração arquitetônica na América latina e a contribuição da Scuola di Roma*. In: Amoroso, M. R.; Guimarães, C.; Dias, D. (orgs.). *Patrimônio arquitetônico Brasil-Portugal*. Aveiro: PROARQ-Universidade de Aveiro, 2020, p. 33-51.
- BORRERO CABAL S.J., P. A. *Preservación y conservación de monumentos arquitectónicos y de conjuntos históricos y artísticos*. In: *Apuntes: Revista De Estudios Sobre Patrimonio Cultural*, 3, 1969. Recuperado a partir de <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revApuntesArq/article/view/9224>
- DÍAZ-BERRIO, F. *La formación de especialistas en conservación del patrimonio cultural inmueble en México*. In: *Asamblea General del ICOMOS, Washington*, 1987, p. 275-284.
- GUTIÉRREZ, R. *Historia de la Arquitectura y del Urbanismo en Iberoamérica*, Madrid: *Manuales Arte Cátedra*, 1984.
- GUTIÉRREZ, R.; STAGNO, R.; TARTARINI, J. (ed.) *Congresos Panamericanos de Arquitectos, 1920-2000. Aportes para su historia*. Buenos Aires: CEDODAL, 2007.
- GUTIÉRREZ, R.; VIÑUALES, G. (eds.) *La búsqueda de la arquitectura nacional y americana. El Instituto Argentino de Investigaciones de Historia de la Arquitectura y el Urbanismo, 1978-1995*. Buenos Aires: CEDODAL, 2022.
- GUTIÉRREZ VIÑUALES, R. *La conservación y el patrimonio en América Latina: algunos temas de debate*. In: *Visualidades, Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, Goiânia*, v. 7, n. 1, 2012. DOI: 10.5216/vis.v7i1.18126. Recuperado a partir de: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18126> . Consultada 17 jul. 2022.
- LEÓN MATAMOROS, M. G.; MONCAYO RAMÍREZ, J. (Coords.). *Imágenes de un mismo mundo. La educación patrimonial en Iberoamérica*. Puebla: DRH Ayuntamiento de Puebla, 2021.
- MANRIQUE, J. A. *La Conservación del Patrimonio Arquitectónico. Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas, México*, v. 12, n. 42, p. 167-170, 1973. DOI: 10.22201/iiie.18703062e.1973.42.982.
- MAYUMI, Lia. *Taipá, canela preta e concreto: um estudo sobre a restauração de casas bandeiristas em São Paulo*. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.16.2006.tde-05052010-105239. Consultada 5 ago. 2022.
- MÉNDEZ, P. *Ideas, proyectos, debates. Revistas latinoamericanas de arquitectura*. Buenos Aires: CEDODAL/Dostercios, 2020.
- NACIONES UNIDAS. *Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales, Culturales y Ambientales*. Recuperado a partir de: <https://www.ohchr.org/sp/professionalinterest/pages/cescr.aspx> Consultada 22 ago. 2022.
- NACIONES UNIDAS, CONSEJO DE DERECHOS HUMANOS. *Derechos culturales: informe del décimo aniversario (Informe A/HRC/40/53)*, 2019. Recuperado a partir de <https://undocs.org/es/A/HRC/40/53> . Consultada 22 ago. 2022.
- NASCIMENTO, F. B. do. *Formar e questionar? Os cursos de especialização em patrimônio cultural na década de 1970*. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 205-236, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n0108. Recuperado a partir de <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/119846> Consultada 10 set. 2022.
- VIÑUALES, G. M. *Bibliografía sobre Conservación arquitectónica en América Latina. Bahía Blanca: La Nueva Provincia/IAIHAU*, 1990a.
- VIÑUALES, G. M. *Patrimonio arquitectónico. Aportes a la cultura nacional y americana*. Buenos Aires: Instituto Argentino de Investigaciones de Historia de la Arquitectura y el Urbanismo, 1990b.
- WAISMAN, M. *Patrimonio histórico, para qué? In: summa (77)*, Buenos Aires, ediciones Summa, jun. 1974.

## Interviews:

Arq. Nivaldo Viera de Andrade Jr.

Dr. José de Nordenflycht

# O FÓRUM DAS UNIVERSIDADES DO ICOMOS:

## *UMA PARCERIA COLABORATIVA PARA O AVANÇO DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL*

*Leonardo Barci Castriota<sup>1</sup>*

A preservação e proteção do patrimônio cultural são cruciais em nosso cenário global em constante mudança. À medida que enfrentamos os desafios do século XXI, torna-se imperativo redefinir o campo da conservação do patrimônio. Reconhecendo essa necessidade, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) iniciou, nesses últimos anos, uma iniciativa inovadora conhecida como Fórum das Universidades. Este projeto colaborativo visa diminuir a distância entre o ICOMOS e as universidades, fomentando uma parceria dinâmica no campo da conservação do patrimônio cultural. Por meio de programas conjuntos, colaborações em pesquisa e compartilhamento de conhecimentos, o Fórum das Universidades busca aproveitar a expertise e os recursos coletivos do ICOMOS e das universidades de todo o mundo para avançar na preservação, compreensão e gestão sustentável do nosso patrimônio cultural. Neste ensaio, exploraremos a importância da iniciativa do Fórum das Universidades, destacando suas contribuições potenciais para o avanço da prática no campo da conservação e os benefícios mútuos que oferece ao ICOMOS e às universidades.

### *ICOMOS: esforços de conservação e colaboração internacional para o patrimônio cultural*

O ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, possui uma rica história com mais de meio século de atuação, tendo sido criado ainda em 1965, após a adoção da Carta de Veneza para a Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios, em 1964. Essa carta, formulada durante o Segundo Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos em Veneza, Itália, enfatizou a importância da cooperação internacional na preservação do

<sup>1</sup> Leonardo Barci Castriota é arquiteto-urbanista e doutor em Filosofia, com pós-doutorado junto ao Getty Conservation Institute e à Universidad Politécnica de Madrid. Professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisador <sup>1</sup> do CNPq, tem uma ampla gama de publicações e projetos de conservação e intervenção sobre o patrimônio cultural. Ex-presidente do ICOMOS/BRASIL (2015-2021), é Vice-presidente do ICOMOS internacional desde 2017.

patrimônio cultural. Desde sua fundação, o ICOMOS desempenha um papel vital na conservação e proteção do patrimônio cultural, tendo recebido, em 1972, o status oficial de assessor da UNESCO, fortalecendo ainda mais sua posição como um importante consultor em assuntos relacionados ao patrimônio. Neste sentido, a organização participou ativamente do desenvolvimento e implementação da Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO, adotada no mesmo ano, estabelecendo as condições necessárias para identificar, proteger e preservar o patrimônio cultural e natural de valor universal excepcional.

Ao longo dos anos, o ICOMOS expandiu sua membresia e rede, abrangendo profissionais, especialistas e instituições de diversas áreas, entre as quais a arqueologia, a arquitetura, história, planejamento urbano e conservação. Essa membresia diversificada facilitou a colaboração interdisciplinar e a troca de conhecimentos e melhores práticas na conservação do patrimônio. Assim, o ICOMOS, em dezembro de 2022, possuía uma extensa rede, compreendendo 10.891 membros em 132 países e territórios, incluindo 248 Membros Institucionais, 113 Comitês Nacionais e 30 Comitês Científicos Internacionais<sup>2</sup>.

O ICOMOS vem desenvolvendo uma série de cartas, diretrizes e documentos que fornecem orientações éticas e técnicas para a conservação do patrimônio, que incluem o Documento de Nara sobre Autenticidade (1994), a Carta de Burra (1999 e revisada em 2013) e os Princípios Éticos do ICOMOS (2008).<sup>3</sup> Esses documentos fundamentais produzidos pelo ICOMOS desempenham um papel fundamental na definição do quadro ético e técnico para a conservação do patrimônio, servindo como recursos indispensáveis, fornecendo orientações e padrões para profissionais e organizações dedicados à preservação e gestão do patrimônio cultural. Eles servem como recursos indispensáveis, fornecendo orientações e padrões para profissionais e organizações dedicados à preservação e gestão do patrimônio cultural. Ao seguir as orientações contidas nessas cartas e diretrizes, é possível garantir abordagens adequadas e sustentáveis na conservação do patrimônio, contribuindo para a sua preservação a longo prazo e para a promoção de uma herança cultural rica e significativa para as gerações futuras.

A colaboração entre o ICOMOS e a UNESCO é uma parceria crucial no campo da conservação do patrimônio. Como um órgão consultivo da UNESCO, o ICOMOS fornece orientação especializada com base em seu amplo conhecimento e expertise no campo, contribuindo ativamente para os processos de avaliação e indicação dos locais de Patrimônio Mundial da UNESCO, oferecendo assessoria especializada sobre seu valor cultural e requisitos de conservação. Através de seu envolvimento nos processos de avaliação e indicação, o ICOMOS auxilia na identificação de sítios que demonstram valor universal excepcional e atendem aos rigorosos critérios estabelecidos pela UNESCO. Suas avaliações especializadas contribuem para o reconhecimento e inscrição de locais

<sup>2</sup> Mais sobre o ICOMOS, confira: <https://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/mission-and-vision>

<sup>3</sup> O Documento de Nara sobre Autenticidade estabelece princípios fundamentais para avaliar a autenticidade dos bens culturais e promove a compreensão de que a autenticidade é um valor essencial na conservação do patrimônio. A Carta de Burra, por sua vez, fornece diretrizes práticas para a conservação de lugares históricos e arqueológicos, abordando questões como a intervenção, a gestão e a valorização dos valores culturais desses locais. Além disso, os Princípios Éticos do ICOMOS estabelecem um conjunto de diretrizes que orientam o comportamento ético dos profissionais e organizações envolvidos na conservação do patrimônio. Esses princípios destacam a importância da participação das comunidades locais, do respeito pela diversidade cultural e da promoção da sustentabilidade na preservação do patrimônio. Para as versões das cartas internacionais, em inglês, confira: <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts>

na Lista do Patrimônio Mundial, destacando sua importância e promovendo sua conservação. Além disso, o ICOMOS realiza missões de monitoramento em locais do Patrimônio Mundial, avaliando seu estado de conservação e identificando quaisquer ameaças ou desafios potenciais. Essas missões desempenham um papel crucial na garantia da preservação e gestão eficaz das propriedades inscritas. Ao fornecer recomendações e orientações especializadas, o ICOMOS também apoia o desenvolvimento de planos de gestão adequados que visam salvaguardar o valor universal excepcional desses locais.

Embora seja reconhecido principalmente como um órgão consultivo da UNESCO, o trabalho do ICOMOS vai muito além de sua cooperação com essa instituição. Assim, a organização oferece também expertise técnica e serviços de consultoria para projetos de conservação do patrimônio em todo o mundo. Com base no conhecimento e na experiência de seus membros, que se especializam em diferentes disciplinas, o ICOMOS fornece, por exemplo, orientações sobre práticas de conservação, gestão de locais, documentação e desenvolvimento de turismo sustentável, colaborando para desenvolver estratégias adequadas para a preservação e proteção do patrimônio cultural.

O ICOMOS também enfatiza de forma significativa a capacitação e a educação, organizando programas de treinamento, workshops e conferências para compartilhar conhecimentos, trocar experiências e disseminar melhores práticas no campo da conservação do patrimônio. Ao promover a pesquisa, a documentação e a disseminação do conhecimento, o ICOMOS aprimora a compreensão, interpretação e gestão sustentável do patrimônio cultural.

A organização também reconhece a importância da diversidade cultural e da inclusão social na conservação do patrimônio, defendendo ativamente a participação das comunidades locais, povos indígenas e grupos marginalizados nos processos de tomada de decisão. Ao promover abordagens inclusivas, o ICOMOS visa criar um setor do patrimônio mais equitativo e sustentável. Vale ressaltar que, em tempos de crise, o ICOMOS se envolve em resposta a emergências e gerenciamento de riscos para o patrimônio cultural afetado por conflitos, desastres naturais ou ameaças criadas pelo homem. Nessa linha, ele fornece assistência técnica para avaliação de danos, estabilização de emergência e esforços de recuperação pós-desastre, trabalhando em estreita colaboração com as autoridades nacionais, organizações internacionais e comunidades locais para proteger o patrimônio em circunstâncias desafiadoras.

Em retrospecto, podemos dizer que, ao longo de toda sua história, o ICOMOS desempenhou um papel fundamental na conservação, proteção e promoção do patrimônio cultural em todo o mundo. E hoje, na terceira década do século XXI, o ICOMOS, por meio de sua expertise, defesa, capacitação, colaboração internacional e compromisso com abordagens inclusivas, continua a contribuir significativamente para a preservação de nosso patrimônio compartilhado para as gerações presentes e futuras.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Para saber mais sobre o ICOMOS e sua relação com a UNESCO, confira: CASTRIOTA, 2020.

## O Projeto do Fórum das Universidades

Apesar da riqueza de suas ações em mais de 50 anos de atuação, o ICOMOS, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, nos últimos anos, reconheceu a necessidade de abordar uma lacuna crítica em sua composição: a ausência de universidades e instituições acadêmicas como contribuidores ativos para a comunidade internacional do patrimônio. Em outubro de 2015, durante a Reunião do Conselho Consultivo realizada em Fukuoka, Japão, Gustavo Araoz, ex-presidente do ICOMOS, propôs a ideia do Fórum das Universidades, cujo objetivo seria estabelecer uma plataforma operacional flexível que facilitasse a colaboração entre universidades e instituições culturais com interesses comuns, a fim de cumprir a missão do ICOMOS.

Reconhecendo a importância de integrar as universidades em sua estrutura, o ICOMOS imediatamente formou um Comitê Diretor, composto pelos professores Bertocci (Universidade de Florença), Conti (Universidad de la Plata), e Prof. Szmygin (Universidade Técnica de Lublin), e nomeou 29 representantes de universidades de todo o mundo como membros de um Comitê Ad Hoc para o projeto do Fórum das Universidades. Em fevereiro de 2016, apresentou-se um documento contextualizando o Fórum, no qual se delineava a intenção do grupo ad hoc, proposto pelo Presidente, de desenvolver recomendações a serem discutidas na próxima reunião do Comitê Consultivo em Istambul, com o objetivo final de estabelecer formalmente o Fórum das Universidades na Assembleia Geral em Nova Delhi, em 2017. O Comitê Diretor também enviou uma carta aos membros do grupo *ad hoc*, aguardando suas respostas para apresentação na subsequente Reunião do Conselho em março (Board 2016/03 7-1 Ver. 27/02/2016).

Posteriormente, em outubro de 2016, Alfredo Conti, então Vice-Presidente do ICOMOS, compilou um relatório abrangente intitulado “Relatório sobre a Iniciativa do Fórum de Universidades do ICOMOS”, que resumiu o progresso feito na criação do Fórum até aquele ponto e compilou as respostas recebidas dos membros do grupo ad hoc sobre suas prioridades para tópicos de discussão e ideias para promover a cooperação entre universidades e o ICOMOS (ADCOM 2016/10 9-1-B. Ver. 07/10/2016). Em janeiro de 2017, um documento apresentou um Roteiro para o Desenvolvimento da Iniciativa do Fórum de Universidades do ICOMOS, delineando quatro etapas do processo: preparações preliminares, identificação de participantes, definição do procedimento e intenção do Fórum das Universidades e elaboração de recomendações ao Conselho do ICOMOS para sua criação (Board 2017/03 7-1 Ver. 28/01/2017).

No entanto, apesar desses esforços iniciais, o conceito e a estrutura do Fórum permaneceram indefinidos nos anos subsequentes. No entanto, dois workshops, “Uma provocação contemporânea: reconstrução como ferramenta para a criação do futuro” (ICOMOS, 2017) e “Pensando e planejando o futuro na gestão do patrimônio” (ICOMOS, 2019), foram organizados, fornecendo eventos tangíveis associados à proposta.<sup>5</sup> (Mais sobre esses workshops, veja o quadro abaixo.)

Quando se iniciou o mandato trianual da nova direção, coube a mim a liderança deste importante projeto, e reconhecendo a urgência de avançar com a iniciativa do Fórum das Universidades,

---

<sup>5</sup> Mais sobre a organização de workshops pelo University Forum e suas publicações decorrentes, confira: <https://www.icomos.org/en/what-we-do/disseminating-knowledge/icomos-university-forum>

preparei um novo plano de ação, revisando o roteiro proposto e delineando uma estratégia em quatro etapas para orientar sua criação, que foi apresentada e aprovada na Assembleia Geral Anual em 2018. As etapas do novo roteiro incluíram preparações preliminares, o estabelecimento de um diretório online, a identificação de tópicos de discussão para colaboração com projetos de pesquisa e treinamento realizados pelo ICOMOS, e a formulação de recomendações ao ICOMOS para o estabelecimento do Fórum das Universidades.

Para pavimentar o caminho para a implementação do roteiro, um projeto-piloto foi realizado na região da América Latina e Caribe (LAC). Esse projeto-piloto serviu como um teste em pequena escala para avaliar a viabilidade da metodologia proposta e ofereceu insights valiosos sobre os procedimentos e ferramentas potenciais que poderiam ser aplicados a um projeto maior e mais abrangente. Através do projeto-piloto, um Comitê Diretor foi criado na região da ALC e um diretório online foi desenvolvido para reunir informações sobre cursos relacionados ao patrimônio e atividades de pesquisa nas universidades latino-americanas. Além disso, identificaram-se um tema para um evento global, que seria organizado em 2022 em parceria com a Universidade Politécnica de Madrid.

Com a conclusão do projeto-piloto do Fórum das Universidades do ICOMOS, que culminará na assinatura de termos de cooperação entre o ICOMOS e várias universidades e centros de pesquisa na região da América Latina o foco se volta para a expansão dessa iniciativa globalmente. O plano é estabelecer parcerias com base no conceito de “regiões culturais” desenvolvido pela UNESCO e ICOMOS. Os próximos passos envolvem a implementação da metodologia na Europa, na América Anglo-Saxônica e na China, adaptando-a aos contextos específicos dessas regiões e colaborando de perto com os Comitês Nacionais em cada país.

## *Promovendo a colaboração e a troca de conhecimentos por meio de redes*

Trabalhar em uma rede oferece inúmeras vantagens que podem ampliar significativamente os resultados e o impacto dos esforços colaborativos. Redes reúnem indivíduos, organizações e instituições com objetivos e interesses comuns, promovendo um senso de comunidade, cooperação e ação coletiva. No contexto da conservação do patrimônio cultural, a rede pode desempenhar um papel crucial no avanço do campo e na conquista de resultados sustentáveis, como veremos.

Uma das principais vantagens de trabalhar em uma rede é a oportunidade de troca de conhecimentos e aprendizado. As redes oferecem uma plataforma para especialistas e profissionais compartilharem suas experiências, conhecimentos e melhores práticas. Por meio de discussões colaborativas, workshops, conferências e outras atividades de rede, indivíduos e organizações podem aprender com os sucessos e desafios uns dos outros, obtendo insights valiosos que podem informar seu próprio trabalho. Essa troca de ideias e conhecimentos contribui para o desenvolvimento de abordagens e soluções inovadoras na conservação do patrimônio cultural.

No que se refere especificamente a redes de pesquisa, Edivaldo Herculano Corrêa de Oliveira chama a atenção para o fato de sempre ter existido a cooperação entre grupos de pesquisa sempre existiu, sendo essa muito importante para o desenvolvimento. No momento atual, “com todo o progresso na velocidade de comunicação e na transferência de dados”, observa-se que a formação de redes de pesquisa vem crescendo rapidamente.

Os pesquisadores de diferentes laboratórios e instituições, tanto nacionais como de outros países, vêm colaborando cada vez com maior frequência, focados em questões específicas das pesquisas. O estabelecimento de redes de pesquisa e colaborações oferece a flexibilidade necessária à adaptação a um amplo espectro de desafios emergentes. De fato, em um momento no qual a tecnologia vem permitindo a elaboração de equipamentos que analisam diversos aspectos de uma determinada amostra ou experimento, o compartilhamento desses resultados com outros pesquisadores possibilita maiores exploração e discussão dos mesmos, trazendo detalhes importantes gerados por expertises em áreas interligadas, mesmo que distintas, mas que se completam. (OLIVEIRA, 2018, p. 9)

Assim, o trabalho em redes de pesquisa forneceria, a seu ver, “uma aprendizagem compartilhada, novas oportunidades de investigações, o estabelecimento de novos projetos, aplicações conjuntas de fundos e transferência de tecnologia”, do que resultaria um aumento “em profundidade e conteúdo”, além de uma divulgação mais ampla dos resultados.

As redes também possibilitam a combinação de recursos e conhecimentos. Ao unir forças, as organizações podem aproveitar suas capacidades coletivas, incluindo recursos financeiros, habilidades técnicas e capacidades de pesquisa. Essa combinação de recursos permite projetos de conservação mais abrangentes e eficazes. Por exemplo, no caso da colaboração entre o ICOMOS e as universidades por meio do Fórum das Universidades, a expertise combinada de ambas as entidades pode aprimorar as capacidades de pesquisa, o acesso ao trabalho de campo e o desenvolvimento de programas conjuntos, fortalecendo, assim, a conservação do patrimônio cultural.

Nos últimos anos, setores acadêmicos ligados a movimentos sociais mais amplos, passaram a questionar como e para quem o conhecimento é produzido no âmbito das instituições de ensino e pesquisa. Como anotam Coutinho et alii: “Entende-se que as universidades atualmente devam devolver às comunidades o saber construído para que este seja aplicado em projetos e programas. Neste contexto, a academia surge como um espaço institucional, de ensino, pesquisa e extensão, devendo permitir a conjugação de vários saberes e a ligação desses com a sociedade.” (COUTINHO, S. M. V. et alii, 2012)

Redes colaborativas também fornecem uma plataforma para defesa e desenvolvimento de políticas. Ao unir vozes e perspectivas, as redes podem advogar efetivamente pela proteção e preservação do patrimônio cultural em vários níveis. Elas podem contribuir para discussões de políticas, influenciar processos de tomada de decisão e aumentar a conscientização sobre a importância da conservação do patrimônio. Por meio de esforços coletivos de defesa, as redes podem gerar um impacto maior e promover mudanças positivas no campo da conservação.

A rede promove a colaboração e parcerias, tanto localmente quanto globalmente. Ao estabelecer conexões dentro e entre disciplinas, as organizações podem formar equipes multidisciplinares

para enfrentar desafios complexos do patrimônio. Essa colaboração reúne perspectivas, expertise e recursos diversos, levando a abordagens mais abrangentes e holísticas para a conservação. Além disso, as redes facilitam a colaboração internacional, permitindo que as organizações se envolvam em iniciativas globais, compartilhem experiências e contribuam para os quadros internacionais para a conservação do patrimônio, como a Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO.

Além disso, as redes oferecem oportunidades de desenvolvimento profissional e capacitação. Por meio de atividades de rede, indivíduos e organizações podem ter acesso a programas de treinamento, workshops e oportunidades de mentoria. Isso promove o crescimento dos profissionais no campo, fortalece suas habilidades e base de conhecimento e promove a troca de ideias e experiências. A rede também oferece uma plataforma para que profissionais emergentes e estudantes se conectem com praticantes experientes e mentores, nutrindo a próxima geração de líderes na conservação do patrimônio.

Por fim, trabalhar em rede aumenta a visibilidade e o reconhecimento. Fazer parte de uma rede permite que organizações e indivíduos mostrem seu trabalho, compartilhem histórias de sucesso e construam sua reputação no campo. Essa visibilidade aumentada pode atrair oportunidades de financiamento, parcerias e colaborações, amplificando ainda mais o impacto de seus esforços de conservação.

## *Fórum das Universidades do ICOMOS: um empreendimento mutuamente benéfico*

Como vemos, a cooperação entre o ICOMOS e as universidades no campo do patrimônio cultural pode oferecer numerosas vantagens para ambas as partes. A colaboração permite a troca de conhecimento, expertise e recursos, levando a benefícios mútuos e avanços na preservação e promoção do patrimônio cultural.

O ICOMOS, como organização global, obtém várias vantagens por meio dessa colaboração. Em primeiro lugar, ele ganha acesso a uma ampla gama de conhecimento acadêmico e expertise presentes nas universidades. Ao estabelecer parcerias com universidades, o ICOMOS pode aproveitar a expertise de professores que são especialistas líderes em disciplinas relevantes para o patrimônio cultural, como arqueologia, arquitetura, conservação e história. Esse acesso aprimora a compreensão do ICOMOS sobre questões complexas do patrimônio e informa seus processos de tomada de decisão.

Além disso, a colaboração com as universidades aprimora as capacidades de pesquisa do ICOMOS. As universidades estão na vanguarda da pesquisa e inovação, tornando-as parceiras valiosas para o ICOMOS. Por meio dessa colaboração, o ICOMOS, principalmente através de seus comitês científicos internacionais, pode aproveitar as capacidades de pesquisa das universidades, obtendo acesso a metodologias de ponta e se mantendo atualizado com os últimos avanços nos

estudos sobre patrimônio. Isso fortalece as pesquisas do ICOMOS e garante que suas práticas e recomendações sejam embasadas em rigoroso conhecimento acadêmico.

O envolvimento com as universidades também expande a rede do ICOMOS e abre oportunidades de colaboração. Projetos de pesquisa conjuntos, publicações acadêmicas e conferências internacionais se tornam caminhos para a troca de ideias, experiências e melhores práticas. Essa colaboração aumentada promove estratégias de conservação do patrimônio mais eficazes e incentiva a troca de conhecimento e expertise entre profissionais do campo.

Além disso, a colaboração com as universidades permite que o ICOMOS contribua para iniciativas de capacitação e educação. Ao trabalhar com as universidades, o ICOMOS pode participar ativamente do desenvolvimento de currículos, fornecer orientação sobre tendências emergentes e desafios na conservação do patrimônio cultural e oferecer oportunidades de treinamento para estudantes e profissionais. Esse engajamento fortalece o papel do ICOMOS na formação da próxima geração de especialistas em patrimônio e contribui para o desenvolvimento profissional das pessoas no campo.

Por outro lado, as universidades também se beneficiam significativamente da colaboração com o ICOMOS. A aplicação prática da pesquisa se torna possível por meio das parcerias com o ICOMOS. As universidades podem aplicar seus resultados de pesquisa e expertise acadêmica a cenários reais de conservação do patrimônio, testemunhando o impacto tangível de seu trabalho na preservação do patrimônio. Essa aplicação prática enriquece a experiência educacional para estudantes e professores, tornando suas atividades acadêmicas mais significativas.

Além disso, a colaboração com o ICOMOS oferece às universidades acesso a oportunidades de trabalho de campo e locais do patrimônio. O ICOMOS possui extensas redes e colaborações com locais do patrimônio em todo o mundo. Através dessas conexões, as universidades podem ter acesso a oportunidades de trabalho de campo, realizar pesquisas em locais do patrimônio e oferecer treinamento prático e aprendizado vivencial para estudantes. Esse acesso aprimora os programas educacionais das universidades e enriquece a experiência acadêmica dos estudantes.

O envolvimento com o ICOMOS expõe as universidades a uma rede global de profissionais, praticantes e formuladores de políticas do patrimônio. Por meio dessa colaboração, as universidades têm oportunidades valiosas de networking com especialistas do campo. Elas podem participar de conferências internacionais, workshops e seminários organizados pelo ICOMOS, onde podem apresentar suas pesquisas, trocar ideias e estabelecer colaborações. Essas oportunidades de networking contribuem para o desenvolvimento profissional de professores, estudantes e pesquisadores, abrindo portas para futuras colaborações e parcerias.

Por fim, a colaboração com o ICOMOS aprimora a visibilidade e o reconhecimento das universidades no campo do patrimônio cultural. Trabalhar com uma organização internacional conceituada como o ICOMOS permite que as universidades mostrem sua expertise, contribuições de pesquisa e projetos de patrimônio bem-sucedidos. Essa colaboração aprimora a reputação das universidades e atrai estudantes, pesquisadores e oportunidades de financiamento, apoiando ainda mais suas atividades acadêmicas no campo do patrimônio cultural.

Em conclusão, a colaboração entre o ICOMOS e as universidades traz vantagens significativas para ambas as partes e constitui um empreendimento mutuamente benéfico que pode fortalecer os esforços coletivos do ICOMOS e das universidades na preservação e promoção do patrimônio cultural, beneficiando, em última análise, a comunidade em geral.

## *Conclusões provisórias*

No início do século XXI, o ICOMOS enfrenta o desafio de redefinir o patrimônio como um campo e disciplina, considerando sua natureza em constante evolução em um mundo globalizado, o que o leva a continuamente ter que explorar as implicações teóricas, metodológicas e práticas dessa modificação.

Como um Órgão Consultivo da Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO e um grupo internacional de defesa do patrimônio em suas mais diversas dimensões, o ICOMOS reconhece a necessidade de estabelecer uma relação mais forte com as universidades e centros de pesquisa no campo do patrimônio. O projeto FÓRUM DAS UNIVERSIDADES serve como uma iniciativa adequada para atender a essa necessidade. Ao fomentar a colaboração e parceria entre o ICOMOS e as instituições acadêmicas, espera-se que o projeto gere inúmeros resultados e contribuições.

Em primeiro lugar, o projeto FÓRUM DAS UNIVERSIDADES facilitará a troca de conhecimento e expertise entre o ICOMOS e as universidades. O fórum fornecerá uma plataforma para o compartilhamento de descobertas de pesquisa, melhores práticas e abordagens inovadoras no campo da conservação do patrimônio. Essa troca enriquecerá a compreensão coletiva do patrimônio e contribuirá para o desenvolvimento de novos quadros teóricos e metodologias.

Além disso, o projeto tem como objetivo estabelecer programas conjuntos entre o ICOMOS e as universidades, promovendo iniciativas colaborativas de pesquisa e educação. Ao combinar a experiência prática e a expertise do ICOMOS com o rigor acadêmico das universidades, o projeto pode levar ao desenvolvimento de abordagens abrangentes e interdisciplinares para a conservação do patrimônio. Esses programas conjuntos podem oferecer oportunidades valiosas para estudantes e pesquisadores se envolverem diretamente em projetos reais de conservação e contribuir para o avanço da prática no campo.

Publicações são outro resultado significativo do projeto FÓRUM DAS UNIVERSIDADES. A pesquisa colaborativa e a troca de conhecimento entre o ICOMOS e as universidades podem resultar na produção de artigos acadêmicos, livros e outras publicações que contribuam para o corpo existente de conhecimento em conservação do patrimônio. Essas publicações podem servir como recursos valiosos para profissionais, pesquisadores e estudantes, fomentando uma cultura de aprendizado contínuo e aprimoramento dentro do campo.

O projeto também prevê a organização de eventos, como workshops, conferências e seminários, que reunirão profissionais, acadêmicos e estudantes de diferentes origens. Esses eventos servirão como plataformas de networking, compartilhamento de ideias e disseminação de descobertas de

pesquisa. Eles promoverão o diálogo, a colaboração e a troca de perspectivas diversas, contribuindo para o avanço geral da prática no campo da conservação.

Em última análise, o projeto FÓRUM DAS UNIVERSIDADES visa moldar o futuro da conservação do patrimônio ao preencher a lacuna entre teoria e prática. Por meio de seus esforços colaborativos com universidades e centros de pesquisa, o ICOMOS terá acesso a insights inovadores, metodologias emergentes e tendências emergentes no campo. Essa troca permitirá que o ICOMOS se adapte e evolua suas abordagens para a conservação do patrimônio, garantindo que permaneça na vanguarda da disciplina e aborde efetivamente os desafios do século XXI.

## Referências:

CASTRIOTA, Leonardo Barci. UNESCO/ICOMOS. In: Aline Carvalho; Cristina Meneguello (org.). *Dicionário Temático de Patrimônio. Debates contemporâneos*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 101-105.

COUTINHO, S. M. V.; Sampaio, C. A. C.; PARRA, O.; MALHEIROS, T. F.; FERNANDES, V.; PHILIPPI JR, A. *Redes acadêmicas para pesquisa e capacitação em meio ambiente e desenvolvimento sustentável: uma revisão crítica*. *Ambient. soc.* 15 (3) • Dez 2012 <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000300010>

MUNAWAR, Nour A.; RYDÉN, Helena. *Conference report: Thinking and planning the future in heritage management*. In: ICOMOS University Forum, 11-14 June 2019, Amsterdam. [Conference or Workshop Item]. 2019.

OLIVEIRA, Edivaldo Herculano Corrêa de. *Redes de colaboração em pesquisa e intercâmbio de conhecimento científico*. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. 2018; 9(4):9-11 – e-ISSN: 2176-6223. <http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v9n4/2176-6223-rpas-9-04-7.pdf>.

## WORKSHOPS DO FÓRUM DAS UNIVERSIDADES

### “Uma Provocação Contemporânea: Reconstruções como Ferramentas de Construção do Futuro” (Paris, 13 a 15 de março de 2017)

A oficina intitulada “Uma Provocação Contemporânea: Reconstruções como Ferramentas de Construção do Futuro”, organizada pelo ICOMOS com o apoio da Universidade de Kyushu, no Japão, teve como objetivo aprofundar o complexo e em constante evolução discurso em torno das reconstruções na recuperação pós-guerra ou pós-catástrofe e na reconstrução societal. A oficina reuniu especialistas de diversas disciplinas para explorar as múltiplas dimensões das reconstruções como formas valiosas de patrimônio e seu papel na moldagem das sociedades futuras. Este ensaio examina os temas discutidos durante a oficina e as contribuições que ela fez para o desenvolvimento de políticas do ICOMOS em relação às reconstruções.

### Reconstrução como Transformação do Patrimônio:

A oficina reconheceu que as reconstruções, como resultados dos processos patrimoniais, trazem mudanças ao patrimônio pré-existente e contribuem para a construção futura da sociedade. Reconhecendo que os valores do patrimônio não derivam apenas de elementos tangíveis, mas também de percepções e usos intangíveis na sociedade, a oficina questionou a noção de autenticidade

e o espectro mais amplo de formas e processos culturais. Seu objetivo foi revisitar os debates sobre autenticidade e reconstrução à luz de percepções e atitudes em constante evolução em relação ao patrimônio.

### *Temas Explorados:*

A oficina girou em torno de três temas que desempenharam um papel significativo no aprimoramento do pensamento do ICOMOS e na formulação de novas políticas em relação às reconstruções:

#### *1. De Nara a Nara+20: Onde está a Autenticidade Agora?*

A autenticidade tem sido há muito tempo um referencial normativo para discussões sobre reconstrução. A oficina reexaminou a autenticidade nas reconstruções contemporâneas, considerando diferentes definições e perspectivas. Seu objetivo foi avaliar a compreensão atual da autenticidade e suas implicações para as reconstruções em contextos diversos.

#### *2. Criando Patrimônio - Construindo Futuros?*

A oficina explorou as contribuições positivas que o patrimônio, incluindo as reconstruções, pode oferecer às futuras gerações. Considerou como o patrimônio pode melhorar futuros específicos e abordou os impactos das mudanças e transformações históricas, culturais e naturais. Os participantes refletiram sobre o papel das reconstruções na criação de um patrimônio que molda positivamente as sociedades futuras.

#### *3. Conservação como Gestão:*

A conservação é vista como a gestão da mudança, e a oficina examinou como a compreensão do legado e o engajamento das partes interessadas têm evoluído. Com uma gama ampliada de partes interessadas, incluindo diversos grupos sociais e comunidades, as reconstruções ganharam destaque. A oficina avaliou as consequências dessas mudanças para a reconstrução, incluindo alocação de recursos, compreensão e desenvolvimento cultural.

### *Estrutura e Resultados da Oficina:*

A oficina foi projetada como uma experiência exploratória intensiva que promoveu discussões abertas entre os participantes em um ambiente multidisciplinar. Os participantes foram designados para temas específicos, mas também tiveram oportunidades de participar de discussões entre temas. Os resultados da oficina incluíram artigos acadêmicos publicados no Volume 1 do Fórum Universitário do ICOMOS e no International Journal of Cultural Property. Esses artigos foram informados pelas discussões da oficina e passaram por um rigoroso processo de revisão para garantir sua relevância e alinhamento com os objetivos da oficina.

## Conclusão:

A oficina “Uma Provocação Contemporânea: Reconstruções como Ferramentas de Construção do Futuro” proporcionou uma plataforma para acadêmicos e especialistas examinarem criticamente as reconstruções nas práticas patrimoniais. Ao abordar a autenticidade, o papel das reconstruções na construção do futuro e a natureza em constante evolução da conservação como gestão, a oficina contribuiu para os esforços do ICOMOS na formulação de políticas e diretrizes para reconstruções em situações pós-traumáticas e além. Ela promoveu o diálogo interdisciplinar, enriqueceu o discurso acadêmico e promoveu uma compreensão mais profunda das complexidades em torno das reconstruções como ferramentas para moldar nosso patrimônio compartilhado e as sociedades futuras.

Fonte: <https://www.icomos.org/en/what-we-do/disseminating-knowledge/icomos-university-forum/40479-volume-1-icomos-university-forum-workshop-on-authenticity-and-reconstructions>

## *“Pensando e Planejando o Futuro na Gestão do Patrimônio” (Amsterdã, 11 a 14 de junho de 2019)*

A oficina organizada pelo Fórum Universitário do ICOMOS sobre “Pensando e Planejando o Futuro na Gestão do Patrimônio” ocorreu em Amsterdã, na Holanda, de 11 a 14 de junho de 2019. Realizado em colaboração entre a Universidade de Amsterdã, o ICOMOS Internacional, o ICOMOS Holanda e a Cidade de Amsterdã, a oficina teve a duração de quatro dias e teve como objetivo explorar o futuro do patrimônio e seu papel na gestão da relação entre as sociedades presentes e futuras.

A oficina concentrou-se na antecipação e planejamento do patrimônio e explorou questões como como percebemos o futuro, o patrimônio para o qual os profissionais trabalham e os tipos de patrimônio que serão necessários no futuro. Essas investigações buscaram desenvolver a capacidade de pensar no futuro entre os profissionais do patrimônio em todo o mundo. O professor Cornelius Holtorf, titular da Cátedra UNESCO de Futuros do Patrimônio da Universidade Linnaeus, na Suécia, ressaltou a natureza emocional e pessoal do patrimônio cultural e enfatizou a importância de considerar seu impacto nas futuras gerações no processo de planejamento.

Mais de 50 especialistas globais em patrimônio, provenientes da academia e da prática, participaram do Fórum Universitário, proporcionando uma plataforma para compartilhar insights e experiências relacionadas ao futuro do patrimônio. A oficina promoveu workshops inovadores e voltados para a discussão, incentivando os participantes a pensar de forma crítica e criativa sobre a gestão do patrimônio no contexto do futuro. Também facilitou oportunidades de networking, permitindo que os participantes se conectassem com colegas e desenvolvessem sua rede profissional.

A conferência teve início com um discurso de abertura de Marielies Schelhaas, Secretária-Geral da Comissão da Holanda para a UNESCO. O professor Toshiyuki Kono, Presidente do ICOMOS, proferiu um discurso de encerramento, resumindo os principais pontos abordados durante a oficina.

A oficina proporcionou uma oportunidade inestimável para estudantes e profissionais do patrimônio se reunirem, trocarem conhecimentos e obterem novas perspectivas sobre o futuro da gestão do patrimônio. Por meio de sua abordagem colaborativa e interdisciplinar, a oficina buscou moldar o discurso e as práticas na conservação do patrimônio, garantindo que os profissionais do patrimônio estejam preparados para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que estão por vir.

Fonte: <https://www.icomos.org/en/about-icomos/committees/emerging-professionals/75960-call-for-applications-thinking-and-planning-the-future-in-heritage-management>

Para conferir a publicação do relatório do workshop: MUNAWAR; RYDÉN, 2019.

# THE ICOMOS UNIVERSITY FORUM:

## *STRENGTHENING COLLABORATIVE PARTNERSHIPS FOR ADVANCING CULTURAL HERITAGE CONSERVATION*

*Leonardo Barci Castriota<sup>1</sup>*

The preservation and protection of cultural heritage are critical endeavors in our ever-changing global landscape. As we navigate the challenges of the 21st century, redefining the field of heritage conservation becomes imperative. Recognizing this need, the International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) has initiated, in recent years, an innovative initiative known as the Universities Forum. This collaborative project aims to bridge the gap between ICOMOS and universities, fostering a dynamic partnership in the field of cultural heritage conservation. Through joint programs, research collaborations, and knowledge sharing, the University Forum seeks to harness the collective expertise and resources of ICOMOS and universities throughout the world to advance the preservation, understanding, and sustainable management of our rich cultural heritage. In this essay, we will explore the significance of the University Forum initiative, highlighting its potential contributions to the advancement of practice in the conservation field and the mutual benefits it offers to ICOMOS and universities.

### *ICOMOS: conservation efforts and international collaboration for cultural heritage*

ICOMOS, the International Council on Monuments and Sites, has a rich history that spans over half a century. It was established in 1965, following the adoption of the Venice Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites in 1964. This charter, formulated during the Second International Congress of Architects and Technicians of Historic Monuments in Venice, Italy, emphasized the importance of international cooperation in preserving cultural heritage. Since its inception, ICOMOS has played a vital role in the conservation and protection of cultural

---

<sup>1</sup> Leonardo Barci Castriota is an architect-urbanist and holds a Ph.D. in Philosophy, with post-doctoral studies conducted at the Getty Conservation Institute and the Universidad Politécnica de Madrid. He is a full professor at the Federal University of Minas Gerais and a level 1 researcher at CNPq (National Council for Scientific and Technological Development). He has an extensive range of publications and projects related to the conservation and intervention of cultural heritage. Former President of ICOMOS/BRAZIL (2015-2021), he has been Vice-President of ICOMOS International since 2017.

heritage. In 1972, it received official advisory status to UNESCO, further strengthening its position as a key advisor on heritage matters. The organization actively participated in the development and implementation of the UNESCO World Heritage Convention, which was adopted in the same year, establishing a framework for identifying, protecting, and conserving cultural and natural heritage of outstanding universal value.

Over the years, ICOMOS has expanded its membership and network, encompassing professionals, experts, and institutions from diverse backgrounds, including archaeology, architecture, history, urban planning, and conservation. This diverse membership has facilitated interdisciplinary collaboration and the exchange of knowledge and best practices in heritage conservation. ICOMOS, as of December 2022, boasts an extensive network comprising 10,891 members in 132 countries and territories, including 248 Institutional Members, 113 National Committees, and 30 International Scientific Committees<sup>2</sup>.

ICOMOS has developed a range of charters, guidelines, and documents that provide ethical and technical guidance for heritage conservation. These include the Nara Document on Authenticity (1994), the Burra Charter (1999 and revised in 2013), and the ICOMOS Ethical Principles (2008)<sup>3</sup>. These foundational documents produced by ICOMOS play a pivotal role in shaping the ethical and technical framework for heritage conservation, serving as indispensable resources, providing guidance and standards for professionals and organizations dedicated to the preservation and stewardship of cultural heritage.

The collaboration between ICOMOS and UNESCO is a crucial partnership in the field of heritage conservation. As an advisory body to UNESCO, ICOMOS provides expert advice based on its extensive knowledge and expertise in the field, actively contributing to the evaluation and nomination processes of UNESCO World Heritage sites, providing expert advice on their cultural value and conservation requirements. Through its involvement in the evaluation and nomination processes, ICOMOS helps identify sites that demonstrate exceptional universal value and meet the stringent criteria set by UNESCO. Its expert assessments contribute to the recognition and inscription of sites on the World Heritage List, highlighting their significance and promoting their conservation. Furthermore, ICOMOS conducts monitoring missions to World Heritage sites, assessing their state of conservation and identifying any potential threats or challenges. These missions play a crucial role in ensuring the effective preservation and management of inscribed properties. By providing expert recommendations and guidance, ICOMOS supports the

---

<sup>2</sup> More on ICOMOS, see: <https://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/mission-and-vision>

<sup>3</sup> The Nara Document on Authenticity establishes fundamental principles for assessing the authenticity of cultural heritage and promotes the understanding that authenticity is an essential value in heritage conservation. On the other hand, the Burra Charter provides practical guidelines for the conservation of historic and archaeological sites, addressing issues such as intervention, management, and the appreciation of the cultural values of these places. Additionally, the ICOMOS Ethical Principles establish a set of guidelines that guide the ethical behavior of professionals and organizations involved in heritage conservation. These principles highlight the importance of the participation of local communities, respect for cultural diversity, and the promotion of sustainability in heritage preservation. For the English versions of these international charters, please check: <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts>

development of appropriate management plans that aim to safeguard the outstanding universal value of these sites.

Although primarily recognized as an advisory body to UNESCO, the work of ICOMOS goes far beyond its cooperation with that institution. Thus, the organization offers technical expertise and consultancy services to heritage conservation projects worldwide. Drawing upon the knowledge and experience of its members, who specialize in different disciplines, ICOMOS provides guidance on conservation practices, site management, documentation, and sustainable tourism development. It collaborates with stakeholders to develop appropriate strategies for the preservation and protection of cultural heritage.

ICOMOS also places significant emphasis on capacity building and education, organizing training programs, workshops, and conferences to share knowledge, exchange experiences, and disseminate best practices in the field of heritage conservation. By promoting research, documentation, and knowledge dissemination, ICOMOS enhances the understanding, interpretation, and sustainable management of cultural heritage.

The organization also recognizes the importance of cultural diversity and social inclusion in heritage conservation. It actively advocates for the involvement of local communities, indigenous peoples, and marginalized groups in decision-making processes. By fostering inclusive approaches, ICOMOS aims to create a more equitable and sustainable heritage sector. It's worth noting that in times of crisis, ICOMOS engages in emergency response and risk management for cultural heritage affected by conflicts, natural disasters, or human-made threats. It provides technical assistance for damage assessment, emergency stabilization, and post-disaster recovery efforts, working closely with national authorities, international organizations, and local communities to safeguard heritage in challenging circumstances.

Throughout its history, ICOMOS has played a pivotal role in the conservation, protection, and promotion of cultural heritage worldwide. Through its expertise, advocacy, capacity building, international collaboration, and commitment to inclusive approaches, ICOMOS continues to contribute significantly to the preservation of our shared heritage for present and future generations.<sup>4</sup>

## *The University Forum project*

Despite the wealth of its actions in over 50 years of operation, ICOMOS, the International Council on Monuments and Sites, in recent years, recognized the need to address a critical gap within its composition: the absence of universities and academic institutions as active contributors to the international heritage community. In October 2015, during the Fukuoka Advisory Council Meeting, Gustavo Araoz, former president of ICOMOS, proposed the idea of the University Forum. The objective was to establish a flexible operational platform that would facilitate collaboration

---

<sup>4</sup> To learn more about ICOMOS and its relationship with UNESCO, check: CASTRIOTA, 2020.

between universities and cultural institutions with shared interests, in order to fulfill ICOMOS' mission.

Recognizing the importance of integrating universities into its structure, ICOMOS immediately formed a Steering Committee, composed of professors Bertocci (University of Florence), Conti (Universidad de la Plata), and Prof. Szmygin (Technical University of Lublin). They appointed 29 representatives from universities worldwide as members of an Ad Hoc Committee for the Universities Forum project. In February 2016, a document was presented contextualizing the Forum, outlining the intention of the ad hoc group, proposed by the President, to develop recommendations for discussion at the next Advisory Committee meeting in Istanbul, with the ultimate goal of formally establishing the Universities Forum at the General Assembly in New Delhi in 2017. The Steering Committee also sent a letter to the members of the ad hoc group, awaiting their responses for presentation at the subsequent Council Meeting in March (Board 2016/03 7-1 Ver. 27/02/2016).

Later, in October 2016, Alfredo Conti, then Vice-President of ICOMOS, compiled a comprehensive report entitled "Report on the ICOMOS Universities Forum Initiative," summarizing the progress made in creating the Forum up to that point and compiling the responses received from the members of the ad hoc group regarding their priorities for discussion topics and ideas for promoting cooperation between universities and ICOMOS (ADCOM 2016/10 9-1-B. Ver. 07/10/2016). In January 2017, a document presented a Roadmap for the Development of the ICOMOS Universities Forum Initiative, outlining four stages of the process: preliminary preparations, participant identification, definition of the procedure and purpose of the Universities Forum, and the elaboration of recommendations to the ICOMOS Council for its establishment (Board 2017/03 7-1 Ver. 28/01/2017).

However, despite these initial efforts, the concept and structure of the Universities Forum remained undefined in the subsequent years. Nevertheless, two workshops, "A Contemporary Provocation: Reconstruction as a Tool for Creating the Future" (ICOMOS, 2017) and "Thinking and Planning the Future in Heritage Management" (ICOMOS, 2019), were organized, providing tangible events associated with the proposal<sup>5</sup>. (For more information about these workshops, see the table below.)

When the three-year term of the new leadership began, I took on the leadership of this important project. Recognizing the urgency to advance the Universities Forum initiative, I prepared a new action plan, revising the proposed roadmap and outlining a four-step strategy to guide its establishment. This plan was presented and approved at the Annual General Assembly in 2018. The steps of the new roadmap included preliminary preparations, setting up an online directory, identifying discussion topics for collaboration with research and training projects carried out by ICOMOS, and formulating recommendations to ICOMOS for the establishment of the Universities Forum.

To pave the way for the implementation of the roadmap, a pilot project was carried out in the Latin America and Caribbean (LAC) region. This pilot project served as a small-scale test to

---

<sup>5</sup> For more information about the organization of workshops by the University Forum and its resulting publications, refer to: <https://www.icomos.org/en/what-we-do/disseminating-knowledge/icomos-university-forum>

assess the feasibility of the proposed methodology and provided valuable insights into potential procedures and tools that could be applied to a larger and more comprehensive project. Through the pilot project, a Steering Committee was established in the LAC region, and an online directory was developed to gather information about heritage-related courses and research activities in Latin American universities. Additionally, a theme for a global event was identified, which would be organized in 2022 in partnership with the Polytechnic University of Madrid.

With the completion of the ICOMOS Universities Forum pilot project, which will culminate in the signing of cooperation agreements between ICOMOS and various universities and research centers in the Latin America region, the focus now turns to expanding this initiative globally. The plan is to establish partnerships based on the concept of “cultural regions” developed by UNESCO and ICOMOS. The next steps involve implementing the methodology in Europe, the Anglo-Saxon America, and China, adapting it to the specific contexts of these regions, and collaborating closely with the National Committees in each country.

## *Fostering Collaboration and Knowledge Exchange through Networks*

Working in a network offers numerous advantages that can greatly enhance the outcomes and impact of collaborative efforts. Networks bring together individuals, organizations, and institutions with shared goals and interests, fostering a sense of community, cooperation, and collective action. In the context of cultural heritage conservation, networking plays a crucial role in advancing the field and achieving sustainable outcomes.

One of the key advantages of working in a network is the opportunity for knowledge exchange and learning. Networks provide a platform for experts and practitioners to share their experiences, expertise, and best practices. Through collaborative discussions, workshops, conferences, and other networking activities, individuals and organizations can learn from each other’s successes and challenges, gaining valuable insights that can inform their own work. This cross-pollination of ideas and knowledge contributes to the development of innovative approaches and solutions in cultural heritage conservation.

In what specifically refers to research networks, Edivaldo Herculano Corrêa de Oliveira draws attention to the fact that cooperation between research groups has always existed and has been very important for development. At the present moment, “with all the progress in communication speed and data transfer”, the formation of research networks is observed to be growing rapidly.

Researchers from different laboratories and institutions, both national and international, are increasingly collaborating, focusing on specific research questions. The establishment of research networks and collaborations provides the necessary flexibility to adapt to a wide range of emerging challenges. In fact, at a time when technology allows the development of equipment that analyzes various aspects of a particular sample or experiment, sharing these results with other researchers

enables further exploration and discussion, bringing important details generated by expertise in interconnected, albeit distinct, areas that complement each other.” (OLIVEIRA, 2018, p. 9)

Thus, in his view, working in research networks would provide shared learning, new opportunities for investigations, the establishment of new projects, joint funding applications, and technology transfer, resulting in increased depth and content, as well as broader dissemination of results.

In recent years, academic sectors connected to broader social movements have started to question how knowledge is produced within educational and research institutions and for whom it is intended. As noted by Coutinho et al., “It is understood that universities should currently give back to communities the knowledge they have constructed so that it can be applied in projects and programs. In this context, academia emerges as an institutional space for teaching, research, and extension, aiming to bring together various forms of knowledge and connect them with society.” (COUTINHO, S. M. V. et al., 2012)

Networking also enables the pooling of resources and expertise. By joining forces, organizations can leverage their collective capacities, including financial resources, technical skills, and research capabilities. This pooling of resources allows for more comprehensive and effective conservation projects. For example, in the case of ICOMOS and universities collaborating through the University Forum, the combined expertise of both entities enhances research capabilities, access to fieldwork, and the development of joint programs, ultimately strengthening the conservation of cultural heritage.

Collaborative networks also provide a platform for advocacy and policy development. By uniting voices and perspectives, networks can effectively advocate for the protection and preservation of cultural heritage at various levels. They can contribute to policy discussions, influence decision-making processes, and raise awareness about the importance of heritage conservation. Through collective advocacy efforts, networks can generate greater impact and promote positive change in the conservation field.

Networking fosters collaboration and partnerships, both locally and globally. By establishing connections within and across disciplines, organizations can form multidisciplinary teams to address complex heritage challenges. This collaboration brings together diverse perspectives, expertise, and resources, leading to more comprehensive and holistic approaches to conservation. Additionally, networks facilitate international collaboration, enabling organizations to engage with global initiatives, share experiences, and contribute to international frameworks for heritage conservation, such as the UNESCO World Heritage Convention.

Moreover, networks offer opportunities for professional development and capacity building. Through networking activities, individuals and organizations can access training programs, workshops, and mentorship opportunities. This fosters the growth of professionals in the field, strengthens their skills and knowledge base, and promotes the exchange of ideas and experiences. Networking also provides a platform for emerging professionals and students to connect with

experienced practitioners and mentors, nurturing the next generation of heritage conservation leaders.

Finally, working in a network enhances visibility and recognition. Being part of a network allows organizations and individuals to showcase their work, share success stories, and build their reputation within the field. This increased visibility can attract funding opportunities, partnerships, and collaborations, further amplifying the impact of their conservation efforts.

In conclusion, working in a network offers numerous advantages for cultural heritage conservation. It facilitates knowledge exchange, resource sharing, collaboration, advocacy, and capacity building. By joining forces, organizations can achieve greater impact, develop innovative solutions, and contribute to the preservation and protection of cultural heritage on a global scale. The collaboration between ICOMOS and universities through the University Forum exemplifies the power of networking in advancing the field of cultural heritage conservation and ensuring its sustainable management for future generations.

## *A Mutual Beneficial Endeavor*

Cooperation between ICOMOS and universities in the field of cultural heritage offers numerous advantages for both parties. The collaboration allows for the exchange of knowledge, expertise, and resources, leading to mutual benefits and advancements in the preservation and promotion of cultural heritage.

ICOMOS, as a global organization, gains several advantages through this collaboration. Firstly, it gains access to a wide range of academic expertise and knowledge present within universities. By partnering with universities, ICOMOS can tap into the expertise of faculty members who are leading experts in disciplines relevant to cultural heritage, such as archaeology, architecture, conservation, and history. This access enhances ICOMOS' understanding of complex heritage issues and informs its decision-making processes.

Moreover, collaborating with universities enhances ICOMOS' research capabilities. Universities are at the forefront of research and innovation, making them valuable partners for ICOMOS. Through this collaboration, ICOMOS can leverage the research capabilities of universities, gaining access to cutting-edge methodologies and staying updated with the latest advancements in heritage studies. This strengthens the research outputs of ICOMOS and ensures that its practices and recommendations are grounded in rigorous academic scholarship.

Engaging with universities also expands ICOMOS' network and opens up opportunities for collaboration. Joint research projects, academic publications, and international conferences become avenues for exchanging ideas, experiences, and best practices. This increased collaboration fosters more effective heritage conservation strategies and promotes the exchange of knowledge and expertise among professionals in the field.

Furthermore, collaboration with universities allows ICOMOS to contribute to capacity building and education initiatives. By working with universities, ICOMOS can actively participate in

curriculum development, provide guidance on emerging trends and challenges in cultural heritage conservation, and offer training opportunities for students and professionals. This engagement strengthens ICOMOS' role in shaping the future generation of heritage experts and contributes to the professional development of individuals in the field.

On the other hand, universities also benefit significantly from collaborating with ICOMOS. The practical application of research becomes possible through partnerships with ICOMOS. Universities can apply their research findings and academic expertise to real-world heritage conservation scenarios, witnessing the tangible impact of their work on heritage preservation. This practical application enriches the educational experience for students and faculty members, making their academic pursuits more meaningful.

Additionally, collaboration with ICOMOS provides universities with access to fieldwork opportunities and heritage sites. ICOMOS has extensive networks and collaborations with heritage sites globally. Through these connections, universities can gain access to fieldwork opportunities, conduct research in heritage sites, and provide practical training and experiential learning for students. This access enhances the educational programs of universities and enriches the academic experience of students.

Engaging with ICOMOS exposes universities to a global network of heritage professionals, practitioners, and policymakers. Through this collaboration, universities have valuable networking opportunities with experts in the field. They can participate in international conferences, workshops, and seminars organized by ICOMOS, where they can showcase their research, exchange ideas, and establish collaborations. These networking opportunities contribute to the professional development of faculty members, students, and researchers, opening doors for future collaborations and partnerships.

Lastly, collaboration with ICOMOS enhances the visibility and recognition of universities in the field of cultural heritage. Working with a reputable international organization like ICOMOS allows universities to showcase their expertise, research contributions, and successful heritage projects. This collaboration enhances the reputation of universities and attracts students, researchers, and funding opportunities, further supporting their academic pursuits in the field of cultural heritage.

In conclusion, the collaboration between ICOMOS and universities brings significant advantages for both parties. ICOMOS gains access to academic expertise, enhances its research capabilities, expands its network, and contributes to capacity building. Universities benefit from practical application of research, access to fieldwork and heritage sites, professional development opportunities, and increased visibility in the field. This collaboration strengthens the collective efforts of ICOMOS and universities in preserving and promoting cultural heritage, ultimately benefiting the wider community.

## *Provisional conclusions*

In the early 21st century, ICOMOS faces the challenge of redefining heritage as a field and discipline, considering its ever-evolving nature in a globalized world. This continually requires exploring the theoretical, methodological, and practical implications of this modification.

As an Advisory Body of the World Heritage Convention of UNESCO and an international advocacy group, ICOMOS recognizes the need to establish a stronger relationship with universities and research centers in the field of heritage. The UNIVERSITY FORUM project serves as a suitable initiative to address this need. By fostering collaboration and partnership between ICOMOS and academic institutions, the project is expected to generate numerous outcomes and contributions.

Firstly, the UNIVERSITY FORUM project will facilitate the exchange of knowledge and expertise between ICOMOS and universities. The forum will provide a platform for the sharing of research findings, best practices, and innovative approaches in the field of heritage conservation. This exchange will enrich the collective understanding of heritage and contribute to the development of new theoretical frameworks and methodologies.

Furthermore, the project aims to establish joint programs between ICOMOS and universities, promoting collaborative research and education initiatives. By combining the practical experience and expertise of ICOMOS with the academic rigor of universities, the project can lead to the development of comprehensive and interdisciplinary approaches to heritage conservation. These joint programs can offer valuable opportunities for students and researchers to engage directly with real-world conservation projects and contribute to the advancement of practice in the field.

Publications are another significant outcome of the UNIVERSITY FORUM project. Collaborative research and knowledge exchange between ICOMOS and universities can result in the production of scholarly articles, books, and other publications that contribute to the existing body of knowledge in heritage conservation. These publications can serve as valuable resources for practitioners, researchers, and students, fostering a culture of continuous learning and improvement within the field.

The project also envisions organizing events such as workshops, conferences, and seminars, which will bring together practitioners, academics, and students from various backgrounds. These events will serve as platforms for networking, idea sharing, and the dissemination of research findings. They will promote dialogue, collaboration, and the exchange of diverse perspectives, contributing to the overall advancement of practice in the conservation field.

Ultimately, the UNIVERSITY FORUM project aims to shape the future of heritage conservation by bridging the gap between theory and practice. Through its collaborative efforts with universities and research centers, ICOMOS will have access to fresh insights, innovative methodologies, and emerging trends in the field. This exchange will enable ICOMOS to adapt and evolve its approaches

to heritage conservation, ensuring that it remains at the forefront of the discipline and effectively addresses the challenges of the 21st century.

In summary, the UNIVERSITY FORUM project holds significant promise in advancing the practice of heritage conservation. By strengthening the relationship between ICOMOS and academic institutions, the project will contribute to the redefinition of heritage as a field, foster collaboration, and partnership, produce valuable publications, and organize events that facilitate knowledge exchange. These outcomes will shape the future of heritage conservation and ensure its continued relevance in a rapidly changing world.

## References:

CASTRIOTA, Leonardo Barci. UNESCO/ICOMOS. In: Aline Carvalho; Cristina Meneguello (org.). *Dicionário Temático de Patrimônio. Debates contemporâneos*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 101-105.

COUTINHO, S. M. V.; Sampaio, C. A. C.; PARRA, O.; MALHEIROS, T. F.; FERNANDES, V.; PHILIPPI JR, A. *Redes acadêmicas para pesquisa e capacitação em meio ambiente e desenvolvimento sustentável: uma revisão crítica*. *Ambient. soc.* 15 (3) • Dez 2012 <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000300010>

MUNAWAR, Nour A.; RYDÉN, Helena. *Conference report: Thinking and planning the future in heritage management*. In: ICOMOS University Forum, 11-14 June 2019, Amsterdam. [Conference or Workshop Item]. 2019.

OLIVEIRA, Edivaldo Herculano Corrêa de. *Redes de colaboração em pesquisa e intercâmbio de conhecimento científico*. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. 2018; 9(4):9-11 – e-ISSN: 2176-6223. <http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v9n4/2176-6223-rpas-9-04-7.pdf>.

## ICOMOS WORKSHOPS

### “A Contemporary Provocation: Reconstructions as Tools of Future-Making” (Paris, 13-15 March 2017)

The workshop titled “A Contemporary Provocation: Reconstructions as Tools of Future-Making,” organized by ICOMOS with support from Kyushu University, Japan, aimed to delve into the complex and evolving discourse surrounding reconstructions in post-war or post-catastrophe recovery and societal reconstruction. The workshop brought together experts from diverse disciplines to explore the multifaceted dimensions of reconstructions as valuable forms of heritage and their role in shaping future societies. This essay examines the themes discussed during the workshop and the contributions it made to ICOMOS’ policy development regarding reconstructions.

### *Reconstruction as Heritage Transformation:*

The workshop acknowledged that reconstructions, as outcomes of heritage processes, bring about changes to pre-existing heritage and contribute to societal future-making. Recognizing that heritage values are not solely derived from tangible fabric but also from intangible perceptions and uses in society, the workshop questioned the notion of authenticity and the broader spectrum of

cultural forms and processes. It aimed to revisit debates on authenticity and reconstruction in light of evolving perceptions and attitudes towards heritage.

### *Themes Explored:*

The workshop revolved around three themes that played a significant role in refining ICOMOS' thinking and shaping new policies regarding reconstructions:

#### *1. From Nara to Nara+20: Where is Authenticity Now?*

Authenticity has long been a normative framework for reconstruction discussions. The workshop reexamined authenticity in contemporary reconstructions by considering different definitions and perspectives. It aimed to evaluate the present understanding of authenticity and its implications for reconstructions in diverse contexts.

#### *2. Creating Heritage - Making Futures?*

The workshop explored the positive contributions that heritage, including reconstructions, can make to the lives of future generations. It considered how heritage can improve specific futures and addressed the impacts of historical, cultural, and natural changes and transformations. The participants deliberated on the role of reconstructions in creating heritage that positively shapes future societies.

#### *3. Conservation as Management:*

Conservation is seen as the management of change, and the workshop examined how the understanding of legacy and stakeholder engagement has evolved. With an expanded range of stakeholders, including diverse social groups and communities, reconstructions have gained prominence. The workshop assessed the consequences of these changes for reconstruction, including resource allocation, understanding, and cultural development.

### *Workshop Structure and Outcomes:*

The workshop was designed as an intensive, exploratory experience that fostered open discussions among participants in a multidisciplinary environment. Participants were assigned to specific themes but also had opportunities to engage in cross-theme discussions. The outcomes of the workshop included academic papers published in the ICOMOS University Forum Volume 1 and the International Journal of Cultural Property. These papers were informed by the workshop discussions and underwent a rigorous review process to ensure their relevance and alignment with the workshop's objectives.

## Conclusion:

The workshop “A Contemporary Provocation: Reconstructions as Tools of Future-Making” provided a platform for scholars and experts to critically examine reconstructions in heritage practices. By addressing authenticity, the role of reconstructions in future-making, and the evolving nature of conservation as management, the workshop contributed to ICOMOS’ efforts in formulating policies and guidelines for reconstructions in post-traumatic situations and beyond. It fostered interdisciplinary dialogue, enriched scholarly discourse, and promoted a deeper understanding of the complexities surrounding reconstructions as tools for shaping our shared heritage and future societies.

Source:<https://www.icomos.org/en/what-we-do/disseminating-knowledge/icomos-university-forum/40479-volume-1-icomos-university-forum-workshop-on-authenticity-and-reconstructions>

## *“Thinking and Planning the Future in Heritage Management”*

The workshop organized by the ICOMOS University Forum on “Thinking and Planning the Future in Heritage Management” took place in Amsterdam, The Netherlands, from June 11 to 14, 2019. Collaboratively held by the University of Amsterdam, ICOMOS International, ICOMOS Netherlands, and the City of Amsterdam, the workshop spanned four days and aimed to explore the future of heritage and its role in managing the relationship between present and future societies.

The workshop focused on the anticipation and planning of heritage and delved into questions such as how we perceive the future, the future heritage professionals work for, and the types of heritage that will be needed in the future. These inquiries sought to build capacity in future thinking among heritage professionals worldwide. Professor Cornelius Holtorf, the UNESCO Chair on Heritage Futures at Linnaeus University, Sweden, highlighted the emotional and personal nature of cultural heritage and emphasized the importance of considering its impact on future generations in the planning process.

More than 50 global heritage specialists from academia and practice participated in the University Forum, providing a platform for sharing insights and experiences related to the future of heritage. The workshop fostered innovative and discussion-oriented workshops, encouraging participants to think critically and creatively about heritage management in the context of the future. It also facilitated networking opportunities, allowing participants to connect with colleagues and develop their professional network.

The conference commenced with an opening speech by Marielies Schelhaas, Secretary-General of the Netherlands Commission for UNESCO. Professor Toshiyuki Kono, President of ICOMOS, delivered a concluding speech, summarizing the key takeaways from the workshop.

The workshop provided an invaluable opportunity for heritage students and professionals to come together, exchange knowledge, and gain new insights into the future of heritage management. Through its collaborative and interdisciplinary approach, the workshop aimed to shape the

discourse and practices in heritage conservation, ensuring that heritage professionals are equipped to navigate the challenges and opportunities that lie ahead.

Source:<https://www.icomos.org/en/about-icomos/committees/emerging-professionals/75960-call-for-applications-thinking-and-planning-the-future-in-heritage-management>

To check the publication of the workshop report: MUNAWAR; RYDÉN, 2019.

# *Parte 3*

*Mostra de trabalhos acadêmicos da Red PHI*

*Academic works at PHI Network*

# CATÁLOGO RED PHI – PUBLICACIONES EN LA REVISTA DE LA RED

El proyecto de Red Internacional PHI (Patrimonio Histórico + Cultural Iberoamericano) tuvo su origen en el año 2010, mediante un acuerdo multilateral de ocho universidades iberoamericanas y de la Península Ibérica, con el objetivo de aportar al desarrollo armónico y sostenible de ese territorio a través de la valoración de su patrimonio cultural.

Desde la firma del Acuerdo Multilateral Fundacional, el rol de la Plataforma PHI fue servir de medio para “la globalización de su valor estratégico, para gestionar de modo más eficiente el legado de la herencia común iberoamericana y activar la capacidad de ordenar el espacio patrimonial”.

Entre los principales objetivos de la Plataforma se cuenta el estudio y difusión de los bienes patrimoniales ubicados en la vasta extensión geográfica que abarca el proyecto, que hayan sido objetos de investigación y de proyectos de intervención por parte de estudiantes de las universidades que integran la Red.

Esos estudios son evaluados por profesores expertos en la materia que representan a las respectivas universidades de la Red; luego son sistematizados en fichas diseñadas *ad hoc*, componiendo un *corpus* que, hasta ahora ha sido exhibido a través del Catálogo contenido en la base de datos instalada en el sitio web de PHI.

Al cumplirse los diez años ininterrumpidos de sostenida actividad de la Red, se concreta ahora el lanzamiento de esta revista *PHI. Revista de Patrimonio Histórico Cultural Iberoamericano*, con el fin de conseguir una divulgación más ágil y dinámica de los resultados alcanzados en esta larga trayectoria.

Entre dichos resultados se cuentan, de manera preponderante, los casos incorporados al Catálogo por los distintos nodos nacionales, que hoy, en la revista, encuentran un modo diferente de hacerse accesibles a un público más amplio, mediante su presentación en formato editado. Dado que en la Plataforma se cuenta con 380 casos investigados, ha sido necesario hacer una selección para esta primera publicación.

Entre los criterios que se consideraron para realizar la selección estuvo el interés de que la revista mostrara la diversidad geográfica y que estuvieran representados los distintos países y los centros académicos que mayores aportes han hecho, hasta ahora, al Catálogo.

También interesó exponer la diferente entidad de los casos que se han abordado: yacimientos arqueológicos, conjuntos urbanos, complejos arquitectónicos de distinta índole y escala, viviendas populares, grandes obras de infraestructura, etc.

Con relación a los estudios e intervenciones, también se han pretendido mostrar los variados tipos de propuestas y de metodologías de trabajos: desde casos de restauración rigurosa, intervenciones de puesta en valor, refuncionalizaciones, ejemplos de integración de obras históricas con arquitectura contemporánea, rehabilitaciones, dando cuentas de la amplia gama de posibilidades que se abren al trabajar con el patrimonio.

Esperamos que a lo largo de los próximos números de la revista, esta muestra sirva para valorar la rica y extensa producción de los integrantes de la Red.

# PHI NETWORK CATALOG – PUBLICATIONS IN THE NETWORK MAGAZINE

The PHI International Network project (Ibero-American Historical + Cultural Heritage) had its origin in 2010, through a multilateral agreement of eight Ibero-American and Iberian Peninsula universities, with the aim of contributing to the harmonious and sustainable development of that territory through of the valuation of their cultural heritage.

Since the signing of the Founding Multilateral Agreement, the role of the PHI Platform was to serve as a means for “the globalization of its strategic value, to more efficiently manage the legacy of the common Ibero-American heritage and activate the capacity to organize the heritage space.” .

Among the main objectives of the Platform is the study and dissemination of heritage assets located in the vast geographical area covered by the project, which have been objects of research and intervention projects by students from the universities that make up the Network. .

These studies are evaluated by expert professors in the field who represent the respective universities of the Network; They are then systematized in cards designed ad hoc, composing a corpus that, until now, has been displayed through the Catalog contained in the database installed on the PHI website.

After ten uninterrupted years of sustained activity of the Network, the launch of this PHI magazine is now taking place. Magazine of Ibero-American Historical Cultural Heritage, in order to achieve a more agile and dynamic dissemination of the results achieved in this long history.

These results include, predominantly, the cases incorporated into the Catalog by the different national nodes, which today, in the magazine, find a different way of making themselves accessible to a broader public, through their presentation in edited format. Given that the Platform has 380 investigated cases, it was necessary to make a selection for this first publication.

Among the criteria that were considered to make the selection was the interest that the magazine show geographical diversity and that the different countries and academic centers that have made the greatest contributions, up to now, to the Catalog were represented.

It was also interesting to expose the different entities of the cases that have been addressed: archaeological sites, urban complexes, architectural complexes of different types and scales, popular housing, large infrastructure works, etc.

In relation to the studies and interventions, the aim has also been to show the various types of proposals and work methodologies: from cases of rigorous restoration, enhancement interventions,

refunctionalizations, examples of integration of historical works with contemporary architecture, rehabilitations, giving an account of the wide range of possibilities that open up when working with heritage.

We hope that throughout the next issues of the magazine, this sample will serve to value the rich and extensive production of the members of the Network.





La red internacional PHI (Patrimonio Histórico + Cultural Iberoamericano), creada en el año 2010 e integrada por cerca de un centenar de universidades europeas e iberoamericanas, constituye una apuesta decidida por el empleo de las referencias y señales culturales iberoamericanas en un mundo en cambio permanente en el que los problemas no son únicamente de alcance material.

Las lenguas románicas se hablan hoy en más de sesenta países. Su escala y extensión son verdaderamente globales. El español no sólo es la primera lengua en el continente americano y la segunda en los Estados Unidos —donde ya la emplean 52 millones de personas— sino también la segunda lengua materna en el Mundo, con 470 millones de hablantes. Se estima que para el año 2030 los hispanohablantes serán el 7,5 % de la población mundial. Por su parte, el portugués cuenta con cerca de 220 millones de hablantes y la comunidad de países que lo utiliza es la sexta del mundo por su número. Lo cierto es que, sin entrar a considerar otras cuestiones, la capacidad de los países iberoamericanos para generar proyectos culturales de centralidad tan solo dependerá en el futuro de una verdadera voluntad de coordinación. Aspectos tales como la mejora del transporte internacional de viajeros o el crecimiento y eficiencia de las comunicaciones a través de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación nos van a permitir un mayor disfrute y legibilidad del patrimonio cultural que se transmite en español y en portugués. Promover el desarrollo inteligente y sostenible de las comunidades culturales que en Europa, América, África y Asia se expresan en estas dos lenguas constituye una oportunidad a la que nos tenemos que entregar con todas nuestras capacidades. En esta empresa la dimensión patrimonial es, si no la más, una de las más importantes. Por eso, es en este ámbito del patrimonio cultural en el que se ha propuesto operar la red PHI, una red integrada por universidades que cuentan con Escuelas y Facultades de Arquitectura reconocidas internacionalmente y con centros e institutos de investigación muy prestigiosos en el ámbito cultural, científico y tecnológico que nos ocupa.

Las reuniones y los seminarios internacionales que la red celebra anualmente desde su creación han contribuido al debate y al intercambio de experiencias en el campo de la conservación, la gestión y la intervención en el patrimonio cultural del paisaje, la ciudad y la arquitectura, especialmente en su relación con el desarrollo sostenible y la cooperación al desarrollo. Se han producido hasta la fecha reuniones de esta naturaleza en Belo Horizonte (Brasil, 2011), Ciudad de México (México, 2012), Santa Fe (Argentina, 2013), Coimbra (Portugal, 2014), Lima (Perú, 2015), La Antigua Guatemala (Guatemala, 2016), Zamora (España, 2017), Córdoba (Argentina, 2019), Ciudad de México y Oaxaca (México, 2019), Albuquerque (Nuevo México, 2020), Madrid (España, 2021) y Nápoles (Italia, 2024). Más información en <https://phi.aq.upm.es>

